

**UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA-UNOESC
ÁREA DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

ARACÉLI GIRARDI

**AUTOPOIESE COMO DINAMIZADORA DE EXPERIÊNCIAS
FORMATIVAS E HUMANIZADORAS**

**Joaçaba
2022**

**UNIVERSIDADE DO OESTE DE SANTA CATARINA-UNOESC
ÁREA DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

**AUTOPOIESE COMO DINAMIZADORA DE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS E
HUMANIZADORAS**

ARACÉLI GIRARDI

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) – Doutorado em Educação, da Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc, Campus de Joaçaba, como requisito parcial para obtenção do grau Doutor (a) em Educação, sob a orientação do Professor Dr. Roque Strieder.

Joaçaba
2022

G521a Girardi, Aracéli.

Autopoiese como dinamizadora de experiências formativas e humanizadoras / Aracéli Girardi. – 2022.

196 f. ; 30 cm.

Tese (Doutorado em Educação)—Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2022.

Bibliografia: f. 190-193.

1. Autopoiese. 2. Homem - Formação. I. Título.

CDD 370

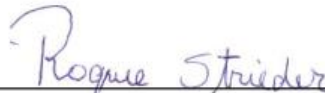
ARACÉLI GIRARDI

AUTOPOIESE COMO DINAMIZADORA DE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS E HUMANIZADORAS

Tese de Doutorado, apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Educação, do Curso de Doutorado em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina.

Aprovado em 5 de agosto de 2022.

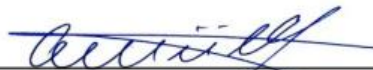
BANCA EXAMINADORA



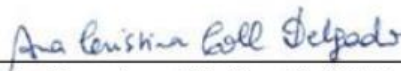
Prof. Dr. Roque Strieder
Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc)



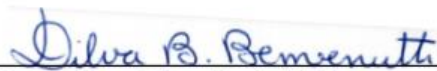
Prof. Dr. Anderson Luiz Tedesco
Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó)



Prof. Dr. Eldon Henrique Mühl
Universidade de Passo Fundo (UPF)



Profa. Dra. Ana Cristina Coll Delgado
Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc)



Profa. Dra. Dilva Bertoldi Benvenutti
Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc)

Joaçaba
2022

Dedico este trabalho aos meus pais, Avenildo Girardi e Adorvina Girardi (in memória), com eles aprendi meus primeiros passos, aprendi viver e a conviver por meio da formação autopoietica. Meus pais me presentearam com o coexistir matrístico. Sem eles, seria impossível eu chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é mais do que dizer obrigada... Agradecer é dizer o quanto alguém foi importante... É dizer que, apesar do futuro incerto, o viver e o conviver com algumas pessoas possibilitaram um coexistir que não poderá ser esquecido, pois determinadas experiências vivenciadas resultam em boas lembranças, saudades eternas...

Agradeço, primeiramente a Deus, pela presença fiel e amorosa nos momentos difíceis e felizes proporcionados pelo doutorado.

A meu orientador, professor Dr. Roque Strieder. Obrigada por aceitar-me com orientanda, obrigada pelos ensinamentos, pela dedicação, pelo acolhimento, pelo respeito, pela confiança... Por ensinar-me muito mais do que a academia concebe... Por ensinar-me além do que está escrito... Por conduzir-me a novas faces e olhares sobre a educação e a formação humana. Você, professor Roque, foi muito mais que um orientador.... Você foi um presente que a vida me deu. Gratidão.

A CAPES, pelo incentivo financeiro, contribuiu de maneira significativa no custeio da pesquisa.

Ao Professor Eldon Henrique Mühl, vem me acompanhando desde o Mestrado, e mais uma vez está comigo nessa trajetória de estudos e pesquisa. Sempre contribuindo de maneira significativa para o enriquecimento de meus escritos e reflexões.

Aos demais avaliadores, Professor Anderson Tedesco, e Professoras, Dilva e Ana Cristina, que pacientemente dispuseram-se a ler meus textos. Obrigada pelas contribuições enriquecedoras nesta pesquisa. Pelo carinho e atenção.

Agradeço a todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unoesc, foram incansáveis na arte de ensinar e me acompanharam no decorrer desses quatro anos de construção da tese.

Aqueles que me amaram e foram meus amores nessa jornada! Em especial: meus familiares mais próximos-meus pais e meus filhos.

A meus pais, Avenildo e Adorvina (in memória), pelo amor e incentivo constante.

A meus filhos, amor maior, Angélica e Ronaldo. Razão de meu viver.

Enfim, a todos que não nomeei, mas que me auxiliaram e/ou estiveram comigo na realização desta pesquisa e dos diversos momentos felizes. Vividos até aqui...

GRATIDÃO!

RESUMO

No contexto da Biologia do Conhecer é de fundamental importância a concepção de Autopoiese. A concepção de conhecer, aprender e viver formam uma mesma continuidade, uma mesma complementariedade. Não se pode falar de conhecer descontextualizado do vivido, das experiências do viver e mais, profundamente, do que é e como acontece o viver, o que é, e como acontece um ser humano. Nesse invólucro de interconexões, Maturana e Varela (1997) procuram compreender a organização do ser vivo e elaboram uma explicação do que é o viver, e ao mesmo tempo uma explicação da fenomenologia observada no constante vir-a-ser dos seres vivos no domínio de existência. Diante do exposto, evidencia-se a relevância da Biologia do Conhecer e da Autopoiese para a fenomenologia biológica de todo e qualquer ser vivo e, particularmente a do ser vivo humano. Para essa compreensão e entendimento, Maturana e Varela, foram escolhidos como referência central com base e contribuições nas teorias “De Máquinas e Seres Vivos: Autopoiese a Organização do Vivo” (1997) e “A Árvore do Conhecimento” (1995). A Biologia do Conhecer e a Autopoiese são uma alternativa de resistência à maquinaria neoliberal, capitalista e biopolítica da sociedade moderna/contemporânea. Além das obras supracitadas, fizemos uso de outras obras e autores que contribuem na contextualização e construção deste estudo, com reflexões imprescindíveis para compreender e interagir na interlocução da temática, com a proposta de Tese. Configuramos como problema de pesquisa: quais as possíveis implicações da concepção de Autopoiese na formação humana e, como criar um domínio pedagógico em que a unidade seja referenciada em consensos de amar? Nosso objetivo: investigar as possíveis implicações da concepção de Autopoiese na formação humana criar um domínio pedagógico em que a unidade seja referenciada em consensos de amar. Como objetivos específicos: conhecer as implicações epistemológicas da concepção de Autopoiese; compreender o que significa caracterizar um ser vivo humano como unidade autopoietica; significar domínios pedagógicos, individuais e coletivos, a partir da Autopoiese e tecer pressupostos da concepção de Autopoiese afirmados como colaboração, sensibilidade e amar, imbricados com a Biologia do Amar. Como caminho metodológico, optou-se por um estudo construído a partir da pesquisa de natureza bibliográfica com uma abordagem metodológica com base epistemológica fundamentada na explicação. Este estudo foi dividido em três capítulos: no primeiro, apresentamos crises advindas da implementação das lógicas neoliberais e capitalismo, como modos de dessubjetivação humana. Salientamos que essas crises geram dor e sofrimento e pouca possibilidade para o desenvolvimento individual e coletivo do ser humano, bem para que o ser vivo humano reconheça sua autonomia, sua individualidade e sua condição de unidade. No segundo capítulo, contemplamos reflexões e implicações sobre as concepções da Autopoiese e da Biologia do Conhecer, como alternativas para a educação: tendo como pressupostos a responsabilidade, a colaboração e o respeito. Cabe reconhecer o indivíduo humano em sua autonomia e singularidade, como ser capaz de autoproduzir-se a si mesmo sem perder sua identidade e reafirmamos que processos cognitivos equivalem a processos vitais, então, já não cabe mais uma escola da vida, escola para a vida, mas sim uma ‘escola viva’. No terceiro capítulo, em conexão com as concepções da Autopoiese e da Biologia do Conhecer, evidenciamos espaços pedagógicos, com base nos princípios da humanização imbricados à Biologia da Amar e que agora sabemos e sabemos que sabemos quais são e como acontecem nossos processos constituintes, nossa estrutura, nossa organização, nossas condutas, nosso fazer-se humano, então basta abrir essas comportas e a vazão em suave enxurrada causará uma enchente humana, nem anjos em nem deuses, simplesmente seres humanos adultos tão capazes de confiança quanto as crianças. Esse conjunto de reflexões, afirmam a tese: Educar, como processo autopoietico, no contexto da autonomia do ser humano, da sua individualidade e singularidade, reconhecido como unidade, considera como pressupostos o respeito, a colaboração, a sensibilidade, a responsabilidade e a amorosidade.

Palavras-chave: Ser humano. Autopoiese. Biologia do Conhecer. Formação humana.

ABSTRACT

In the context of the Biology of Knowing, the concept of Autopoiesis is of fundamental importance. The concept of knowing, learning and living form the same continuity, the same complementarity. It is not possible to speak of decontextualized knowledge of the lived, of the experiences of living and, more deeply, of what it is and how living happens, what it is, and how a human being happens. In this envelope of interconnections, Maturana and Varela (1997) seek to understand the organization of the living being and elaborate an explanation of what living is, and at the same time an explanation of the phenomenology observed in the constant coming-to-be of living beings in the domain of existence. In view of the above, the relevance of the Biology of Knowing and Autopoiesis to the biological phenomenology of any and all living beings, and particularly that of the human living being, is evident. For this understanding and understanding, Maturana and Varela were chosen as a central reference based on and contributions to the theories “From Machines and Living Beings: Autopoiesis to the Organization of the Living” (1997) and “The Tree of Knowledge” (1995). The Biology of Knowing and Autopoiesis are an alternative of resistance to the neoliberal, capitalist and biopolitical machinery of modern/contemporary society. In addition to the aforementioned works, we made use of other works and authors that contribute to the contextualization and construction of this study, with essential reflections to understand and interact in the dialogue of the theme, with the thesis proposal. We configure as a research problem: what are the possible implications of the concept of Autopoiesis in human formation and, how to create a pedagogical domain in which the unit is referenced in consensus of love? Our objective: to investigate the possible implications of the concept of Autopoiesis in human formation to create a pedagogical domain in which unity is referenced in consensus of love. As specific objectives: to know the epistemological implications of the concept of Autopoiesis; understand what it means to characterize a living human being as an autopoietic unit; signify pedagogical domains, individual and collective, from Autopoiesis and weave presuppositions of the Autopoiesis conception affirmed as collaboration, sensitivity and loving, intertwined with the Biology of Loving. As a methodological path, we opted for a study built from bibliographic research with a methodological approach based on epistemology grounded in explanation. This study was divided into three chapters: in the first, we present crises arising from the implementation of neoliberal logics and capitalism, as modes of human desubjectivation. We emphasize that these crises generate pain and suffering and little possibility for the individual and collective development of the human being, as well as for the human living being to recognize its autonomy, its individuality and its condition of unity. In the second chapter, we contemplate reflections and implications on the concepts of Autopoiesis and the Biology of Knowing, as alternatives for education: having as assumptions responsibility, collaboration and respect. It is necessary to recognize the human individual in his autonomy and singularity, as being able to self-produce himself without losing his identity and we reaffirm that cognitive processes are equivalent to vital processes, so, there is no longer a school of life, a school for life. But rather a 'living school'. In the third chapter, in connection with the concepts of Autopoiesis and the Biology of Knowing, we highlight pedagogical spaces, based on the principles of humanization imbricated with the Biology of Love and that we now know and we know that we know what our constituent processes are and how they happen. structure, our organization, our behavior, our being human, then just open these floodgates and the flow in a gentle flood will cause a human flood, neither angels nor gods, simply adult human beings as capable of trust as children. This set of reflections, states the thesis: Educating, as an autopoietic process, in the context of the autonomy of the human being, of his individuality and singularity, recognized as a unit, considers as presuppositions respect, collaboration, sensitivity, responsibility and love.

Key-words: Human being. Autopoiesis. Biology of Knowing. Human formation.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
1.NEOLIBERALISMO E CAPITALISMO PRISMAS PARA A DESSUBJETIVAÇÃO E DES-HUMANIZAÇÃO.....	21
1.2 NASCIMENTO E ASCENÇÃO DO NEOLIBERALISMO.....	26
1.3 NEOLIBERALISMO E CAPITALISMO: implicações efetivas.....	34
1.4 A FÁBRICA DO NÃO SER HUMANO NEOLIBERAL.....	40
1.5 MERCANTILIZAÇÃO DE TUDO.....	43
1.6 DESSUBJETIVAÇÃO HUMANA.....	46
1.6.1 “Senhores e Escravos”? Poder sobre si e sobre os outros.....	56
2. PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS DA BIOLOGIA DO CONHECER E DA AUTOPOIESE.....	69
2.1 HUMBERTO MATURANA: pensador e biólogo chileno.....	76
2.2 FRANCISCO VARELA: de aprendiz neurobiólogo a pensador chileno.....	82
2.3 A CIÊNCIA PARA MATURANA.....	86
2.4 PRIMEIROS PASSOS DA BIOLOGIA DO CONHECER.....	95
2.5 CONHECER, VIVER E FAZER PARA MATURANA E VARELA.....	108
2.6 ACOPALMENTO ESTRUTURAL, CONDUTAS E ATOS COGNITIVOS.....	118
3. UMA CONCEPÇÃO DE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS EM CONSENSOS DE AMAR.....	128
3.1 RELAÇÕES MATRÍSTICAS E A INFÂNCIA: modo de vida e ser biológico.....	142
3.2 O COEXISTIR A PARTIR DA RELAÇÕES MATRÍSTICAS E PATRIARCAL.....	152
3.3 BIOLOGIA DO AMAR: indicativos para a formação humanizadora.....	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	173
REFERÊNCIAS.....	185

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Pensar uma educação regenerada, não poderia por si só mudar a sociedade. Mas poderia criar abertura para formar indivíduos humanos mais conscientes de suas coordenações de coordenações de ações e condutas¹. Tal educação poderia contribuir para potencializar princípios de humanização com base na responsabilidade, na ética, no respeito, na aceitação, na colaboração, na sensibilidade e na solidariedade. Então, como poderíamos nos aproximar dessa educação humanizadora? Quais caminhos percorrer para evocar uma formação com princípios de humanização? Temos uma concepção/teoria que possa dar conta baseada nesse viés formativo?

Diante das inquietações mencionadas, penso que sim. Temos diversas concepções que vem possibilitar e evocar a educação e, particularmente, a formação do ser humano no viés humanizador, ou seja, o indivíduo humano humanizado. Entre os diversos estudos, pesquisas, leituras e reflexões, optamos pela escolha das concepções da Biologia do Conhecer e da Autopoiese. Tais concepções foram desenvolvidas pelos neurocientistas chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela. Temos, nas concepções da Biologia do Conhecer e da Autopoiese, nosso fio condutor para a reflexão sobre os seres vivos, particularmente o ser vivo humano e sua auto-organização², ou seja, seres vivos que se autoproduzem continuamente a si mesmos. A ideia de desenvolver a pesquisa de Tese, parte da premissa pela qual os autores Maturana e Varela, nos provocam e chamam a atenção sobre questões atuais de educação, de direitos humanos, de estética, de política, de sociedade e de formação humana.

Na cultura Ocidental a educação concebe um modo de formação e de humanização do indivíduo humano, configurando-se diversos modos de ser, podendo ser via educação informal ou educação formal. A educação informal, representa os conhecimentos prévios, advindos do seio familiar e das experiências vivenciadas. Representam nossas experiências de vida, pois envolve todos os espaços sociais imbricados aos processos de formação/educação. A educação formal, compreende as instituições formais de ensino, a saber, escolas, faculdades e universidades. O ensino institucionalizado, desenvolve-se em âmbito escolar, tendo como base

¹ Configuração, entrelaçamento específico do linguajar com o emocional. Surge quando uma linguagem humana começa a conservar geração após geração, uma maneira própria de viver (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 34/35).

² Princípio que apareceu com o conceito de homeostase de W. Cannon, tornou-se de larga aplicação a partir do movimento cibernético. Esse princípio expressa o trabalho interno dos sistemas vivos e não vivos, reconfigurando-se continuamente com as sucessivas perturbações externas (PELLANDA, 2009, p. 107).

curricular conhecimentos científicos e conteúdos pedagógicos. Uma educação pragmática, sistematizada e pautada no progresso dos conhecimentos presentes nas diversas disciplinas. E assim, preparação/formação para a série/ano seguinte, para as provas regulatórias, a exemplo da Prova Brasil, entre outros modelos de provas aplicados pelos governos. Esse tipo de educação também possui ênfase em preparar para o ENEM, para o Vestibular, para o mercado de trabalho. Uma educação que visa o futuro, não considera o indivíduo humano em seu tempo presente. Muitas vezes esse tipo de educação, torna-se excludente, racionalista, regulada e controlada.

Dialogar sobre a educação, também é dialogar sobre o ser vivo, sobre a vida e o viver, sobre as experiências, sobre ser/fazer humano. Então, por sentir-me responsável por esta pesquisa, apresento algumas considerações sobre a educação e sobre a vida – minha história de vida. Um apanhado de ideias filosóficas, imbricadas ao meu constante vir-a-ser de coordenações de coordenações de condutas. E assim, constituí-me enquanto indivíduo humano configurando meu ser criança, adulta, filha, mulher, mãe, educadora, mestre e doutoranda. Trata-se de algumas interpretações, reflexões e ressignificações. Um pouco do caminho vivido e construído até o despertar para este estudo de Tese. Na construção deste estudo e pesquisa de Tese, é relevante compreender a condição de observadora ao observar e ser observada. Nesse sentido, o meu mundo modifica-se, transforma-se; modifica-me e transforma-me.

Então pergunto: Quem sou eu? E respondo: sou um pouco de cada experiência vivenciada, de tudo o que acontece em mim, um pedacinho de todas as pessoas que encontrei, dos livros e teorias que li, de tudo o que escrevi, de tudo que sinto. Sou parte das recordações que tenho e de tudo que já vivi até aqui. Minha atuação profissional procede na Educação Básica, desde a Educação Infantil até as Séries Finais do Ensino Fundamental II, com diversas disciplinas, entre elas, Filosofia, Arte, Literatura, História, Geografia e Ciências.

Ainda no curso do Magistério, sempre sonhei em chegar ao Doutorado, embora distante, quase impossível de se concretizar. Mesmo assim, continuei sonhando e construindo meu objetivo – chegar ao Doutorado. Nesse sentido, compreendo que “um sonho sonhado sozinho é apenas um sonho. Mas um sonho sonhado junto, é uma realidade” (RAUL SEIXAS, 2012, s/p). Por isso, sonhei junto aos meus pais, filhos e amigos. Alguns anos após concluir o Magistério, veio minha sonhada formação em Pedagogia. E, mais tarde a especialização em Psicopedagogia Institucional e, posteriormente a Pós-Graduação - Mestre em Educação.

A educação sempre despertou meu interesse, a atuação profissional possibilitou-me vivenciar diversas experiências, muitas delas gratificantes e inesquecíveis. Nesse caminhar profissional no âmbito da educação, também vivenciei muitas experiências provocativas e

desafiadoras, entre elas, relações fragilizadas, marcadas pela violência, pela negação, pelo desamor nos modos de existência. Tais fragilidades despertaram em meu ser diversos questionamentos e inquietudes. E, assim constituíram-se os passos ao Mestrado em Educação, tendo como temática central de estudos e pesquisas a Biologia do Amar, uma concepção desenvolvida por Humberto Maturana e Ximena Dávila Yáñez no Instituto Matristico no Chile. Nesse sentido, o que significa a Biologia do Amar? Ela possui implicações para o desenvolvimento humano? Nas reflexões de Maturana (2004) a Biologia do Amar é o fundamento biológico do mover-se de um ser vivo, no prazer de estar onde está na confiança de que é acolhido, seja pelas circunstâncias, seja por outros seres vivos.

No caso dos seres humanos, isto é central na relação do bebê com sua mãe, com seu pai, com seu entorno familiar, que vai permitir crescer como uma criança que vai ser um adulto que se respeita por si mesmo. Se você observar a história de crianças que se transformam em seres, chamemos assim, antissociais, vamos descobrir que sempre tem uma história da negação do amar, de ter sido criado na profunda violação de sua identidade, na falta de respeito, na negação de seu ser (MATURANA, 2004. In: SACRAMENTO, 2004, s/p).

Compreende-se que a Biologia do Amar configura coordenações consensuais de condutas e ações consensuais³, a partir da dinâmica emocional que possibilita acolher, contemplar, cuidar, respeitar. Tudo isso, imbricado ao amar como dimensão fundamental, possibilita a unidade particular de coexistência, o fluir no encontro com ele/ela, um eu/tu com o outro. Portanto, a Biologia do Amar, concebe uma educação voltada para a harmonia, a paz, a sensibilidade, a compreensão, a aceitação de si e do outro junto a biosfera e ao coexistir humano, numa coletividade que evoca o respeito, a colaboração e a autoconsciência⁴ nos mais diversos modos de vida e culturas existentes. A Biologia do Amar significa a aceitação mútua de si e do outro, onde o amar configura a ação presente no suceder de nosso existir. Por meio dessa concepção torna-se possível questionar o indivíduo humano, a educação e a sociedade. Como por exemplo, que tipo de ser humano eu sou? Que indivíduo desejo formar? Educar ou formar? De qual educação estou falando? Somos seres humanos complexos e simultaneamente singulares? O que faço quando digo sou humana? Porque nossa condição humana é também biológica e, onde está nosso ser biológico, nosso sermos filhos do amar?

³ Coerências comportamentais que surgem entre os seres que vivem juntos (em interações recorrentes), como resultado desse modo de vida (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 261).

⁴ A conduta autoconsciente é conduta no domínio da auto-observação (MATURANA; VARELA, 1997, p. 135).

O projeto de pesquisa e estudos para a construção da Tese é oriundo dos estudos, pesquisas e reflexões da Dissertação de Mestrado⁵. Tais estudos tem como base e fundamento a concepção da Biologia do Amar, tem o amar como ação efetiva de nosso ser/fazer. A Biologia do Amar traz a abertura para alguns princípios formativos, como o respeito, a sensibilidade, a colaboração, a aceitação, a ternura, a acolhida, o cuidado, a amorosidade, entre outros. Diante dessa possibilidade seguimos os estudos de pesquisa pensando uma formação humana na perspectiva humanizadora.

Assim, nasce o projeto de tese para o Doutorado em Educação. Atualmente sou doutoranda do PPGE, na linha de Processos Educativos. O ponto de partida dessa pesquisa é proporcionado a partir da compreensão da Biologia do Conhecer, desenvolvida na obra “A Árvore do Conhecimento” (1995) e, “De Máquinas e Seres Vivos: Autopoiese, a organização do vivo” (1997), entre outras. Ambas as teorias desenvolvidas por Maturana e Varela. Diante da proposição indicada pelos autores, tendo na Biologia do Conhecer uma concepção relacionada ao ser vivo vivente, elucidando a organização⁶ e a autonomia⁷, como dinâmicas estruturais recorrentes do organismo e seu meio de existência. A escolha pelo referencial teórico, em Maturana e Varela, visa a perspectiva epistemológica de estudo do ser humano e assim, compreendê-lo como unidade autopoietica. Desta maneira, os autores (1997) afirmam que a Biologia do Conhecer pressupõe que somos antes de mais nada seres emocionais e não racionais, como prega a lógica cartesiana. Conhecer é a efetiva operacionalidade do ser vivo em seu domínio de existência possibilitando-lhe não só continuar vivo, mas na vivência melhorar seu mundo.

A Autopoiese compreende como acontece a organização do ser vivo. É uma explicação do que é o viver e, ao mesmo tempo, uma explicação da fenomenologia observada no constante vir-a-ser dos seres vivos, no domínio de sua existência (MATURANA; VARELA, 1997). O ser vivo compreendido como uma singularidade sistêmica e dinâmica, para entender a origem dos seres vivos, como entidades singulares e distintas, numa fenomenologia e herança sistêmica de reprodução. A Autopoiese “possibilita entender os fenômenos da simbiose celular e de

⁵ Dissertação intitulada: BIOLOGIA DO AMAR: IMPLICAÇÕES FORMATIVAS NO VIVER E CONVIVER (SILVA, 2017).

⁶ As relações que determinam, no espaço em que estão definidas a dinâmica de interações e transformações dos componentes e, com isso, os possíveis estados do sistema constituem a organização da máquina (MATURANA; VARELA, 1997, p. 137).

⁷ Revelada de maneira contínua na capacidade homeostática dos sistemas vivos de manter sua identidade através da compensação ativa das afirmações (MAUTRANA; VARELA, 1997, p. 135).

formação de sistemas multicelulares como fenômenos espontâneos de conservação sistêmica de uma nova organização, como agrupamentos de células ou sistemas” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 25). Em outras palavras, Autopoiese significa autoprodução.

Nesse sentido, a Autopoiese e a Biologia do Conhecer configuram uma alternativa possível de resistência à maquinaria biopolítica na sociedade moderna. Ambas as concepções contribuem na maneira como nos permitimos tecer reflexões relacionadas ao indivíduo humano, não só ao indivíduo humano produtivo, escravizado, normatizado, mas também como uma possibilidade no viés de um humano mais sensível e consciente. Um indivíduo humano cultivado para a aceitação de si, aceitação mútua do outro e da biosfera. A Autopoiese e a Biologia do Conhecer evidenciam a evolução do ser humano, evocam o fenômeno cognitivo e as interações humanas em contínua circularidade junto às ações e condutas de coordenações consensuais humanas.

Nos termos da Autopoiese e da Biologia do Conhecer, a fenomenologia biológica acontece no indivíduo, não na espécie. Se o modo de ser do indivíduo é determinado por sua organização autopoietica, então ninguém deveria ser descartável, redundante e prescindível. No sistema autopoietico somente as células mortas são descartadas e renovadas, ou seja, enquanto estiver vivo não acontece o descarte, ao contrário do que sucede, infelizmente, na estrutura social (MATURANA; VARELA, 1997). Dito de outra maneira, “o ser vivo não é um conjunto de moléculas, mas uma dinâmica molecular” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 15). Ou seja,

um processo que acontece como unidade separada e singular como resultado do operar e no operar, das diferentes classes de moléculas que a compõem, em um interjogo de interações e relações de proximidade que o especificam e realizam como uma rede fechada de câmbios e sínteses moleculares que produzem as mesmas classes de moléculas que a constituem, configurando uma dinâmica que ao mesmo tempo específica em cada instante seus limites e extensão. É a esta rede de produções de componentes, que resulta fechada sobre si mesma, porque os componentes, que produz a constituem ao gerar as próprias dinâmicas de produções que a produziu ao determinar sua extensão como um ente circunscrito, através do qual existe um contínuo fluxo de elementos que se fazem e deixam de ser componentes segundo participam ou deixam de participar nessa rede [...] denominamos Autopoiese (MATURANA; VARELA, 1997, p. 15).

Trata-se de um processo de mudanças mútuas, consensuais e recursivas, ou seja, o acoplamento⁸ estrutural resultante das transformações, das modificações e perturbações

⁸ Cada vez que o comportamento de uma ou mais unidades é tal que existe um domínio no qual a conduta de cada uma é função da conduta das demais, diz-se que estão acopladas nesse domínio (MATURANA; VARELA, 1997, p. 135).

presentes nas unidades interatuantes. Tais unidades sofrem modificações sem perderem sua identidade no decorrer de suas diversas interações. Portanto, da fisiologia humana advém a dinâmica corporal das relações do indivíduo humano consigo e com o meio, nisso constitui-se nosso viver como conjunto de seres vivos viventes que somos. Esses domínios – fisiológico e relacional – dinamizam o viver e, os acontecimentos de um implicam nos acontecimentos do outro e de seu entorno. Por meio do coexistir, pautado nos princípios de responsabilidade, respeito, liberdade e aceitação, imbricam-se as coordenações de coordenações consensuais de condutas para a constituição do indivíduo humano humanizado – humano na linguagem.

Diante dessa proposição indicada por Maturana e Varela, tendo a Autopoiese como uma diferente base para reflexões, torna-se possível também um diferente olhar, uma possibilidade alternativa para o ser/fazer diferente no contexto de nossas ações e posturas pedagógicas, de relações consigo, com o outro e com a biosfera, num elo de confiança, respeito e aceitação. Desta maneira, Maturana e Varela (1997) compreendem que o mundo vivido é o mundo viabilizado por nossa estrutura, onde o ambiente desencadeia em nós aquilo que nossa estrutura permite, nunca sendo determinante. Assim, a singularidade se faz presente nas percepções, podendo externar-se como uma complexidade incrível e admirável.

No âmbito da Autopoiese, estão abertas as portas para consensos colaborativos e assim, dinamizar interações e viveres com base no amar. Vemos na concepção da Autopoiese uma diferente compreensão do ser vivo. Um ser vivo que, via acoplamento estrutural sente-se imbricado aos demais e entende a possibilidade dessa imbricação complementar em seu ser/fazer humano. A Autopoiese pressupõe um processo de desenvolvimento contínuo, uma fenomenologia do vivo, da autoprodução celular em contínua interação com o meio circundante. A Autopoiese como dinâmica interativa e complementar pode, via experiências formativas sensíveis potencializar mudanças, também em nossas proposições socioculturais.

Diante do desafio proposto, pelas concepções da Autopoiese e da Biologia do Conhecer, confesso que por vezes senti medo, angústia e diversas incertezas, um emaranhado de inquietações e de ideias, em contínuo sucederes de ações interligadas ao sistema nervoso e cognitivo de meu ser. Ambas as concepções ainda são desconhecidas ou pouco exploradas no âmbito acadêmico. Numa trajetória de proximidade e conhecendo um pouco das concepções e dos autores principais desta pesquisa, me chamou atenção em especial, a maneira como os neurocientistas Maturana e Varela, escrevem, como eles fazem suas proposições sobre o ser vivo vivente em particular o indivíduo humano, o modo como tratam as temáticas pertinentes, como educação, ser vivo e formação. E, também o modo como eles conectam o passado (ancestrais) e o presente (atualidade) em suas teorias sob a perspectiva visionária e co-criadora.

Tudo isso, me encanta, desperta meu interesse e esperança para uma educação, uma formação colaborativa, sensível e humanizadora. Reconhecer a singularidade e a autonomia humana.

Nesse sentido, abordamos a seguinte questão-problema de pesquisa da Tese:

- ✓ Quais as possíveis implicações da concepção de Autopoiese na formação humana e, como criar um domínio pedagógico em que a unidade seja referenciada em consensos de amar?

Nosso objetivo: investigar as possíveis implicações da concepção de Autopoiese na formação humana, criar um domínio pedagógico em que a unidade seja referenciada em consensos de amar. Como objetivos específicos: conhecer as implicações epistemológicas da concepção de Autopoiese; compreender o que significa caracterizar um ser vivo humano como unidade autopoietica; significar domínios pedagógicos, individuais e coletivos, a partir da Autopoiese e tecer pressupostos da concepção de Autopoiese afirmados como colaboração, sensibilidade e amar, imbricados com a Biologia do Amar.

O desenvolvimento do problema de pesquisa e objetivos, possibilita enunciar nossa Tese:

- ✓ Educar, como processo autopoietico, no contexto da autonomia do ser humano, da sua individualidade e singularidade, reconhecido como unidade, considera como pressupostos o respeito, a colaboração, a sensibilidade, a responsabilidade e a amorosidade.

Escolhemos como caminho metodológico a explicação. Maturana tem um jeito particular de compreender o como se faz ciência, não essa lógica subjetiva ou de leis universais, onde o experimento é a mesma coisa que a explicação do experimento ou da experiência. A profundidade da perspectiva metodológica (**está mais longamente desenvolvida na p. 86, intitulada “A CIÊNCIA PARA MATURANA”**).

A pesquisa é de natureza bibliográfica e, com uma abordagem metodológica com base na epistemologia fundamentada por meio da explicação. Essa pesquisa de Tese encontra-se firmada na concepção epistemológica, pois, envolve a questão da concepção de ser humano, de vida, de viver e de mundo. “Uma explicação é sempre a reformulação de um fenômeno de tal maneira que seus elementos apareçam casualmente relacionados em sua gênese” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 67). Nós damos uma explicação sempre na nossa qualidade de observadores e, é fundamental distinguir nela o que é próprio do sistema, como constitutivo de sua fenomenologia, do que pertence ao nosso domínio descritivo e, em consequência, nossas interações com ele, com seus componentes e com o contexto pelo qual é observado (MATURANA; VARELA, 1997). Uma explicação biológica precisa ser uma reformulação em

termos de processos subordinados a Autopoiese dos organismos participantes, ou seja, uma reformulação no domínio fenomenológico biológico. [...], qualquer explicação biológica adequada tem a mesma validade epistemológica, que qualquer outro fenômeno no espaço físico (MATURANA; VARELA, 1997).

Segundo Oliveira (2007, p. 69) a pesquisa bibliográfica tem por finalidade levar o pesquisador “[...] a entrar em contato direto com obras, artigos ou documentos que tratem do tema estudado”. Dalbosco (2010, p. 43) afirma que, “a pesquisa teórico-bibliográfica reporta-se [...] a um âmbito nitidamente conceitual, dizendo respeito, normalmente, ao processo de reconstrução e reflexão de teorias e conceitos de um determinado autor, obra ou tradição intelectual”. Compreende-se que a pesquisa bibliográfica “considera o diálogo com autores e teorias atuais ou do passado, o centro de sua investigação” (p. 44).

Tudo que foi mencionado, implica no conhecimento, ou seja, “viver é interagir, e interagir é conhecer, por extensão, viver é conhecer” (ANDRADE, 2012, p. 100). Entender, que viver é conhecer implica a importância de estudos epistemológicos, pois estes estudos ressaltam a importância do conhecimento, como algo constitutivo da própria existência. Consiste na reflexão, considerando a vida e o viver. Considerando a rede complexa que envolve a linguagem, a emoção e as interações, enquanto objetos de estudos da epistemologia, a partir da experiência do indivíduo humano linguajeante⁹ e, por conseguinte nas relações humanas (ANDRADE, 2012). Pressupõe-se compreender a Autopoiese como potencializadora da autonomia do indivíduo humano vivente. Uma possibilidade capaz de suspender certezas e, imbricada no profano, dar um novo uso, novo sentido, uma nova reflexão ao que está restrito ao uso da maioria dos indivíduos humanos. “Toda reflexão produz um mundo. Sendo assim, é uma ação humana realizada por alguém em particular, num lugar em particular” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 69).

Portanto, somos sistemas vivos, com características biológicas e culturais em contínuos sucederes de dinâmicas relacionais e interações recursivas, imbricados aos processos cognitivos de nossa organização biológica e existencial. Nesse sentido, compreende-se que, “não há uma descontinuidade entre o social e o humano e suas raízes biológicas. O fenômeno do conhecer é um todo integrado e todos os seus aspectos estão fundados sobre a mesma base” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 69).

⁹ Fluir de coordenações de coordenações comportamentais consensuais. Quando numa conversação muda a emoção, muda também o fluxo das coordenações de coordenações comportamentais consensuais. E vice-versa. Esse entrelaçamento do linguajar com o emocionar é consensual e se estabelece na convivência (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 262).

Conscientes da coparticipação pedagógica, educador e estudante geram consigo uma ecologia cognitiva e emocional, muitas vezes catalisadora ou não de diversas ações e condutas. Então, perguntamos: é possível alterar as dinâmicas operacionais catalizadoras e potencializadoras nos diferentes ambientes de aprendizagem e assim, criar novos cenários cognitivos e emocionais que possibilitam aprender a aprender e vivenciar no amar? E, como criar esses espaços formativos, espaços emocionalmente saudáveis, prazerosos, criativos e reflexivos? Como potencializar a Biologia do Amar?

O trabalho de estudo e pesquisa de Tese, encontra-se composto por três capítulos: no primeiro capítulo abordamos o neoliberalismo e o capitalismo, como fontes de dessubjetivação humana, este estudo tem como base teórica as reflexões de Dardot e Laval (2016), e contribuições de Harvey (2005). No decorrer dos escritos, contamos com as contribuições de diversos autores e suas respectivas obras, a saber, Foucault (2008), Agamben (2009), (2007) e (2002), Trindade (2019), Assmann (2014), (1996), Deuluze e Guattari (2010), entre outros. Realizamos uma abordagem em torno do neoliberalismo, desde seu nascimento, ascensão e suas principais características e, como o neoliberalismo procede ao liberalismo. A partir deste estudo, trazemos a mão algumas reflexões: a lógica neoliberal capitalista compreende o indivíduo vinculado às questões de mercado, a tudo é atribuído um preço, um valor, por meio do dispositivo de produção de valor. Tem no capital humano seu fator mais importante. Desta maneira, compreende-se que o indivíduo humano é objeto de políticas específicas que prezam a readaptação e modernização. Tais políticas mudam o modo de viver humano e criam o indivíduo homem-empresa, o sujeito empresarial, o governo de si e o empreendedor. Sempre fiel à lógica da fabricação de indivíduos úteis, dóceis ao trabalho, dispostos ao consumo e eficazes aos interesses de mercado.

Abordamos também as culturas, matrística¹⁰ e patriarcal¹¹. Sendo a cultura matrística ameaçada de extinção pela lógica patriarcal, capitalista e neoliberal. Apresentamos uma

¹⁰ Modo de existência a partir da participação; a fertilidade surge como visão de abundância harmoniosa de todas as coisas vivas, numa rede coerente de processos cíclicos de nascimento e morte; a sexualidade das mulheres e dos homens surge como um ato associado a sensualidade a ternura; respeito a procriação e se aceitam ações de controle de natalidade e de regulação do crescimento populacional; valorização e companheirismo como modos naturais de convivência; o pensamento é sistêmico e vivido no convite a reflexão diante do diferente; as relações interpessoais com base no acordo, cooperação e co-inspiração; o viver de homens, mulheres e crianças surge, ao longo de toda a vida como um processo natural; não aparece oposição entre homens e mulheres nem subordinação de uns aos outros (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 75/76).

¹¹ Um modo de viver sob uma rede de conversações que suscitam: a) relações de apropriação e exclusão, inimizade e guerra, hierarquia e subordinação, poder e obediência; b) relação com o mundo natural, que se deslocam para a desconfiança ativa e para um jogo de dominação e controle; c) relações com a vida que se deslocaram para a busca ansiosa da segurança, ou seja, abundância unidirecional, obtida pela valorização da procriação, a apropriação e o crescimento ilimitado; d) relações de existência mística, que se deslocaram para o desejo de abandonar a

reflexão de caracterização para as duas culturas, a matrística com base e fundamento na mútua aceitação e um coexistir no amar. E a cultura patriarcal – nossa cultura atual prioritária, tem como base e fundamento a apropriação, a violência, a competição, a dominação e o ódio – autoagressora. A violência justificada via produção de guerras, genocídios e assassinatos e poder, tudo entrelaçado aos dispositivos biopolíticos, uma vida e formas de viver capturadas pelas crises social, histórica e cultural, inclusive pela Pandemia vivenciada e resultando numa necropolítica.

O segundo capítulo: reflete estudo profundo e reflexivo sobre as concepções da Biologia do Conhecer e da Autopoiese. Compreende a Biologia do conhecer como o estudo do ser vivo, particularmente o ser vivo humano. É uma explicação do ser vivo e vivente. A autopoiese possibilita compreender a organização dos organismos vivos como resultantes de sua estrutura autopoietica, ou seja, explicar o ser vivo em sua autonomia. Ambas as concepções configuram conhecer o ser vivo humano, imbricado na efetividade operacional, que significa a continuidade existencial em nichos vitais em constante construção e reconstrução. Significa melhorar o mundo, não se refere somente ao mundo externo, mas sim ao universo vivido e convivido na interdependência e harmonia da qual resulta a dinâmica da teia da vida. O caminho explicativo, tanto da Autopoiese como da Biologia do Conhecer compreende que a estrutura é fator determinante de todo ser vivo. Os acontecimentos de um determinado instante encontram-se acoplados a nossa estrutura naquele instante. Implica o determinismo estrutural, ou seja, o modo de interação entre os componentes interconectados, sem que sua organização sofra mudanças. Uma conduta compensatória a ser replicada de maneira recorrente e circular. Juntas Autopoiese e a Biologia do Conhecer possibilitam explicar o fenômeno do conhecer numa sucessiva circularidade de interações recorrentes.

O terceiro capítulo, aborda algumas reflexões sobre a importância da relação materno-infantil. Relações estas vivenciadas pela cultura matrística, num elo recíproco de aceitação e confiança mútua. Isso, implica no desenvolvimento corporal e psíquico da criança juntamente com o conhecimento corporal e o despertar da consciência do Eu, como consciência social humana derivada do fluxo de coordenações sensomotoras, por meio das interações decorrentes do contato corporal entre mãe e filho na infância. Ou seja, interagir no domínio¹² humano, criar,

comunidade viva, mediante experiências de pertença a uma unidade cósmica, configurando um domínio de espiritualidade invisível que transcende aos vivos (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 56/57).

¹² DOMÍNIO COGNOSCITIVO: o domínio de todas as interações em que um sistema autopoietico pode entrar sem perder sua identidade, quer dizer, o domínio de todas as mudanças que pode sofrer ao compensar perturbações (MATURANA; VARELA, 1997, p. 135).

estimular e possibilitar espaços de interações, ações e configurações de coordenações consensuais, a partir do livre brincar, espontâneo e prazeroso, sem propósito e finalidade. Nesse sentido, a relação materno-infantil implica na constituição do auto-respeito por si e pelo outro. Para isso, faz-se necessário respeitar e reconhecer a biologia da relação materno-infantil. Possibilitar que as crianças cresçam e vivenciem a Biologia do Amar – dinâmica fundamental de todo ser vivo.

Este estudo de pesquisa de Tese almeja, ser o ponto de partida para a inserção da concepção da Autopoiese nas nossas ações, condutas e, em nossas práticas pedagógicas visando uma formação humana, capaz de potencializar, cultivar e enaltecer uma educação com base e abertura para princípios da autonomia, da individualidade¹³ e de unidade.

A base de sustento dessa tese é o fato de os seres vivos, como os humanos, são seres autopoéticos e, como tais, autônomos, uma vez que todas as mudanças que neles ocorrem visam conservar sua organização. São também possuidores de individualidade por manterem invariável sua organização e conservação de uma identidade. São ainda definidos como unidades por serem autopoéticos, ou seja, todas as operações são realizadas nos limites dos processos autopoéticos.

A Autopoiese potencializa reflexões e diálogos em nosso cotidiano, de modo a resistir à captura biopolítica presente em quase todos os contextos da sociedade contemporânea. Na dinâmica de seus princípios ressurgem a possibilidade e a abertura para uma educação e formação mais consciente, reflexiva e humana. Quiçá reconheça a individualidade, a singularidade e a autonomia de nosso ser autopoético. Eis nosso desafio!

DOMÍNIO COMUNICATIVO: uma corrente tal de interações concatenadas que, ainda que a conduta de cada organismo em cada organismo e em cada interação seja determinada internamente por sua organização autopoética, tal conduta é para ele outra fonte de deformações compensáveis e, portanto, pode qualificar-se de significativa no contexto da conduta acoplada (MATURANA; VARELA, 1997, p. 135).

DOMÍNIO LINGUÍSTICO: um âmbito consensual de conduta acoplada que é especificada (se consensual) durante o processo de sua geração... Um âmbito consensual... no qual os organismos acoplados se orientam reciprocamente em sua conduta, internamente determinada, por meio de interações que se tem especificado durante suas ontogenias acopladas (MATURANA; VARELA, 1997, p. 135).

¹³ As máquinas autopoéticas possuem individualidade; isto é, por meio da manutenção invariável de sua organização conservam ativamente uma identidade que não depende de suas interações com o observador (MATURANA; VARELA, 1997, p. 136).

CAPÍTULO I



Fonte: Pomar, 2018

NEOLIBERALISMO E CAPITALISMO PRISMAS PARA A DESSUBJETIVAÇÃO E DES-HUMANIZAÇÃO

O governo diz: Você é livre para fazer tudo aquilo que nós queremos.
(Autor Desconhecido, 2011, s/p)

Nossa trajetória de estudo e pesquisa para este primeiro capítulo, vai ao encontro com a transição do indivíduo humano sujeitado, o empresário de si e o neossujeito. A partir das diversas obras citadas nessa revisão teórica, fazemos um percurso referente a criação do indivíduo como mera força de trabalho necessitado de comando de fora, necessitado de disciplina corporal e física, a ser controlado... O trabalhador empregado da era do fordismo e taylorismo, sentia-se escravizado via comandos externos. Para a criação do indivíduo neoliberal produziu-se a normatividade baseada nos princípios das práticas de governo e empresas para difundir o eficientismo, a produtividade e a concorrência como uma nova razão-mundo. Tais práticas políticas impostas sob os vieses da violência, da obediência e da subjugação conduzem o indivíduo humano à dessubjetivação. Por meio, do neoliberalismo cria-se um ser humano sujeitável e empresário de si, tornando-se seu próprio escravizador, uma escravidão que emana de dentro e, é desejada. Torna-se produtivo e empresário de si, um neossujeito. Neste sentido, a sociedade é vista como uma empresa e o indivíduo como empreendedor de si. Essas são algumas das diversas engrenagens do capitalismo e do neoliberalismo, vinculadas aos

mecanismos de poder de controle do indivíduo e da população. Tudo em prol dos interesses econômicos e de mercado, visando produtividade, menores gastos sociais e maior lucro.

Neste estudo de pesquisa, também nos deparamos com as características e as diferenças das culturas, matrística e patriarcal. O modo de coexistir firmado no amor e na aceitação mútua faz da cultura matrística seu diferencial, ao ser comparada com a cultura patriarcal. Presente no modo de viver da sociedade moderna, a cultura patriarcal constitui seu modo de viver firmado nas formas de violência, negação, exploração, propriedade, competição, entre outras. Nesse viés, a sociedade produz subjetividades, a partir dos mecanismos de poder e controle, principalmente via biopolítica. A biopolítica constitui-se como mecanismo de ação do Estado para controlar, adestrar, moldar e tornar os indivíduos dóceis e produtivos. Exercer o poder soberano sobre uma vida nua, concebendo-se no direito de escolher quem morre e quem vive.

E, nesse cenário de vida nua, no final do ano de 2019 eclode a pandemia mundial que chega ao Brasil nos primeiros meses do ano de 2020, disseminada pelo coronavírus SARS CoV-2, identificada como a doença Covid-19. Este vírus possui a audácia, a soberania de paralisar os indivíduos do planeta Terra, pois, é letal para muitos indivíduos, invisível no modo de contágio e veloz na sua propagação. Entre as ações dos governantes, encontram-se os dispositivos de controle, tais como fechamento de entradas e saídas das cidades, dos estados e dos países. Prevenções via uso obrigatório de máscaras, isolamento e distanciamento social se fazem presentes contra a disseminação e contágio do coronavírus, já que não existe uma vacina, um tratamento próprio para este vírus. Nos encontramos sob ameaça do Estado de Exceção e da extinção humana. Assim, sacrificam-se vidas para manter a economia em sua plena funcionalidade. Tudo sob o viés do lucro, da produtividade aos interesses das corporações dominantes.

Por vezes nos deparamos com o discurso referente a morte do liberalismo¹⁴, tal discurso nos remete à ilusão e às representações ideológicas que embasam a implementação das políticas neoliberais por meio da normatividade prática e do eficientismo em torno do neoliberalismo¹⁵,

¹⁴ O que devemos entender por liberalismo? Não podemos pensá-lo como uma simples teoria ou uma ideologia, mas sim como uma prática, uma maneira de fazer, uma racionalidade. Ele é mais profundo que uma simples teoria econômica. Afinal, toda a ideia já define modos de vida. Por isso, o liberalismo é uma das condições de inteligibilidade da Biopolítica! O liberalismo surge com a revolução industrial. Trata-se de uma ideologia profundamente relacionada com a burguesia ocidental industrial nascente. De certa maneira, é uma continuação dos valores iluministas de progresso, conhecimento, questionamento das autoridades religiosas e soberanas. Trata-se de um conjunto de crenças: do indivíduo, da naturalidade do mercado, da legitimidade da propriedade privada (TRINDADE, 2019).

¹⁵ Por que dizer que existe um Novo Liberalismo? Não podemos dizer que o Neoliberalismo é uma evolução natural do Liberalismo. Muito pelo contrário, ele muitas vezes faz questão de mostrar as limitações das ideias

como possibilidade para orientar, argumentar e difundir práticas, seja, no governo, nas empresas e, entre milhares de pessoas. Essa razão caracteriza-se de maneira global, definida como uma nova razão do mundo, compreendida por tudo aquilo que inclui o imediatismo, com rapidez ao mundo todo, ou seja, a totalização no intuito de fazer do mundo, uma razão-mundo. A lógica normativa concebida por meio de dispositivos de poder e de alcance mundial, como políticas neoliberais impostas sob o viés da mais cruel violência, parte da subjugação, do roubo e trucidamento, principalmente nos países com déficit financeiro de endividamento. De acordo com as reflexões de Foucault (2008), podemos ver como o liberalismo é toda uma maneira de pensar e de viver. Ele é um olhar sobre o mundo, que vê a partir de uma perspectiva e encontra determinados problemas. O liberalismo parte da crença de que o egoísmo beneficia a todos. Segundo o autor (2008, p. 91) “não há liberalismo sem cultura do perigo”.

Para os liberais a economia é como uma ciência natural do mercado. Este possui suas leis, seus desenvolvimentos e, é preciso deixá-lo seguir seu curso. Para a economia política o mercado aparece como algo natural. Por isso, o mercado dirá a verdade sobre as práticas governamentais. O liberalismo é o conjunto de crenças da sociedade burguesa industrial. É isso que o liberal quer: o Estado submetido a economia. É nisso que ele acredita, indivíduos autônomos perseguindo seus próprios interesses (FOUCAULT, 2008).

Ao modificar e aprofundar certas ideias referentes ao liberalismo e ao neoliberalismo, torna-se possível compreender que o neoliberalismo sucede o liberalismo. Mas, de que maneira? Trata-se de um liberalismo com nova cara, mais agressiva, mais ousada. Ele é diferente. Uma nova invenção, tanto mais pesada quanto mais imperceptível. Em relação ao primeiro liberalismo, o que se abandona agora é a fobia de Estado. Para começar a pensá-lo como instrumento de intervenção possível, passa ser função do Estado estabelecer continuidade às condições de concorrência. Ele deve intervir sempre que necessário para fazer as engrenagens da economia gerar com a máxima eficiência. Como se a sociedade não fosse suficientemente capitalista e precisasse o tempo todo de intervenções estatais, para manter uma racionalidade mercantil e competitiva (FOUCAULT, 2008).

Em primeiro lugar, o neoliberalismo representa uma teoria de práticas político-econômicas que propõe o bem-estar humano, a partir da promoção das liberdades e capacidades empreendedoras dos indivíduos por meio de uma estrutura institucional firmada nos direitos à propriedade privada, livre comércio e mercados. Harvey (2005, p. 03) compreende que “o papel do Estado é criar e preservar uma estrutura institucional apropriada a essas práticas, o

liberais clássica. Dentre seus objetivos está a imposição estritamente mercantil, o fundamentalismo de mercado. Tudo estará dentro da lógica mercantil de compra e venda, concorrência, preços, dinheiro (TRINDADE, 2019).

Estado tem que garantir a qualidade e a integridade do dinheiro”. Seguindo a ideia do autor, o processo de neoliberalização, envolveu muita destruição criativa, não somente dos antigos poderes e estruturas institucionais, mas abalou a maneira tradicional de soberania do Estado, bem como das divisões do trabalho, das relações sociais, da promoção do bem-estar social, das atividades reprodutivas, das formas de ligação à terra e dos hábitos do coração. O neoliberalismo julga a troca no mercado uma ética em si capaz de servir de guia a toda ação humana, em substituição a todas as crenças éticas antes sustentadas, enfatiza a significação das relações contratuais no mercado (HARVEY, 2005).

A nova razão-mundo faz parte do pensamento, da teoria e das reflexões dos autores Dardot e Laval (2016). Eles chamam a atenção para o seguinte questionamento: como é que apesar das consequências catastróficas a que nos conduziram as políticas neoliberais, essas políticas são cada vez mais ativas, a ponto de afundar os Estados e as sociedades em crises políticas e retrocessos sociais cada vez mais graves? Como é que, há mais de trinta anos, essas mesmas políticas vêm se desenvolvendo e se aprofundando, sem encontrar resistências suficientemente substanciais para colocá-las em xeque? Segundo Trindade (2019, s/p) é como se as pessoas não estivessem preparadas suficientemente para o capitalismo. É como se as subjetividades para este sistema ainda não estivessem prontas. É preciso mudar o próprio indivíduo, não o sistema. Adaptar a subjetividade moderna para um modelo econômico vigente.

Para o neoliberalismo o que interessa é a maneira de existência, ao produzir subjetividades, relações sociais e viveres. A maneira como nos comportamos e nos relacionamos conosco e com os outros, define a norma de vida das sociedades na perspectiva da modernidade, tendo na competição, na luta econômica, nos padrões, nos modelos de mercado, nas desigualdades e na dessubjetivação do indivíduo, a eficiência e a instrumentalização do corpo moldado às máquinas e às empresas. Tais aspectos da modernidade representam a norma de vida das políticas públicas em torno das relações econômicas das sociedades e das subjetividades.

A modernidade versa sobre a nova razão do mundo, na compreensão de Laval (2019) a introdução do neoliberalismo é um dos grandes responsáveis pela degradação mundial das condições de vida e trabalho, mas também da deterioração das instituições educacionais, universitárias e científicas. Tudo está interligado: o que interessa acima de tudo compreender em sociologia é a lógica de transformação das sociedades, também denominada lógica normativa de conjunto. E essa norma neoliberal, quando se estende muito além do campo econômico *stricto sensu*, é acima de tudo a racionalidade do capital transformada em lei social geral.

Nas reflexões de Dardot e Laval (2016) e Laval (2019) o neoliberalismo é a razão do capitalismo contemporâneo, de um capitalismo desimpedido de suas raízes arcaizantes e plenamente assumido como construção histórica e norma geral de vida. A ampliação desses sistemas e a união institucional possibilitou a instauração de uma racionalidade geral, um novo regime de evidências, que se impôs aos governantes de todas as linhas, como único quadro de inteligibilidade da conduta humana.

O neoliberalismo é uma governamentalidade, cujo objetivo é conduzir a conduta dos indivíduos de modo a pensá-los como empresas, como capital humano, como empreendedores de si mesmos em busca de crescimento e conquistas econômicas. Importa fazer a economia continuar funcionando, continuar crescendo. O Estado atua para que a concorrência seja plena, só há um verdadeiro objetivo: lucro e mais dinheiro. Pela confiança ao amor obsessivo pelo livre empreendimento, o neoliberalismo quer fazer o capitalismo continuar funcionando, nem que seja na marra! (TRINDADE, 2019).

O conceito de racionalidade política nasceu em Michel Foucault em suas pesquisas voltadas para a questão da governamentalidade. No curso ministrado no Collège de France nos anos de 1978-1979, sob o título Nascimento da biopolítica, no plano de análise, selecionou para o estudo o neoliberalismo. Os conceitos de Foucault compreendem “um plano de reflexão possível o da razão governamental, referindo-se aos tipos de racionalidade empregados nos procedimentos pelos quais se dirige, através de uma administração de Estado, a conduta do ser humano. Uma racionalidade política é, nesse sentido, uma racionalidade governamental” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17). Compreende-se que a ideia de governo é tratar da atividade de conduzir a conduta humana por meio de um cenário de instrumentos, de técnicas e procedimentos de Estado. Como representação do poder, elabora e implanta técnicas para governar os indivíduos em domínios distintos. Dentre eles, a escola, o exército e a fábrica, e conseqüentemente, o autogoverno. Governamentalidade implica as técnicas de governo de si, centrada nas técnicas de exercer o poder sobre os outros. O encontro entre tais técnicas dá sentido e suporte a governamentalidade. A conduta humana de si e a conduta que se tem para com outros resulta no governar. Nas afirmativas de Harvey (2005, p. 24) “o consentimento popular para legitimar a virada neoliberal procedeu a partir de fortes influências ideológicas que circularam nas corporações, nos meios de comunicação e nas numerosas instituições que constituem a sociedade civil, universidades, escolas, Igrejas e associações profissionais”.

O modelo empresarial de mercado visa a transformação da sociedade por meio da dominação capitalista e da concorrência. Implica na violência extra econômica e na coerção sobre as escolhas e sobre as condutas dos indivíduos. Segundo Laval (2019) a racionalidade

neoliberal se caracteriza pela expansão e fortalecimento da lógica de mercado. E o neoliberalismo se caracteriza pela transformação da competição em norma geral das atividades de produção. Ambos pressupõe homogeneizar para toda sociedade certas maneiras de ser e de fazer vinculadas ao viver humano.

Para Dardot e Laval (2016) “o neoliberalismo é um sistema de normas que hoje estão profundamente inscritas nas práticas governamentais, nas políticas institucionais, nos estilos gerenciais”. Os autores afirmam:

Esse sistema é tanto mais resiliente quando excede em muito a esfera mercantil e financeira em que reina o capital. Ele estende a lógica do mercado muito além das fronteiras estritas do mercado, em especial produzindo uma subjetividade contábil pela criação de concorrência sistemática entre os indivíduos (2016, p. 30).

A lógica neoliberal tem no Estado seu coprodutor voluntário, ele faz o controle dos mercados, das normas de competitividade, das condições mínimas de bem-estar, da educação e da saúde da população. O Estado tem como princípio a defesa absoluta do sistema financeiro, seu interesse maior encontra-se na maneira de sujeição do assalariado, no endividamento de massa e na subjetivação do indivíduo, principais especificidades do capitalismo contemporâneo. Na compreensão de Laval (2019, p. 72) “o sentido que as esferas dirigentes propõem é nitidamente utilitarista. O esforço para adquirir conhecimento é exigido por razões de interesse pessoal e eficiência produtiva”. Nesse sentido, trataremos no próximo item da abordagem referente ao neoliberalismo, fatores relacionados a sua origem, ascensão e características específicas dessa razão-mundo, o neoliberalismo, ou seja, o novo liberalismo.

1.2 NASCIMENTO E ASCENSÃO DO NEOLIBERALISMO

Em algum momento da história da humanidade o capitalismo conseguiu por meio do patriarcado criar a perspectiva que nós seres humanos, somos desconfiados, queremos ter posses e somos extremamente apegados a coisas. O neoliberalismo e o capitalismo levaram isso ao extremo e, fizeram todo um aparato conceitual e pedagógico para dar conta disso. Reconhecemos alguns exemplos desses aparatos conceituais presentes na vivência cotidiana, a saber, a obrigatoriedade de fila para os estudantes entrarem na sala de aula, estudantes aprendendo simultaneamente a mesma coisa, estudantes aceitando serem classificados na

escola pela avaliação. Já na escola criamos tudo isso. Segundo Harvey (2005) e Foucault (2008) nenhum modo de pensamento se torna dominante sem propor um aparato conceitual que mobilize nossas sensações e nossos instintos, nossos valores e nossos desejos, assim como possibilidades inerentes ao mundo social que habitamos. Se bem-sucedido, esse aparato conceitual se incorpora a tal ponto ao senso comum que passa a ser tido por certo e livre de questionamento.

Nisso, compreende-se que não somente a escola, mas as religiões também fazem a mesma coisa. A religião classifica os indivíduos humanos, em bons, mais bons, menos bons e não bons. Os indivíduos altamente bons e mais bons vão diretamente para o céu. Para os indivíduos classificados como não bons ou menos bons, criou-se o inferno, o limbo e o purgatório. Alguns indivíduos vão para o purgatório, para pagar suas culpas e serem purificados. Outros vão para o limbo, aqui serão esquecidos, não tem valor. E os que vão para inferno, terão seu suplício, condenados às penas eternas, rodeados de tormentos e sofrimentos. Nesse sentido, pergunto: como pode uma ideologia simplesmente envolver a humanidade como um todo?

Vamos olhar na contramão, se quisermos propor uma outra perspectiva pedagógica, o que precisa fazer é exatamente isso, criar um aparato conceitual potencializador de nossas sensações, emoções e coordenações de ações e condutas como possibilidade do mundo social existente. Com pressupostos diferentes, um aparato conceitual sobre o que significa ser um ser vivo, conforme as concepções da Biologia do Conhecer e da Autopoiese. Foi isso que Maturana fez, criou um aparato conceitual para reconhecer o ser vivo em sua autonomia, singularidade, individualidade e unidade – sua inteiridade.

As figuras fundadoras do pensamento neoliberal consideravam fundamentais os ideais políticos da dignidade humana e da liberdade individual, tomando-os como os valores centrais da civilização. Assim agindo, fizeram uma sábia escolha, porque esses certamente são ideais bem convenientes e sedutores. Esses valores que sustentavam essas figuras, estavam ameaçados não somente pelo fascismo, pelas ditaduras e pelo comunismo, mas também por todas as formas de intervenção do Estado que substituíssem os julgamentos de indivíduos dotados de livre escolha por juízos coletivos, motivados pelos ideais de maior liberdade e de escolha pessoal (HARVEY, 2005; FOUCAULT, 2008). Contudo, resta a pergunta: que tipo de liberdade está sendo concebida, que tipo de escolhas e quais escolhas? Seriam elas, educação? Família? Cultura? Capitalismo? Liberalismo? Neoliberalismo? Sujeição? Dominação? Poder? Lucro?

Nas afirmativas dos autores Dardot e Laval (2016) supõe-se que a liberdade seja comparada a um cavalo, dócil e bom de cavalgar. No entanto, cavalga-se para algum lugar, para

onde? No final do século XIX em virtude da crise do liberalismo, o neoliberalismo torna-se fulcral ao possibilitar alternativas voltadas às políticas assistenciais, protecionistas, reguladoras e planificadoras. Tais ameaças, vistas sob o viés da degradação rumo ao coletivismo, tornam-se ponto de partida para o neoliberalismo. O nascimento do neoliberalismo tem sua base a partir do Colóquio Walter Lippmann, realizado em Paris, no dia 26 de agosto de 1938, no contexto do Instituto Internacional de Cooperação Intelectual, centro de Paris.

Neste encontro houve a participação de diversos intelectuais renomados, a saber, Friedrich Hayek, Jacques Rueff, Raymond Aron, Wilhelm Röpke e Alexander von Rüstow. Seus participantes distinguem-se por marcarem a história do pensamento e da política liberal após a guerra, principalmente nos países ocidentais. O Colóquio Walter Lippmann 1938 e a Sociedade Mont-Pélerin, criada nos anos de 1947, colaboram para elaboração do Centro Internacional de Estudos para a Renovação do Liberalismo, com sede localizada no Museu Social em Paris. A sede mencionada constitui uma sociedade intelectual com fins de encontros e reuniões regulares em diversos países. Entre os diversos difusores do neoliberalismo, encontra-se o cosmopolitismo a partir da Sociedade Mont-Pélerin. Já o Colóquio de Walter Lippmann representa a primeira tentativa para instituição de diversos organismos, entre eles, a Comissão Trilateral e o Fórum Econômico Mundial de Davos, no intuito de garantir o trabalho intelectual contra os principais adversários e, cultivar meios acadêmicos de notável prestígio ao redor do mundo.

A união entre o intervencionismo do Estado e a ascensão do coletivismo constitui um dos fatores de oposição que a Sociedade Mont-Pélerin afrontou com a ajuda de diversas correntes pertencentes ao neoliberalismo, respaldado pela corrente norte-americana e a corrente alemã. Tal junção tem como resultado a teorização de um intervencionismo propriamente liberal, não mais potencializando as divergências firmadas antes da guerra. De acordo com Dardot e Laval (2016, p. 79) a linha de força do colóquio une a perspectiva de Rougier, de ordem essencialmente epistemológica, a de Lippmann, que lembra a importância da construção jurídica do funcionamento da economia de mercado e, a dos sociólogos liberais alemães Röpke e Von Rüstow, que enfatizam a sustentação social do mercado por si só, não são capazes de assegurar a integração de todos.

Nas reflexões de Laval (2019) o neoliberalismo tal, como é aplicado, não se apresenta como uma doutrina e menos ainda como uma ideologia. E os que trabalham como seus agentes nem sempre o aplicam conscientemente como um programa político ou teoria. Eles se julgam realistas ou pragmáticos, ou seja, aceitam obedecer a injunção maior do neoliberalismo, que é

o jogo da concorrência generalizada e, isso do topo à base da hierarquia de responsabilidade do sistema educacional.

Neste sentido, torna-se reconhecido que ser liberal, representa ser progressista ao possibilitar a ordem legal, principalmente as descobertas vinculadas às produções científicas, aos progressos da técnica econômica, às transformações da sociedade e de suas estruturas e, aos requisitos da consciência moderna. Uma metáfora que enfatiza a imagem do neoliberalismo procede a partir do código de trânsito, fazendo referência ao que significa ser liberal. Segundo os autores Dardot e Laval (2016) ser liberal não é deixar os automóveis circularem em todos os sentidos, seguindo seus caprichos, donde resultariam incessantes engarrafamentos e acidentes. É impor um código de trânsito admitindo ao mesmo tempo que ele não é, na época dos transportes rápidos, o mesmo que era na época das diligências.

A metáfora supracitada é um dos mais importantes exemplos empregados para ilustrar o neoliberalismo, desenvolvida por Lippmann no famoso livro, “O caminho da servidão” publicado por Hayek no período pós-guerra. A inovação do neoliberalismo consiste na possibilidade de pensar a ordem de mercado como ordem construída e basilar ao programa político vinculado como agenda de estabelecimento e contínua conservação. A agenda do neoliberalismo versa a precisão a adaptação constante dos seres humanos e das instituições perante a ordem econômica imutável, por meio da concorrência generalizada e ininterrupta.

O discurso neoliberal reconhece que a sociedade do século XXI não é necessariamente uma sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Segundo Han (2017, p. 23) “seus habitantes não se chamam mais sujeitos da obediência, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos”. Deste modo,

a sociedade do desempenho vai se desvinculando cada vez mais da negatividade. Justamente a desregulamentação crescente vai abolindo-a. O poder ilimitado é o verbo modal positivo da sociedade de desempenho. O plural coletivo *yes, me can* (sim eu posso) expressa precisamente o caráter de positividade da sociedade de desempenho. No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projetos, iniciativa e motivação (HAN, 2017, p. 24).

A lógica neoliberal capitalista compreende o indivíduo vinculado às questões de mercado, ela atribui um valor, um preço ao indivíduo. Tudo que o indivíduo é em si, e tudo o que ele faz, desenvolve e desempenha agrega-lhe um preço. Nas reflexões de Dardot e Laval (2016, s/p) “um sistema de mercado concorrencial requer um dispositivo de produção de valor”.

Assim toda a sociedade passa a ser concebida como uma empresa mercantil, cada indivíduo torna-se uma empresa, um mercado capital firmado pela via neoliberal. Neste sentido,

ocorrem muitas mudanças na concepção de Estado, principalmente nos anos de 1970 e 1980, início dos governos neoliberais de Ronald Reagan nos Estados Unidos da América e, Margaret Thatcher na Inglaterra, sob o discurso de abolir o intervencionismo estatal. Embora, nas aspirações do neoliberalismo nunca se visou fenecer o intervencionismo de Estado e, sim sua transformação e ascensão capitalista. As concepções e as ações de Estado sofrem transformações, elas ocorrem via (re)estruturação, tem o Estado como principal avaliador e regulador, seja, nas privatizações das empresas públicas ou privadas, tudo com base na ótica da concorrência, na maximização dos resultados como empresa, via instrumentos de poder e na relação entre governo e indivíduos neoliberais.

A crise econômica do regime fordista, no qual sobrevém o acúmulo de capital, tem na política conservadora e neoliberal seu fundamento, pois, os governos conservadores criticam alguns fatores presentes no pensamento Keynesiano, tais como a regulação macroeconômica, o sistema fiscal, a proteção social, o enquadramento do setor privado, os direitos trabalhistas e a representação dos assalariados. Algumas indagações se fazem presentes nos dias atuais em relação a política neoliberal e conservadora. Em suas inquietações, Dardot e Laval (2016, p. 190) perguntam: “como explicar a continuidade dessas políticas durante décadas? Sobretudo, como justificar que algumas dessas políticas tenham sido adotadas tanto pela nova direita quanto pela esquerda moderna?”

Na afirmativa de Laval (2019) essas novas formas políticas visam alterar de maneira radical o exercício governamental, elas exigem mudanças supremas no capitalismo antigo e no liberalismo, principalmente em seus aspectos doutrinários e regras de funcionamento. Tem como objetivo a racionalidade política e social juntamente com a globalização e a vida/viver financeiro, sob a normativa da lógica articulada para orientar e aliar políticas e condutas numa nova direção. “O compromisso neoliberal, sinônimo de livre mercado” DARDOT; LAVAL (2016, p. 191).

Para os autores os reformadores neoliberais não só se serviram do argumento da eficácia e do custo, como também alegaram a superioridade moral das soluções dadas ou inspiradas pelo mercado e sua disciplina de valor. Segundo Han (2017) a sociedade do trabalho e a sociedade de desempenho não são sociedades livres, elas geram novas coerções. A dialética de senhor e escravo leva a uma sociedade do trabalho em que o próprio senhor se transforma num escravo do trabalho. E, nessa sociedade coercitiva cada um carrega consigo seu campo de trabalho. A especificidade desse campo de trabalho é que “somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor. Assim, acabamos explorando a nós mesmos. Exploração possível mesmo sem senhorio” (HAN, 2017, p. 47).

As disciplinas neoliberais priorizam três aspectos de fundamental relevância, a saber: a liberdade dos indivíduos econômicos, a segurança dos contratos e, por último, o estabelecimento de um quadro estável. Compreende-se que a estratégia neoliberal consiste em:

Criar o maior número possível de situações de mercado, organizar por diversos meios (privatização, criação de concorrência dos serviços públicos, solvência pela dívida privada) a obrigação de escolher para que os indivíduos aceitem a situação de mercado tal como lhes é imposta como realidade, isto é, como única regra do jogo, e assim incorporarem a necessidade de realizar um cálculo de interesse individual se não quiserem perder no jogo e, mais ainda, se quiserem valorizar seu capital pessoal num universo em que a acumulação parece ser a lei geral da vida (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 217).

A regra geral do viver a partir de dispositivos de recompensa e punições, por meio de um sistema de (des)estímulo, tem a conduta do indivíduo como fruto de suas escolhas nas mais diversas situações mercantis. O sistema de controle e avaliação que procede via conduta disciplinar, estabelece que, quanto mais livre o indivíduo for, mais ele necessita ser vigiado e avaliado. Sendo assim, o indivíduo contribui para o oportunismo do interesse da organização empregadora. A disciplina neoliberal culpa os desempregados como principais responsáveis por seus atos, culpabiliza o indivíduo por não atender a ordem de mercado em relação à permanência no trabalho. Age por meio de ações punitivas atribuídas aos indivíduos relutantes em dobrar-se às regras mercadológicas. Essa política de emprego visa o ócio como escolha voluntária e possibilita desenvolver artimanhas de emprego. Em determinados casos promove um sistema de reintegração ao emprego, estranha o teor do comportamento e conduta do empregado, reconhece que o mesmo se torna agente de sua empregabilidade, é responsabilidade sua. Encarregado de si mesmo.

Entre as diversas atuações da política neoliberal, seja nos setores econômicos, sociais ou financeiros, tal política tem, na educação, seu principal meio para assegurar a lógica do mercado. Para Laval (2019, p. 122) “o corpo social é como o corpo vivo: quanto mais diferenciados do organismo, melhor sua adaptação”. Ou seja, “uma dinâmica de escolha, de concorrência o mais livre possível entre os produtos de valor diferentes” (122). Portanto, o sistema educacional tem como base o ensino pluralista e diversificado, prioriza o progresso e as escolhas do aluno conforme seu rendimento. Para atender a demanda de aptidões, as preferências e um meio de acabar com a gratuidade dos livros didáticos, criou-se o cheque-

educação¹⁶, um sistema com base na concorrência entre as fundações escolares. Segundo Dardot e Laval (2016) e Laval (2019) o cheque-educação possui dois objetivos associados: pretende transformar as famílias em consumidores de escola, e visa introduzir a concorrência entre os estabelecimentos escolares. Esse sistema combina um financiamento público, considerado legítimo para a educação primária por seus efeitos positivos em toda a sociedade, e uma administração de tipo empresarial do estabelecimento escolar, posto em situação de competição com outros estabelecimentos escolares.

Para Laval (2019) as características do liberalismo, estimulam práticas e comportamentos que acabam criando uma realidade idêntica à de mercado. A impossibilidade de conceber uma instituição, que não como uma relação contratual e comercial com clientes ou usuários é uma das características do espírito dominante. O desconhecimento de qualquer outra força motriz da vida, para além do interesse, pode ser encontrado nos trabalhos mais sérios e mais reconhecidos sobre as instituições, quer se trate do Estado, da família, da religião, da ciência, do direito, entre outras.

A luta contra as desigualdades, que era central no antigo projeto social-democrata, foi substituída pela luta contra a pobreza, segundo uma ideologia de equidade e responsabilidade individual teorizada por alguns intelectuais do blairismo¹⁷, como Anthony Giddens. A partir daí, a solidariedade é concebida como um auxílio dirigido aos excluídos do sistema, visando os bolsões de pobreza, segundo uma visão cristã e puritana. Esse auxílio dirigido às populações específicas (pessoas com deficiência, aposentadorias mínimas, idosos, mães solteiras, etc.), para não criar dependência, deve ser acompanhado de esforço pessoal e trabalho efetivo (DARDOT; LAVAL, 2016). Na concepção dos autores “a nova esquerda tomou para si a matriz

¹⁶ O sistema consiste em deixar de financiar diretamente as escolas e dar a cada família um cheque representando o custo médio de escolaridade; a família é livre para utilizá-lo na escola de sua escolha e ainda acrescentar a quantia que quiser, de acordo com suas prioridades em matéria de escolarização. Mais uma vez, o raciocínio baseia-se no comportamento supostamente racional do consumidor, que deve poder arbitrar entre várias possibilidades e escolher a melhor oportunidade (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 224).

¹⁷ Tony Blair estruturou o New Labour como uma empresa privada, com métodos de marketing transpostos para a política, com especialistas em comunicação (spin doctors) incumbidos de vender o produto. O blairismo, doença infantil do neoliberalismo e expressão personificada do New Labour e da chamada Terceira Via, é uma doença maligna que afetou profundamente, e como que “reformatou”, os partidos ditos de governo da Internacional Socialista. É hoje evidente que os partidos sociais-democratas, socialistas e trabalhistas europeus foram contaminados, no final do século XX, pelas ideias veiculadas pela Terceira Via – defendidas sobretudo por Tony Blair (que criou o New Labour) e pelo seu sociólogo de serviço, Anthony Giddens (autor do conceito de Terceira Via, entre a esquerda e a direita), mas também pelo então líder do SPD alemão Gerhard Schroeder (adepto do chamado Novo Centro). O New Labour foi criado em nome da “modernidade” e para responder ao impacto da globalização. Foi apresentado como uma alternativa moderna de centro-esquerda, com base no argumento segundo o qual esquerda e direita tradicionais já não conseguiam apresentar propostas viáveis e dar respostas eficazes aos novos desafios económicos, sociais e políticos (BARROSO, 2015, p. 01).

de seus oponentes tradicionais, abandonando o ideal da construção de direitos sociais para todos” (2016, p. 233/234).

Questionam Dardot e Laval (2016, p. 377): “quais traços caracterizam a razão neoliberal? Podemos destacar quatro traços”. O primeiro, que o mercado se apresente como uma realidade construída, requer a intervenção ativa do Estado e a instauração de um sistema de direito específico. O discurso neoliberal se distancia da ontologia da ordem mercantil. Como fundamento de sua própria legitimidade, adota explicitamente seu caráter de projeto construtivista. A segunda refere-se à essência da ordem de mercado que não reside na troca, mas na concorrência, definida como relação de desigualdade entre diferentes unidades de produção ou empresas. Por conseguinte, construir o mercado implica fazer valer a concorrência como norma geral das práticas econômicas (DARDOT; LAVAL, 2016).

A terceira característica, faz menção a novidade, tanto relativamente ao primeiro liberalismo quanto ao liberalismo reformador dos anos 1890-1920. O Estado não é simplesmente o guardião vigilante desse quadro. Ele próprio, em sua ação, é submetido a norma da concorrência. O Estado é obrigado a ver a si mesmo como uma empresa, tanto no seu funcionamento interno como em sua relação com os outros Estados. Assim, o Estado, ao qual compete construir o mercado, precisa ao mesmo tempo construir-se de acordo com as normas de mercado. A quarta e última característica, encontra-se relacionada à exigência de uma universalização da norma da concorrência, que ultrapassa largamente as fronteiras do Estado, atingindo diretamente, até mesmo os indivíduos em sua relação consigo mesmos. Ou seja, o modo de governamentalidade, própria do neoliberalismo, cobre o conjunto das técnicas de governo que ultrapassam a estrita ação de Estado e orquestram a forma como os sujeitos se conduzem por si mesmos. A empresa é promotora do modelo de subjetivação: cada indivíduo é uma empresa que deve se gerir e um capital que deve se fazer frutificar (DARDOT; LAVAL, 2016).

O neoliberalismo político tem diversas consequências, como na reconstrução das condutas efetivas do indivíduo, estimulando o governo de si. Visa ter como máxima os interesses, a partir da lógica individual comprometida com as relações de concorrência. A seguir, as reflexões em torno do neoliberalismo e do capitalismo como regra de conduta nos diversos âmbitos da vida e do viver, seja na economia, no governo de si e na sociedade, articulada às possíveis implicações efetivas.

1.3 NEOLIBERALISMO E CAPITALISMO: implicações efetivas

A partir do neoliberalismo torna-se possível compreender e identificar as fases do capitalismo sob diversos aspectos, entre eles, a desregulamentação geral da economia, a diminuição de investimentos em políticas sociais, a imposição de precariedades nas relações de trabalho, o ajuste para um Estado mínimo, o controle de gastos públicos e a privatização das empresas estatais. Tais características representam o neoliberalismo como principal oposição à regulamentação, pois, valoriza a competição entre os indivíduos e a livre concorrência de comércio, tudo em favor da diminuição dos gastos estatais com a previdência social e nos setores da educação e saúde. Estas medidas fazem alusão ao funcionamento do mercado que, sem inibidores rígidos do Estado e com medidas adotadas elevam a geração de emprego e o aumento da renda que resultam em ações positivas de lucro e produtividade.

Dardot e Laval (2016, s/p) fazem referência a Schumpeter, ao afirmarem “que a inovação é a principal forma de competição; mais do que a vantagem de preço, a concorrência visa as estratégias, os processos e os produtos”. Essa afirmativa evidencia as duas principais maneiras da concorrência presentes no capitalismo: inovação e concorrência.

Por um lado, tem-se a concorrência de preços, como também a competição por meio da inovação. O capitalismo neoliberal, obviamente, não acaba com a concorrência de preços, mas ao dar um lugar novo a concorrência por meio da inovação, aproveita melhor a complementariedade desses dois modos de competição, com o fim de alargar o seu âmbito e de intensificar o seu jogo (DARDOT; LAVAL, 2016; HARVEY, 2005). No plano econômico visa uma nova lógica de mercado, a partir da inovação e da concorrência de preços. Na inovação divide-se o trabalho cognitivo, predominante nos setores da tecnologia, em meios de produção que acontecem via repartição do conhecimento, desenvolvidos e organizados por blocos homogêneos, a exemplo da biotecnologia, a farmacêutica, os eletrônicos, a informática, entre outros. Segundo Dardot e Laval (2016, s/p) “isto é feito de acordo com a natureza do conhecimento e das habilidades, pois se trata de tirar proveito do comando da repartição dessas atividades. Pretende-se, incentivar a corrida da inovação”.

Sob o discurso neoliberal, a globalização prima a automação em obter, formar, moldar e adequar indivíduos capazes de melhorar seu desempenho e, manter a constante concorrência de mercado e de si mesmo com eficácia. As condições de concorrência tornam-se obrigatórias e todas as atividades humanas ocorrem com base nos princípios da lógica competitiva. Esta nova norma envolve todas as profissões e atividades do indivíduo, dissemina o discurso como

uma solução para reduzir custos e aumentar a produtividade de trabalho. A lógica capitalista tem como objetivo conquistar a interioridade do indivíduo, capturar sua subjetividade via meio de produção, trabalho alienado, concorrência e exploração constituídas como capital humano. Segundo Dardot e Laval (2016) e também Foucault (2008) para pôr os indivíduos em concorrência, para empurrá-los ao máximo desempenho, é preciso por um preço sobre o que eles fazem e mesmo sobre o que eles são. Avaliar significa dar um valor àquilo que, posto nas condições específicas de um mercado, apresentaria um preço. Construir um quase-mercado, portanto, envolve a definição de uma quase-moeda. É preciso dispor de um sistema de informação, que seja análogo ao sistema de preços que existe num mercado. Um sistema de mercado concorrencial requer um dispositivo de produção de valor. Para Laval (2019, p. 78) “o mercado toma o lugar do Estado e se torna a instância mediadora que estabelece o valor profissional do indivíduo”.

A globalização é, frequentemente, considerada como um inelutável progresso no sentido da homogeneidade cultural, um conjunto de forças a tornar os estados-nação obsoletos e, pode resultar em algo parecido como uma política mundial, ao refletir o crescimento irresistível da tecnologia da informação. Na medida em que, a globalização afeta as políticas educacionais, a apreciação da natureza e a força extranacional, corrobora com as reformas similares ao nível da ação global e da educação nos diferentes países, por meio da ação de mercado e da devolução (DALE, 2004). O autor sugere que uma teoria efetiva dos efeitos da globalização sobre educação precisa:

- (a) Especificar a natureza da globalização
- (b) Indicar claramente o que é que se quer dizer com educação
- (c) Especificar como é que a globalização afeta a educação, quer diretamente, de forma identificável, e indiretamente quer, e por consequência, especificando outras mudanças que possa trazer no seu próprio interior ou no setor da educação (DALE, 2004, p. 425).

Porém, “A educação não é um negócio, é uma criação. A educação não deve qualificar para o mercado, mas para a vida. A educação não é uma mercadoria” (MESZÁROS, 2008, p. 10). Pensando na construção da ruptura com a lógica do capital, Mészáros (2008) reflete sobre algumas questões de primeira ordem voltadas para a educação, entre elas: Qual o papel da educação na construção de um outro mundo possível? Como construir uma educação cuja, principal referência seja o ser humano? Como se constitui uma educação que realize as transformações políticas, econômicas, culturais e sociais? Em resposta o autor argumenta que,

o simples acesso à escola é condição necessária, mas não suficiente para tirar das sombras do esquecimento social milhões de pessoas cuja existência só é reconhecida nos quadros estatísticos. O deslocamento do processo de exclusão educacional não se dá mais, principalmente na questão do acesso à escola, mas sim dentro dela, nas instituições da educação formal. O que está em jogo não é apenas a modificação política dos processos educacionais, que praticam e agravam o *apartheid* social, mas a reprodução da estrutura de valores que contribui para perpetuar uma concepção de mundo baseada na sociedade mercantil (MESZÁROS, 2008).

A divisão do trabalho, também voltada a fragmentação do processo de produção e a possibilidade de tornar mínimos os custos e as demandas de bens de serviços, tem como principal característica, competir no mercado pelos preços em setores mercantis. Para Dardot e Laval (2016, s/p) a grande questão prática do neoliberalismo vem a ser:

Como dobrar os indivíduos a sua norma, todos os indivíduos, incluindo-se aqueles que não sentem diretamente a pressão do mercado sem seu trabalho? Como fazer os indivíduos internalizarem a pressão externa da concorrência de modo a fazê-los, adotá-la como norma de subjetividade?

A novidade do neoliberalismo consiste, precisamente em que, ele busca uma homogeneização, que funciona para além da divisão entre mercado e não-mercado, por meio da imposição de um padrão de relações autoritárias e punitivas em todos os níveis da existência individual e coletiva. No comportamento econômico e na relação do indivíduo consigo mesmo, no âmbito mais global e no âmbito mais íntimo, uma mesma forma relacional agora tende a prevalecer. A concorrência, no capitalismo global, não comanda apenas a transformação dos fins e das modalidades da ação pública, pois ela é também o meio pelo qual essas ações podem melhorar o seu desempenho em todos os setores. Como o fator competitivo mais importante hoje é o capital humano, a formação do indivíduo, o seu desenvolvimento pessoal dentro e fora da empresa, a sua subjetividade no trabalho e fora dele, ele também deve ser remodelado de acordo com o princípio da concorrência (DARDOT; LAVAL, 2016). Em outras palavras “a máscara social que devemos representar torna-se uma máscara de ferro, que se infiltra em nossa face impedindo a revelação da carne que a subjaz” (DUNKER, 2020, p. 104).

Nas afirmativas de Dunker (2020, p. 106) a disciplina, o método de vida, a ordem escolhida para alcançar o sucesso, tornam-se agora uma camisa de força que leva o cavaleiro a reconhecer-se com uma armadura vazia. Constroi um laço de fidelidade com a empresa na qual

trabalha, sente-se traído quando o dispense por contingências alheias ao seu desempenho individual.

Por meio da avaliação quantitativa, os indivíduos tornam-se controladores de si, calculáveis instrumentos de produção, dessubjetivados, cooptados, robôs autômatos, tudo imbricado à lógica de autocontrole e desempenho. Neste sentido, a avaliação, de caráter auto referencial considera certos aspectos absurdos como o sistema de preços, as investigações científicas, as produções acadêmicas, a educação emancipadora, a atividade policial, o número de estrangeiros nas fronteiras, os assassinatos na periferia (negros, pobres), as vítimas afetadas pelo coronavírus, os homossexuais, as mães solteiras, os desempregados, entre tantas outras. De acordo com Dardot e Laval (2016) a principal qualidade de uma quantificação consiste em quem faz economia de referência mais ampla a outro sistema de valores, a uma outra forma de avaliação e de julgamento mais demorada. O sistema de preços elimina a necessidade de uma deliberação mais complexa e longa, permite a redução dos custos da produção em um julgamento com base em vários critérios heterogêneos.

Codificar e quantificar uma atividade consiste precisamente em reduzi-la a uma dada informação, bem simples, a qual permite uma decisão rápida e, eventualmente, uma sanção mercantil, sem discussão. É bem essa lógica que se espalhou por meio da difusão das ferramentas que servem ao gerenciamento dos serviços e dos indivíduos do mundo dos negócios e, agora, nos mais diversos campos de atividade. Por meio desses métodos e técnicas, toda uma disciplina contábil passa a regular a vida dos indivíduos (DARDOT; LAVAL, 2016, p. s/p).

A partir da cultura de resultados torna-se possível a abertura sobre o julgamento de valores. Os critérios de julgamento, com base nos princípios da ética e principalmente da política, são substituídos pelas avaliações em torno da eficiência e do desempenho sob a nuance ideológica neutra. Tais aspectos representam a obscuridade voltada para as finalidades das instituições, vinculadas à uma norma específica de não reconhecimento dos valores de cada instituição. Sob a perspectiva da instituição escolar “os liberais apresentam a liberdade de escolha escolar como uma maneira eficiente de regulação, ou seja, um modo de reprodução” (LAVAL, 2019, p. 180). O mercado de ensino é na prática uma máquina de discriminar os filhos das classes populares. A desigualdade perante a escola não é fruto apenas de uma seleção pela escolha, mas resultado das condições desiguais de escolha da escola (2019, p. 180).

Segundo Dunker (2020), Dardot e Laval (2016) sofremos com o excesso de normas, de regras e de restrições que impedem a realização de nosso potencial desejante, expressivo e laboral. Tais regulações foram introduzidas para assegurar um ambiente de equidade e justiça,

no entanto, passam a ser percebidas como um excesso, como uma limitação ao livre-mercado, à livre expressão de si e ao exercício do desejo. A reconstrução neoliberal transforma os cidadãos em consumidores de serviços, que nunca tem em vista, nada além de, sua satisfação egoísta, o que faz que sejam tratados como tais, por procedimentos de vigilância, restrição, punição e responsabilização.

Segundo Dunker (2020, p. 105) “trabalhamos demais, poluímos demais, consumimos demais, esperamos demais de nossos ideais, aceleramos nossas perspectivas de desempenho a níveis inumanos”. Portanto,

Uma vida baseada em métricas e resultados tende a menosprezar os processos e os caminhos pelas quais ela enfrenta e resolve, os conflitos que ela incorpora, as histórias que ela torna possíveis de seres contadas. A contradição, nesse caso, é que uma vida baseada no excesso de produção e de resultados aparece, retrospectivamente, para seus agentes e atores como desinteressante. Se o último capítulo é tudo o que vale, temos apenas uma história mais curta para o tédio, a apatia e sentimento de irrelevância. Se tudo o que importa são os resultados, nossa gramática de reconhecimento acentua o fato de que somos substituíveis. Somos trocáveis por outrem que desempenhará, necessariamente, nosso papel de maneira mais eficaz e mais produtiva em termos de acumulação de valor. No entanto, para aqueles que se sentem reciclados por gerações mais jovens que desempenham melhor e mais rápido o seu papel o sentimento de que sofreremos com o excesso de experiências improdutivas de determinação será tônico (DUNKER, 2020, p. 105).

Dunker referecia a competição, como a mais perfeita expressão da guerra, de todos contra todos, que grassa na sociedade burguesa moderna. Essa guerra, guerra pela vida, pela existência, por tudo e, que pode ser, se necessário, uma guerra de morte, não apenas coloca em enfrentamento as diferentes classes da sociedade, mas também os diferentes membros dessas classes; cada um fecha o caminho para os outros; cada um tenta afastar todos os que estão em seu caminho ou querem tomar seu lugar. Os trabalhadores concorrem entre si, do mesmo modo que o faz a burguesia.

Nas compreensões de Dardot e Laval (2016) ocorreram dois grandes impulsos paralelos relacionados ao modo de ser gente, de ser considerado cidadão ao viés da democracia política e do capitalismo. O ser humano moderno foi concebido e dividido em cidadão dotado de direitos inalienáveis e, num ser humano econômico guiado por seus interesses, o ser humano como fim e o ser humano como instrumento. A modernidade consagrou o ser humano como instrumento, por meio de práticas e estratégias firmadas nos princípios de lucro, concorrência e produtivismo. A mercantilização de tais práticas, tomou como regra geral a contratualização, contratos voluntários entre indivíduos livres. Para os autores (2016, p. 325) “o novo governo

dos seres humanos penetra até em seu pensamento, acompanha, orienta, estimula e educa esse pensamento”.

O poder passa a ser reconhecido como base para uma legislação indireta propriamente determinada a cumprir interesses e conduzir os indivíduos a partir da mão invisível e poderosa da soberania produtiva, cuja finalidade é vigiar a liberdade e as escolhas dos indivíduos. Uma trama de poder reunida sob o mesmo discurso que, na égide da racionalidade empresarial, implica em técnicas de avaliação, normas de conduta, desempenho pessoal e profissional, desenvolvimento de competências, entre outros. Tudo em prol do capitalismo. Segundo Dardot e Laval (2016) o que distingue esse indivíduo é o próprio processo de aprimoramento que ele realiza sobre si mesmo, levando-o a melhorar incessantemente seus resultados e desempenhos. Os novos paradigmas que englobam tanto o mercado de trabalho como a educação, a formação e a empregabilidade constituem-se como modalidades estratégicas de relevante significado. Os referenciam as proposições de Ulrich Beck, a Sociedade de risco:

O capitalismo avançado destrói a dimensão coletiva da existência: destrói não só as estruturas tradicionais que o precederam, sobretudo a família, mas também as estruturas que ajudou a criar, como as classes sociais. Assistimos a uma individualização radical que faz com que todas as formas de crise social sejam percebidas como crises individuais, todas as desigualdades sejam atribuídas a uma responsabilidade individual. A maquinaria instaurada transforma as causas externas em responsabilidades individuais e os problemas ligados ao sistema em fracassos pessoais (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 348).

Nos dias atuais torna-se comum o discurso voltado à educação e à formação acadêmica e profissional, com implicações para o mercado de trabalho. A formação torna-se utilitarista, por priorizar formar indivíduos aptos para atuar nas diversas esferas no mundo do trabalho. Neste sentido a escola tem como objetivo formar e preparar o *homo faber*, desde a mais tenra idade. Formar o indivíduo produtivo, trabalhador e consumista. Segundo Dardot e Laval (2016, p. 338) “o discurso gerencial envolve múltiplas técnicas que propõem um trabalho do eu para facilitar a eclosão do ser humano-autor de sua vida”. Os autores advertem, obrigado a realizar seu objetivo, o indivíduo da avaliação é igualmente constrangido a impor ao outro (subordinado, cliente, paciente ou aluno) as prioridades da hierarquia presentes na instituição.

Na continuidade tratamos, especificamente, do indivíduo humano imbricado a um novo modo de viver e de ser. Submetido a diversas condicionantes que o levam a dessubjetivação seja, na esfera econômica, social ou familiar. Tais condicionantes, desenvolvidas a partir da política neoliberal voltam-se para a massificação, sujeição, rendição, escravização, obediência,

entre outras. Aliam-se aos dispositivos de conduta do ser humano em sua totalidade de ser e viver.

1.4 A FÁBRICA DO NÃO SER HUMANO NEOLIBERAL

A política neoliberal deve mudar o modo de ser e viver do ser humano. Numa economia em constante movimento, a adaptação é uma tarefa sempre atual para que se possa recriar uma harmonia entre a maneira como ele, o ser humano, vive e pensa as condicionantes econômicas às quais deve se submeter. Nascido num estágio antigo, herdeiro de hábitos, modos de consciência e condicionamentos inscritos no passado, o ser humano é um inadaptado crônico que deve ser objeto de políticas específicas de readaptação e modernização. E essas políticas devem chegar ao ponto de mudar a própria maneira como o ser humano concebe seu viver e seu destino a fim de evitar os sofrimentos morais e os conflitos inter ou intraindividuais (DARDOT; LAVAL, 2016).

As políticas sobre uma reconfiguração da condição humana consistem num conjunto de reformas sociais, abordam a eugenia e a educação como aspectos globais de adaptação vinculadas à competição. Tais políticas de adaptação exigem indivíduos com qualidades diferentes das exigidas nos tempos arcaicos. Nos dias atuais a qualidade encontra-se atribuída às diversas atividades do fazer humano, nas especificidades e nas subjetividades, determinadas pelas políticas de globalização do trabalho empresarial, em nome do sucesso da economia mercantil. Para Dardot e Laval (2016, p. 321) “não faltam hoje descrições do homem hipermoderno, impreciso, flexível, precário, fluido, sem gravidade”.

A sociedade vista como uma empresa necessita de uma nova norma subjetiva, sendo o indivíduo neoliberal oriundo de dispositivos de desempenho e gozo de suas atribuições. Esse indivíduo encontra-se em formação e mutação revelando uma nova condição do ser humano. Segundo Dardot e Laval (2016) as reflexões de Lancan (1998) reportam à ciência e ao capitalismo, enquanto contraditórios: a ciência de um lado e o capitalismo de outro. Essa metáfora faz parte do discurso científico, relacionado ao que o ser humano é, ao que ele faz. Trata-se de construir o indivíduo/animal produtivo e consumidor, um indivíduo de labor, de necessidades, desejos e cobiças como condição humana de existência. A figura do indivíduo homem-empresa ou sujeito empresarial, evoca uma rede de sanções por meio de estímulos e comprometimentos a partir de um novo tipo de funcionamento psíquico. Esse novo mecanismo

contribui para diversos aspectos na relação indivíduo-trabalho, entre elas, no devir-outro do indivíduo, na reorganização da sociedade, das empresas e das instituições. Tais aspectos se fazem sob o viés da multiplicação, da intensificação, da concorrência, das relações de mercado, da competição e dos comportamentos do ser humano empresa e do ser humano empreendedor, via racionalidade neoliberal. Para Dardot e Laval (2016, p. 322) “o homem benthamiano¹⁸ era o homem calculador do mercado e o homem produtivo das organizações industriais. O homem neoliberal é o homem competitivo, inteiramente imerso na competição mundial”. Para Žižek (2011, p. 33) “o capitalismo é um sistema que não tem pretensões filosóficas, não está em busca da felicidade. A única coisa que diz é: isso funciona. E para quem quer viver melhor é preferível usar este mecanismo porque funciona. O único critério é a eficiência”.

As antigas metodologias e disciplinas rigorosas que priorizavam a coerção para adestrar corpos e dobrá-los no intuito de torná-los dóceis, formar e moldar o sujeito, foram substituídas pela subjetividade envolvida no cumprimento das atividades exigidas. Para isso, torna-se necessário conhecer o indivíduo e, principalmente, o desejo que o constitui: trata-se de um novo tipo de poder. Para Dardot e Laval (2016, p. 327) “trata-se de ver nele o sujeito ativo que deve participar inteiramente, engajar-se plenamente, entregar-se por completo à sua atividade profissional”, ou seja:

O sujeito unitário é o sujeito do envolvimento total de si. A vontade de realização pessoal, o projeto que se quer levar a cabo, a motivação que anima o colaborador da empresa, enfim, o desejo com todos os nomes que se queira dar a ele é o alvo do novo poder. O ser desejante não é apenas o ponto de aplicação desse poder; ele é substituto dos dispositivos de direção das condutas. Porque o efeito procurado pelas novas práticas de fabricação e gestão do novo sujeito é fazer com que o indivíduo trabalhe para a empresa como se trabalhasse para si mesmo e, assim, eliminar qualquer sentimento de alienação e até mesmo qualquer distância entre o indivíduo e a empresa que o emprega. Ele deve trabalhar para sua própria eficácia, para a intensificação de seu esforço, como se essa conduta viesse dele próprio, como se esta lhe fosse comandada de dentro por uma ordem imperiosa de seu próprio desejo, a qual ele não pode resistir (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 327).

Para Dardot e Laval (2016, p. 328) “Empresa é também o nome que se deve dar ao governo de si na era neoliberal”. Esse governo de si empresarial vai além da cultura empresarial, encontra-se vinculado a valorização ideológica, considera a empresa um lugar de realização pessoal, de bem-estar material, prioriza o sucesso comercial e financeiro, contribui para a

¹⁸ O poder já não é somente a vontade soberana, mas como Bentham diz tão bem, torna-se método oblíquo ou legislação indireta, destinada a conduzir os interesses. Postular a liberdade de escolha, suscitar e construir na prática essa liberdade, pressupõe que os sujeitos sejam conduzidos por uma mão invisível a fazer as escolhas que serão proveitosas a todos e a cada um (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 325).

prosperidade universal da população. Ainda de acordo com Dardot e Laval (2016, p. 329) “tem a marca da mais inflexível e mais clássica das violências sociais típicas do capitalismo: a tendência a transformar o trabalhador em uma simples mercadoria”.

A neogestão nas empresas possibilita diversas transformações referente ao *status* do trabalhador, entre elas, a insegurança dos assalariados, as novas técnicas de emprego, a facilidade para demitir funcionários, o empobrecimento da classe popular, a diminuição do poder de compra e a possível dependência do trabalhador. Esses fatores, considerados negativos para o trabalhador, representam a contribuição subjetiva da empresa para a instauração de novas estratégias de gestão, tendo o medo social como seu principal aliado e, assim, desenvolver indivíduos aptos às novas condições impostas. Segundo Laval (2019) a novidade consiste em promover uma reação em cadeia, produzindo sujeitos empreendedores que, por sua vez, reproduzirão, ampliarão e reformarão as relações de competição entre eles, o que exigirá, segundo a lógica do processo autorrealizador, que eles se adaptem subjetivamente as condições cada vez mais duras que eles mesmos produziram.

Nas reflexões dos autores, impõem-se ao indivíduo o conformar-se ao trabalho constante, sob a seguinte imagem:

Ele deve cuidar constantemente para ser o mais eficaz possível, mostrar-se inteiramente envolvido no trabalho, aperfeiçoar-se por uma aprendizagem contínua, aceitar a grande flexibilidade exigida pelas mudanças incessantes impostas pelo mercado. Especialista em si mesmo, empregador de si mesmo, inventor de si mesmo, empreendedor de si mesmo: a racionalidade neoliberal sobre si mesmo para fortalecer-se e, assim, sobreviver na competição. Todas as suas atividades devem assemelhar-se a uma produção, a um investimento, a um cálculo de custos. A economia torna-se uma disciplina pessoal (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 330/331).

Tornar-se mais produtivo, tornando a empresa mais produtiva. Tais pressupostos visam transformar o indivíduo num microcosmo em constante harmonia com o mundo empresarial, com o macrocosmo mercantil e com a melhoria do desempenho do indivíduo, na apresentação de si mesmo como estratégia da política mundial. Para Dardot e Laval (2016, p. 335) “no novo mundo da sociedade em desenvolvimento, o indivíduo não deve mais se ver como um trabalhador, mas como uma empresa que vende um serviço em um mercado”.

O velho sujeito submetido às violações físicas disciplinares e coercitivas, no qual era tido como inferior e a ser inferiorizado, torna-se um sujeito empresário de si, cuidador de si, desvinculado de todos e de seus interesses. Neste sentido, o indivíduo não necessita mais de comandos externos, ele passa a ser seu próprio empresário, o empreendedor de si mesmo e dos outros. A responsabilidade pelo sucesso ou pelo fracasso são resultados de seu trabalho, esforço,

criatividade e produtividade. O próximo item aborda essa nova política de construção do indivíduo neoliberal como produto de mercado, onde o indivíduo também possui um preço, um valor.

1.5 MERCANTILIZAÇÃO DE TUDO

A liberdade subjetiva constitui uma nova maneira de sujeição às leis imparciais de difícil controle, mas de alta valorização pelo capital. O indivíduo ao ser induzido a ser proprietário de si mesmo, acredita gozar das suas capacidades naturais, acredita exercer sua razão e vontade, ser proclamador do mundo a partir de sua autonomia. Todas essas subjetividades representam as engrenagens dos imensos mecanismos da economia política, vinculadas às mudanças e transformações engendradas no indivíduo, a partir da relação mercantil, suas consequências e dissoluções exercidas pelo mercado sobre os vínculos humanos. Dardot e Laval (2016) e Laval (2019) concordam que a mercantilização das relações sociais, juntamente com a urbanização, foi um dos fatores mais poderosos da emancipação do indivíduo com relação a tradições, raízes, apegos familiares e fidelidades pessoais.

O individualismo moderno encontra-se no cerne das relações humanas, o indivíduo vivencia experiências de liberdade na relação com o outro por meio de direitos legitimados. A aliança e a filiação representam maneiras antigas de reciprocidade política, substituídas pelas configurações de contrato voluntário de pessoas livres, a partir da contratualização como norma geral. Por meio do dispositivo de eficácia constitui-se um conluio de técnicas disciplinares e normativas em prol da sociedade capitalista. O dispositivo de eficácia tem como propósito inculcar nos indivíduos diversas estratégias em favor dos atrativos e do enriquecimento da esfera privada. As estratégias versam sobre o controle do próprio corpo, reorganizar de maneira produtiva o trabalho, reinventar moradias, bem como o descanso, o ser, o ter, o lazer e o fazer. Tais aspectos, sob o viés do novo ideal de ser humano, visa um indivíduo calculador e produtivo imbricado ao enorme circuito da produção e do consumo.

A principal ação disciplinar que tem como base gestar mentes, encontra-se conectada ao corpo para compreender a funcionalidade da subjetividade, no educar, moldar, orientar, estimular e acompanhar o pensamento do indivíduo destinado a conduzir interesses. Segundo, Dardot e Laval (2016) por trás dessa representação encontra-se, não tanto um grande engenheiro, mas uma máquina que funciona idealmente por si só e encontra, em cada indivíduo,

uma engrenagem pronta a responder às necessidades de arranjo do conjunto. Contudo, é preciso fabricar e manter essa engrenagem.

Atualmente, a humanidade encontra-se envolta em diversas engrenagens produzidas pelos mecanismos de poder, disseminadas em prol dos interesses da economia e do mercado mundial. O indivíduo passou a ser considerado proprietário de si, responsável por suas ações, seu sucesso ou fracasso, pela produtividade gerada na empresa, pela competência, pela habilidade, pelo desenvolvimento econômico, social e cultural. Estima-se que os acontecimentos de uma dada situação/ação podem implicar, afetar a sociedade de modo geral, e assim produzir o efeito borboleta¹⁹. Os acontecimentos de um determinado meio afetam os acontecimentos de outro meio, uma relação circular de interdependência.

As ações governamentais que induzem a mercantilização total, tornam-se significativas no aumento dos serviços privados, na busca pela melhor condição de vida, pela melhor formação acadêmica, profissional ou pessoal. Nos deparamos com *experts* nas mais diversas áreas, a saber, na saúde, nas tecnologias, na psicologia, na economia, nas empresas, nas engenharias, na medicina, na advocacia, nas escolas, entre outras. Todos visam o sucesso, a felicidade e a submissão do indivíduo aos interesses da classe dominante.

A sociedade industrial, que cria o ser humano produtivo, com na premissa de aumentar a produção material, considera as decorrências de sua ação sobre a produção em todos os domínios de sua existência, ou seja, o ser humano conduzido pelos prazeres, dores e sofrimentos. Nas reflexões de Dardot e Laval (2016) e Laval (2019), governado é governável pelas sensações: se o indivíduo deve ser considerado em sua liberdade, ele também é um rematado patife, um delinquente em potencial, um ser movido antes de tudo por seu próprio interesse. A nova política inaugura-se como o monumento panóptico erguido como glória da vigilância, de todos por cada um e de cada um por todos. Mas podemos perguntar: porque vigiar os sujeitos e maximizar o poder? A resposta impõe-se por si só: para produzir a maior felicidade. A lei da eficácia é intensificar os esforços e os resultados e minimizar os gastos inúteis. Fabricar seres humanos úteis, dóceis ao trabalho, dispostos ao consumo, fabricar o indivíduo eficaz.

¹⁹O Efeito Borboleta é um dos resultados centrais da Teoria do Caos, que foi descoberta em 1960 pelo matemático e meteorologista Edward Lorenz. Em 1972, no título de um artigo, Lorenz perguntou: "Poderia um bater de asas de uma borboleta no Brasil, causar um tornado no Texas?". Claro que um simples bater de asas de uma única borboleta não causa um tornado por conta própria. Existem milhares de borboletas e se cada uma delas causasse um tornado, o mundo seria um verdadeiro caos! Não é disso que se trata o efeito borboleta, mas sim como pequenas mudanças nas condições iniciais de grandes sistemas, podem levar a mudanças drásticas nos resultados. Essa história de borboletas causarem tufões era apenas uma forma demonstrativa. "Sistemas", neste caso, poderia ser qualquer coisa sobre padrões climáticos, ou a forma como grandes grupos de asteroides se movem, ou simplesmente como as pessoas interagem (HIPER CULTURA, 2020 s/p).

O conjunto da racionalidade possibilita aspirar e inovar as condutas do indivíduo, o modo de controle, a influência exercida, a redefinição das obrigações e as configurações da atuação pública na perspectiva da governamentalidade empresarial. A partir, de métodos de governança produzir indivíduos competitivos, expostos aos riscos e responsáveis por si mesmos. Segundo Dardot e Laval (2016, p. 332);

A empresa torna-se não apenas um modelo geral que deve ser imitado, como também uma atitude que deve ser valorizada na criança e no aluno, uma energia potencial que deve ser solicitada no assalariado, uma maneira de ser que é produzida pelas mudanças institucionais e ao mesmo tempo produz melhorias em todos os domínios.

Nessa condição, o governo de si, juntamente com o governo da sociedade, estabelece uma nova ética por meio do desenvolvimento do trabalho, da vigilância, dos procedimentos de avaliação do espírito capitalista. Referente a racionalização do desejo Dardot e Laval (2016, p. 333) citam Bob Aubrey, consultor internacional californiano, “falar de empresa de si mesmo é traduzir a ideia de que cada indivíduo pode ter domínio sobre a vida”, ou seja,

Conduzí-la, gerí-la e controlá-la em função de seus desejos e necessidades, elaborando estratégias adequadas. Enquanto maneira de ser do eu humano, a empresa de si mesmo constitui um modo de governar-se de acordo com valores e princípios. Destaque para alguns: “Energia, iniciativa, ambição, cálculo e responsabilidade pessoal”. Trata-se do indivíduo competente e competitivo, que procura maximizar seu capital humano em todos os campos, que não procura apenas projetar-se no futuro e calcular ganhos e custos como o velho homem econômico, mas que procura sobretudo trabalhar a si mesmo com o intuito de transformar-se continuamente, aprimorar-se, tornar-se sempre mais eficaz (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 333).

Por meio de estratégias que visam a empregabilidade, a formação por toda a vida, a formação científica, a educação e o mercado de trabalho, o indivíduo promove a melhoria do seu desempenho e produtividade. Neste sentido, a ética empresarial emana a força, o vigor, o sucesso, na busca da realização pessoal, no intuito do indivíduo tornar-se bem-sucedido, reconhecido pelo seu destaque e sucesso profissional dentro e fora da empresa. A concepção do governo, de si ou como empresa de si, compreendida como uma entidade tanto psicológica quanto social, está presente em todas as dimensões humanas. Essa nova concepção transforma o contrato de trabalho e assemelha-se à relação de salário contratual, visa o indivíduo como responsável pela valorização de seu trabalho, objeto da gestão do mercado mundial.

Conforme Dardot e Laval (2016) a equivalência entre a valorização mercantil do trabalho e a valorização de si próprio, leva a empresa de si mesmo a uma forma moderna de

cuidado de si, numa versão contemporânea da *epimeleia*. Ainda, hoje a *epimeleia* consistiria em gerir um portfólio de atividades, desenvolver estratégias de aprendizagem, casamento, amizade, educação dos filhos, a administrar o capital da empresa de si mesmo.

Envolve tudo o que possibilita nutrir o capital, seja familiar ou individual, experiências, formação, sabedoria e contratos, mas também energia e saúde, carteira de clientes, rendimentos e bens. Empresário de si mesmo é encontrar um sentido, um compromisso na globalidade da vida, o que começa cedo, somos empreendedores de nós mesmos assim que nos perguntamos sobre o que queremos fazer do viver. Toda a atividade é empresarial, porque nada mais é garantido para toda a vida. Tudo deve ser conquistado e definido a todo momento. A criança mesma deve ser empreendedora de seu saber. Tudo se torna empresa: o trabalho, o consumo e o lazer, já que se procura tirar deste o máximo de riquezas, utilizá-lo para a realização de si mesmo como maneira de criar (DARDOT; LAVAL, 2016).

No próximo item, apresentaremos indicativos da historicidade do fenômeno da humanização entrelaçada às raízes da deturpação dessa mesma concepção humana. São indicativos, presentes na cultura patriarcal, de onde nasce e cresce esse desejo fundante do indivíduo ser empreendedor de si.

1.6 DESSUBJETIVAÇÃO HUMANA

No contexto das sociedades humanas priorizamos uma lógica predominante de base patriarcal que exige, não sujeitos autopoieticos, mas sujeitados, dessubjetivados/cooptados, obedientes a determinações vindas de fora. Marketing e ideologias condicionam populações inteiras, um fenômeno possível uma vez que os estímulos condicionadores são amplos e ininterruptos. Temos subjetividades moldadas pela lógica neoliberal, atenta ao mundo capitalista, um gigantesco e violento sistema de formatação e condicionamento que constrói e conserva o mercado do poder: biopoder e política. Nas reflexões de Assmann (1996) lá atrás em nossa evolução, teria acontecido que membros rivais da nossa espécie, ao brigarem pela posse dos mesmos objetos, descobriram a fatalidade de que o compartilhar tudo é coisa impossível e o enfrentamento apropriador – como rivais – é inevitável, a não ser que, se inventasse um jeito de sublimar a raiva agressiva e a destrutividade recíproca por algum caminho mais amistoso. O autor cita que: “a partir do uivo primal e agressivo e dos medos inevitáveis, se passou a criar o gesto, a linguagem, o sagrado e a cultura. Esse acontecimento

oriundo no passado, faz parte do nosso cotidiano de cada dia e sempre” (ASSMANN, 1996, p. 128).

Os acontecimentos do passado, ou seja, os acontecimentos que fazem parte do cotidiano humano, constituem a contemporaneidade. Agamben (2009, p. 55) questiona: “O que é o contemporâneo?” “E, de quem e do que somos contemporâneos? O que significa ser contemporâneo?” (2009, p. 57). Agamben, apoiado em Nietzsche (1874) afirma que o contemporâneo é o intempestivo. As considerações intempestivas com as quais quer acertar as contas com o seu tempo e tomar posição em relação ao presente. O intempestivo compreende como inconveniente e defeituoso algo da época que a cultura sente orgulho, pois contemporâneo é tudo aquilo que não coincide com este tempo e nem está adequado as suas pretensões, é inatural. Isso, significa ser contemporâneo (AGAMBEN, 2009).

A contemporaneidade, de acordo com Agamben (2009), é uma singular relação com o próprio tempo que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias, uma relação com o tempo, que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Para o autor (2009, p. 62) “o contemporâneo deve manter fixo o olhar no seu tempo”. Sendo assim, contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não somente as luzes, mas também o escuro. Todos os tempos são obscuros, para quem deles experimenta contemporaneidade (AGAMBEN, 2009). Nesse sentido, contemporâneo é aquele que consegue compreender e ver a obscuridade no presente. A obscuridade do passado, presente no cotidiano atual.

O contemporâneo é aquele que percebe o escuro de seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpretá-lo, algo que mais do que toda luz, dirige-se direta ou singularmente a ele. Contemporâneo é aquele que recebe em pleno rosto o fecho de trevas que provem do seu tempo. Ser contemporâneo é antes de tudo, uma questão de coragem: porque significa ser capaz não apenas de manter fixo o olhar no escuro da época, mas também de perceber nesse escuro uma luz que, dirigida para nós, distancia-se infinitamente de nós. Ou ainda: ser pontual num compromisso ao qual se pode apenas não faltar (AGAMBEN, 2009, p. 64/65).

Compreender a contemporaneidade implica aprender que o presente, não é de fato apenas distante, ele não nos alcança. “Por isso somos contemporâneos a esse tempo” (AGAMBEN, 2009, p. 65). Segundo o autor (2009) o compromisso contemporâneo urge no tempo cronológico e o transforma. Essa urgência é a intempestividade, o anacronismo que permite apreender o nosso tempo no modo de um muito cedo, um muito tarde, um já ou um ainda não. Equivale a reconhecer nas trevas do presente a luz, que sem nunca poder nos alcançar, está perenemente em viagem até nós, importa “ser contemporâneo não apenas do

nosso século e do agora, mas também das suas figuras nos textos e nos documentos do passado” (2009, p. 73).

Nas proposições de Agamben (2009) a relação entre os indivíduos como seres viventes e históricos, entende-se ao conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras que concretizam as relações de poder. Significa a realização de uma pura atividade de governo sem nenhum fundamento no ser. Isto sugere que os dispositivos devem sempre implicar um processo de subjetivação, devem produzir seu sujeito. Ainda segundo o autor, o termo dispositivo, no uso foucaultiano, remete a um conjunto de práticas e mecanismos (linguísticos e não-linguísticos, jurídicos, técnicos e militares) que tem por objetivo fazer frente a uma urgência e de obter um efeito mais ou menos imediato. Mas, em qual estratégia de práxis ou de pensamento, em qual contexto histórico o termo moderno teve origem? (AGAMBEN, 2009).

Na possibilidade de resposta e reflexão referente ao termo dispositivo, afirma Agamben (2009) que o mesmo tem origem latina *dispositio*, do qual deriva o nosso termo dispositivo, para assumir em si toda a complexa esfera semântica da *oikonomia* teológica. Os dispositivos, dos quais falava Foucault, estão de algum modo conectados com esta herança teológica. Podem ser, de alguma maneira, reconduzidos à fratura que divide e articula em Deus, ser e práxis, a natureza ou essência e a operação, por meio da qual, ele administra e governa o mundo das criaturas. A palavra dispositivo é um termo técnico decisivo na estratégia do pensamento de Foucault. O autor o usa com frequência, sobretudo a partir da metade dos anos 1970, quando começa a se ocupar daquilo que chamava de governamentalidade ou de governo dos indivíduos.

O termo dispositivo pode ser resumido em três pontos fundamentais, quais sejam:

- a) É um conjunto heterogêneo, linguístico e não-linguístico, inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, leis, instituições, edifícios, leis, medidas de polícia, proposições filosóficas, etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos.
- b) O dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta e se inscreve sempre numa relação de poder.
- c) Como tal, resulta do cruzamento de relações de poder e de relações de saber (AGAMBEN, 2009, p. 29).

Com base em Agamben (2009) e num contexto moderno, podemos chamar de dispositivo, qualquer coisa que tenha, de algum modo, a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente prisões e manicômios, panóptico, escolas e confissão, mas também as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas, etc. Todas conectadas com o poder e, num certo sentido evidente, mas pode-se ainda incluir a caneta, a escritura, a

literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e a própria linguagem, talvez o mais antigo dos dispositivos. O dispositivo linguagem que, há milhares de anos um primata, sem se dar conta das consequências que se seguiriam, teve a inconsciência de se deixar capturar (AGAMBEN, 2009). Ainda, segundo o autor “temos duas grandes classes, os seres vivos (ou as substâncias) e os dispositivos. E, entre os dois, a terceira classe, os sujeitos. Chamamos de sujeitos o que resulta da relação do corpo a corpo entre os vivos e os dispositivos” (AGAMBEN, 2009, p. 41).

Os dispositivos de poder implicam normas subjetivas, desenvolvidas para sociedades de massa e massificação, vinculadas aos índices de controle social, seja, por meio da mídia, da religião, das regras sociais, da família, das condutas humanas, da economia, da cultura, da escola, entre outros. A partir dos diversos dispositivos de controle social, moldam-se e classificam-se padrões como modelos de comportamentos visando a funcionalidade lógica e instrumental dos indivíduos, já não mais considerados individualidades e singularidades. Para Agamben (2009) o ilimitado crescimento dos dispositivos, corresponde a uma disseminada proliferação de processos de subjetivação. Trata-se de uma disseminação que leva ao extremo o aspecto de mascaramento que sempre acompanhou toda identidade pessoal.

Os dispositivos não são um acidente em que os indivíduos humanos caíram por acaso, mas tem sua raiz no mesmo processo de humanização, que tornou humanos os animais que classificamos como *homo sapiens*. Na raiz de todo dispositivo está um desejo demasiadamente humano de felicidade e, a captura e a subjetivação deste desejo, numa esfera separada, constituem a potência específica do dispositivo (AGAMBEN, 2009). O autor afirma que “o dispositivo é, antes de tudo, uma máquina que produz subjetivações e somente enquanto tal é também uma máquina de governo” (2009, p. 46). Como um novo *ethos* capitalista torna-se eficaz para o bem comum e tem na razão instrumental, uma das bases necessárias para estabelecer técnicas de exploração, ganância, individualismo, competição. Essas técnicas estão firmadas nas relações socioeconômicas de produção capitalista, na vertente neoliberal, ou seja, a realização de uma vida autônoma sob o prisma ilusório de liberdade e superação espiritual, onde permaneceriam intactas as subjetividades.

Capturar em si as mais íntimas dimensões da vida e do viver humanos, produzir em grande escala técnicas utilitárias que fabricam desejos e controle das condutas, normalizar comportamentos, regulamentar processos de subjetivação, passa a ser tão importante e um paralelo complementar àquilo que, desde o passado remoto, foi uma das sagradas bandeiras históricas, qual seja, eliminar e exterminar pessoas, eliminar e exterminar culturas e crenças diversas, porque consideradas causadoras de problemas. A desmedida em relação ao cuidado

de si, se enfileira junto à histórica desmedida das ações de barbárie e de desumanização do outro, como estrangeiro e incivilizado. O abandono do cuidado de si se equipara a atos de corrupção, às ações de indiferença e de abandono, também nos falsos discursos contra as injustiças, as crueldades e as maldades. Ao varrer para os porões do esquecimento nosso ser *politikós*, como um ser a construir no devir, nos aproximamos, copiamos e reproduzimos abençoando as tantas crueldades cometidas historicamente e que transformaram em cinzas as tantas vítimas de nossas injustiças (AGAMBEN, 2007).

Neste cenário ameaçador, intranquilo e de dessubjetivações, encontra-se o empresário de si, o novo indivíduo neoliberal. E, nesse prisma de ilusões, medo, angústias, fracassos, capturas e rendições, importa questionar: o que somos enquanto seres vivos e humanos? Somos uma empresa? Somos um parque humano? Somos máquinas? Quais desejos impulsionam o indivíduo? O que caracteriza o indivíduo como ser desejante?

Compreende-se o domínio de si mesmo como uma ideia e um querer fazer efetivo, principalmente no que se refere à escolhas, possibilidades e oportunidades. As vivências humanas encontram-se permeadas pelas ações efficientistas, instrumentalizadas, rápidas e flexibilizadas para o empreendedorismo, o empresário de si. Podemos dizer que, estamos numa beira desejante, desejamos posses, riquezas, status, mais e mais. Mas, de onde vem esse desejo, que leva o indivíduo a subjetivação de si próprio? Há quem afirme que são oriundos do nosso inconsciente maquínico, termo usado por Deleuze e Guattari (2010). O conceito inconsciente maquínico, propõe repensar a subjetividade humana através de sínteses que ele opera. Para os autores o inconsciente é uma máquina! Ele é literalmente maquínico! Ele se constitui de peças que se acoplam e de energia que circula. Os autores inauguram uma psicologia do inconsciente transcendental. Transcendental (e não transcendente) porque oferece as condições de funcionamento imanente e imediatamente real, não está em nenhum outro lugar (DELEUZE; GUATTARI, 2010). De acordo com Deleuze e Guattari (2010, p. 373) “o inconsciente diz respeito à física; não é absolutamente por metáfora que o corpo sem órgãos e as suas intensidades são a própria matéria”. Segundo os autores (2010) o inconsciente maquínico possui três peças, entre elas, os objetos parciais - são as peças trabalhando sobre o corpo sem órgãos, peças que se unem umas com as outras. O motor imóvel - o plano onde tudo acontece, é o corpo de órgãos que ao mesmo tempo arranja e desarranja as máquinas. A peça adjacente - a subjetividade é resultado de um determinado funcionamento das máquinas, ela é o produto final.

A máquina desejante não é uma metáfora. Para os autores ela é o que corta e, é cortado segundo três modos: o primeiro modo remete à síntese conectiva e mobiliza a libido como

energia de extração; o segundo, à síntese disjuntiva que mobiliza o *Numen* como energia de desligamento; o terceiro, à síntese conjuntiva e a *Voluptas* como energia residual. É, sob estes três aspectos, que o processo de produção desejanter é simultaneamente produção de produção, produção de registro, produção de consumo. Extrair, desligar, restar, a regra de produzir sempre o produzir, inserir o produzido no produto, é a característica das máquinas desejanter ou da produção primária, ou seja, produção de produção (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Para os autores, “tudo isso, é produzir, é efetuar as operações reais do desejo” (2010, p. 61).

Falar de inconsciente requer, refletir o modo pelo qual as máquinas desejanter realizam suas sínteses, os encontros que elas operam. Tais sínteses são inconscientes e involuntárias, elas existem aquém do indivíduo, são máquinas desejanter pré-individuais e a-subjetivas. Se o desejo produz, ele produz real. Se o desejo é produtor, ele só pode sê-lo na realidade e de realidade. O desejo é esse conjunto de sínteses passivas que maquinam os objetos parciais, os fluxos e os corpos, e que funcionam como unidades de produção. O real decorre disso, é o resultado das sínteses passivas do desejo como autoprodução do inconsciente. O desejo e o seu objeto constituem uma só e mesma coisa - a máquina, enquanto máquina de máquina. O desejo é máquina, o objeto do desejo é também máquina conectada, de modo que o produto é extraído do produzir e algo se destaca do produzir, passando ao produto e dando um resto ao indivíduo nômade e vagabundo. O objetivo do desejo é o real em si mesmo (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

Não é o desejo que se apoia nas necessidades. Ao contrário, são as necessidades que derivam do desejo. Elas são contraproduzidas no real que o desejo produz. A falta é um contra efeito do desejo, depositada, arrumada, vacuolizada no real natural e social. O desejo, torna-se então, esse medo abjeto da falta. Mas, não são precisamente os pobres ou os espoliados que dizem isso. Estes, ao contrário, sabem que estão próximos da erva, e que o desejo só tem necessidade de poucas coisas. Não dessas coisas que lhes são deixadas, mas das próprias coisas que lhes são incessantemente tiradas e, que não constituem uma falta no coração do indivíduo, mas sobretudo a objetividade do ser humano. O ser objetivo do indivíduo para quem desejar é produzir e produzir na realidade. O real não é impossível, ao contrário, no real tudo é possível, tudo devém possível (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Ainda, segundo os autores, a produção nunca é organizada em função de uma falta anterior. A falta é que vem alojar-se, vacuolizar-se, propagar-se de acordo com a organização de uma produção prévia. É arte de uma classe dominante, essa prática do vazio como economia de mercado: organizar a falta na abundância de produção, descarregar todo o desejo no grande medo de se ter falta, fazê-lo depender do objeto, de uma produção real que se supõe exterior ao desejo (as exigências da racionalidade),

enquanto a produção do desejo é vinculada a máquinas desejanter e sociais (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 45).

Nas reflexões de Deleuze e Guattari (2010) o capitalismo instaura ou restaura todos os tipos de territorialidades residuais, imaginárias ou simbólicas, sobre as quais ele tenta, bem ou mal, recodificar, reter as pessoas derivadas das quantidades abstratas. Tudo repassa ou regressa, os Estados, as pátrias, as famílias. É isto, que faz do capitalismo, na sua ideologia, a pintura mesclada de tudo aquilo em que se acredita. Como é que o processo de produção do desejo, como é que as máquinas desejanter da criança começaram a funcionar no vazio até o infinito, de modo a produzir a criança-máquina? Como é que o processo se transformou num fim? Ou então, como é que ele foi vítima de uma interrupção prematura ou de uma horrível exasperação? A máquina continua a ser desejo, posição de desejo que prossegue a sua história através do recalçamento originário e, do retorno do recalçado, em toda a sucessão de máquinas paranoicas, máquinas miraculantes e máquinas celibatárias.

Até o bebê nos seus jogos e suas comidas, nas suas cadeias e meditações, se encontra já preso a uma produção desejanter, em que os pais desempenham o papel de objetos parciais, de testemunhas, de relatores e agentes no decorrer de um processo que os transborda por todos os lados e que põe o desejo numa relação imediata com uma realidade histórica e social (DELEUZE; GUATTARI, 2010). O desejo é na sua essência e, nenhuma sociedade pode suportar uma posição de desejo verdadeiro sem que suas estruturas de exploração, de sujeição e de hierarquia sejam comprometidas.

A maior parte da humanidade, vive o presente em uma cultura que aliena nossos fundamentos, alienando-nos na apropriação, no poder, nas hierarquias, na guerra. A forma de viver, na cultura patriarcal restringe nossa compreensão da vida e da natureza e, leva-nos a uma manipulação unidirecional de tudo, pelo desejo de controlar o viver. Nós humanos, somos seres emocionais como todos os mamíferos e que, por existirmos na linguagem e no conversar, usamos a razão para justificar nossos desejos. Geramos miséria ao nosso redor, movidos pelo desejo de um enriquecimento ilimitado pela apropriação de tudo a qualquer custo, sob o argumento de que a livre empresa é um direito. Destruímos e alteramos o mundo natural, induzidos por nosso orgulho de mestres do tecnológico, queremos controlá-lo e explorá-lo, argumentando que esse é o nosso direito, visto que, somos os seres mais inteligentes da Terra. Vivemos em tensão e exigência porque, no sermos melhores, competimos e usamos os outros, e não o nosso próprio fazer, como medida do nosso valor, afirmando que a competição leva ao progresso e que este é um valor (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004). Os autores afirmam, “habitualmente atuamos, de modo consciente e inconsciente, segundo nossos desejos.

Nem sempre somos responsáveis por eles, geramos nos outros e em nós um sofrimento nem sempre desejado” (2004, p. 113).

Construímos uma diferente base de reflexão sobre o indivíduo, agora envolto num conjunto de técnicas, desejos e práticas que reiteram a sujeição e a massificação autogerada, a partir dos dispositivos biopolíticos e do governo de si. Os valores empresariais são o alicerce das ações e do pensamento do empresário de si, o indivíduo é produto do neoliberalismo e, sob o viés da biopolítica conforma sua subjetividade. O empresário de si acredita no seu crescimento, visa a competição e a liberdade de mercado, propõe uma relação objetiva de crescimento infinito. E assim, nasce gradativamente a dupla perfeita da ideologia de mercado: o indivíduo neoliberal e o empresário de si, com foco na supervalorização de si e de seu crescimento produtivo, infinito.

Cabe questionar: o que somos e, como somos ser vivos e seres humanos? Apenas seres humanos vivos *bíos* - tipo vida nua - *homo sacer*? Seres políticos, com emocionalidade, sociais, racionais? Somos empresa? No que, estamos nos transformando? Sloterdijk (2000) apoiado em ideias de Platão, menciona que desde *O Político* e, desde *A República* correm pelo mundo discursos que falam da comunidade humana como um parque e, a partir de então, a manutenção de seres humanos em parques ou cidades surge como uma tarefa zoopolítica. O que pode parecer um pensamento sobre a política, torna-se uma reflexão basilar sobre regras para a administração de parques humanos, cidades, escolas, hospitais, sindicatos entre tantos outros. Indivíduos humanos são seres que cuidam de si mesmos, que guardam a si mesmos, que onde quer que vivam, geram a seu redor um ambiente de parque. Sejam parques municipais, estaduais, nacionais, ecológicos, por toda parte os indivíduos precisam decidir como sua automanutenção deve ser regulada.

Nas ideias platônicas, os seres criados em terra, constituem o grupo de seres que andam com os próprios pés, pois faltam-lhes asas. A essa população designam-se certas características, entre elas, as de animais mansos por natureza. Os indivíduos humanos fazem parte deste grupo domesticável. Nesse sentido, a arte de pastorear encontra-se dividida, entre o pastoreio exercido por meio da violência tirânica e, o pastoreio exercido pela vontade espontânea. Segundo Sloterdijk (2000) a razão pela qual o senhor platônico é um senhor, reside no conhecimento régio da arte da criação, em uma perícia rara e refletida. Emerge o reinado de peritos, cujo fundamento de direito baseia-se no conhecimento de como as pessoas devem ser classificadas e combinadas, sem jamais causar dano a sua natureza de agentes voluntários. E avança,

afirmando que uma antropotécnica²⁰ exige do estadista que ele saiba como entrelaçar, da maneira mais efetiva as características mais favoráveis à comunidade de pessoas voluntariamente dóceis, de modo que, sob sua direção o parque humano alcance a melhor homeostase possível. O programa de uma sociedade humanista que se encarna em um único humanista pleno, o senhor da arte do pastoreio. Sua principal tarefa constitui-se em planejar as características de uma elite que deve ser especificamente criada em benefício do todo (SLOTERDIJK, 2000).

Segundo Solterdijk (2000) o pastor platônico é um pastor digno de credibilidade, encara a imagem terrena do único e originalmente verdadeiro pastor, do Deus que, no início de Cronos, havia cuidado diretamente do indivíduo humano. Deus, o único guardião e criador original dos seres humanos. As questões supracitadas, convidam a refletir sobre nossos viveres, conviveres e fazeres, sobre nosso desejar, aqui e agora, seja no âmbito familiar, escolar, social, histórico empresarial e cultural do humano em seu constante vir a ser entrelaçado a ações pertencentes à ética neoliberal.

E, sob a perspectiva das ações presentes na ética neoliberal capitalista, Trindade (2019, s/p) chama a atenção;

Missão: Crescer infinitamente, valorizar a si mesmo;
 Visão: Liberdade para negociar e empreender. O mundo é um mercado aberto e global onde levamos nossos interesses pessoais com o intuito de crescer mais e mais;
 Valores: liderança, compromisso, dedicação completa, arriscar a si mesmo, obter resultados atrás de resultados, eficiência e desempenho.

O direito dos indivíduos, como individualidade, passa despercebido e inicia-se uma nova razão de mundo, o grande lance é o indivíduo auto empreendedor, auto desejante maquínico, agora é cada um por si. Nesta relação patriarcal vivemos a competição, a força, o vencer, estamos imersos em diversas situações de perigo, de incertezas e de angústias. O empreendedor de si mesmo, vive constantemente o risco do fracasso, da falência, seja ela emocional ou financeira, os viveres encontram-se nas incertezas, nas dúvidas, tudo torna-se inconstante, precário, frágil, desanimador, vivemos a liquidez das relações humanas, bem como, dos desejos experienciais. Mas, nesse mundo incerto e angustiante, o indivíduo

²⁰ Hipótese da autoconstrução do humano, na qual as diversas atividades – sentimentos, trabalho, comunicação, mas, sobretudo ritualismo e repetições – retroagem sobre o próprio homem, o modificam e o criam. Através de uma forma aparente de humanismo e de busca da transcendência – a religião – assistimos na realidade a uma nova prática da construção de si, que você chama de antropotécnica (SLOTERDIJK, 2016).

empreendedor de si, possui a potência de sempre apresentar-se ativo, pronto aos interesses do mercado, sempre em busca do fazer mais e reclamar menos, realizando desejos desejantes.

Entre os empreendedores encontram-se duas classes distintas, a primeira se refere aos indivíduos dominados, são aqueles considerados excluídos, aqueles que nunca conquistarão nada na vida, os medrosos, os sem perspectivas, sem rumos, sem futuro, os ninguém, os não capturáveis pelos desejos fabricados. São os redundantes, segundo Bauman (1998). A segunda classe representa os indivíduos considerados empresários de si, pois estes indivíduos têm paixão pelo perigo, arriscam-se constantemente, dão tudo de si. São empreendedores dominantes, tem coragem e audácia nas suas ações, principalmente as práticas voltadas a liderança e chefia, estes indivíduos estão sempre na frente, acima dos demais. Eric Pezet contribui com Dardot e Laval (2016), ao abordar o desempenho que constitui o mercado em sua plena extensão.

Diferentes técnicas, como coaching, programação neurolinguística (PNL), análise transacional (AT) e múltiplos procedimentos ligados a uma 'escola' ou um 'guru' visam a um melhor 'domínio de si mesmo', das emoções, do estresse, das relações com clientes ou colaboradores, chefes ou subordinados. Todos têm como objetivo fortalecer o eu, adaptá-lo melhor à realidade, torná-lo mais operacional em situações difíceis. Todos têm sua história, suas teorias, suas instituições correspondentes. O que nos interessa são os pontos que nos unem. O primeiro aspecto é que todos se apresentam com saberes psicológicos, com um léxico especial, autores de referência, metodologias particulares, modos de argumentação de feição empírica e racional. O segundo aspecto é que se apresentam como técnicas de transformação dos indivíduos que podem ser utilizadas tanto dentro como fora da empresa, a partir de um conjunto de princípios básicos (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 339).

Na busca desenfreada pelo lucro, sucesso, ascensão profissional, reconhecimento e perspectiva emocional e financeira, o indivíduo ouve atento aos conselhos ministrados pelo seu coach, com determinação e resiliência. Prima pelo desenvolvimento de suas características na perspectiva de crescer junto à empresa, a partir das suas competências e habilidades, visando melhorias e meritocracia. Todas são ações que objetivam criar um indivíduo eficaz para o mercado de trabalho, eficaz para o lucro, para a massificação, moldagem e exploração. Sob a sombra da ilusão em torno do empresário de si, vem a responsabilidade, a automotivação, a falsa liberdade e o aumento do desempenho, também sob a premissa de investimento em si mesmo. Tudo o que possa vir acontecer, tem o indivíduo como principal responsável, seja nas ações que não deram certo, nos erros, nas estatísticas e nas metas. O indivíduo é autoculpabilizado por meio da autocoerção econômica e financeira do mercado.

Não atingir as metas propostas, os índices de lucro, não alcançar os patamares de produção financeira no mundo do empreendedorismo é motivo para sentir vergonha, desonra e

fracasso. Revelar os medos, as inseguranças, as fragilidades e as incertezas é considerado sinônimo de fraqueza. O empreendedor de si, é um indivíduo forte, astuto e bem-sucedido. Sob o viés da obscuridade subjetiva da escravidão e da servidão absoluta, procura sua recompensa na falsa ideia de investir em si mesmo, como capital humano, por meio da autoestima aferida ao mundo mercadológico e produtivo. Vivemos a era líquida e, de acordo com Bauman (2009) a sociedade prioriza seus valores no ter, nas especulações financeiras, na realização do desejo de compra e consumo. Isso caracteriza um *status* social líquido.

Na atual sociedade capitalista, prioriza-se o indivíduo produtivo, chefe e empregado ao mesmo tempo, criando um neossujeito. O neossujeito cria seu horário de trabalho, rotina, investimentos, consultas relacionadas a empresa, encontra-se sempre disponível para o trabalho. É comprometido com o progresso e o bem-estar da empresa. Ele não tem tempo livre. Segundo Deleuze e Guattari (2010) o empresário de si, ou seja, o senhor de si, imerso nos meios de produção de suas funções, instaura a escravidão e a sujeição. Nesse processo, não há senhores, pois escravos chefiam escravos. O indivíduo humano torna-se escravo da máquina social, é mais escravo que o último dos escravos e o primeiro servidor da máquina esfomeada, da reprodução do capital, da interiorização da dívida infinita. Nesse processo, o indivíduo é como o entesourador dominado por sua paixão cega e, pela riqueza abstrata pelo valor.

1.6.1 “Senhores e Escravos”? Poder sobre si e sobre os outros

O indivíduo neoliberal foi uma importante criação do mundo moderno capitalista, resultado das subjetividades produzidas pela sociedade biopolítica. Exige novos tempos, novas subjetividades e novos indivíduos para atender os interesses do meio empresarial e empreendedor. As relações humanas encontram-se voltadas à máxima de desempenho, visando lucro, imersas na ideia de competição - indivíduo produtivo altamente eficaz. A subjetividade moderna captura do indivíduo todo tempo, ocupação, potencial e maneiras de existir. O indivíduo passa a ser seu trabalho, está constantemente imbricado ao trabalho todas as horas de seu dia, vive e respira seu trabalho. Para Trindade (2019) se o sujeito produtivo precisava de ordens a seguir, o sujeito neoliberal precisa ser criativo, ser inovador; se o sujeito produtivo tem um chefe, o neoliberal é ao mesmo tempo seu próprio chefe e empregado. O produtivo tem horário de entrada e de saída, salário fixo, o neossujeito faz seu próprio horário, responde e-mails de madrugada e investe na bolsa nas horas vagas.

Essas ações evidenciam o indivíduo neoliberal, um neossujeito com características impregnadas em seu ser, um indivíduo corajoso, eficaz e comprometido com o progresso, onde somente os fortes e destemidos sobrevivem. Nesta selva capitalista, criada pela biopolítica, todos possuem responsabilidades, seja na função de senhor, ou na função de escravo. A biopolítica capitalista exige dos indivíduos investimentos em si mesmo, para o efetivo alcance dos objetivos. Tudo se volta para a produção, o cálculo, os custos, o corpo moldado, as máquinas, a dessubjetivação, a insegurança, medo, meios de sobrevivência e, principalmente, os lucros financeiros como máximas do mercado. De acordo com Laval (2019) admiradores dos empresários, de seus métodos e de seus êxitos comerciais e financeiros, compartilham as mesmas concepções sobre a sociedade e o indivíduo e, com frequência, apresentam as mesmas características sociais e mentais. O mercado financeiro foi constituído em agente disciplinante para todos os atores da empresa, desde o dirigente até o assalariado de base. Todos devem submeter-se ao princípio de responsabilidade, a necessidade de prestar contas e ser avaliado em função dos resultados obtidos.

Cada indivíduo foi levado a conceber-se e comportar-se, em todas as dimensões de sua vida, como um capital que deve valorizar-se. Estudos universitários pagos, constituição de uma poupança individual para a aposentadoria, compra da casa própria e investimentos a longo prazo, em títulos da bolsa são aspectos dessa capitalização da vida individual, que ganha terreno na classe assalariada (DARDOT; LAVAL, 2016). Nesta perspectiva, o indivíduo tem sua recompensa onipresente e ilusória em seu trabalho, ele não pode parar, ele é seu próprio acionista, um trabalhador explorado e explorador. O indivíduo não tem direito ao descanso, pois, sua funcionalidade volta-se para a infundável obrigação de produtividade e desempenho, sua vida agora é o seu trabalho, uma nova maneira de escravidão, consentida via subjetividade de existência e sobrevivência. De acordo com Trindade (2019, s/p) ele precisa ser o melhor no trabalho, o melhor pai, o melhor marido, o mais saudável, o mais inteligente, o melhor na cama. É preciso produzir mais, gozar mais, viajar mais, ser mais magro, ter um carro mais caro. Vivemos um teatro social de heróis, semideuses e deuses.

Nas proposições de Laval (2019) a lógica é muito clara: se a escola é uma empresa que produz um serviço, se depende de uma eficiência mensurável, se seu custo deve ser controlado ou reduzido, a organização educativa deve ter à frente um organizador que seja capaz de dirigir uma equipe e se responsabilize pela produção de valor agregado pela empresa. “Os administradores do ensino se tornaram os novos “capitães da educação”, cuja identidade se construiu a partir do modelo dos capitães de indústria” (LAVAL, 2019, p. 252). Na atualidade, nos deparamos com um número exacerbado de programas interativos de mídias informativas,

tais programas têm como principal atratividade a competição, seja por meio do desempenho ou pela motivação. Sua funcionalidade alcança com abrangência, desde o público infante-juvenil, até uma programação diversa para o público adulto. Nesse sentido, crianças, adolescentes, jovens e adultos primam sua participação a partir da competição. Exibicionismo por meio da competição para a melhor nota, ser mais ágil, mais inteligente, possuir raciocínio lógico mais rápido, cantar melhor, ser o(a) melhor cozinheiro(a). Tais competições exploram a singularidade, a originalidade, convencendo cada participante a obter maior público e admiradores em busca da fama, do sucesso imediato, dinheiro fácil e, principalmente, consagrar-se pela mídia.

A competitividade também faz parte de outros âmbitos de nosso viver, a saber, na vivência escolar, por meio do sistema de notas, estudante mais participativo, líder de turma, presidente do Grêmio Estudantil, estudante mais apto no esporte, nas disciplinas de diversas áreas da educação formal. Na Prova Brasil, Prova Ana, Olimpíadas de Matemática, ENEM, Vestibulares, entre tantas outras maneiras que estimulam e visam a competição com respaldo e destaque aos melhores estudantes e participantes destas modalidades. Somam-se estatísticas, números, índices, somos quantificáveis via comparação, disjunção, fragmentação dos saberes e de conhecimentos.

A competição também se faz presente em âmbitos familiares, por meio da educação patriarcal que visa, muitas vezes, obediência, desprezo, indiferença, desigualdade, crítica destrutiva, violência e outras. A violência conservada traz como possíveis consequências traumas, rancores, perda de autoestima, mágoas e ressentimentos, entre tantas outras formas, que violam a conduta humana, sob a égide do *homo sapiens-amans agressans e homo sapiens-amans arrogans*. Segundo Maturana e Yáñez (2009, p. 53) “a linhagem *agressans* ocorre num conviver que conserva as cegueiras de agressão. E a linhagem *arrogans* ocorre num conviver que conserva as cegueiras da arrogância”. Esses modos de viver apareceram, muitas vezes, em eras posteriores durante nossa história patriarcal – Era do apoderamento, sob a amaneira de fanatismos e impérios que geraram sua própria extinção com a dor humana e/ou com o dano ambiental que produziram no viver nas cegueiras que produzem a agressão e a arrogância (MATURANA; YÁÑEZ, 2009).

A competitividade envolve todos os seres humanos, coletiva ou individualmente sua maneira de ser, fazer e estar. Somos competidores em constante busca por algo melhor, mais bonito, mais caro, luxuoso, confortável, prazeroso e instantâneo. Competimos pela vaga de emprego, pelo melhor salário, pela fila no supermercado, pela vaga de estacionamento, pelo assento do transporte público, pela melhoria da casa, pelo automóvel top de linha, pela melhor

escola, pela vaga no curso superior, medicina, engenharia e advocacia, pois, tais cursos ‘representam’, sucesso, prestígio e ascensão social. Nas reflexões de Dardot e Laval (2016, p. 353);

O novo sujeito é o ser humano da competição e do desempenho. O empreendedor de si é um ser feito para ganhar, ser bem-sucedido. O esporte de competição, mais ainda que as figuras idealizadas dos dirigentes de empresa, continua a ser o grande teatro social que revela os deuses, os semideuses e os heróis modernos.

Vê-se uma completa homogeneização do discurso neoliberal capitalista. Todos competindo igualmente, são colocados na mesma fila onde, num ponto se encontram os vencedores e na outra, os perdedores. Todos igualmente cansados, humilhados, tristes, frustrados. A competição opera uma unificação, sem precedentes das formas plurais da subjetividade. Quando o capitalismo chega na alma, ele finalmente tomou tudo (TRINDADE, 2019). Nas proposições de Han (2017) a sociedade moderna, enquanto sociedade do trabalho, aniquila toda a possibilidade de agir, degradando o indivíduo humano a um *animal laborans* – um animal trabalhador. [...]. “Todas as formas de vida activa, tanto do produzir quanto do agir, decaem ao patamar do trabalho (HAN, 2017, p. 41). Para o autor “a economia capitalista absolutiza a sobrevivência. Ela se nutre da ilusão, que mais capital gera mais vida e gera mais capacidade para viver. A preocupação por uma boa vida dá lugar à histeria pela sobrevivência” (2017, p. 107).

Eis a Biopolítica, como um conjunto de mecanismos através dos quais aquilo que constitui a espécie humana e suas características biológicas fundamentais, uma política, uma estratégia política, uma estratégia geral de poder. Em outras palavras, a maneira como a sociedade Ocidental moderna, a partir do século XVIII leva em conta o fato biológico fundamental, de que o ser humano constitui uma espécie humana. Uma série de fenômenos que constituem a bioplítica/biopoder, tanto em Foucault, quanto em Agamben, assuntos desenvolvidos na sequência.

O termo biopolítica nasce em Foucault em 1976, contempla o pleno desenvolvimento de seu curso, ‘Em Defesa da Sociedade’ (2005) e a publicação do primeiro volume da obra ‘História da Sexualidade’ (1993). Diversas questões chamam a atenção de Foucault, principalmente as questões relacionadas a biopolítica. Por essa concepção, o autor visa compreender a maneira como o poder se desenvolve e conduz a vida e os viveres humanos. Os problemas evidenciados por meio de práticas de governo, a partir dos fenômenos que

constituem o conjunto de viventes, seja, na esfera populacional, na saúde, na moradia, nas natalidades, mortalidade, raças, trabalho, educação, higiene, longevidade, entre outros.

Nas reflexões de Foucault (2005), a biopolítica é algo que acontece na política, a partir do século XVII e principalmente no século XVIII. A biopolítica implica tornar a atividade política, a atividade do Estado uma ação de governo sobre a vida biológica dos indivíduos e, sobretudo, enquanto uma ação do Estado sobre a vida da população. A biopolítica visa o controle dos corpos e da população como um todo. A partir do século XX o termo biopolítica consagrou-se por meio das diversas obras de Foucault. Ele afirma que o Estado e a política se transformam em domínio sobre a vida, que é também promoção da vida. Cita como exemplo o nascimento das políticas públicas, onde o Estado tem como tarefa cuidar da saúde das pessoas e fazer com que elas frequentem a escola. Nasce a obrigatoriedade da escolarização e nasce também a estatística, um saber do Estado sobre os indivíduos e sobre a população, para que essa população se torne dócil e produtiva (ASSMANN, 2014).

Para Agamben, na obra intitulada ESTADO DE EXCEÇÃO (2004) a política desde sempre foi biopolítica, e não só a partir do século XVIII. Ele defende em suas obras que a biopolítica é uma característica da política desde o início daquilo que se pode chamar de história Ocidental, desde Aristóteles. Promove a vida das pessoas, mas ao mesmo tempo, isso tem um custo, o controle da vida das pessoas. O autor cita como exemplo a segurança pública, ela é de alguma forma uma ação biopolítica. Nós queremos que o Estado cuide de nossa segurança, cuide do nosso corpo. Faça muros, tenha policiais em toda a parte. No fundo queremos que o Estado seja biopolítico (ASSMANN, 2014).

A história do direito à vida, o direito a saúde, o direito a felicidade, a satisfação da necessidade e toda questão dos direitos humanos, possuem algo vinculado nessa perspectiva de Foucault. Foucault e Agamben são críticos dos direitos humanos, pois ao mesmo tempo em que, os direitos humanos declaram que a pessoa é de algum modo dominada pelo Estado, ele é a condição para que se possa ser cidadão. Assmann (2014) faz menção a Rousseau que, no século XVIII afirmava que ser cidadão é condenação, a pessoa é condenada a ser cidadão. E, ser cidadão, torna-se a condição para poder ser alguém diante do estado. Ao mesmo tempo ser cidadão significa estar submetido a uma lei, a um governo central. Portanto, ser gente e ser cidadão não necessariamente são coisas compatíveis. Pela biopolítica se assinala a duplicidade das coisas (ASSMANN, 2014).

A partir dos anos de 1974-1985, em uma Conferência de Medicina Social, na Bahia, Foucault fez uso do termo biopolítica pela primeira vez. No início de seus estudos e pesquisas ele identificava biopoder como biopolítica, como sendo sinônimos. Foucault faz uso dos dois

termos biopolítica e biopoder, enquanto Agamben usa somente o termo biopolítica. A partir de algumas obras Foucault faz a distinção entre os dois termos. Para maior compreensão e reflexão acerca dos termos, Assmann (2014) menciona que para Foucault biopoder é um nome geral que se atribui a ação do Estado sobre o indivíduo e caracteriza o que ele chama de poder disciplinar, torna cada corpo humano dócil e produtivo, para render muito mais, principalmente nas fábricas. Isso é chamado de biopoder - poder de disciplinar, que é uma ação do Estado sobre o indivíduo.

Hannah Arendt (2010) fala que toda vez que a modernidade reduz a condição humana num ser animal que trabalha, ocorre o enaltecimento e a defesa da vida biológica. Arendt questiona: ao transformar os seres humanos em mera vida biológica, meros corpos de funcionalidade, porque a biopolítica passou a ser considerada importante para as diversas áreas de estudo, em diversos países, a partir de uns 30 anos para cá? Numa tentativa de resposta ao questionamento Duarte, filósofo da Universidade do Paraná e estudioso das proposições de Arendt, diz: a biopolítica passou a ser importante, quando estava sendo implodida a rigidez dicotômica da distinção biológica tradicional da política de direita e de esquerda. Houve um tempo em que, esta distinção de direita começou a não ter mais tanto sentido e, talvez por isso, o conceito, o termo biopolítica passou a ser útil para entender melhor os acontecimentos da atualidade (ASSMANN, 2014).

De acordo com Agamben (2002), Foucault começou a orientar com maior insistência as suas pesquisas para aquilo que definia como biopolítica, num crescente envolvimento da vida natural do ser humano nos mecanismos e nos cálculos de poder. Foucault deu continuidade às suas indagações referentes ao processo de subjetivação que, na passagem entre o mundo antigo e o moderno, levam o indivíduo a objetivar o próprio eu, a constituir-se como indivíduo, perpetuado a um poder de controle externo, uma política totalitária, o desenvolvimento de um poder sobre a vida e o viver.

O poder sobre a vida e o viver do indivíduo humano compreende também o econômico, o consumismo, a vida a crédito. Tais mecanismos evidenciam nossa relação com o mundo e tem como consequência a fragmentação, a divisão, o supérfluo, a rapidez, a vida escravizada pelo desejo de compra fácil. Nas reflexões de Agamben (2007), na esfera do consumismo, a mercadoria faz parte do objeto, se distingue em valor de uso e valor de troca e, se transforma em fetiche inapreensível, tudo o que é feito, produzido e vivido, também o corpo humano e a linguagem, acaba sendo dividido por si mesmo e, deslocado para uma esfera separada que já não define nenhuma divisão substancial e na qual todo uso se torna duravelmente impossível.

Os dispositivos do culto capitalista são tão eficazes porque agem não apenas e nem

sobretudo sobre os comportamentos primários, mas sobre os meios puros, ou seja, sobre comportamentos que foram separados de si mesmos e, assim, separados da sua relação com uma finalidade. Para Agamben (2007), na sua fase extrema, o capitalismo não é senão um gigantesco dispositivo de captura dos meios puros, ou seja, dos comportamentos profanatórios. Os meios puros, que representam a desativação e a ruptura de qualquer separação, acabam por sua vez sendo separados em uma esfera especial. Exemplo disso é a linguagem. Certamente o poder sempre procurou assegurar o controle da comunicação social, servindo-se da linguagem como meio para difundir a própria ideologia e para induzir a obediência voluntária. Hoje, tal função instrumental é ainda eficaz a margem do sistema, quando se verificam situações de perigo e de exceção dando lugar a um procedimento diferente de controle, que ao ser separado na esfera espetacular, atinge a linguagem no seu rodar no vazio ou seja, no seu possível potencial profanatório. Mais essencial do que a função de propaganda, que diz respeito a linguagem como instrumento voltado para um fim, é a captura e a neutralização do meio puro por excelência, isto é, da linguagem que se emancipou dos seus fins comunicativos e, assim se prepara para um novo uso (AGAMBEN, 2007).

Os dispositivos midiáticos, tem como objetivo neutralizar e impedir o poder profanado da linguagem, por meio da negação de experiências e possibilidades de fazer um novo uso da palavra. Nas reflexões de Agamben (2007. p. 70) “todo dispositivo de poder sempre é duplo: por um lado, resulta de um comportamento individual de subjetivação e, por outro, da sua captura numa esfera separada”. Agamben (2002, p. 110) chama a atenção “se hoje não existe mais uma figura predeterminável do ser humano sacro, é talvez, porque somos todos virtualmente *homines sacri*”.

A vida matável e insacrificável, constitui a compreensão da vida sacra. O humanitário separado do político não pode senão reproduzir o isolamento da vida sacra, sobre o qual se baseia a soberania e o campo, isto é, o espaço puro da exceção é o paradigma biopolítico para o qual ele não consegue encontrar solução. O *homo sacer* possui sua origem vinculada ao período da vida pré-social e apresenta-se como um fragmento da vida primitiva dos povos indo-europeus (AGAMBEN, 2002). O limite entre a vida natural e a vida social corresponde a vida sacra/nua, como principal pressuposto da soberania. Conforme Agamben (2002, p. 112) “a soberania do indivíduo sobre sua existência tem sua origem na urgente razão do nosso interesse e a necessidade de autorizar o aniquilamento da vida indigna de ser vivida”. Segundo Assmann (2014) numa coisa Foucault e Agamben concordam, a lógica do nazismo e do stalinismo continuam presentes na nossa vida nos dias atuais. Entre nós o nazismo não terminou. Os autores citam como exemplo a lógica do governo norte-americano em Guantánamo. E

questionam: qual a diferença de Guantánamo e os Campos de Concentração? Difícil encontrar diferenças! Qual a diferença, em pessoas torcerem para que se matem pessoas na rua? No trânsito? Eliminar problemas? Há diferença pensar que judeus, ciganos, homossexuais, idosos, crianças e negros teriam que ser mortos nos Campos de Concentração? Até que ponto possuímos características daquilo, que acusamos como pertencente ao nazismo?

O exercício do poder sobre a vida acontece na modernidade a partir do século XVIII, esse poder é a estatização da vida biológica. Estatização do ser humano como ser vivo. Para Foucault (2005), a modernidade contemporânea é um processo de individualização e de totalização, modernidade como uma fabricação do indivíduo. Neste sentido, o indivíduo torna-se indivíduo. Nas proposições de Foucault (2005), a pessoa não nasce indivíduo, ela transforma-se em indivíduo a partir da educação e das tantas experiências e vivências que acontecem no conviver infantil e continuam pela vida afora até a morte (ASSMANN, 2014). Em continuidade Assmann (2014, s/p) afirma que “o processo de individualização protesta toda a estrutura central da contratualismo”. Nas reflexões foucautinas, não nascemos livres. Onde podemos encontrar alguém que nasceu livre? Ou, alguém que nasceu igual ao outro? Isso, de fato torna-se um ideal a partir da tentativa de justificar o exercício do poder do Estado, através de um contrato com indivíduos que combinam. E assim, sentir-se mais seguro, colocando alguém para governar e todos obedecem e, ganha-se a individualidade. Ser indivíduo, é ser cidadão (ASSMANN, 2014).

A sociedade também é construída pelos seres humanos, ela é uma criação humana, uma soma de indivíduos, uns postos ao lado de outros e unificados pelo Estado. Não existe povo sem Estado, não existe nação sem Estado, como não existe indivíduo sem Estado. Segundo Assmann (2014, s/p) “quando alguém nasce a primeira coisa a ser feita é ir ao cartório registrar quem nasceu. Desde o ato do nascimento precisamos do aval do Estado. Sem o Registro de Identidade, somos ninguém”. Estas questões apresentam-se como uma moeda de dois lados e estão presentes na democracia. Assmann (2014, s/p) faz uso das reflexões de Tocqueville, afirmando que “a democracia é o governo dos medíocres, uma forte tendência para a meritocracia”.

Modernidade, processos de individualização e totalização encontram-se intrinsecamente vinculados a ideia de biopolítica. O Estado promove a vida e também deixa morrer. Fazer viver tem essa ambiguidade. Se mata para promover a vida do outro. A biopolítica rompe com a teoria da soberania, ou faz com que a teoria da soberania não seja mais tão importante como era até então (ASSMANN, 2014). Estas proposições representam a perspectiva de Foucault, referente a biopolítica e seu contexto desde seu nascimento até os dias atuais.

A perspectiva de Agamben, discorda no que se refere a uma ruptura entre biopolítica e o poder soberano, a biopolítica é a contribuição original do poder soberano. A biopolítica nesse sentido, é tão antiga quanto a exceção soberana. Ela coloca a vida biológica no centro de seus cálculos, o Estado moderno reconduz à luz o vínculo secreto que une o poder e a vida nua, reatando assim como o mais imemorial da disciplina de massas. A estrutura original do poder soberano, constitui que a vida biopolítica encontra-se sempre exposta a violência e ao poder da morte, ou seja, sempre que se tem política, se tem o fato de haver inclusão e exclusão nos indivíduos. Para Agamben, o Estado de exceção marca a teoria da soberania ou a própria soberania como tal. A biopolítica é uma característica de toda história Ocidental (ASSMANN, 2014).

Toda a manutenção da vida é feita às custas da morte, para que um viva, sempre tem que matar alguém. A vida de um implica a morte de outro. Isso não acontece somente enquanto cadeia alimentar, mas também quando se fala de política e de soberania. Estas questões são um diferencial na política e não se confundem com momentos históricos. Há duas apreensões diferentes de biopolítica, ou seja, duas compreensões diferentes sob a relação de poder e de vida. Em Foucault, a vida tem a ver com o ser individual e coletivo. Enquanto, para Agamben, tem a ver com o termo vida nua. Enquanto se sustenta que toda a política é o confronto, a guerra intestinal entre o soberano e o cidadão, como guerra permanente, caracteriza-se a vida nua. A expressão vida nua, faz parte do vocabulário de Agamben, retirado do direito romano antigo, segundo o qual o chamado *homo sacer* era o homem sagrado. Sagrado é aquele que é retirado da vida normal e posto num lugar separado. Exemplo: objetos e coisas comuns abençoadas passam a ter outro lugar, retirado do uso comum. Nesse sentido, o *homo sacer*, seres retirados da vida normal pelo fato de terem sido condenados por um crime, tornaram-se seres de vida nua (ASSMANN, 2014). Ainda segundo as reflexões de Assmann (2014) todo o indivíduo que mata alguém que já está condenado a morte, não comete crime algum. Esta questão é oriunda do direito romano e, caracteriza a vida nua. O autor cita que, matar um menino de rua sem identificação, não é cometer crime. Aquele que mata esse menino, não é criminoso, faz um bem para a sociedade, elimina um corpo sem existência cidadã. Portanto, o fato de estar morto constitui aquilo que Agamben chama de vida nua. Estamos sempre frente a experiência da vida nua.

Em suas proposições Assmann (2014) questiona: como a teoria biopolítica pode nos ajudar a entender o que acontece na educação? O que significa para a política superar, entender o que acontece conosco? Se Para Foucault e Agamben a biopolítica possui um lugar privilegiado pode ela ser entendida como de tradição liberal? Para entender os acontecimentos

do cotidiano atual, não podemos falar e entender somente de política. Faz-se importante entender, a relação entre a economia e a política. O campo do econômico visa transformar todos os indivíduos em seres corporais numerados, corpos produtivos.

O conceito de poder em Foucault, é uma experiência importante o qual podemos fazer passar do conceito comum, no qual o poder é algo que alguém impõe sobre o outro, ou no sentido de não poder, não obediência. O poder existe no exercício, na relação com o outro. O poder é algo que acontece entre o que manda e o outro que obedece. Não basta alguém querer mandar se o outro não quer obedecer. Assim, não existe poder. O que estabelece o poder é o fato de haver no mínimo duas pessoas, o que manda e o que obedece. É comum dentro de uma fábrica, família, escola, a ideia de alguém determinado a ter que mandar e, o outro determinado a obedecer. Essa relação estabelece o Estado de dominação (ASSMANN, 2014). Nas reflexões de Foucault a crítica constitui a arte de não ser governado demais. O mal encontra-se no ser governado demais. Ser crítico significa, a possibilidade de não obedecer, significa deixar de obedecer, fundamentado em motivos para tal ação: não obedecer. Essas ações caracterizam algumas questões em torno da autonomia, sendo o indivíduo o maior autônomo, no sentido de fazer a própria lei e obedecê-la. A liberdade vinculada a responsabilidade por assumir aquilo que eu sou. Uma relação de poder ser livre significa não responsabilizar os outros quando os acontecimentos não dão certo, não acontecem da maneira como o planejado. Então, coloca-se a culpa no outro ou nos governantes. Neste sentido, crítica é o estudo, o conhecimento da condição que sustenta a autoridade, a verdade, a lei, a obediência. Obedecemos desde que faça sentido. Assim, obedece-se por compreender a obediência (ASSMANN, 2014). De acordo com Assmann (2014, s/p) “tanto em Foucault quanto em Agamben torna-se relevante discutir o que é vida? O que nos leva a rediscutir a relação entre homens e animais? Quais condições criam a obediência?”

O poder soberano, fundamentado no princípio da lei natural de vida, exercido pelo estado, como possibilidade para a preservação de todos, torna-se oportuno para excluir limites fixados por meio da lei natural e produzir um modo de subjetivação que resulta numa guerra, de cada um contra todos. Para Agamben (2002, p. 121) “se hoje existe mais uma figura predeterminável do *homo sacro*, é talvez porque somos todos virtualmente *homines sacri*”. A vida nua conduz, na democracia burguesa, para uma primazia do privado sobre o público e das liberdades individuais sobre os deveres coletivos. Por isso mesmo, torna-se ao contrário, nos Estados totalitários, como critério político decisivo e o local por excelência das decisões soberanas. E, apenas porque a vida biológica com suas necessidades tornou-se por toda parte o fato politicamente decisivo, é possível compreender a rapidez de outra forma inexplicável, com

a qual ainda no século XX, as democracias parlamentares puderam virar Estados totalitários, e os Estados totalitários converter-se em democracias parlamentares (AGAMBEN, 2002). “Para Hannah Arendt, o totalitarismo não é tão diferente das experiências democráticas. Na democracia também existe quem governa e quem é governado” (ASSMANN, 2014, s/p).

Essa mudança, entre Estados totalitários e democracia parlamentar, público e privado, direita e esquerda, vieram para constituir e firmar a biopolítica, onde tais democracias perderam sua legalidade, tornando-se genéricas. Nesse sentido, a biopolítica prima em determinar a maneira mais eficaz para garantir o cuidado e o controle como usufruto da vida nua. A biopolítica torna-se princípio decisivo sobre a vida e a morte do indivíduo. Assim, convertida em tanotopolítica, que na compreensão de Agamben significa, “[...] uma linha em movimento que se desloca para zonas sempre mais amplas da vida social, nos quais o soberano entra em simbiose cada vez mais íntima não só com o jurista, mas também com o médico, com o cientista, com o perito, com o sacerdote” (AGAMBEN, 2002, p. 128).

A biopolítica moderna representa um paradigma oculto em sua organização, tal sistema apresenta-se de difícil compreensão, não é fácil reconhecer as diversas transformações, os hábitos sociais, os comportamentos, tudo aquilo que nos torna irreconhecíveis. Mais uma vez o corpo do *homo sacer* está exposto à vida nua. Segundo Agamben (2002, p. 130) “a democracia moderna, não faz abolir a vida sacra”. Afirma ainda que a grande metáfora do Leviatã cujo corpo é formado por todos os corpos dos indivíduos, deve ser lida sob esta luz. São os corpos absolutamente matáveis dos súditos que formam o novo corpo político do Ocidente.

Neste sentido “a vida nua não está mais confinada a um lugar particular ou em uma categoria definida, mas habita o corpo biológico de cada ser vivente” (AGAMBEN, 2002, p. 146). No viés da política moderna, o indivíduo que possui o poder de decidir sobre o valor e o desvalor da vida, sobre a vida e a morte, sobre o que deve consumir ou não, sobre os comportamentos, sobre a quantia em dinheiro que cada indivíduo deve receber, sobre o poder de consumo, sobre o emprego ou desemprego, sobre a classe social que cada família ou indivíduo pertence, sobre as taxas de juros, sobre a economia do país, entre outros fatores. Este indivíduo representa o soberano, aquele que possui poder sobre todos os outros indivíduos, vinculada a soberania suprema, com base em interesses, lucros, riquezas em nome do progresso. Agamben (2002, p. 182) propõe: “[...] o sistema político não ordena mais formas de vida e normas jurídicas em um espaço determinado, mas contem em seu interior uma localização desconjunta que o excede, na qual toda forma de vida e toda norma podem virtualmente ser capturadas [...]”.

No postulado freudiano, poderia se dizer que a biopolítica moderna é regida pelo princípio, segundo o qual “onde existe vida nua, um povo deverá existir”, sob condição, porém, de acrescentar imediatamente que este princípio vale também na formulação inversa, que reza; “onde existe um povo, lá existirá vida nua” (AGAMBEN, 2002). Para Agamben (2002, p. 186) “o projeto democrático-capitalista de eliminar as classes pobres, hoje em dia, através do desenvolvimento, não somente reproduz em seu próprio interior o povo dos excluídos, mas transforma em vida nua todas as populações do Terceiro Mundo”.

Chegamos ao século XXI com um grande problema: somos governados demais. Há um excesso de governo. Parte-se do pressuposto, quanto mais a gente governa, melhor é. Foucault (2005) se opõe e, na contramão, menciona que quanto menos governados, melhor é. Enfatiza as seguintes inquietações; porque obedecemos tanto? Porque gostamos tanto de obedecer? Porque pensamos que ser obediente é ser virtuoso? Os grandes problemas da sociedade não podem ser entendidos, causados pelos que governam, mas pelos que são governados. O abuso do poder está no abuso da obediência. Fácil obedecer, difícil é mandar. Ao obedecer, se acaso não der certo, a culpa é do outro. Obedecer leva a afirmar que eu me desresponsabilizo como as coisas acontecem (ASSMANN, 2014).

A biopolítica, de mãos dadas com o racionalismo neoliberal, gera uma economia política, cuja meta é governar a liberdade dos outros, administrar suas vontades, dirigindo-as para metas previamente estabelecidas. No estofado da biopolítica cria-se uma ilusão de liberdade que, na contemporaneidade passa a significar liberdade produzida como subjetividade capitalista, cuja lógica perpassa todas as relações nas mais diversas instâncias, inclusive escolares. Essa lógica transforma os sujeitos em consumidores compulsivos, sedentos por prazeres rápidos e de intensidades instantâneas. No universo dessas ações desmedidas geramos relações compulsivas, alimentamos nossa depressão, nosso solipsismo e, ao nos enclausuramos no interesse próprio, sustentamos a competição e o princípio da concorrência precarizando nossas vidas e nossos viveres, o que resulta numa imensa redução de nossa condição humana. Vivemos uma situação de crise cultural, um campo minado capaz de alimentar, em nossa contemporaneidade, a confusão extrema com mais barbárie e mais maldade (STRIEDER; GIRARDI, 2019).

De certa forma, a contemporaneidade turbulenta exige que cada ser humano seja sujeito e objeto de seu governo, convencido da inteira responsabilidade pelo presente e pelo futuro, como indivíduo. Um ser empresarial que se realiza na satisfação dos fazeres enquanto a reflexão se retrai como algo totalmente prescindível, reforçando a sensação de vazio interior. Um vazio que fragiliza o horizonte de esperanças, alarga a incapacidade para opções profundas de sentido

e, por isso mesmo, radicaliza a violência e ostenta cada vez mais o desequilíbrio nos índices de agressividade humana, seja em forma de terrorismo, conflitos étnicos e religiosos, tanto quanto a delinquência e violência rural, urbana, política, escolar, entre outras. Como consequências temos o desencadeamento, mais uma vez em índices preocupantes de inúmeras enfermidades psíquicas e psicossomáticas. A reclusão do ser humano num si mesmo solipsista e na fria lógica da técnica e da cronometria o lança cada vez mais na cegueira e no vazio angustiante do desconhecimento do sentido de sua vida e de seu viver (STRIEDER; GIRARDI, 2019).

O processo civilizador do mundo ocidental se encheu de satisfação e, honrado, construiu justificativas racionais para considerar que as milhares de vidas assassinadas e violentadas, consideradas exceções foram e continuam sendo esvaziadas de sentido, porque redundantes, supérfluas e prescindíveis. Um poder político transformado em biopolítica do qual emanam ideologias e fazeres de violência que negam a promessa dos espaços de liberdade. Ao institucionalizarmos a biopolítica, institucionalizamos a negação e a maldade contra o outro. Legitimamos as desigualdades e as fundamentamos racionalmente, como ferramentas para trucidar a outros. Se hoje os consumidores, na sociedade de massas são infelizes, não é só porque consomem objetos que incorporam em si a própria não-usabilidade, mas também e sobretudo porque acreditam que exercem o seu direito de propriedade sobre os mesmos, porque se tornaram incapazes de profanar (AGAMBEN, 2007).

praticadas no outro extremo do planeta. Existe uma interdependência entre humanidade, indivíduos e biosfera, via acoplamento estrutural. Para Maturana e Varela (1997) tudo é circular, um acontecimento muda em congruência com os acontecimentos de seu meio. A exemplo o pé que se ajusta ao sapato e o sapato que se ajusta ao pé.

E, nesse processo de viveres e conviveres possíveis torna-se imprescindível a abertura para uma nova era, capaz de permitir a reflexão sobre a educação com base na Biologia do Conhecer e da Autopoiese, quiçá uma alternativa de resistência à maquinaria biopolítica da sociedade moderna. Uma provocação sobre nossas questões atuais de educação, de direitos humanos, de estética, de política, de cultura, de história, de sociedade e de formação humana, imbricada aos princípios do respeito, da colaboração, da sensibilidade, da responsabilidade e da amorosidade. A concepção de Autopoiese contribui para tecer reflexões relacionadas ao humano, não o ser humano produtivo, escravizado, normatizado, mas como uma possibilidade no viés de um humano mais sensível e consciente.

Diante desse contexto de desumanização, de desencontro humano, de fragilidade relacional, de insensibilidade para com o outro ser humano, pergunta-se: temos, desejamos criar alternativas? Desejamos abrir mão dos trefismos? Desejamos o desapego e renunciar ao senso consumista, renunciar ao prazer da competição? Desejamos compartilhar, colaborar, mudar a visão de mundo, a visão de ser humano, de educação, de formação e de viver, para conviver? Que alternativa temos frente ao neoliberalismo, frente à democracia representativa burguesa, frente aos populismos doutrinários de inúmeras entradas? Qual alternativa econômica frente ao capitalismo, após os desastres do socialismo real, do socialismo estatal? É certo que, por meio da doutrina neoliberal, o capitalismo se fortalece, impulsiona o desenvolvimento tecnológico também capaz de contribuir para desarticular iniciativas de diferentes dinâmicas sociais, de diferentes formas políticas e relacionais, diferentes formas econômicas que não de exclusivo mercado.

Uma profunda transformação relacional humana, relacional ambiental e produtiva se faz urgente. Adotar o modelo empresarial como padrão de sociabilidade, de estruturação das organizações humanas é estender e desejar preservar a lógica desarticuladora e anti-humana

O capitalismo, consolidado nos fundamentos da cultura patriarcal, destrói a condição humana por não considerar a individualidade humana. A cultura patriarcal caracteriza-se pela concepção da existência de uma realidade independente da nossa vontade – realidade objetiva. Uma realidade entendida e sustentada também em fundamentos específicos como desconfiança, apropriação da verdade, separação humano-natureza, separação homem e mulher, dentre outras concepções distorcidas da realidade complexa que nos cerca.

Nas reflexões de Maturana e Verden-Zöllner (2004) vivemos na desconfiança da autonomia dos outros. Apropriamo-nos o tempo todo do direito de decidir o que é ou não legítimo para eles, num contínuo propósito²¹ de controlar sua vida. Vivemos na hierarquia que exige obediência e afirmamos uma ‘coexistência’ manipuladora porque ordenada pela autoridade, pela subordinação, superioridade/inferioridade, poder de controle, debilidade/submissão, competição e concorrência.

Os autores afirmam que a cultura patriarcal instituiu esse modo de viver baseado em ações de distanciamento, ou seja

A cultura patriarcal se caracteriza pelas coordenações de ações e emoções que fazem de nossa vida cotidiana um modo de coexistência que valoriza a competição, a guerra, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, a procriação, o crescimento, a apropriação de recursos e a justificação racional do controle e da dominação dos outros por meio da apropriação da verdade (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 37).

Na lógica desses condicionamentos, nosso devir de coexistência fica postergado. Esquecemos nossa condição de seres biológicos amorosos e éticos, exatamente para submeter-nos às condutas que negam o amar, que priorizam nossa irresponsabilidade junto aos outros e a biosfera, enquanto ao mesmo tempo alimenta a tentação de onipotência e a busca do sucesso e da eficiência produtivista.

Mas, e nós, como pais, como mães, como professores/as e educadores/as, seguimos difundindo e semeando imaginários de competências que garantem a continuidade dessas condições de desumanização? Persistimos criando e educando nossos filhos e filhas, as crianças e os jovens estudantes nessa e para essa lógica capitalista, sob a égide do mercantilismo e do utilitarismo de ampla dessubjetivação humana? Porque insistimos em criar imaginários mercantilistas, consumistas e de servidão, projetando as novas gerações para se constituírem feitos à nossa imagem e semelhança em seus fazeres? Porque insistimos em reafirmar cultura patriarcal como refletem Maturana e Verden-Zöllner (2004, p. 37) afirmando que “vivemos como se todos os nossos atos requeressem o uso da força, e como se cada ocasião para agir fosse um desafio, não aceitamos os desacordos como situação legítima”. Nos espaços de formação humana, a exemplo da família, das escolas, das igrejas e, em outras tantas organizações humanas qual formação tornamos possível? As escolas, as famílias e as demais instituições concentram sua preocupação prioritariamente em preparar/formar o *homo faber* =

²¹ Aspecto mais notório dos sistemas vivos o de possuir uma organização orientada a uma finalidade ou, o que é equivalente, dotada de um planejamento interno refletido por sua estrutura (MATURANA; VARELA, 1997, p. 137).

produtivo e trabalhador, um *homo oeconomicus* = consumista, ou em sentir-se e fazer-se, simultaneamente, um *homo sapiens* = sábio e reflexivo, um *homo amans* = capaz de confiança e de reconhecer a legitimidade do outro? É, certamente, improvável que os pais criem seus filhos para servirem à lógica do mercado de trabalho explorador e anti-humano.

Segundo Morin (2000, p. 58) o ser humano é complexo e traz em si, de modo bipolarizado, caracteres antagonistas:

Sapiens e demens (sábio e louco)
Faber e ludens (trabalhador e lúdico)
Empiricus e imaginarius (empírico e imaginário)
Economicus e consumans (econômico e consumista)
Prosaicus e poeticus (prosaico e poético) (MORIN, 2000, p. 58).

Nesse sentido, “somos seres infantis, neuróticos, delirantes e também racionais. Tudo isso constitui o estofamento propriamente humano” (MORIN, 2000, p. 59). Nas afirmativas do autor,

O ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida; sujeito de afetividade intensa e estável. Sorri, chora, mas sabe também conhecer com objetividade; é sério e calculista, mas também ansioso, angustiado, gozador, ébrio, extático; é um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio; é um ser invadido pelo imaginário e pode reconhecer o real, que é consciente da morte, mas que não pode crer nela; que secreta o mito e a magia, mas também a ciência e a filosofia; que é possuído pelos deuses e pelas ideias, mas que duvida dos deuses e critica as ideias; nutre-se dos conhecimentos comprovados, mas também de ilusões e de quimeras (MORIN, 2000, p. 59).

Por isso, a necessidade de a educação contribuir com o multiverso humano e, assim reconhecer a diversidade dos indivíduos humanos, dos povos, das culturas, das sociedades, das historicidades e das relações humanas. Imbricadas ao sentido da conscientização e da humanização. Reconhecer o indivíduo humano em sua inteiridade por meio da tríade, singularidade/individualidade/autonomia.

Certamente não cabe a nós professores sermos os porta-vozes a fortalecer a preservação da ideologia neoliberal, capitalista e mercantilista focando como centralidade o dinheiro e, portanto, uma quase plena desconsideração à individualidade humana, a *persona* humana. Qual é, enfim, a função das instituições escolares, das políticas educacionais ensinar? Instruir? Possibilitar o educar-se, o formar-se ser humano? O que cabe ainda à família diante do desmonte, intencionalmente, conduzido e implementado pela modernidade, com sua centralidade no controle e seu mercantilismo utilitarista? Qual papel formativo cabe delegar aos meios de comunicação, às políticas, à economia? O que fazemos delas, como lhes outorgamos

uma estrutura e funcionalidades não humanizadoras? Behncke questiona e incita a reflexão “que escola de economia ou de ciências políticas centra seus estudos em torno do processo fundamental da sociedade – a aprendizagem? Porque consideramos que o processo de aprendizagem, para os seres sociais – é tudo?” (In: MATURANA; VARELA, 1995, p. 15). As respostas seguem suspensas, as reflexões se aprofundam, os debates se distendem e, ainda assim, a clareira do humano e para o humano segue obscurecida. Maturana em uma fala para o *Jornal La Tercera* (2018, s/p) afirma, “o modo de vida do indivíduo humano tem sido absolutamente destrutivo”.

Diante dos modos de viver, perigosamente destrutivos do humano, sonhamos alternativas. Parece mesmo que às vezes consensuamos sua necessidade. Mas, as desejamos efetivamente? Como, envolvidos na cegueira mercantilista e neoliberal, qualificar-nos para reflexões e, reflexões capazes de proposições diferentes? Para Maturana, “há a necessidade urgente em recuperar a harmonia na coexistência e, em nossa relação com o planeta” (2018, s/p). O biólogo cientista, Maturana, em suas inquietações refere-se à profunda crise existencial humana resultante da fragilidade relacional, ou seja, da fragilidade no coexistir humano, basicamente vencido pela lógica instrumental tida como uma ameaça por usurpar tempo de vida, tempo vivido. Seguimos submetidos à cronometria das urgências, das metas a cumprir, bem como do ser mais e mais útil e rentável. Mais uma vez Behncke provoca e convida a reflexão: “onde está o essencial? O que se aventa como solução para conseguir uma harmonia social a longo prazo?” (In: MATURANA; VARELA, 1995, p. 15). Como indivíduos humanos incapazes de negar em absoluto a condição de desejanter, ainda persiste a possibilidade de sentir-se envolvido na tentativa de colaborar na reconstrução de nossa casa comum - Planeta Terra - um domínio harmônico de existências em convívio. O desafio da construção de espaços de convívio, com base nos pressupostos do respeito mútuo, potencializa uma deriva existencial criadora de coordenações de ações de conviveres colaborativos.

Nesse sentido, a *Biologia do Conhecer* pressupõe sermos seres emocionais e não racionais como prega, por exemplo a lógica cartesiana. Esse pressuposto, de sermos seres emocionais, implica compreensões diferentes do que significa aprender, do como se aprende, do que é conhecer. Se o ser humano já não é mais compreendido como essencialmente racional, deixam de ser prioritariamente válidas as concepções de que aprender tem a ver com inteligência, tem a ver com cabeça, com processamento de informações, com memorizações. Enfim, fica posta em questão a concepção tradicional do representacionismo, como veremos nas reflexões que seguem. No contexto da *Biologia do Conhecer*, entendem Maturana e Varela que “Conhecer é a efetividade operacional do ser vivo em seu domínio de existência,

permitindo-lhe continuar vivo e, na vivência melhorar seu mundo” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 71). Efetividade operacional significa continuidade existencial em nichos vitais em constante construção e reconstrução. E, o mundo a ser melhorado não se refere somente ao mundo externo, mas sim ao universo do vivido e convivido na interdependência e harmonia da qual resulta a dinâmica da teia da vida.

No contexto da Biologia do Conhecer é de fundamental importância a concepção de Autopoiese. Ou seja, a concepção de conhecer, de aprender e de viver formam uma e mesma continuidade, uma e mesma complementariedade. Já não se pode falar de conhecer descontextualizado do vivido, das experiências do viver e, mais profundamente, do o que é e como acontece o viver, o que é e como acontece um ser vivo, o que é e como acontece um ser humano. É nesse invólucro de envolvimento e interconexões que Maturana e Varela (1997) procuram compreender a organização do ser vivo, elaboram uma explicação do que é o viver e, ao mesmo tempo uma explicação da fenomenologia observada no constante vir-a-ser dos seres vivos no domínio de sua existência.

Diante do que foi mencionado, evidencia-se a relevância da Autopoiese e da Biologia do Conhecer para a fenomenologia biológica de todo e qualquer ser vivo e, particularmente a do ser vivo humano. Para Maturana e Varela (1997) importa discernir como os sucederes de vivências, em acoplamento estrutural, possibilitam compreender os seres vivos e o meio, constituindo-se em congruência numa forma existencial e relacional circular.

Tanto no caminho explicativo da Autopoiese como da Biologia do Conhecer, compreende-se que a estrutura é fator determinante de todo ser vivo. Os acontecimentos de um determinado instante encontram-se acoplados a nossa estrutura naquele instante. Nisso implica o determinismo estrutural. Ou seja, o modo de interação entre os componentes interconectados, sem que sua organização sofra mudanças. Uma conduta compensatória a ser replicada de maneira recorrente – circular.

É importante compreender que o ambiente só desencadeia em nós o que a estrutura possibilita, não sendo determinante ou impositiva. Nas reflexões de Maturana e Varela (1997) num sistema vivo a estrutura muda o tempo todo, o que mostra que ele se adapta as modificações do ambiente, que também são contínuas. A perda da organização (a desarticulação) causaria a sua morte. Nesse sentido, os autores (1997) afirmam que a organização é a determinante de definição e a estrutura a determinante operacional. A primeira identifica o sistema, diz como ele está configurado. A segunda mostra como as partes interagem para que ele funcione.

E, num processo de viveres e conviveres possíveis, torna-se imprescindível a abertura para um diferente desafio, capaz de reconhecer significativas reflexões educativas com base na Autopoiese e na Biologia do Conhecer, quiçá uma alternativa de resistência à maquinaria biopolítica da sociedade moderna/contemporânea. Um desafio para embates provocativos sobre questões atuais de educação, de direitos humanos, de estética, de política, de cultura, de história, de sociedade e de formação humana. Que nessas reflexões haja espaço e tempo imbricado aos princípios da sensibilidade, da colaboração, da responsabilidade, do respeito, da ética e do amar. A concepção de Autopoiese abre-se para tecer reflexões relacionadas ao humano, não o ser humano produtivo, escravizado, normatizado, mas um humano mais sensível, consciente e ético.

Diante da proposição indicada por Maturana e Varela, tendo a Autopoiese e a Biologia do Conhecer como uma diferente base para reflexões, torna-se possível também um ser/fazer diferente, imbricado às condutas e posturas pedagógicas, como as relacionais para consigo mesmo, com o outro e com a biosfera. Neste sentido, será vertente investigativa o questionamento: Considerando as concepções da Autopoiese e da Biologia do Conhecer, quais suas possíveis implicações na formação humana e, como criar um domínio pedagógico em que a unidade seja referência de consenso e amar?

2.1 HUMBERTO MATURANA: pensador e biólogo chileno

Humberto Maturana Romesín é chileno e pensador latino americano. Nasceu em Santiago, no Chile no dia 14 de setembro de 1928. Filho de Olga Romesín e Rogelio Alejandro Maturana Núñez. Seus pais separaram-se quando ele tinha um ano de idade. Em entrevista realizada para Journal La Tercera, Maturana argumenta e

Relata, não conceber seu pai como alguém presente em sua formação. Para ele, ser pai não é uma personificação, mas uma relação. Eu não tinha pai para perguntar como era ser pai, a mãe separou dele quando eu tinha um ano de idade, eu não o via. Não tenho queixa de minha infância, não senti falta de meu pai porque não se falava dele como pai ausente. Eu não estava sozinho. Mais tarde por volta dos meus dez/onze anos de idade, meu pai apareceu, mas como ele não estava presente, não senti falta. Ser pai não é uma entidade, é um relacionamento. Então, eu não tive pai (LA TERCERA, 2018, s/p).

O coexistir de Maturana sem a participação de seu pai na criação/formação, não lhe causou traumas, mágoas ou ressentimentos. Ainda era muito pequeno quando seus pais separaram, e ele não mais o viu como pai. Maturana atribui sua formação e educação prioritariamente à sua mãe. Maturana descreve sua mãe como uma mulher/mãe alegre, presente, confiável além de exigente. Olga lhe ensinou realizar também tarefas domésticas, como lavar e cozinhar. Para Maturana sua mãe foi a principal responsável pela sua formação como ser humano, ciente do estar num domínio existencial para ali fazer-se ser humano. Olga lhe possibilitou uma visão de mundo questionadora e, por isso, desejante de alternativas nas formas organizacionais, relacionais e compreensivas. Ela era assistente social e Maturana a acompanhava seguidamente nas visitas às famílias e comunidades carentes em Santiago e nas cidades ao redor. Uma dessas visitas em especial, foi determinante para firmar uma concepção de mundo, mas principalmente, de ser humano, um ser muitas vezes abandonado à desigualdade e à indiferença. Maturana relata essa visita e reflexão realizada:

Em uma ocasião quando eu tinha onze anos, acompanhei minha mãe, que era uma assistente social, Visitante social como se dizia então, em uma visita a família de trabalhadores de tijolos, onde naquela época em 1940, era Punta de Rieles, no final de Macul. Lá chegamos a uma habitação que era um buraco retangular na terra com um telhado inclinado, e dentro estava uma mulher deitada no chão, doente, coberta por trapos. Ao lado dela havia uma criança, mais nova do que eu. Quando a vi, pensei: “Eu poderia ser essa criança, mas não sou, e nada em mim justifica que eu tenha uma casa pobre, porém uma casa, que eu possa ir à escola todos os dias e que essa criança não. Não é mérito meu, é apenas um presente da existência; nada do que tenho pertence a mim, e só posso agradecer enquanto tenho.” Esta experiência mudou a minha vida porque, a partir de então, vivi na consciência de que a vida que se vive é apenas um presente que não cabe outra coisa, a não ser estar agradecido, e as coisas boas que um vive não significam que sejam melhores do que outro qualquer que não as tenham e as coisas ruins que acontecem com você não significam, tampouco, sejam piores do que a outros que não as vivem. Esta criança e eu éramos igualmente dignos²² (MATURANA; REZEPKA, 1992, p. 40, tradução nossa).

²² “En una ocasión, cuando tenía once años, acompañé a mi madre, que era trabajadora social, visitadora social como decían entonces, en una visita a la familia de los ladrilleros, donde en ese momento en 1940, era Punta de Rieles, al final de Macul. Allí llegamos a una habitación que era un agujero rectangular en la tierra con techo inclinado, y adentro estaba una mujer enferma tirada en el piso, cubierta de harapos. A su lado había un niño, más joven que yo. Cuando lo vi pensé: “Yo podría ser ese niño, pero no lo soy, y nada en mí justifica que tenga una casa pobre, sino una casa, que pueda ir a la escuela todos los días y que este niño no. No es mi mérito, es solo un regalo de la existencia; nada de lo que tengo me pertenece, y solo puedo agradecerles mientras tenga”. Esta experiencia cambió mi vida porque, a partir de entonces, viví consciente de que la vida que se vive es solo un regalo que no cabe más que estar agradecido, y las cosas buenas que uno vive no significan que sean mejores. que cualquier otra persona que no las tenga, y las cosas malas que te pasan a ti, no a ti, tampoco significan ser peores que a los demás que no las viven. Este niño y yo éramos igualmente dignos (MATURANA; REZEPKA 1992, p. 40).

Diante do relato feito por Maturana, torna-se evidente sua rejeição à desigualdade e à indiferença. Da mesma forma rejeição à consideração de ser a vida um lance de sorte, uma questão de poder ou um dom. De certa forma Maturana começava a se envolver em reflexões de contraposição ao patriarcado. “Não é mérito meu, nada do que tenho pertence a mim” (MATURANA; REZEPKA, 1992, p. 40, tradução nossa). Não se pode desejar ser proprietário da vida, proprietário de alguém, proprietário de outro ser humano. Nesse sentido, tudo é nosso, a natureza é nossa, o planeta é nosso, a escola é nossa, a comunidade é nossa, pois tudo existe em profunda interconexão, em profunda interdependência realizando acoplamentos. Porém, nós, indivíduos humanos possuidores e possuídos pela cultura patriarcal, nos concebemos proprietários, tomamos posse das coisas e justificamos racionalmente ser minha/meu. Nos apropriamos das coisas, das ideias, dos outros e, igualmente os coisificamos. Maturana se opõe ao patriarcado, se opõe a obediência, a violência, a exploração e a negação de si mesmo e do outro.

No quintal de sua casa, junto de uma árvore de flor lilás, Maturana vivencia mais uma experiência de seu suceder biológico humano. Essa experiência tem significação relevante na diversidade relacional e interrelacional: obedecer ou confiar.

Lá me peguei pensando²³: “Não gosto de obedecer. Não quero obedecer. O que devo fazer para não obedecer? Se minha mãe me pedir para fazer algo, terei que fazer, posso, não posso dizer que não, mas não quero obedecer. Ah, eu sei. O que farei é tratar o que tenho que fazer como meu, vou transformá-lo no que quero fazer e vou gostar de fazer sempre. Não! Quando me mandam fazer algo que não quero fazer, não o farei e sofrerei as consequências”. Desde então eu nunca mais obedeci, nem sofri fazendo o que não queria fazer (MATURANA; REZEPKA, 1992, p. 40/41, tradução nossa).

Sempre que obedecemos a alguém, o fazemos de modo cabisbaixo, ombros caídos e resmungando. Nosso imaginário se carrega de ameaças, de negações a mim mesmo, de rejeições diversas, repúdio e me sinto mal. Realizar a tarefa ordenada pela mãe, feita com base na obediência, contrariava sua vontade, sua liberdade, sua possibilidade de escolha e sua responsabilidade. Entendia Maturana que obedecer significa destruir-se como pessoa, negar-se como alguém responsável, negar a si a liberdade da escolha e, portanto, da responsabilidade.

²³ La otra experiencia que quiero relatar la viví en el patio de mi casa, junto a un árbol de flores lilas. Allí me encontré pensando: "No me gusta obedecer. No quiero obedecer. ¿Qué debo hacer para no obedecer? Si mi madre me pide que haga algo, tendré que hacerlo, no puedo decir que no, pero no quiero obedecer. ¡Ah! ya sé, lo que haré será tratar lo que deba hacer como mío, lo transformaré en lo que yo quiero hacer, y gozaré haciéndolo. ¿Siempre? ¡No! Cuando se me ordene algo que no quiera hacerme, no lo haré, y viviré las consecuencias". Desde entonces nunca más obedecí, ni sufrí haciendo lo que no quería hacer (MATURANA; REZEPKA, 1992, p. 40/41).

Cada vez que obedecemos nos sentimos transformados em objeto, em algo manipulável por alguém.

Após doutorar-se em biologia e Phd na Universidade de Harvard, num período de seis anos de trabalho e estudo fora de seu país, Maturana retorna ao Chile para então cumprir seu compromisso com a Universidade do Chile. Especialmente Maturana desejava retribuir a sua pátria tudo o que havia recebido dela, ou seja, sua formação humana e acadêmica. Retribuir à sua pátria, fora uma maneira de agradecer pelas coisas recebidas e usufruídas, como presentes para sua existência. Dentre outros tantos presentes recebidos do povo chileno pode-se citar os hospitais públicos, as rodovias, as escolas, as universidades, a bolsa de estudos, os espaços públicos, os inúmeros serviços sociais prestados por médicos, por professores, por legisladores...

Maturana, titulado como doutor não abandona suas reflexões e experiências de viver de sua infância e juventude. Segue com o firme propósito de construir e aprimorar reflexões teóricas que se contrapõem ao patriarcado. Não se esquece das reflexões sobre os dilemas patriarcais - nada é absolutamente meu/minha; sobre a relevância da autonomia reflexiva em não obedecer a sua mãe, junto com o desejo em retribuir tudo o que o povo chileno lhe tem proporcionado. Essas experiências do viver como aprendizados humanizadores constituem três pilares fortes, que o constituíram ser humano, pesquisador, cientista e amante do viver em conviveres. São elas situações diferentes, do que normalmente nós, pais/mães e professores dividimos e efetivamos como experiências do viver. Nosso viver cotidiano segue regado por posses e, experimentamos enormes dificuldades para livrar-nos dos apegos. Nossas ações e, em nossas relações, basicamente desejamos que o outro nos obedeça. Pregamos a obediência em nossas ações cotidianas, a confundimos com respeito, geramos e elasticamos imaginários de competição, sempre em defesa de posses, em defesa de discriminações sobre verdades, aquelas tidas como únicas e absolutas.

Maturana chama a atenção para a importância da resignificação dos modos de existir, dos modos de fazer-se gente, dos modos de fazer educação, do educar-se. Aposta, como veremos logo mais, em sua teoria da Autopoiese na possibilidade do coexistir espontâneo, consciente, como um presente da existência que acontece porque acontece e enquanto acontece. Não se esquece de sua mãe Olga e das experiências de viver, com ela compartilhados. A sensibilidade da mamãe Olga lhe possibilitou conviver, no respeito, com outros seres humanos com outros seres animais e vegetais. Esse conviver, conectado e envolto em natureza, levou Maturana para o caminho da biologia, ser biólogo. Maturana concebe o biólogo, a bióloga como sendo

[...] uma pessoa que vive sob a paixão de se conectar com os seres vivos, ama todos os seres vivos, não importa que sejam aranhas, elefantes, sapos, cobras, seres humanos. E esse amá-los, não é mais do que respeitá-los, do que aceitar sua legitimidade, e dessa aceitação da legitimidade dos seres vivos, olhar para o viver e olhar para o mundo. Eu sou uma dessas pessoas, e eu vivi toda minha vida vendo bichinhos e vivendo a maravilha de sua companhia²⁴ (MATURANA, 1999 *apud*, SILVA, 2017, p. 50/51).

Desde pequeno, ainda em sua infância, Maturana mostrou interesse e encantamento pelos seres vivos. Em sua juventude deparou-se com a inexistência do curso de Biologia no Chile. O devir de seu coexistir o direcionou a Faculdade de Medicina na Universidade do Chile no ano de 1948. Nesse ano iniciou seus estudos em Medicina na Escuela de Medicina de La Universidad de Chile. Após três meses de ingresso, afastou-se em decorrência de uma tuberculose. Ficou hospitalizado para tratar da doença que avançava para um estágio grave. Permaneceu em tratamento durante dois longos anos e, ao apresentar melhoras foi transferido para um hospital de tuberculosos, localizado em Putaendo no Chile, para lá permanecer um ano em total repouso.

Após concluir o tratamento da tuberculose, Maturana retorna ao curso de Medicina. O professor Francisco Hofman o convida para cursar uma especialização em anatomia em Londres, no intuito de contribuir com a melhoria do ensino de anatomia no Chile. Maturana mostrou-se contrário a possibilidade, pois sua preferência era especializar-se em biologia. A viagem de navio para Londres necessitava de uma escala na África, num período de tempo aproximadamente de seis horas. Segundo o autor, “era a única chance que eu tinha de estar na África, a grande aventura da minha infância” (MATURANA, 1992, p. 28).

Em 1954 seguiu seus estudos na University College of London, estudou anatomia e neurofisiologia. No ano de 1959 obteve o título de doutor em Biologia pela Universidade Harvard, nos Estados Unidos. Sua Tese contempla estudos e pesquisas sobre o sistema nervoso. Após doutorar-se trabalhou no Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT), no Departamento de Engenharia Elétrica, no Laboratório de Neurofisiologia e na proximidade de um Laboratório de Inteligência Artificial. Diariamente Maturana passava pelo Laboratório de Inteligência Artificial, mesmo que nunca tenha entrado nele, mas ouvia as conversas dos pesquisadores em robótica, entre eles, Marvin Minsky.

²⁴ Traduzido de: El biólogo o la bióloga es una persona que vive bajo la pasión de conectarse con los seres vivos, ama a todos los seres vivos, no importa que sena arañas, elefantes, sapos, culebras, seres humanos. Y este armarlos, no es otra cosa que respetarlos, que aceptar su legitimidad, y desde esta aceptación la legitimidad de los seres vivos, mirar el vivir y mirar el mundo. Yo soy una de esas personas, y é vivido toda mi vida mirando bicheiros y vivi endo lã Maravilha de sua companha (MATURANA, 1999 *apud* SILVA, 2017).

Minsky, um cientista norte americano que articulou suas pesquisas relacionadas a Inteligência Artificial sob a perspectiva da ciência cognitiva e, junto com Seymour Papert criaram a Teoria Social da Mente. As pesquisas em torno da Inteligência Artificial, segundo Maturana e Varela (1997, p. 13) “imitam ou modelam a aparência dos fenômenos biológicos no âmbito de sua visão como observadores”. Por isso, escreve Maturana no prefácio à 3ª edição “eu tentava falar dos seres vivos em minhas aulas de biologia de maneira que minha descrição deles e, do que acontecia com eles, reproduzisse sua maneira de ser autônomos” (1997, p. 13). Maturana, portanto, discorda dos pesquisadores em inteligência artificial, ou seja, eles não usavam os fenômenos biológicos como modelos de pesquisa, queriam entender a aprendizagem humana com base no computador – uma máquina. Para Maturana essas tentativas estavam destinadas ao fracasso, por negligenciarem a complexa constituição da anatomia humana e da ainda mais complexa funcionalidade e operacionalidade do sistema neural.

A partir de seus estudos e pesquisas, Maturana registrou pela primeira vez a atividade de uma célula direcional de um órgão sensorial, juntamente com o cientista Jerome Lettvin integrante do Instituto Tecnológico do (MIT). A condução desta pesquisa proporcionou a ambos a candidatura ao Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia. Nos anos de 1960, Maturana retornou ao Chile para desempenhar a função de professor adjunto, consentido pelo professor Gabriel Gasic, na disciplina de Biologia da Escola de Medicina da Universidade do Chile. Em 1965 fundou o Instituto de Ciências e a Faculdade de Ciências da Universidade do Chile. No ano de 1990 foi designado Filho Ilustre da Comunidade de Ñuñoa em Santiago (Chile), doutor honoris causa pela Université Libre de Bruxelles.

Em 1992, junto com Jorge Mdozpis, suscita a ideia da evolução das espécies a partir da deriva natural. No mês de setembro de 1994, recebeu o Prêmio Nacional de Ciência no Chile, em honra as suas investigações e estudos no campo da percepção visual dos vertebrados e, por seus modelos conceituais sob o viés da teoria do conhecimento voltada para a educação, comunicação e ecologia. Também é co-fundador e docente da Escola Matríztica de Santiago onde, juntamente com Ximena Dávila Yáñez, colega de trabalho e também co-fundadora e docente da Escola Matríztica, atuava no desenvolvimento da dinâmica da Matriz Biológico-cultural de Existência Humana.

Em 1973, após publicar, juntamente com Francisco Varela a obra “De máquinas e seres vivos”, os autores decidem por rumos diferentes. Nesse momento o Chile iniciava um regime ditatorial, ocasionado pela saída do presidente da época Salvador Allende Gossens, deposto do cargo por meio de golpe militar em 11 de setembro de 1973. José Ramón Pinochet Ugart, chefe das Forças Armadas, foi o mentor e executor do golpe. Em decorrência ao golpe, vários

cientistas foram exonerados de seus cargos, sendo Francisco Varela um desses cientistas e, uma vez exonerado decide deixar o Chile.

Maturana permanece no Chile e continua seus estudos e pesquisas no intuito de compreender o humano por meio dos fenômenos biológicos. Em setembro de 1994, Maturana e Ximena Dávila recebem o Prêmio Nacional de Ciência. No início do mês de abril de 2019 os autores publicam o livro “La revolución reflexiva”, um conjunto de reflexões com implicações no conviver por meio do diálogo e do respeito mútuo, ou seja, um convite para nós humanos construirmos um presente/futuro em colaboração. Maturana menciona ser esta sua última publicação. Nessa mesma ocasião, Maturana deu sua derradeira entrevista²⁵ pública ao jornal La Tercera. Nessa entrevista de certo modo sinalizava a sua partida dessa vida, ao afirmar que

É absolutamente legítimo dizer até agora vivo. Eu, Humberto Maturana, quero escolher o momento em que vou morrer, não quero ser um fardo, não quero prejudicar e não quero contribuir para o crescimento populacional, porque faz mal a todos. O modo de vida do ser humano tem sido absolutamente destrutivo (LA TERCERA, 2018, s/p, tradução nossa).

Na entrevista, Maturana aborda o tema de sua morte ao lembrar o período em que esteve hospitalizado para tratamento da tuberculose e o quanto naquele ambiente hospitalar vivenciou uma diversidade de experiências, dentre elas, o contato próximo com a morte. Maturana temia morrer. Ele via pessoas adoentadas perderem a vida uma situação que lhe causava dor e sofrimento. Na época, em total repouso e isolado da sociedade, Maturana compôs um poema²⁶ sobre a morte. O poema mencionado encontra-se no livro desenvolvido em colaboração com Rezepka, “EL SENTIDO DE LO HUMANO (1992, tradução nossa). ”

*O que é a morte para quem olha para ela
o que é a morte para quem a sente*

²⁵ En abril pasado, Maturana dio su última entrevista pública al diario La Tercera, donde ya adelantaba su posible partida. “Es absolutamente legítimo decir hasta aquí vivo. Yo, Humberto Maturana, quiero escoger el momento en que voy a morir, no quiero ser una carga, no quiero generar daño y no quiero contribuir al crecimiento de la población, porque es dañino para todos. El modo de vida del ser humano ha sido absolutamente destructivo”, aseguró (LA TERCERA, 2018, s/p).

²⁶ ¿Qué es la muerte para quien la mira?/que es la muerte para quien la siente/peso desconocido, dolor /incomprensible que trae el estómago/para este/silencio, paz y nada para ello/Sin embargo, sientes que tu /orgullo se rebela/que tu mente no puede soportar/que después de la muerte no queda nada,/que después/de la muerte hay muerte./El otro en su paz, en su silencio/en su majestad inconsciente siente/nada/se siente/Nada sabe porque la muerte es la muerte/Y despues de la muerte esta la vida/que sin muerte es solo muerte (MATURANA; REZEPKA, 1992, p. 19)

*peso desconhecido, dor incompreensível
 que o estômago traz para este
 silêncio, paz e nada por isso.
 No entanto, sente-se que seu orgulho
 está se rebelando
 que sua mente não aguenta
 que depois da morte nada permanece,
 que depois da morte há morte.
 O outro em sua paz, em seu silêncio
 em sua majestade inconsciente ele sente
 Nada sente
 Nada sabe
 Porque morte é morte
 E depois da morte é a vida
 Que sem morte é só morte.*

No dia seis de maio do ano de 2021, o ciclo vital de Humberto Maturana dá-se por concluído. Aos seus 92 anos de idade deixa seu legado, suas ideias e reflexões. É notório o legado de Maturana, pois ele nos presenteia seu viver intenso num domínio existencial no planeta Terra. Com suas reflexões sempre abordou princípios formativos, entre eles, a sensibilidade, a responsabilidade, a cooperação, a ética, o respeito e o amar.

2.2 FRANCISCO VARELA: de aprendiz neurobiólogo a pensador chileno

Francisco Javier Varela Garcia, é chileno, nascido no dia 7 de setembro de 1946 em Santiago. Estudou temporariamente medicina na Pontifícia Universidade Católica do Chile. Como estudante de medicina, Varela teve a oportunidade de conhecer e conviver com vários pesquisadores renomados no âmbito da Ciência no Chile, entre eles, Luiz Izquierdo, Héctor Croxato, Joaquín Luco este, responsável pela paixão e interesse de Varela em neurobiologia e Juan Vial que orientou Varela como aprendiz no laboratório de biologia celular. Nas horas vagas Varela ia até o laboratório realizar cortes de nervos para identificar a mielina, uma coloração especial dos nervos. Vial sempre atribuía conselhos a Varela, o incentivava a mudar de curso, continuar sua formação na Faculdade de Ciências do Chile. Varela relata “foi um passo fundamental, porque saí do universo das carreiras tradicionais para entrar de cheio no universo da formação científica exclusiva, até então desconhecida no Chile” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 37).

Vial teve papel fundamental na formação de Varela, mais uma vez o aconselhou a trabalhar com Humberto Maturana. Em abril de 1966 em uma visita ao laboratório subterrâneo

da nova escola, Varela enfim conhece Maturana. Na ocasião Maturana pergunta sobre a área de interesse de Varela, o qual responde de imediato ser o psiquismo no universo. “Humberto sorriu e disse: Rapaz, chegaste ao lugar certo...” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 38). Nesse momento nasce uma parceria, uma relação profícua para ambos os pesquisadores.

Ao iniciar os trabalhos de pesquisa junto com Maturana, foram necessários repetir alguns experimentos, como os registros no tectum óptico da rã. Tal experimento permitiu a Varela tratar os problemas vinculados a visão com profícuo estudo, uma investigação profunda como jamais havia realizado antes. Os estudos e pesquisas de Varela contemplam várias áreas da Ciência, entre elas, a Cibernética, a Filosofia, a Fenomenologia. Varela estudou diversos intelectuais e filósofos pesquisadores, entre eles Edmund Husserl, Martin Heidegger, Maurice Merleau-Ponty, Alexandre Koyré, Georges Gaguilhem, Thomas Kuhn e Gaston Bachelard. “Pela primeira vez parecia encontrar nestes autores uma preocupação por mostrar a experiência vivida, que considero fundamental” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 39).

Varela encontra-se deslumbrado pela matemática, ele a compreende como uma linguagem, um modo de pensar. A partir de Heinz von Foerster, Varela se depara com o mundo da cibernética, os modelos e a reflexão sistemática. Dentre os trabalhos de Foerster, destaque para as propriedades dos fenômenos biológicos e suas características materiais. Varela recebeu do Departamento de Biologia da Faculdade de Ciências, apoio para pleitear uma bolsa de doutorado na Universidade de Harvard. No dia dois de janeiro de 1968, Varela chega a Cambridge, com um enorme compromisso obter conceito A em tudo ou caso contrário a bolsa seria suspensa. Em Harvard, Varela sentiu dificuldade para conversar com seus professores sobre os problemas epistemológicos e seu interesse na biologia teórica. Isso lhe parecia diferente da relação que havia construído com seus professores e colegas de trabalho na Faculdade de Ciências no Chile.

Seu único ponto de referência e fio condutor para sua pesquisa seria Von Foerster e, sempre que oportuno, Varela o visitava no Laboratório de Biologia Computacional, na Universidade de Illinois em Urbana. Varela tornou-se aluno de Keith Porter e aprendeu a trabalhar com Biologia Celular. Já com Torsten Wiesel estudou os processos de informações no córtex visual. A estrutura funcional dos olhos dos insetos comparados aos aspectos da visão, foi tema de sua tese. Varela publicou vários artigos vinculados a temática de sua tese e, no mês de julho de 1970 obteve o título de Doutor em Biologia pela Universidade de Harvard. Varela conta,

Os anos em Cambridge foram para mim a descoberta de minha inserção social cidadã e da possibilidade de fazer-me responsável por mudanças em meu seio social. Foi um reencontro, a distância, com minhas raízes latino-americanas, através de meus amigos do movimento que exaltava a revolução cubana. Não era somente a ciência o que me ocupava, era também o sonho de pensar em uma América Latina nova, própria de nossa geração (MATURANA; VARELA, 1997, p. 40).

Em setembro de 1970, Varela retorna ao Chile, e inicia seu trabalho como pesquisador e professor titular na Faculdade de Ciências. Nesse momento de seu devir, Varela encontra-se

Fiel a ideia de ciência como atividade que se faz e se cria por saltos e por inovações ousadas, cultivei, com meus camaradas de geração, a intenção de voltar ao Chile e fazer uma ciência diferente, na qual as anomalias que já tinha notado no Chile e que se acentuavam nos EUA pudessem ser transformadas em prática científica. Fazer ciência original e própria parecia o mesmo que o compromisso com minha história e minhas origens (MATURANA; VARELA, 1997, p. 42/43).

Ainda em Cambridge, Varela recusa várias ofertas de trabalho. Ele rejeita um cargo como pesquisador de Harvard e outro cargo como professor assistente numa universidade americana. O retorno ao Chile, em dois de setembro de 1970, antecede a eleição de Salvador Allende, eleito presidente do Chile por votação democrática.

Varela assume o curso introdutório de Biologia Celular, ministrado para os novos estudantes. Agora, Varela e Maturana, além de colegas de trabalho no Departamento de Biologia, são vizinhos de gabinete, frequentam as dependências da Faculdade de Ciências. Varela menciona

O trabalho poderia começar plenamente, com problemas-chaves bem delimitados, com a certeza de estar preparado e competente para o que mais houvesse na cena científica mundial, e com o contexto de trabalhar numa inserção na que havia um futuro por construir. Esta convergência de circunstâncias foi absolutamente decisiva. É com todos esses ingredientes da situação em setembro de 1970 que posso agora voltar a especificação da noção de autopoiese e sua gestação (MATURANA; VARELA, 1997, p. 43).

No final do ano de 1971, Maturana e Varela tinham em suas mãos um texto escrito em inglês, sob o seguinte título; *Autopoiese: the organization of living systems*. Esta foi a primeira publicação em coautoria, entre Maturana e Varela. O texto implica uma versão completa relacionada ao que poderia viria a ser a autopiesese. Maturana e Varela efetivam contrato de publicação junto a editora da Faculdade de Ciências, incluindo a tradução. A Sra. Carmem Cienfuegos foi a responsável pela tradução do texto. O livro intitulado *De maquinas y seres vivos: una teoria sobre la organización biológica*, foi impresso pela primeira vez em abril de 1973. No ano de 1980 acontece a publicação na versão em inglês. Maturana e Varela ficaram

conhecidos por desenvolverem o conceito de autopoiese, apresentada como a organização do ser vivo, em particular a organização do ser humano vivente.

Varela era militante comprometido com o governo de Salvador Allende. Ainda em 1973, em meio à crise permanente que se instaurava no país, Varela é ameaçado e, em seguida exonerado de seu cargo universitário por ordens superiores. Seus colegas da Faculdade também haviam sofrido ameaças, a maioria deles deixou o país, se dispersaram mundo afora. Varela, em consenso com sua família decidiu vender todos os seus bens e partir para outro país. Vivenciar tal situação no Chile foi muito doloroso e Varela afirma

Com a diáspora dos cientistas da faculdade, acabava-se uma época da ciência no Chile, uma etapa importante de minha vida pessoal, e com ela o contexto que deu origem a ideia de autopoiese. Porém, naturalmente, a ideia haveria de ter novas repercussões, sobretudo fora do Chile (MATURANA; VARELA, 1997, p. 51).

Ao sair do Chile, Varela e sua família passaram sete anos em exílio nos Estados Unidos. Varela se dedicou a prática do budismo e junto com Adam Engle, fundam o Mind and Life Institute. Um instituto voltado para uma série de estudos e diálogos budistas, tendo como precursor Dalai Lama e sua relação entre a ciência moderna e o budismo. No ano de 1988, Varela estabeleceu-se na França e, na École Polytechnique ensinou ciência cognitiva e epistemologia, mais tarde ensinou neurociência na Universidade de Paris. Desde o ano de 1988 até 2001 ano de sua morte, Varela liderou um grupo de pesquisa, atuou como Diretor de Pesquisa do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS). O autor deu continuidade em sua carreira a partir de uma concepção própria, com base em sua teoria, dedicando-se aos estudos e pesquisas voltados a *enaccion*²⁷ e a experiência corpórea humana.

Os estudos resultantes de suas pesquisas encontram-se firmados nos livros em coautoria com Maturana: *Árvore do conhecimento* (1995) e, *De máquinas a seres vivos* (1997 3ª edição). É sabido que sua visão de mundo, encontrou sustento teórico e epistemológico firmado na concepção da *Biologia do Conhecer*. Junto com a compreensão dos pressupostos epistemológicos imbricados à sua dimensão formativa e filosófica desenvolveu a concepção de enação cujo teor em grande parte se encontra no livro intitulado “A MENTE CORPÓREA: ciência cognitiva e experiência humana”, em coautoria com Evan Thompson e Eleanor Rosch.

²⁷ Segundo Varela Thompson e Rosch (2001, p. 226/227) *ennación* significa reconhecer “que a cognição depende dos tipos de experiência que surgem do facto de se ter um corpo como várias capacidades sensoriomotoras e, segundo, que estas capacidades sensoriomotoras individuais se encontram elas próprias mergulhadas num contexto biológico, psicológico e cultural muito mais abrangente [...] a abordagem da *ennación* é constituída por dois pontos: a) a percepção consiste numa ação guiada percentualmente; b) as estruturas cognitivas emergem de padrões sensoriomotores que permitem que a ação seja guiada perceptualmente.

Na sequência, faremos uma abordagem compreensiva sobre a Biologia do Conhecer, destacando sua origem teórica, principais características e implicações humanas e formativas. Mas, antes de anunciar esse caminho explicativo sobre a Autopoiese e a Biologia do Conhecer, reconhecemos ser de primordial importância abordar a ciência. Fazer uma profunda reflexão referente ao que Maturana e Varela entendem por ciência e, como fazem ciência.

2.3 A CIÊNCIA PARA MATURANA

A relação entre a biologia humana, a linguagem, a cognição e os fenômenos mentais e psicológicos, a exemplo da razão, da consciência e da emoção, permitem considerar os seres humanos como entes históricos e contingentes. Ou seja, uma linhagem de primatas bípedes conservada por meio do coexistir na linguagem.

Os diversos domínios das ciências cognitivas imbricados aos pressupostos das ciências naturais e voltadas para a busca ou postulações de leis e a existência de algo, possibilitam tecer reflexões científicas e filosóficas relacionadas às inquietações sobre mente, cérebro, atividade neuronal e a correlação entre o sistema nervoso, o organismo, o desenvolvimento e a fenomenologia humana. A consciência, a racionalidade e a linguagem passam a serem pensadas e discutidas sob enfoque da biologia ligada as emoções. Assim, torna-se possível formular novos questionamentos e indagações sobre o fazer científico, entrelaçadas à fenomenologia biológica, às experiências presentes no coexistir humano e às explicações vinculadas aos conceitos de linguagem e de cognição como atividade interativa. Para Maturana (2014a, p. 09) “linguagem e cognição são entendidas como inextricavelmente entrelaçadas, indelevelmente presentes em todas as nossas atividades e, os fenômenos nelas produzidos são inelutavelmente diversos”.

A Biologia do Conhecer, conjunto de ideias imbricadas à concepção de Autopoiese, desenvolvidas por Maturana e Varela, tem como dinâmica fundamental explicar a fenomenologia observada no constante vir-a-ser dos indivíduos humanos, presente em seu coexistir. Segundo Maturana (2014a, p. 10) “a Biologia do Conhecer abre uma possibilidade sensivelmente distinta da oferecida por outros biólogos que não visam explicar fenômenos como a cognição e a linguagem em particular”. Maturana propõe uma explicação relacionada ao conhecer, ao conhecedor e ao observador observado. Entretanto, Maturana (2014a, p. 24) questiona: “qual é meu objetivo? Meu objetivo é explicar o fenômeno do conhecer. Mas para

explicar o fenômeno do conhecer, o que tenho que fazer é explicar o ser humano; explicar este conhecedor, que sou eu ou qualquer um de nós”.

Nisso, o observador e o observar encontram-se imbricados, em um contexto de espaço reflexivo e de inquietações, junto à vida cotidiana. Nesse sentido Maturana (2014a, p. 24) questiona “porque um observador como nós, no que nos acontece, é o que queremos explicar, ou o que eu quero explicar. Como fazemos o que fazemos?” O autor afirma que a ação do conhecer, de como conhecemos, como se validam nossas coordenações cognitivas, não é de modo algum trivial. Pertence a vida cotidiana. Estamos imersos nisso momento a momento. “Por isso, somos nós observadores, o ponto central e o ponto de partida da reflexão” (MATURANA, 2014a, p. 25).

O conhecer encontra-se imbricado às coordenações cognitivas e a vida cotidiana. E, todo conhecedor é um observador na experiência do coexistir por meio da linguagem. Para Maturana (2014a, p. 25) “Quem é o observador? Qualquer um de nós. Um ser humano na linguagem”. O autor compreende que, explicar é uma operação distinta da experiência que se quer explicar, está na linguagem – estou propondo uma explicação na linguagem. Nesse sentido, o autor compreende que, “somos observadores no observar, no suceder do viver cotidiano na linguagem, na experiência na linguagem” (MATURANA, 2014a, p. 25). Então, o que quer compreender é sua experiência no explicar, ainda que seu explicar seja parte do objeto que quer explicar. Como explico, por exemplo a experiência que quero entender? (MATURANA, 2014a). E ainda, “O que é o explicar?” (2014a, p. 26). Maturana (2014, p. 26) compreende que o explicar “é sempre uma reformulação da experiência que se explica”. O explicar e a explicação tem a ver com aquele que aceita a explicação. A validade do meu explicar, o caráter explicativo do que eu digo, não depende de mim, mas depende de quem escuta – o outro (MATURANA, 2014a). Segundo o autor, explicar refere-se a reformular a experiência que se explica. Há algo a mais no explicar.

As explicações são reformulações da experiência, mas nem toda reformulação da experiência é uma explicação. Uma explicação é uma reformulação da experiência aceita por um observador. Todos vocês sabem que se alguém pretende explicar um fenômeno, propõe uma reformulação e eu não a aceito, ela não é uma explicação. Se propõe uma reformulação e eu a aceito, essa reformulação é uma explicação. As explicações são reformulações da experiência aceita por um observador (MATURANA, 2014a, p. 27).

É sabido, que o explicar constitui-se como uma reformulação da experiência imbricado aos fenômenos pertencentes à vida cotidiana. Nas proposições de Maturana e Varela (1997) nós damos uma explicação na qualidade de observadores, sendo fundamental distinguir nela o que

é próprio do sistema, como constitutivo de sua fenomenologia, do que pertence a nosso domínio descritivo e, em consequência, a nossas interações com ele, com seus componentes e com o contexto pelo qual é observado. Por outro lado,

uma explicação pode assumir diferentes maneiras, de acordo com a natureza do fenômeno explicado. Para explicar o movimento de um corpo que cai, a pessoa recorre a propriedades da matéria e a leis que descrevem o comportamento dos corpos de acordo com essas propriedades (leis cinéticas e gravitacionais), enquanto que para explicar a organização de uma equipe de controle a pessoa recorre a relações e a leis que descrevem o comportamento das relações. No primeiro caso, os elementos do paradigma causal são os corpos e suas propriedades; no segundo caso, são as relações independentes da natureza dos corpos que a satisfazem (MATURANA; VARELA, 1997, p. 67).

Como cientistas, possuímos um modo particular em aceitar as reformulações de experiências, ou seja, aceitar as explicações. Nas reflexões de Maturana (2014a) há tantos explicares, tantos modos de explicar, quantos modos de aceitar reformulações da experiência. A ciência se define por um modo de explicar. O autor afirma;

A ciência não tem a ver com a predição, com o futuro, com fazer coisas, mais sim com o explicar. Os cientistas são pessoas que tem prazer de explicar. É a única coisa que lhes interessa na vida, enquanto cientistas. [...]. Mas o que define o cientista, em sua ação como cientista, é o modo de explicar, o critério de aceitação de explicações que usa (MATURANA, 2014a, p. 28).

A ciência encontra-se em contínua correlação com a vida cotidiana, sua validade dá-se por meio de experiências do coexistir presentes no dia-a-dia do viver humano. E nisso, procede o escutar, ou seja, conforme o observador escuta a experiência terá como resultado aceitá-la ou não. Maturana (2014a, p. 29) “propõe dois modos de escutar e aceitar as reformulações da experiência”. No primeiro modo, o observador se comporta como possuidor de certas habilidades, como se elas fossem constitutivas dele – habilidades cognitivas – e, a razão permite discernir sobre a situação. A razão permite fazer referência a como uma coisa é, independente de mim. Nesse sentido “de onde surge a razão? É uma propriedade humana. É uma propriedade da consciência” (MATURANA, 2014a, p. 30). O autor afirma que nesse caminho explicativo, não se pergunta pelo observador nem pelo observar. Assume-se o observador e o observar como condições iniciais constitutivas. Isso tem certas consequências.

A primeira consequência, a pessoa opera como se os elementos que usa no escutar, para validar suas explicações, existissem com independência de si mesma. Aqui, o problema da existência é resolvido, ou a pergunta pela existência é resolvida dizendo:

os seres, os objetos, as ideias, meus diferentes modos de aceitar isto o aquilo existem independentemente do que faço como observador. A existência é independente do observador. Chamo esse caminho explicativo de *o caminho da objetividade*. [...]. Assumo que posso distinguir entre ilusão e percepção, porque assumo que posso fazer referência a algo independente de mim. Percebo-o, vejo-o, decreto-o com um instrumento; a razão me permite dizer que isso é assim independentemente de mim, eu assumo essa capacidade (MATURANA, 2014a, p. 30/31).

A segunda consequência, implica em não aceitar o caminho explicativo descrito na primeira consequência. Nas proposições de Maturana (2014a, p. 30) “se aceito a pergunta pelo observador e pelo observar, dou-me conta de que o observador é qualquer um de nós. E, pode acontecer de, quando estamos andando pela rua, cair um tijolo na cabeça de qualquer um de nós”. Em virtude desse acontecimento:

Caímos no chão e acabou-se toda nossa dinâmica cognitiva. Se justamente agora vem um meteorito e me acerta a cabeça, vocês dizem: “Que pena! Acabou-se a conferência do dr. Maturana. Tomara que ele se recupere, mas parece que não, porque o meteorito lhe atravessou a cabeça”. Quero dizer que minha capacidade cognitiva acaba no momento em que o meteorito me destrói o cérebro. Então, tenho que levar em conta a biologia. Se aceito a pergunta pelo observador, tenho que considerar a biologia, porque se interiro com a biologia interiro com o observar. E no momento em que considero o observador como ser vivo, quero dizer, quando levo em conta a biologia, não posso deixar de assumir o fato de que, experiencialmente, não podemos distinguir entre ilusão e percepção (MATURANA, 2014a, p. 30).

Como argumentam Maturana e Yáñez (2015, p. 37, tradução nossa) o observador ou o ser humano em seu operar reflexivo, não pode ser deixado de fora do campo da explicação, pois, ele é parte constitutiva do fundamento de sua explicação. Ainda, que a formulação da pergunta sobre o ser implica a busca pela resposta no reino transcendente. É uma pergunta que não pode ser respondida, porque no estudo da percepção, a biologia nos mostra que no ato de observar e distinguir o que é observado, o observador, como ser humano vivo, traz a existência de seu operar que surge com a distinção independentemente de seu ato de distinção. É por isso²⁸,

Que qualquer tentativa do observador de basear sua observação – ou qualquer aspecto de sua vida – no pressuposto de que ele poderia se referir ao que acontece ou ao que vive em uma área de existência transcende seu operar como ser humano vivo. O que acontece com a explicação científica é que explicamos a consistência do nosso

²⁸ El observador o el ser humano en su operación reflexiva no puede quedar fuera del campo de la explicación, ya que es parte constitutiva del fundamento de su explicación. También, que la formulación de la pregunta por el ser implica la búsqueda de la respuesta en el ámbito transcendente. Es una pregunta que no puede responderse, porque en el estudio de la percepción, la biología nos muestra que en el acto de observar y distinguir lo observado, el observador, como ser humano vivo, trae la existencia de su operación que surge con el distinción independentemente de su acto de distinción. Y por eso, (MATURANA; YÁÑEZ, 2015, 37).

cotidiano com a consistência do nosso cotidiano e, daí sua potência como área de compreensão de nossas vidas e dos mundos que geramos em nossas vidas (MATURANA; YÁÑEZ, 2015, p. 38, tradução nossa)²⁹.

Ainda segundo os autores, uma pergunta não pode ser respondida pela própria pergunta, mas pelo ser e pelo fazer como fazemos o que fazemos. Nos perguntamos sobre como nós seres humanos operamos, quando operamos como observadores, ou como fazemos o que nós fazemos no ato de observar, como fazemos no ato de distinguir o que distinguimos (MATURANA; YÁÑEZ, 2015, tradução nossa)³⁰. Maturana (2014a) propõe explicar o fenômeno do conhecer sem essa suposição, e a única coisa que terá para explicar o conhecer é o que faz como observador – um eu, ou qualquer um de nós, “Explicar, como é que faço o que faço” (MATURANA, 2014a, p. 31).

A explicação a partir do caminho explicativo da objetividade constitui-se de modo limitado, possibilita apenas descrever características pertencentes à consciência e, aos fenômenos cognitivos. São descrições, não são explicações. Nesse sentido, há dois modos de aceitar as explicações, que são eles: Objetividade sem parênteses e Objetividade entre parênteses.

A objetividade sem parênteses tem como dinâmica fundamental uma realidade independente do observador. Ela nega a explicação do outro, como independente do eu, de ti e do outro. A objetividade sem parênteses possui como padrão as reflexões e métodos tidos como universais e ou sagrados. Para Maturana (2014a, p. 32) no caminho explicativo da objetividade sem parênteses, meu escutar no explicar é um escutar fazendo referência a entes que existem independentes de mim, tipo matéria, energia, consciência, Deus. Na objetividade sem parênteses “eu não sou responsável pela validade do que digo” (MATURANA, 2014a, p. 37). Ainda conforme o autor no caminho da objetividade sem parênteses, uma afirmação cognitiva é válida porque faz referência a uma realidade independente do observador. Nesse caminho

²⁹ Que cualquier intento por parte del observador de basar su observación -o cualquier aspecto de su vida- en el supuesto de que podría referirse a lo que sucede o vive en un ámbito de existencia trasciende su funcionamiento como ser humano vivo. Lo que pasa con la explicación científica es que explicamos la consistencia de nuestra cotidianidad con la consistencia de nuestra cotidianidad y, por ende, su poder como ámbito de comprensión de nuestra vida y de los mundos que generamos en nuestra vida (MATURANA; YÁÑEZ, 2015, pág. 38).

³⁰ una pregunta no puede ser respondida por la pregunta misma, sino por ser y hacer cómo hacemos lo que hacemos. Nos preguntamos cómo operamos los seres humanos cuando operamos como observadores, o cómo hacemos lo que hacemos en el acto de observar, cómo hacemos en el acto de distinguir lo que distinguimos (MATURANA; YÁÑEZ, 2015).

explicativo da objetividade sem parênteses a corporalidade é uma impertinência – o corpo é uma limitação.

A objetividade entre parênteses tem como dinâmica fundamental o observador e o mundo que emerge a partir do sistema cognitivo. As explicações constituem-se como reformulações da experiência imbricada à experiência do observador. Nisso, implica o respeito à explicação do outro. Por meio de nossas experiências cotidianas nos deparamos com diversos domínios e correlações decorrentes de nossas ações e domínios de existência. Assim, temos várias maneiras de explicar e, todas elas igualmente legítimas. A objetividade entre parênteses visa a ciência como uma atividade conexa ao cotidiano. Maturana (2014a) afirma que, no caminho explicativo da objetividade entre parênteses, meu escutar é diferente, porque aqui escuto reformulações da experiência, com elementos da experiência que eu aceito. Ou seja, escuto com o critério de aceitação de reformulação da experiência com elementos da experiência. O autor versa que no caminho explicativo da objetividade entre parênteses não posso pretender um acesso privilegiado no explicar, pois como ser humano, como ser vivo, não posso distinguir entre ilusão e percepção. Qualquer afirmação é válida no contexto das coerências operacionais que a constituem como válida. No caminho explicativo da objetividade entre parêntese temos muitas realidades. A objetividade entre parêntese implica aceitar o outro – uma conversação. No caminho explicativo da objetividade entre parêntese nossa corporalidade é nossa possibilidade, é nossa biologia. Esse caminho abre um mundo de respeito por nós como seres vivos, pois nos damos conta que tudo o que podemos fazer encontra-se na medida em que o fenômeno do conhecer é um fenômeno do vivo. Ou seja, no domínio das ontologias constitutivas – num multiverso.

Diante de tudo que foi dito, relacionado aos dois caminhos explicativos, a objetividade sem parênteses e a objetividade entre parênteses, compreende-se que as emoções são disposições corporais presentes nos domínios de coordenações de ações. Neste sentido, pensar constitui-se como uma ação no domínio do pensar. Falar é uma ação presente no domínio do falar, explicar cientificamente propõe agir no domínio do explicar algo cientificamente, imbricado ao domínio de coerência operacional. Por isso, os cientistas necessitam validar suas explicações. Nas proposições de Maturana e Varela (1995) uma explicação sempre é uma proposição que reformula ou recria as observações de um fenômeno dentro de um sistema de conceitos aceitáveis para um grupo de pessoas que compartilham um determinado critério de validação. Deste modo, os autores afirmam “conhecer é a ação efetiva, ou seja, efetividade operacional no domínio de existência do ser vivo” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 71).

Para o cientista é primordial observar o fenômeno do conhecer e assim, satisfazer os critérios de validação. Nisso, torna-se necessário, para que a explicação seja considerada uma explicação científica, seja embasada em explicações e afirmações científicas imbricadas ao fazer na cognição. Os fazeres dos cientistas e as explicações científicas possuem validade quando contemplam um ciclo de quatro componentes. Segundo Maturana e Varela, (1995, p. 71) “esse ciclo de quatro componentes não é estranho ao nosso pensamento cotidiano. Costumamos usá-lo para explicar os fenômenos mais variados do dia-a-dia”. Ou seja, “os quatro componentes representam um registro documentado de modo a criar uma tradição que vá além de uma só pessoa ou geração” (1995, p. 71).

Entre os quatro componentes definidos pelos autores para explicar o fenômeno do conhecer encontra-se: o fenômeno a ser explicado, a hipótese explicativa, a dedução de outros fenômenos e as observações adicionais.

O primeiro componente, e que compõe o ciclo explicativo do fenômeno do conhecer definido por Maturana e Varela (1995, p. 71) é entendido como “o fenômeno a ser explicado: a ação efetiva do ser vivo em seu meio ambiente”. Nas proposições de Maturana e Varela (1997, p. 108) nesse ciclo, “o espaço físico é definido por componentes que podem determinar-se mediante as operações que as caracterizam em termos de propriedades, tais como, massa, força, aceleração, distância, campo, entre outros”. Segundo os autores no espaço físico podem acontecer dois tipos de fenomenologia, segundo a participação dos componentes em sua geração, entre elas, estática e a mecânica.

A fenomenologia estática, é uma fenomenologia de relações entre propriedades dos componentes; a fenomenologia mecânica é uma fenomenologia de relações entre processos gerados pelas propriedades dos componentes. [...]. Ainda que os fenômenos biológicos são fenômenos mecânicos, pertencem a uma classe particular, já que as relações entre seus processos constitutivos são determinadas pela participação autopoietica. A fenomenologia dos sistemas é, a fenomenologia mecânica das máquinas autopoietica (MATURANA; VARELA, 1997, p. 108/109).

Explicar o fenômeno do conhecer a partir da fenomenologia biológica, implica compreender a organização do ser vivo. Ou seja, “qualquer explicação biológica adequada tem a mesma validade epistemológica que qualquer explicação mecanicista de qualquer outro fenômeno no espaço físico” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 112).

A fenomenologia mecânica presente nas máquinas autopoieticas determina a fenomenologia biológica imbricada na concepção de autopoiese. Deste modo, o segundo componente que compõe o ciclo explicativo do fenômeno do conhecer definido por Maturana

e Varela (1995, p. 71) é a “hipótese explicativa: organização autônoma do ser vivo; deriva filogenética e ontogenética com conservação da adaptação (acoplamento estrutural)”. Nesse ciclo explicativo, segundo Maturana e Varela (1997) a concepção de autopoiese compreende a concatenação dos processos de produção que constituem os sistemas autopoieticos e, não uma concepção das propriedades dos componentes dos sistemas vivos. Uma biologia teórica, como possibilidade de fenomenologia definida, e como aplicação de noções físicas ou químicas, pertencentes a outro domínio fenomenológico - análise dos fenômenos biológicos. Os autores afirmam que, “uma explicação biológica deve ser uma reformulação em termos de processos subordinados a *autopoiese* dos organismos participantes, ou seja, uma reformulação no domínio fenomenológico biológico” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 110).

O terceiro componente referente ao ciclo explicativo do fenômeno do conhecer definido por Maturana e Varela (1995, p. 71) compreende a “dedução de outros fenômenos: coordenação comportamental nas interações recorrentes entre seres vivos e coordenação comportamental recursiva sobre a coordenação comportamental”. Nesse sentido, Maturana e Varela (1997) afirmam, a partir de considerações teóricas biológicas, reconhecer quais relações devem satisfazer o conjunto de componentes participantes nos processos que constituem a unidade autopoietica. O fato de um indivíduo desejar ou não fazer um sistema autopoietico é uma questão pertencente ao âmbito ético. Isso significa, “se nossa caracterização dos sistemas vivos é adequada, fica evidente que os componentes poderiam produzir-se à vontade” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 111). Ou seja, “a organização do indivíduo é autopoética, nisto se funda toda a sua importância: sua maneira de ser é definida pela sua organização, e sua organização é autopoietica” (1997, p. 115).

O quarto componente referente ao ciclo explicativo do fenômeno do conhecer, compreende “observações adicionais: fenômenos sociais, domínios linguísticos, linguagem e autoconsciência” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 71). Ou seja, “a caracterização dos sistemas viventes como sistemas autopoieticos deve ser entendida como dotada de validade universal” (1997, p. 111). Implica, compreender a *autopoiese* como definitiva dos sistemas vivos em qualquer parte do universo físico, por mais diferentes que sejam dos sistemas viventes em qualquer parte do universo físico e dos sistemas terrestres em outros aspectos (MATURANA; VARELA, 1997).

Sobre as explicações científicas, Maturana (2014a, p. 56) afirma: “os membros da comunidade científica se movem conversando e explicando, coordenando suas ações uns com os outros na aceitação do critério de validação de suas explicações e, geram explicações desta maneira”. Nas reflexões de Maturana (2014a, p. 57) “as explicações científicas não se referem

a verdade, mas configuram um domínio de verdade, ou vários domínios de verdades conforme a temática na qual se deem”. Nisso, constitui-se a ciência: “A ciência é um domínio cognitivo válido para todos aqueles que aceitam o critério de validação das explicações científicas” (MATURANA, 2014a, p. 58). Nas proposições do autor, o poder das explicações científicas tem a ver com a biologia, com a dinâmica de constituição de sistemas configurados pelo observador ou pela comunidade do observador. A ciência encontra-se imbricada a vida cotidiana (MATURANA, 2014a).

A responsabilidade do cientista refere-se a sua reponsabilidade como indivíduo humano, ele é capaz de gerar um domínio específico de conhecimento, um domínio de afirmações a partir de características específicas imbricadas à dinâmica do viver. Uma maneira de explicar a experiência por meio da experiência como fenômeno no coexistir humano. De acordo com Maturana (2014a) a ciência representa uma atividade humana e, em que qualquer ação realizada por um cientista possui validade e significado, como qualquer outra atividade humana, no contexto de coexistência humana. Assim, no suceder do viver, juntamente com a práxis acontecem o viver e a linguagem.

Desse modo, a ciência faz parte da atividade humana e, quando o cientista realiza seus fazeres de ações ao desenvolver a ciência, constitui significado no contexto de coexistência humana. O operar na linguagem, imbricado às coordenações de coordenações de ações nos domínios definidos pela dinâmica emocional presentes no suceder do viver naquele momento. Nas proposições de Maturana (2014a, p. 142) “a emoção fundamental que especifica o domínio de ações em que a ciência acontece como atividade humana é a curiosidade, sob a forma do desejo ou paixão pelo explicar”. Segundo o autor;

Nos tornamos cientistas durante o operar sob a paixão do explicar, quando constituímos a ciência como um domínio particular de explicações, sendo rigorosos em nosso empenho de sermos impecáveis na aplicação do critério de validação das explicações científicas, ao gerarmos explicações que chamamos de explicações científicas. É esta forma de constituição da ciência e do cientista que dá ao uso da ciência sua peculiar efetividade operacional nos mundos em que nós seres humanos modernos vivemos (MATURANA, 2014a, p. 142).

A paixão pelo explicar convida o cientista a gerar novas perguntas, novos questionamentos e infinitas inquietações, seja da experiência como observador ou como indivíduo observado. As perguntas sempre nascem de alguém imbricado ao coexistir. Nisso, as explicações científicas tornam-se de fundamental relevância, pois, são consideradas livres criações do espírito humano. Ou seja, torna-se fundamental gerar os mecanismos para então

explicar o fenômeno que se pretende explicar. São explicações do presente vivenciado pelo observador como resultado de sua história, na correlação de sucederes e viveres por meio da linguagem e da dinâmica emocional.

A reflexão relacionada ao conhecer e ao conhecimento constituem uma epistemologia. Tecem reflexões sobre nossas experiências com outros indivíduos humanos por meio da linguagem e, nas correlações humanas imbricadas à emoção, ao coexistir e a cognição.

Diante de tudo o que foi dito, compreende-se que esta tese tem sua base metodológica e epistemológica fundamentada por meio da explicação. Explicar a Autopoiese e a Biologia do Conhecer no caminho explicativo da objetividade entre parênteses. Tais explicações e reformulações fazem sentido e tem significado quando aceitas por todos aqueles indivíduos humanos que acreditam na concepção da Biologia do Conhecer e da Autopoiese. Não como uma transcendência, mas como um convite, uma alternativa possível em nossas coordenações consensuais de ações presentes em nosso coexistir. Explicar o ser vivo em sua dinâmica emocional imbricado ao seu coexistir é certamente, profundamente diferente do uso do ser humano como ser coisificado, concepção inerente à lógica neoliberal e capitalista.

2.4 PRIMEIROS PASSOS DA BIOLOGIA DO CONHECER

Importa dizer desde o início que Maturana e Varela não oferecem uma receita para que alguém - um ser humano – conheça o seu conhecer. O que eles propõem é um convite para refletir sobre como cada qual, ou um qualquer, nos termos como Agamben (2013, p. 10) se refere: “*qudlibet ens* não é ‘o ser, não importa’, mas “o ser tal que, de todo modo importa”, possa fazer de seu conhecer a motivação para seus fazeres, com responsabilidade.

Nesse sentido eles referenciam uma metáfora transcrita no livro “A árvore do conhecimento” (1995, p. 265/267), aqui sintetizada: Era uma vez uma ilha que ficava em Algum Lugar, seus habitantes tinham um sonho, desejavam ir para outra região. Nesta iriam construir um mundo mais justo, saudável, ético, sensível, colaborativo e respeitoso. Mas, algo os impedia de realizar o grande e inusitado sonho. Os habitantes não possuíam o mínimo de conhecimento referente a navegação, a natação, a existência de aeronaves, não possuíam preparação física para escalar montanhas e realizar caminhadas por locais de difícil acesso. Viviam seu mundo, num coexistir configurado nas relações imbricadas na ontogenia histórica e biológica daquele contexto. O mundo externo para esses habitantes era desconhecido.

Assim, alguns habitantes mostravam-se indiferentes à possibilidade de viver fora desse lugar, outros não se importavam com as dificuldades ou os problemas vivenciados. Mas, outro grupo de habitantes buscava alternativas, soluções para resolver os problemas vivenciados, sempre na perspectiva de um dia saírem para cruzar as fronteiras. Raras vezes alguns habitantes se lançavam à interação e experimentação de instrumentos destinados a navegação e às práticas de funções e atributos de força e resistência. Desenvolviam somente funções relacionadas ao restritivo trabalho cotidiano.

De vez em quando recebiam a visita de algum estudante, no intuito de realizar pesquisa e aproximação em alguma temática de estudo. Os habitantes e o estudante, este como observador articulava diálogos, conversas consensuais. Um *cum versare* imbricado às coordenações de coordenações de condutas consensuais. Segue diálogo com algumas adaptações³¹:

- O que você está disposto a fazer para consegui-lo?
- Coisa alguma, nada. Meu desejo é levar junto comigo minha tonelada de maçã.
- Nossa! Maçã.
- Sim, maçã. Uma fonte de alimento que necessito levar para o lugar que quero ir.
- Em outros lugares há outros tipos de alimentos, muitos outros alimentos.
- Não compreendo o que você está falando. Não confio. Preciso levar minhas maçãs.
- Levando suas maçãs não poderá nadar e nem caminhar. Pois, é uma tonelada de maçã, é muito peso para carregar.
- Sendo assim, então não posso aprender. Te referes a minha maçã como carga, peso, sofrimento para levá-la. Eu me refiro a minha maçã como alimento essencial.
- Vamos enfatizar, que em vez de maçãs, sejam ideias adquiridas, pressuposições, certezas, paradigmas, justificações, respostas prontas e acabadas, intolerância, metas a cumprir, resultados esperados e classificação.
- Bhaaa...! Vou levar minhas maçãs para os indivíduos que possam compreender minhas necessidades.

Nós, indivíduos humanos deveríamos prestar atenção na história supracitada, uma vez que, na atualidade, nos deparamos com uma diversidade de saberes, não há limitações para o saber. Significa a inexistência de limitações para imaginários, para a curiosidade, para as iniciativas. Shatuck (1998, p. 22) questiona: “será a curiosidade o único impulso humano que

³¹ Texto adaptado “O Conto do Repolho”, descrito na obra A árvore do conhecimento (MATURANA; VARELA 1995, p. 265-266).

jamais deveria ser restringido? Ou ao contrário, ela representa a maior ameaça a sobrevivência de nossa identidade?” Nas reflexões de Shatuck (1998) as histórias são importantes para corporificar o elemento temporal no qual o caráter humano adquire forma e se revela a nós, e no qual descobrimos nossos limites, nossa própria mortalidade. Existem coisas que não devemos saber? Em uma cultura, que valoriza a iniciativa e o crescimento sem barreiras, haverá alguém, ou alguma instituição, que possa com seriedade propor limites ao conhecimento? Limites à ciência, às aplicações do conhecimento científico? Existe alguma possibilidade para limitar o desenvolvimento científico e tecnológico? A quem cabe a competência de estabelecê-lo e mais, quem faria a implementação e a respectiva cobrança pelo seu cumprimento?

Novamente Shatuck (1998, p. 20) provoca questionando: “nossos problemas serão resolvidos pelo conhecimento? Será que uma explosão de conhecimento reduzirá as dificuldades existentes entre nós e nos tornará justos, virtuosos e livres? A dúvida corrompe ou ilumina? A fé viceja melhor na ignorância ou no conhecimento?” Segundo o autor nos ensinam a lidar com ideias, como uma forma elevada de conhecimento. Porém, o processo de abstração pelo qual formamos as ideias a partir da observação e experimentação elimina dois aspectos essenciais da vida e do viver: o tempo e os indivíduos considerados como agentes. Em seu modo mais puro, as ideias são incorpóreas e atemporais. Necessitamos das ideias para raciocinar logicamente e explorar a névoa de incerteza que circunda o embate imediato com a vida cotidiana?

As ciências sociais, a economia, as ciências políticas, a filosofia, as artes e as ciências da educação, possuem como base e fundamento o desejo de compreensão da natureza vinculada ao processo de aprendizagem e sua multiplicidade de ações interligadas ao contexto histórico, social, ontogênico e biológico. Nas reflexões de Behncke “poderia o indivíduo humano desenvolver uma teoria capaz de dar conta dos processos, que geram sua própria conduta, incluída a conduta autodescritiva, isto é, a conduta de descrição de si mesmo ou da autoconsciência?” (In: MATURANA; VARELA, 1995, p. 13). Behncke chama atenção sobre a enorme dificuldade em atingir o desenvolvimento social harmônico e estável. Um dos fatores determinantes para tal dificuldade encontra-se no gigantesco vazio de conhecimento que o indivíduo humano possui sobre sua própria natureza (In: MATURANA; VARELA, 1995).

O operar de nossa natureza constitui-se sob o enfoque de três questionamentos, de fundamental importância para compreensão do fenômeno biológico. Behncke (In: MATURANA; VARELA, 1995, p. 17) propõe o seguinte questionamento, orientado por três perguntas-chave sobre a funcionalidade da natureza humana, são elas: “qual é a organização de todo ser vivo? Qual é a organização do sistema nervoso? Qual é a organização básica de todo

o sistema social, ou quais são e como surgem as relações comportamentais que originam toda a cultura?”

Numa possível resposta às questões citadas, Maturana e Varela (1995) afirmam que, sobre o universo de conhecimentos, de experiências, de percepções do ser humano não é possível uma explicação, a partir de uma perspectiva independente desses mesmos universos. Só podemos conhecer o conhecimento humano, ou seja, as experiências e as percepções a partir do próprio ser humano. Assim, a expressão de nossa existência é um domínio de conhecimento no qual o conteúdo do conhecimento é o próprio conhecimento. Todo conhecer é uma explicação singular, única como possibilidade para compreender que, ao tentar conhecer o conhecer, acabamos por nos encontrar com nosso próprio ser.

Os estudos e pesquisas desenvolvidos no Instituto Tecnológico de Massachusetts (MIT), sob o paradigma da cibernética e da neurociência, compreendem o cérebro humano comparado a um computador – máquina. Distinguem-se várias implicações oriundas da neurociência para a cognição humana. Segundo Varela (2001)

O uso da lógica matemática para compreender o sistema nervoso;
A invenção de máquinas de processamento de informações (tais como os computadores digitais) que viriam a estabelecer as bases para a inteligência artificial;
O estabelecimento da metadisciplina da teoria de sistemas que tem tido uma influência nítida em muitos ramos da ciência, tais como a engenharia (análise de sistemas, teoria de controle), a biologia (fisiologia de regulação, ecologia), as ciências sociais (terapia familiar, antropologia estrutural, gestão, estudos urbanos) e a economia (teoria dos jogos);
A teoria da informação como uma teoria estatística de sinais e canais de comunicação;
Os primeiros exemplos de sistemas auto-organizáveis (VARELA, THOMPSON e ROSCH 2001, p. 66).

Essas concepções foram e seguem importantes por integrarem os desenvolvimentos sobre Inteligência Artificial, sobre Tecnologias da Informação e Comunicação e Sistemas Artificiais em geral. Para Varela, Thompson e Rosch (2001, p. 67) essas concepções têm teor mecanicista e, sua transposição pura e simples para sistemas vivos implicaria em considerar “que a lógica é a disciplina adequada para compreender o cérebro e a actividade mental e, segundo, a afirmação de que o cérebro é um aparelho que incorpora princípios lógicos nos seus componentes integrantes, ou neurônios”. Para Varela, Thompson e Rosch (2001, p. 226) atividades neurais como a cognição exige “ultrapassar a geografia lógica do interior versus exterior estudando a cognição não como recuperação ou projecção mas como acção corporalizada”. Trata-se, então de ennação descrita na nota de rodapé 27.

Também o interesse de Maturana por distintas áreas do conhecimento a saber, taxonomia, a anatomia, a genética, a antropologia, a cardiologia, a filosofia e seu interesse central pela biologia humana, contribuiu para a contextualização de diferentes pressupostos teóricos, principalmente acerca das ciências cognitivas, da neurociência e da epistemologia, para além do âmbito da cibernética fundamentada na lógica.

Os neurocientistas Maturana e Varela, tiveram a audácia e a perspicaz ideia de pesquisar e contribuir com a ciência, ao argumentarem que o fenômeno do conhecer poderia ser reconhecido como fenômeno biológico, fundamentado na participação do observador na construção de conhecimentos.

Após doutorar-se na Universidade de Harvard, Maturana retorna ao Chile movido pelo compromisso de retribuir à sua pátria, tudo o que ela havia lhe proporcionado. Inclui-se nessa retribuição a bolsa de estudos para doutorado. Maturana, logo encontra-se na condição de ajudante do professor Gasic, na cátedra de biologia, na Universidade do Chile. Professor Gasic ministrava aulas para o primeiro ano no curso de Medicina e, após uma longa conversação, Maturana convence Gasic a conceder-lhe uma série de aulas no final do ano eletivo, um total de seis aulas. Maturana poderia ministrar seus próprios conteúdos, trabalhar conforme desejasse. Nesse sentido, as aulas contemplam seus estudos sobre a origem e a organização dos seres vivos. Ele estava convicto de que havia se preparado durante toda sua existência para essas aulas, até porque seus estudos derivam de diversas áreas do saber. Em sua última aula, um estudante o deixou inquieto, ao questionar-lhe: “Senhor, você diz que a vida se originou na terra faz mais ou menos três mil e quinhentos milhões de anos. Que aconteceu quando se originou a vida? O que começou a iniciar nesse instante?” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 10).

Maturana encontrava-se preparado para responder à pergunta sobre a origem da vida, mas, naquele momento, sentiu-se de mãos atadas. Ao ouvir a forma do questionamento proferido pelo estudante, ficou rubro de vergonha, estava ciente, de que não tinha uma resposta para a pergunta, que fora formulada, de forma diferente sobre a origem da vida. Maturana, em seu consciente cognitivo, não pode desenvolver uma resposta, então reformulou a pergunta para si mesmo e a percebeu distinta da pergunta que originara suas pesquisas iniciais. Nesse instante fez um apelo ao estudante, venha assistir as aulas no ano seguinte. Até lá, provavelmente teria uma resposta, pois teria um ano para refletir e formular argumentações a título de resposta.

Maturana reformulou a pergunta e teceu-a da seguinte maneira: “que classe de sistema é um ser vivo?” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 11). Segundo o autor, o principal para explicar e compreender os seres vivos, era levar em conta sua condição de entes separados,

autônomos, que existem como unidades independentes. O central da biologia como ciência, é o operar do biólogo com os entes individualizados e autônomos, capazes de gerar em suas vidas fenômenos semelhantes (MATURANA; VARELA, 1997).

Compreender os seres vivos como sistemas e unidades autônomas, como entes autônomos, permitiu a Maturana construir uma resposta à pergunta proferida pelo estudante, sobre a origem dos seres vivos na terra. “Implica entender que todos os fenômenos biológicos acontecem através da realização individual dos seres vivos” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 12).

Ainda jovem, com apenas 21 anos Maturana precisou permanecer hospitalizado devido a tuberculose, em total repouso, no entanto e, em sigilo, realizava leituras e reflexões acerca de diversas obras, entre elas: “Evolução, uma síntese moderna” escrita por Julian Huxley. Na obra Huxley afirma: “A noção de progresso evolutivo como um processo de contínuo aumento de independência dos seres vivos em relação ao meio, em um processo histórico que culminava com o ser humano no momento presente” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 12). Maturana não conseguiu aceitar essa afirmação.

Em virtude de suas diversas leituras e reflexões, realizadas no decorrer de seu internamento, Maturana afirma “que a vida não tem sentido fora de si mesma” (p. 12). E sobre o sentido da vida e de viver o autor deleita um significativo exemplo relacionado a dinâmica do existir. Segundo Maturana e Varela (1997, p. 12) “o sentido da vida de uma mosca é viver como mosca, ‘mosquear’, ‘ser mosca’, que o sentido da vida de um cachorro é viver como cachorro, ou seja ‘ser cachorro ao cachorrear’ e. que o sentido da vida de um ser humano é o viver humanamente ao ‘ser humano no humanizar’”. Isso significa, compreender que um ser vivo, um ser humano é resultado de uma dinâmica não-proposital, como propunha Huxley.

As reflexões de Maturana e Varela passaram a serem orientadas diferentemente. Ele mudou seu modo de falar dos seres vivos. Suas reflexões permitiram compreender “que tudo o que acontece em e com os seres vivos tem lugar neles, como se operassem como entes autônomos referidos” (1997, p. 12). Maturana e Varela afirmam que “sua tarefa era falar dos seres vivos e, que sua tarefa era falar deles, descrevendo a atuação dos seres vivos de forma que surgissem tais como simples resultado de sua própria atuação” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 12/13). Para compreender os fenômenos biológicos como sistemas imbricados ao operar do indivíduo humano, Maturana e Varela passaram a tecer suas reflexões a partir de um diferente olhar, envolvendo diferentes aspectos. Compreenderem como fundamental fazer a distinção entre como viam um ser vivo, do o que que diziam acontecer com ele em seu domínio de existência como ser vivo. Ou seja, começaram a descrever os dois domínios de existência

do ser vivo, quais sejam: “a) o domínio de seu operar como totalidade em seu espaço de interações como tal totalidade, e b) o domínio do operar de seus componentes em sua composição, sem fazer referência a totalidade que constituem e, que é onde se constitui, de fato, o ser vivo como sistema vivente” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 13). Importava para os autores,

descrever o operar dos componentes do ser vivo em termos exclusivamente locais, não-funcionais e não-propositivos. Desejava mostrar como o ser vivo surgia da dinâmica relacional de seus componentes [...] descrever a maneira particular de relação do operar dos componentes do ser vivo que o fazem ser vivo, e pensava que para demonstrar que o tinham feito, devia mostrar que todos os fenômenos biológicos resultam desta maneira de operar, se são dadas as condições históricas adequadas (MATURANA; VARELA, 1997, p. 13/14).

Nesse sentido, Maturana e Varela começam a falar dos seres vivos como sistemas autorreferidos. Os sistemas autorreferidos são sistemas nos quais o operar faz sentido em relação a si mesmos. Mas, falar de sistemas autorreferidos, como constituição dos seres vivos, não parecia muito entusiástico, parecia insuficiente. Parecia que a ideia de autorreferência estava subordinada à visão do operar dos componentes à totalidade que geram. Falar assim, ocultava o fato de que ainda não tinham encontrado a dinâmica operacional que fazia do ser vivo um ente autorreferido.

Em conversa com Dr. Guillermo Contreras, microbiólogo e amigo de Maturana, envolvendo a temática da genética molecular, no ano de 1964, discutiram sobre a possibilidade dos fluídos drenarem do citoplasma até o núcleo, ou vice-versa constituindo um fluxo de informações do núcleo até o citoplasma. Nessas reflexões entenderam que a informação vinha do núcleo para o citoplasma, porque as moléculas de RNA mensageiro – do núcleo ao citoplasma – eram os responsáveis pela especificação das características dessas proteínas. Perguntavam se haveria um processo inverso, onde o citoplasma entrasse no núcleo e especificasse suas características.

Maturana explica ao seu amigo Contreras: “o que ocorre é que o DNA participa da síntese das proteínas e, as proteínas participam da síntese do DNA” (MATURANA, 2014a, p. 36). Nesse momento Maturana se deu conta que era exatamente isso que ele almejava em seus estudos, reflexões e pesquisas. Compreender que o ser vivo ou uma célula, é um sistema em que diversas moléculas participam da síntese de diversas classes de moléculas. Um ser vivo equivale a um processo circular de produções moleculares mantido a partir da circularidade produtiva de todos os seus componentes, de maneira que tudo o que acontece com eles acontece

na realização e na conservação de sua dinâmica produtiva, que os define e ao mesmo tempo os constitui em sua autonomia (MATURANA; VARELA, 1997).

O ser vivo constitui-se por meio de uma dinâmica de transformações moleculares. Segundo Maturana e Varela (1997) todas as moléculas produzidas e transformadas no operar da rede, fazem parte da organização e suas interações, pois:

- a) geram a rede de produções e de transformações que as produziu ou transformou;
- b) dão origem aos limites e extensão da rede como parte de seu operar como rede, de maneira que esta fica dinamicamente fechada sobre si mesma, conformando um ente molecular separado que surge independente do meio molecular que o contém por seu próprio operar molecular; e c) configuram um fluxo de moléculas que ao incorporarem-se na dinâmica da rede são partes ou componentes dela, e ao deixarem de participar na dinâmica da rede deixam de ser componentes e passam a fazer parte do meio (MATURANA; VARELA, 1997, p. 15).

Deste modo, compreende-se os seres vivos como sistemas de organização circular, recorrente a uma circularidade que necessita ser conservada. O que para Maturana (2014a, p. 36) significa “falar dos processos que, ao se darem constituem o ser vivo como uma unidade”. Maturana e Varela (1997, p. 15) propõem;

O ser vivo não é um conjunto de moléculas, mas uma dinâmica molecular, um processo que acontece como unidade separada e singular como resultado do operar, e no operar, das diferentes classes de moléculas que a compõem, em um interjogo de interações e relações de proximidade que o especificam e realizam como uma rede fechada de câmbios e sínteses moleculares que produzem as mesmas classes de moléculas que as constituem, configurando uma dinâmica que ao mesmo tempo especifica em cada instante seus limites e extensão. É a esta rede de produções de componentes, que resulta fechada sobre si mesma, porque os componentes que produz a constituem ao gerar as próprias dinâmicas de produções que a produziu e ao determinar sua extensão como um ente circunscrito, através do qual existe um contínuo fluxo de elementos que se fazem e deixam de ser componentes segundo participam ou deixam de participar nessa rede, o que denominamos *autopoiese*.

Heinz von Foerster, convida Maturana para participar de um Congresso, em Chicago, sobre antropologia do conhecimento e o instiga a falar sobre neurofisiologia do conhecimento. Entretanto, Maturana aborda em sua fala “a problemática do conhecimento, não do ponto de vista do sistema nervoso, mas da *perspectiva do operar biológico completo do ser vivo*” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 39). Essa perspectiva de teor foi considerada como a magna inspiração para o nascimento da Biologia do Conhecer. Nas palavras do autor;

Decidi considerar quais processos deveriam ocorrer no organismo durante a cognição, entendendo assim a cognição como um fenômeno biológico. Ao fazer isso, percebi que minhas duas atividades acadêmicas, aparentemente contraditórias, não o eram e que estavam de fato voltadas para o mesmo fenômeno: o conhecimento e o operar do sistema vivo – seu sistema nervoso incluído quando estava presente – eram a mesma coisa. Desse entendimento, o ensaio “Biologia do conhecimento” surgiu como um desdobramento de minha apresentação naquele simpósio (MATURANA; VARELA, 1995, p. 39/40).

Como desdobramento da fala proferida no simpósio, nasce a concepção da Biologia do Conhecer uma nova compreensão sobre os seres vivos e sobre a natureza cognoscitiva humana. Uma concepção, que segundo Maturana e Varela (1995) propõe explicar e compreender o conhecimento, a percepção, a organização do sistema nervoso do ser vivo, a linguagem, a autoconsciência, a comunicação, a aprendizagem. Ela possibilita tecer reflexões e abrir caminhos para a evolução cultural da humanidade como um sistema unitário.

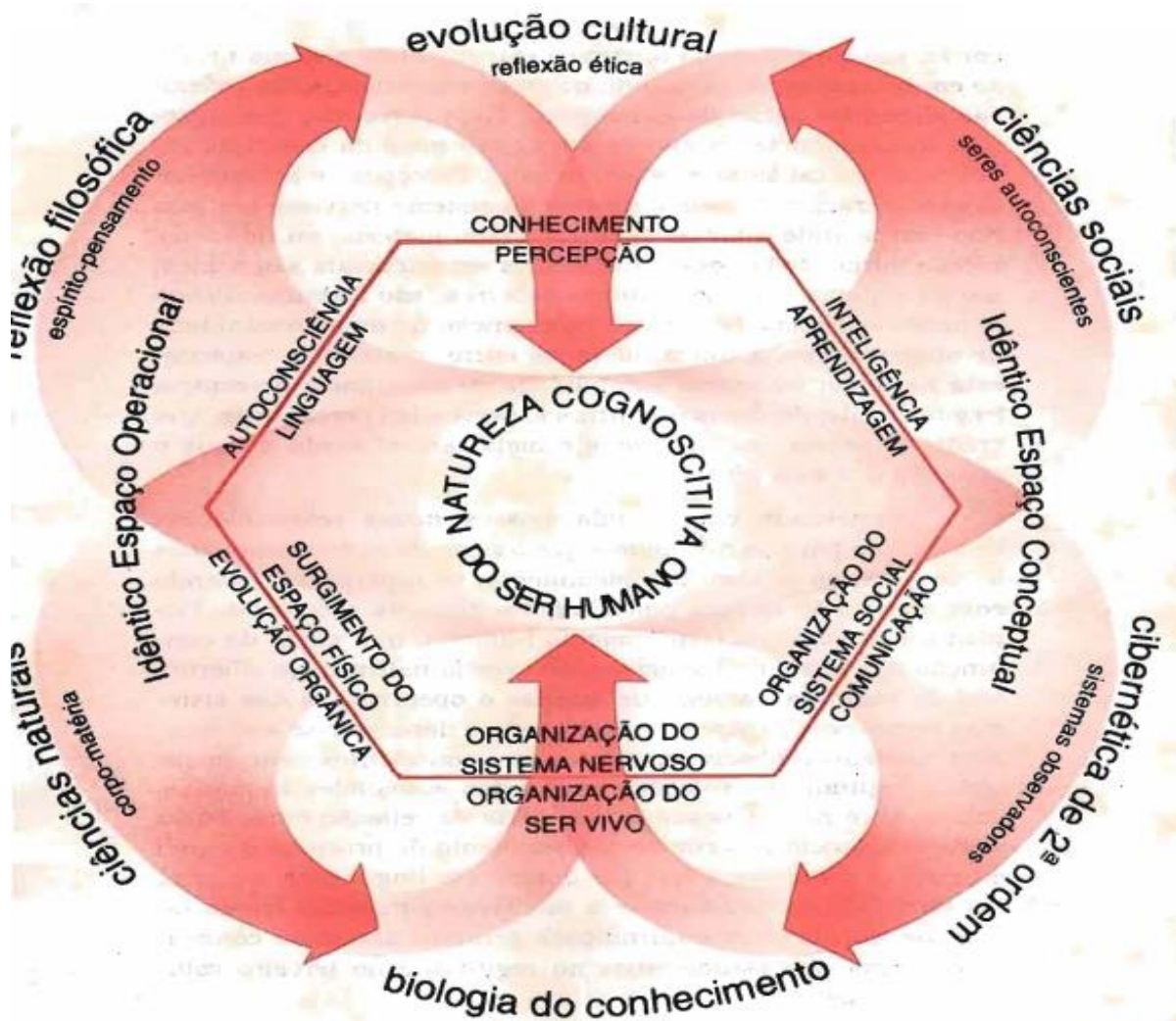
Esse estudo, a Biologia do Conhecer, como a mais nova concepção, oportunizou a realização de vários congressos na Europa e nos Estados Unidos, todos no intuito de refletir e compreender a perspectiva e as implicações em torno da nova concepção e, sua relevância para os fenômenos sociais. A partir da Biologia do Conhecer tornou-se possível confirmar que a circularidade, a autoprodução e a autonomia são componentes presentes nos seres vivos. Uma concepção desenvolvida por meio dos estudos e pesquisas contemplando aspectos biológicos da existência presentes nos sistemas vivos autopoieticos. Reconhecer nossa constituição biológica no processo de aprendizagem requer superar a lógica racional e considerar também a presença das emoções.

Pesquisas desenvolvidas por Frederico Kekulé (1829-1896), vinculados a química moderna orgânica e a polivalência do carbono, juntamente com a estrutura espacial molecular do benzeno, foram de grande valia na construção do gráfico hexagonal. Esse gráfico é constituído de seis partes articuladas, formando um círculo fechado. O hexágono, criado por Kekulé, é de fundamental relevância, pois a partir do hexágono tornou-se possível ordenar e conceber a ampla decorrência de dimensões científicas, dentro de um conjunto conceitual funcional e correlacionado aos trabalhos de Maturana, nos anos de 1969-1970. Essa dinâmica complexa possibilitou uma cosmovisão do universo humano imbricado à biologia.

Nas proposições de Maturana e Varela (1995) o gráfico hexagonal explica a inter-relação de todas as dimensões conceituais de nossa natureza cognoscitiva. Em seu eixo central encontra-se a abertura pela qual Maturana adentra a esse universo correlacionando a percepção, o conhecimento com o operar do sistema nervoso e a organização do ser vivo – natureza

cognoscitiva do ser humano. De acordo com as reflexões dos autores (1995, p. 44) sejam quais forem nossas percepções conscientes, ainda que diferenciadas entre sensoriais ou espirituais, elas “são expressão da dinâmica estrutural do sistema nervoso em seu presente, operando no espaço das descrições reflexivas por meio da linguagem”.

A seguir o Hexágono construído a partir do modelo desenvolvido por Kekulé. O gráfico em questão tem como implicação a natureza cognoscitiva do ser humano³², temática central da deriva histórica, filosófica e cultural das ciências sociais e naturais. O gráfico faz parte da obra “A árvore do conhecimento” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 43).



³² O Ser do Ser Humano. Cosmologia do universo humano, revelada no espaço conceitual do critério científico, o qual se encontra enraizado no próprio fundamento cognoscitivo (experencial) universal a nossa natureza. O Homem está contido apenas em sua própria natureza, em seu modo humano de operar e de autodescrever seu universo experencial-perceptivo, portanto: em seu próprio ser (MATURANA; VARELA, 1995, p. 43).

A diversificação da plasticidade na família molecular orgânica, é de fundamental importância, pois a partir da diversificação presente na plasticidade, tornou-se possível a formação de redes e reações moleculares. Por meio de tais reações as moléculas especificam seus limites, se autoproduzem, seja consigo mesma, ou em interação com outras moléculas. Nesse processo, constituem-se os seres vivos. Então, “como saber quando um ser é vivo e quais meus critérios?” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 82). Durante muito tempo a biologia apresenta diversas características relacionados ao ser vivo, algumas especificidades dificultam respostas para o questionamento supracitado. Entre os diversos critérios apresentados pela biologia, Maturana e Varela (1995) mencionam, a composição química, a reprodução, a capacidade de movimento, a combinação dos critérios descritos e uma lista de propriedades.

Segundo os autores (1997) o mais difícil de compreender e aceitar, no que se refere aos seres vivos, é:

a) que o ser vivo é como ente, uma dinâmica molecular, não um conjunto de moléculas; b) que o viver é a realização, sem interrupção, dessa dinâmica em configuração de relações que se conserva em um contínuo fluxo molecular; e c) que enquanto o viver é e existe como uma dinâmica molecular, não é que o ser vivo utilize essa dinâmica para ser, produzir-se ou regenerar-se a si mesmo, mas que é essa dinâmica o que de fato o constitui como ente vivo na autonomia de seu viver (MATURANA; VARELA, 1997, p. 16).

Para consolidar a concepção da Biologia do Conhecer, Maturana e Varela compreendem o ser vivo como ente molecular, autônomo e de organização circular em contínua conservação de sua organização. Mas, desejam mais e precisam de uma palavra que permita descrever e explicar o ser vivo, de modo que, todos os seus componentes estejam imbricados. Não bastava relacionar o ser vivo e sua organização, ansiavam por algo surpreendente, admirável, capaz de explicar o ser vivo em sua totalidade.

Desejam um termo evocador afirmando a organização do ser vivo como organização circular. Em visita ao amigo e filósofo José Maria Bulnes, conversaram sobre Don Quixote e o dilema do Cavaleiro Quejana, que tinha que escolher entre o caminho das armas – da *práxis* ou o caminho da literatura – da *poiese*. Nesse instante, ocorreu-lhes terem encontrado a palavra que tanto almejavam. Autopoiese, expressava uma nova compreensão da organização circular do ser vivo. Maturana e Varela começaram a falar de Autopoiese, entendida como a organização do ser vivo.

Nascida a palavra Autopoiese, cuja concepção se origina da terminologia grega – *auto* = próprio e si mesmo e, *poiesis* = fazer. Ambos os termos indicam características de

fundamental relevância no intuito de explicar os sistemas vivos, reconhecidos como sistemas dinâmicos, produtos de sua própria funcionalidade, sistemas que se autoproduzem e sua organização constitui-se como invariante desse processo.

No início do uso da expressão Autopoiese, Maturana e Varela (1997) estavam convencidos que poderiam utilizá-la com exclusividade para se referir a organização dos seres vivos. Porém, logo compreenderam que não era possível fazê-lo, já que tal organização, ao menos em princípio, pode ser realizada em muitos domínios diferentes, com diferentes tipos de componentes, e dar origem a muitas classes diferentes de sistemas, nos quais a *Autopoiese*, porém, é incidental e não definitiva como é no caso dos seres vivos, os que existem enquanto sistemas autopoieticos moleculares.

Segundo Maturana e Varela (1997, p. 18);

Os sistemas que diferenciamos como seres vivos no âmbito do biológico, são sistemas autopoieticos moleculares e, todos os fenômenos biológicos resultam do operar dos sistemas autopoieticos moleculares, ou das contingências históricas de seu operar como tais, portanto, ser vivo e sistema autopoietico molecular são o mesmo.

Nesse sentido, nenhum componente, nenhuma matéria ou energia definem o ser vivo como ele é. “Um ser vivo é de fato um sistema autopoietico molecular, a condição molécula é parte de sua definição, porque determina o domínio de vinculação em que existe como unidade composta” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 15).

O viver de todo ser vivo implica num fenômeno biológico e, resulta direta ou indiretamente em diferentes contingências históricas por meio da realização da Autopoiese. De acordo com Maturana e Varela (1997, p. 23) “a Autopoiese molecular caracteriza o viver e o realiza totalmente, considero que é um fenômeno biológico todo fenômeno que envolve a realização da Autopoiese de pelo menos um ser vivo”.

Entender a Autopoiese, de maneira sistêmica, e presente no fenômeno biológico do ser vivo, permite explicar a origem dos seres vivos na Terra, resultantes da dinâmica molecular autopoietica. Um fenômeno de simbiose celular em contínua formação de sistemas multicelulares, pressupõe uma nova organização num suceder de interações recorrentes independente do meio que surge com ele e o contém. Isso, permite entender:

- 1-Que os seres vivos e o viver tem lugar na realização de sistemas autopoieticos moleculares distintos;
- 2-Que a dinâmica molecular da autopoiese ocorre, quando tem lugar como um fenômeno espontâneo, todos os processos moleculares acontecem numa determinação estrutural local sem nenhuma referência a totalidade que constituem;

3-Que os fenômenos biológicos como fenômenos que surgem na realização do vivo, têm e tiveram lugar nas contingências do acontecer histórico da realização da *autopoiese* molecular, nas unidades distintas que os seres vivos são (MATURANA; VARELA, 1997, p. 31).

A teoria biológica do conhecimento tem como dinâmica fundamental o observador, o explicar e o viver dos seres vivos. Explicar o conhecer como processo que surge na espontaneidade do viver dos seres vivos, tem na Autopoiese uma contribuição significativa e provocativa. “O que faz com que uma ideia como a Autopoiese, estritamente uma teoria da organização celular, adquira visibilidade e proeminência muito além da biologia profissional e seja capaz de afetar ou influenciar campos do saber afastados entre si?” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 35). Nesse sentido, a ideia que compõe a Autopoiese contém uma base de sensibilidades históricas, de importância com as quais se alinha e ressoa. Essa base de tendências aparece delineada somente em retrospectiva, já que as ideias, como também a história, são uma possibilidade que se cultiva, não um determinismo mecânico (MATURANA; VARELA, 1997). Para os autores (1997) a Autopoiese ocupa um lugar privilegiado por anunciar de maneira clara e explícita uma tendência que atualmente configura o entusiasmo em diversos domínios do que fazer cultural.

A Autopoiese e a Biologia do Conhecer alinham-se ao coexistir e a compreensão do ser vivo e seu viver como um suceder de sua biologia. Tem como pressuposto a autonomia do ser vivo como fundamento central e considera os seres vivos capazes de interpretação e de aprendizagem desde sua origem, até sua dimensão autônoma e estabelece condições necessárias para uma dinâmica evolutiva.

A Autopoiese e a Biologia do Conhecer geram uma nova visão da vida, do viver e do conhecimento. Imbricadas possibilitam concepções relevantes como a clausura operacional, a deriva natural e a fenomenologia do viver. Essas concepções contribuem na compreensão e tessitura de reflexões sobre as concepções da Biologia do Conhecer e da Autopoiese. “É, no caso da Autopoiese, que ela possa servir para ilustrar a dinâmica inovadora e contribuir para o futuro da ciência responsável por cultivar suas sensibilidades próprias, e não um eco de tendências de outras latitudes” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 60).

A Autopoiese e a Biologia do Conhecer, juntas possibilitam explicar o fenômeno do conhecer numa sucessiva circularidade de interações recorrentes. **A Biologia do Conhecer**, concepção que teve suas raízes na cibernética, como anteriormente descrito, tem como diferencial, explicar a mente humana dentro de um processo sucessivo em clausura operacional, presente no sistema nervoso fechado. Ao nos conectarmos com a rede neuronal dos sistemas

fechados, nos deslocamos de um espaço a outro em constante seguimento unidirecional, espontâneo e recíproco, sem jamais sair da rede de conectividade. **Já a Autopoiese**, possibilita compreender os organismos vivos resultantes de sua estrutura autopoietica. Isso tudo, implica o conhecer, o viver e o fazer como ação consensual de condutas, na conservação na linguagem, no acoplamento estrutural e no reconhecimento de nossa fenomenologia biológica enquanto ser vivo vivente.

2.5 CONHECER, VIVER E FAZER PARA MATURANA E VARELA

Nós pesquisadores, fazemos ciência como observadores ao explicar o que observamos. Como observadores, somos seres humanos. Nós, seres humanos nos encontramos em situação de observadores, observando e, quando começamos a observar nosso observar, na tentativa de descrever e explicar o que fazemos (MATURANA, 2014a). Ou seja,

nos encontramos na linguagem, fazendo distinções na linguagem, quando começamos a refletir na linguagem sobre o que fazemos, e como fazemos o que fazemos ao operar como animais linguajantes. Em outras palavras, acontece-nos que nós já somos sistemas vivos linguajantes fazendo o que fazemos, inclusive nosso explicar, quando começamos a explicar o que fazemos, e já estamos na experiência de observar, quando começamos a observar nosso observar (MATURANA, 2014a, p. 134).

Nas reflexões de Maturana (2014b, p. 21) “um cientista em seu afazer laboratorial, está efetivamente configurando, no seu observar, na mesma medida e do mesmo modo, tanto seu objeto de observação quanto uma possível descrição desse mesmo objeto”. Nisso, Maturana compreende, “enquanto observadores, somos seres humanos vivendo na linguagem e, enquanto seres humanos somos seres vivos” (2014b, p. 21). De acordo com as afirmações dos autores (2014b, p. 21) “para compreendermos o afazer científico, é necessário antes de tudo, compreendermos o observar e com ele o viver”.

Deste modo, o cientista faz afirmações científicas, tais afirmações são validadas por meio do método científico utilizado na construção das afirmações. Para Maturana (2014b) o método científico encontra-se imbricado à quatro operações distintas, entre elas;

a) A observação de um fenômeno que, daí em diante, é tomado como o problema a ser explicado;

- b) A proposição de uma hipótese explicativa sob a forma de um sistema determinístico que pode gerar um fenômeno isomórfico aquele observado;
- c) A proposição de um estado ou processo computado no sistema, especificado pela hipótese como um fenômeno predito a ser observado; e
- d) A observação do fenômeno predito (MATURANA, 2014b, p. 148).

Para Maturana (2014b) na primeira operação, o observador especifica um procedimento de observação e o fenômeno a ser explicado. Na segunda operação, o observador propõe um sistema conceitual ou concreto como modelo do sistema, que ele ou ela assume dando origem ao fenômeno observado. Na terceira operação, o observador faz uso do modelo proposto para computar um estado ou um processo, que propõe um fenômeno predito e observado no sistema modelado. E, na quarta operação, observa o fenômeno predito como um caso do sistema modelado

Maturana fala da linguagem e, como biólogo que é, ele menciona duas questões básicas sobre a linguagem biológica, a saber;

1. Que processos devem ocorrer num organismo para que ele estabeleça um domínio linguístico com outro organismo?
2. Que processos devem ocorrer numa interação linguística que permitam a um organismo (nós) descrever e prever eventos que ele possa experimentar? (MATURANA, 2014b, p. 247).

Compreende-se que a linguagem surge resultante de diversas implicações fundamentais a partir do acoplamento estrutural ontogênico, assim criando um domínio consensual de condutas. Deste modo, o domínio consensual possibilita, em seus participantes, mudanças de estado, ou seja, o operar dos sistemas em contínua interação, uns com os outros → comum aos sistemas autopoieticos. Maturana (2014b) propõem, que cada elemento do comportamento de um organismo operando num domínio consensual age como uma perturbação desencadeadora de um outro. O comportamento do organismo A perturba o organismo B, desencadeando nele uma mudança de estado interna que estabelece nele um background estrutural novo para suas interações futuras, e gera um comportamento que, por sua vez, perturba o organismo A, que perturba o organismo B e, assim por diante de modo recursivo até o processo parar. “Cada afirmação humana implica uma interação. Aquilo a respeito do que o ser humano não pode conversar³³ ele não pode falar” (MATURANA, 2014b, p. 190).

³³ A palavra *conversar* vem da união de duas raízes latinas: *cum*, que quer dizer “com”, e *versare* que quer dizer “dar voltas com o outro” (MATURANA, 2014b, p. 200).

Para a teoria de Maturana compreende a linguagem como um sistema autopoietico fechado, pertencente aos seres humanos. Nesse sentido, Maturana (2014b, p. 188) questionam: “como é que os seres humanos podem usar a linguagem para predizer eventos a serem individualmente experienciados, se a linguagem é um comportamento num domínio consensual?” Nas reflexões de Maturana (2014b), para os organismos que possuem uma língua natural, desempenhá-la é realizar sua autopoiese por meio de seu comportamento consensual, sem que haja perda da autopoiese a partir do acoplamento estrutural recíproco e, das mudanças relacionadas ao sistema nervoso determinadas por sua estrutura e selecionadas por suas interações.

Para o observador as relações das atividades do sistema nervoso de um determinado organismo procedem de modo consensual, resultantes do acoplamento estrutural entre os membros que participam deste domínio consensual, representados pelas interações externas do sistema nervoso e pelas interações internas do observador. Tais interações externas e internas, correspondem ao domínio consensual social. Para Maturana (2014b) o observador não existe sozinho, sua existência implica no mínimo um outro ser, como condição necessária para o estabelecimento do domínio consensual, em que, o indivíduo existe como observador. O que é único para cada observador e que faz com que cada observador se mantenha único é, sua experiência em seu fechamento operacional e sua habilidade de operar, a partir da consensualidade → ser observador de sua circunstância como um observador.

Segundo as proposições do autor, observar é o que nós, observadores fazemos ao distinguir na linguagem, os diferentes tipos de entidades que trazemos a mão como objetos de nossas descrições, explicações e reflexões no curso de nossa participação nas diferentes conversações em que estamos envolvidos, no decorrer de nossas vidas cotidianas, independentemente do domínio operacional em que acontecem (MATURANA, 2014a). Para Maturana (2014a, p. 134) “o observador acontece no observar e, quando morre o ser humano que o observador é, o observador e o observar chegam ao fim”.

Nas reflexões de Maturana e Varela (1995, p. 34), “o observador é um sistema vivo e o entendimento do conhecimento como fenômeno biológico deve dar conta do observador e do seu papel nele, no sistema vivo”. Heinz von Foerster concorda com Maturana e Varela (1995, p. 34) ao afirmar “tanto o biológico quanto o teórico do cérebro ou o pensador social possuem um problema fundamental, quando tem que descrever um sistema, do qual eles mesmos são componentes”. Portanto,

Se o pensador social exclui a si mesmo da sociedade da qual ele pretende fazer uma teoria, em circunstâncias que, para descrevê-la, deve ser um membro seu, ele não produz uma teoria social adequada, porque essa teoria *não o inclui*. Se se tratar de um biólogo explorando o funcionamento do cérebro para dar conta dos fenômenos cognoscitivos, sua descrição do operar cerebral será necessariamente incompleta se não mostrar como surge nele, com seu cérebro, *a capacidade de fazer essas descrições* (MATURANA; VARELA, 1995, p. 34, grifos dos autores).

Inquietos, os autores perguntam; “como é possível que eu mesmo possa dar conta das regularidades e variações perceptivas do meu próprio mundo, incluindo o surgimento de explicações sobre elas, se não tenho como me situar fora de minhas próprias percepções?” (1995, p. 34/35). Nesse caso, em vez do clássico triângulo: observador → organismo → ambiente, no centro, em que o observar é só um modo de viver, o mesmo campo experiencial que se deseja explicar, o observador, o ambiente e o organismo observado, formam agora um só e idêntico processo operacional – experiencial – perceptivo, no ser do ser observador (MATURANA; VARELA, 1995). Sobre o operar do observador e do objeto observado, os autores trazem os seguintes questionamentos: Qual é a organização de um sistema que está organizado, de maneira tal que pode descrever os fundamentos que o capacitam a realizar seu próprio descrever? Como pode, então, um sistema conhecer sua dinâmica cognoscitiva (o que deseja conhecer) se é, simultaneamente, seu próprio instrumento de conhecer? Pode o indivíduo humano se conhecer a partir do humano? (MATURANA; VARELA, 1995).

Desta maneira, torna-se primordial compreender que “o desenvolvimento individual depende da interação social, a própria formação, o próprio mundo de significados de existência, é função do viver com os outros” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 50). Nesse sentido, “a aceitação do outro, é então, o fundamento para que o ser observador e autoconsciente possa aceitar-se plenamente a si mesmo” (1995, p. 50). Entretanto, nosso operar reflexivo encontra-se firmado em dois importantes aspectos. Segundo Maturana e Varela (1995, p. 44) são eles; “nossa dinâmica operacional interna, que constitui o organismo e o sistema nervoso. E, nossa dinâmica operacional externa, relacionada aos nossos atos no meio social”. Nesse viés, nossa essência e condição como seres humanos se constitui, juntamente com nossa percepção e reflexão ética imbricada às interações e condutas humanas, por meio de um sistema integrado ao viver humano individual e a organização social pertencente. Nas reflexões dos autores, “os aspectos do operar reflexivo, sobre a condição humana, envolvendo sua natureza evolutiva e o encontro do ser individual com essa natureza constitui o ser social” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 45).

Tudo isso, implica compreender a natureza do indivíduo humano, ou seja, “o ser social → em linguagem → em coordenação consensual → em cooperação mútua” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 45). Assim, a linguagem é definida como coordenação de coordenações e interações consensuais. A linguagem sinaliza algo no próprio operar de coexistência, sinaliza o operar do observador tanto para algo externo, quanto para algo interno. Como algo externo refere-se às coordenações de condutas. Porém, sua principal relevância encontra-se naquilo que surge para algo interno, ou seja, um fenômeno de interações recursivas no suceder de coordenações, de coordenações de condutas consensuais no viver.

Nas reflexões de Maturana (2014b, p. 200) a linguagem como fenômeno biológico, consiste num fluir de interações recorrentes que constituem um sistema de cocordenações consensuais de conduta, de coordenações consensuais de conduta. Daí que a linguagem, “como processo, não tem lugar no corpo (no sistema nervoso) de seus participantes, mas no espaço de cocordenações consensuais de conduta que se constitui no fluir nos seus encontros corporais recorrentes (MATURANA, 2014b, p. 200).

Nesse sentido, o fluir recursivo de coordenações de conduta consensuais constituem elementos da linguagem por meio de gestos, sons, condutas e posturas corporais. Todas essas ações representam os elementos da linguagem, ou seja, as palavras. De acordo com Maturana (2014b), as palavras são modos de coordenações consensuais de conduta, por isso, aquilo que um observador faz ao atribuir significados aos gestos, sons, condutas e posturas corporais, que ele ou ela distingue como palavras, é conotar ou referir-se às relações de coordenações consensuais, de conduta das quais ele ou ela vê sobre a participação dos gestos, dos sons, das condutas e das posturas corporais como elementos fundamentais da linguagem. Tudo isto, relacionado às interações recorrentes em contínua transformação do linguajar. Segundo Maturana (2014b) as palavras constituem operações no domínio de existência, como seres vivos, dos que participam na linguagem, de tal modo que o fluir de suas mudanças corporais, posturas e emoções tem a ver com o conteúdo de seu linguajar. Os autores afirmam, “o que fazemos em nosso linguajar tem consequências em nossa dinâmica corporal e o que acontece em nossa dinâmica corporal tem consequências em nosso linguajar” (MATURANA, 2014b, p. 201).

A dinâmica fundamental da linguagem constitui-se a partir de interações uns com os outros. Tais interações possibilitam a mudança de nossas emoções, de acordo com o emocionar sucessivo, das emoções vivenciadas na convivência com os outros e, podem acontecer dentro e fora do linguajar. Consequentemente, o linguajar e o emocionar, na perspectiva de Maturana (2014b) muda de domínio de ações e, portanto, muda o curso de nosso linguajar e de nosso

raciocinar. A esse fluir entrelaçado de linguajar e emocionar chamam conversar e, chamam conversação o fluir, no conversar, em uma rede particular de linguajar e emocionar. Por isso,

todo afazer humano se dá na linguagem, e o que na vida dos seres humanos não se dá na linguagem não é afazer humano; ao mesmo tempo, como todo afazer humano se dá a partir de uma emoção, nada do que seja humano ocorre fora do entrelaçamento do linguajar com o emocionar e, portanto, o humano se vive sempre num conversar (MATURANA, 2014b, p. 209).

O observador e o observar representam diversas formas de distinções, por meio da linguagem, possibilitadas pela história humana. Entre as diversas raízes de nosso ser cognitivo humano, encontra-se a construção de mundos, ou seja, as experiências, as vivências, as reflexões e os conhecimentos. A construção de mundos caracteriza-se como essência dos conhecimentos. Conhecer torna-se a chave mestra de todo conhecimento, seja biológico, social, histórico ou cultural. Segundo Maturana e Varela (1995, p. 76) “todo conhecer é uma ação da parte daquele que conhece. Todo conhecer depende da estrutura daquele que conhece”. Nas proposições dos autores sobre o conhecer, eles questionam: “Como o conhecimento se produz na ação? Quais são as raízes e os mecanismos desse operar?” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 76). Para os autores (1995, p. 76), “o fato de o conhecer ser a ação daquele que conhece está enraizado no modo de seu ser vivo, em sua organização”. Os autores (1995) afirmam, que as bases biológicas do conhecer não podem ser entendidas somente pelo exame do sistema nervoso. É necessário, entender como esses processos estão enraizados no ser vivo como um todo. Ou seja, entender o fenômeno do conhecimento em toda a sua dimensão.

Reconhecer um ser vivo, significa possuir uma ideia, mesmo que esta ideia seja implícita sobre sua organização. Maturana e Varela (1995, p. 82) perguntam: “o que é a organização de algo?” Segundo os autores (1995, p. 83) “são aquelas relações que precisam existir ou ocorrer para que esse algo exista”. Essa situação, pela qual reconhecemos implícita ou explicitamente a organização de um objeto, quando o indicamos ou distinguimos é universal, por ser algo que fazemos constantemente. Um ato cognitivo básico, que consiste em gerar classes de diversos tipos, como por exemplo, classe de objetos e classe de boas ações (MATURANA; VARELA, 1995).

Sobre a classe de boas ações é possível entender que, esta classe encontra-se imbricada ao ser vivo. A classe de boas ações propõe complexidade, ela visa a ontologia e a fenomenologia presentes na biologia e nas interações do ser vivo como um todo, inclusive os elementos de sua cultura. Nas proposições de Maturana e Varela (1995, p. 84/85) “a organização que define o ser

vivo como classe, é a organização autopoietica” em outras palavras, “os seres vivos se caracterizam por produzirem-se continuamente a si mesmos”. Na compreensão de Maturana e Varela (1995) **organização** são as relações que devem se dar entre os componentes de um sistema, para que este, seja reconhecido como membro de uma classe específica. E, **estrutura** os componentes e as relações que concretamente constituem uma determinada unidade e realizam sua organização.

Nesse sentido, organização e estrutura são aspectos presentes num mesmo fenômeno, ambos são inseparáveis. No caso dos seres vivos, estes “se caracterizam por sua organização autopoietica. Diferenciam-se entre si por terem estruturas diferentes, mas são iguais em sua organização” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 87). Os autores (1995, p. 89) afirmam, “o ser e o fazer de uma unidade autopoietica são inseparáveis e, esse constitui seu modo específico de organização”. Segundo os autores a organização autopoietica, como toda organização, pode ser obtida por muitas classes diferentes de componentes. No âmbito molecular da origem dos seres vivos terrestres, somente algumas espécies moleculares possuíam as características que possibilitaram constituir unidades autopoieticas, iniciando a história estrutural a que nós seres humanos pertencemos. Por exemplo;

foi necessário contar com moléculas capazes de formar membranas suficientemente estáveis e plásticas para serem barreiras eficazes e, de propriedades mutantes para a difusão de moléculas e íons por longos períodos de tempo com relação as velocidades moleculares (MATURANA; VARELA, 1995, p. 90).

As inquietações de Maturana, sobre a origem dos seres vivos e, sobre o que é um ser vivo, possibilitam compreender que “na história da Terra, se deram condições para a formação de moléculas orgânicas como as proteínas, cuja flexibilidade e maleabilidade ilimitadas tinham condições para a formação de unidades autopoieticas” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 91). Segundo os autores (1995, p. 91) “quando se deram na história da Terra todas as condições suficientes, a formação de sistemas autopoieticos ocorreu de modo inevitável. Ou seja, a origem da vida”. Para os autores uma vez dada as condições para a origem dos sistemas vivos, estes se originaram muitas vezes – muitas unidades autopoieticas, com muitas variantes estruturais, surgiram em vários lugares da Terra ao longo de talvez muitos milhões de anos. Maturana e Varela (1995, p. 79) propõe que, o mais importante nesta história de transformações moleculares é “o momento de acumulação e diversificação das moléculas formadas por cadeias de carbono, ou moléculas orgânicas”. Ou seja, diversidade morfológica e química das moléculas orgânicas viabilizou a existência dos seres vivos, ao possibilitar a diversidade de

reações químicas e moleculares sempre envolvidas nos processos que as produzem (MATURANA; VARELA, 1995).

A partir da diversidade morfológica e química das moléculas orgânicas, tornou-se possível a existência dos seres vivos, possibilitando interações entre a diversidade de reações moleculares na realização de processos que se autoproduzem e especificam seus próprios limites. Nesse sentido, compreende-se que um sistema se constitui por meio da organização de suas propriedades em um conjunto de componentes, ou de unidades, sempre em uma trama circular de novas complexidades. De acordo com Sachet (2008) a organização é o que define uma unidade como tal e, ao destruí-la, destruímos a unidade, o que não acontece necessariamente à identidade de classe de uma unidade, pois a mudança estrutural não implica a mudança do tipo de unidade. Maturana e Varela (1995, p. 112) afirmam que, “a transformação ontogênica de uma unidade não cessa até sua desintegração = morte”.

Perguntar sobre a organização de algo, requer informações sobre sua composição. Nisso, importam as relações efetivas, os acontecimentos para que algo se realize. Maturana e Varela (1997) reconhecem que a organização permite a geração de classes, de qualquer tipo, como um ato cognoscitivo que realizamos constantemente, gerando os critérios de classificação e de satisfação, para um observador de um ente qualquer. Isso possibilita pensar os seres vivos a partir de sua organização.

Importa compreender e entender a organização dos seres vivos, a partir das explicações de Maturana e Varela, principalmente as relacionadas à organização autopoietica. Para os autores, definir o ser vivo como vivo implica considerar que o mesmo possui um tipo de organização celular e, que este possibilita viver uma organização autopoietica. Para Maturana e Varela (1995, p. 113) “a unidade autopoietica tendo uma estrutura particular e interações recorrentes entre unidade e meio constituem perturbações recíprocas”. Sobre a organização e a estrutura das unidades autopoieticas, Maturana e Varela (1995, p. 113) entendem que:

As interações e a estrutura do meio desencadeiam as mudanças estruturais das unidades autopoieticas (não as determina nem informa), e vice-versa para o meio. O resultado será uma história de mudanças estruturais mútuas, desde que a unidade autopoietica e o meio não se desintegram havendo um acoplamento estrutural.

A concepção de Autopoiese nasce no berço das diversas reflexões, estudos e pesquisas realizadas por Maturana e Varela. Foi compreendida como auto-reprodução ou auto-produção de si mesmo, ou seja, os sistemas se autoproduzem a si mesmos numa relação circular de organização. Nesse sentido, compreende-se que somente os sistemas vivos possuem a

organização autopoietica. Tal organização constitui-se, por meio dos seus componentes moleculares em constante interação e, em contínuas transformações que integram a rede que os produziu. Segundo os autores “os sistemas vivos são máquinas autopoieticas, transformam a matéria neles mesmos, de maneira tal que seu produto é sua própria organização → se um sistema é autopoietico, é vivente” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 75). Para os autores “a noção de autopoiese é necessária e suficiente para caracterizar a organização dos sistemas vivos” (1997, p. 75).

Assim, a organização autopoietica define o ser vivo como uma unidade autônoma, definida por sua própria finalidade, de maneira simultânea e, em contínua interação de seus componentes. Ou seja, unidades autopoieticas imbricadas ao fenômeno de seu operar, dependem da organização e como a organização se realiza. A fenomenologia biológica do ser autopoietico constitui um domínio fechado de relações, especificadas somente com respeito a organização autopoietica que elas compõem, determinando um espaço de organização e materialização como sistema concreto, cujas dimensões são as relações de produção dos componentes que o constituem:

- i) Relações constitutivas, determinam que os componentes produzidos constituam a topologia em que se materializa a autopoiese.
- ii) Relações de especificação, que determinam que os componentes produzidos sejam justamente aqueles componentes definidos por sua participação na autopoiese.
- iii) Relações de ordem, que determinam que a concatenação dos componentes em suas relações de especificidade, constitutivas e de ordem sejam as especificadas pela autopoiese (MATURANA; VARELA, 1997, p. 81/82).

Diante do que foi mencionado, compreende-se que a materialização de todo sistema acontece a partir das relações de produção da autopoiese. Portanto, há algumas noções específicas e aplicáveis aos sistemas autopoieticos, ou mais especificamente quatro noções gerais. Para Maturana e Varela (1997) a **primeira** noção define que os componentes e a organização podem materializar-se, ficando implícito o cumprimento de todas as relações termodinâmicas e energéticas. É constitutivo da organização autopoietica o fato de que determinadas moléculas têm entre suas propriedades, a possibilidade de determinada interação, pois no contexto dessas interações mantêm as devidas relações energéticas.

Como **segunda** noção dos sistemas autopoieticos, Maturana e Varela (1997) propõem que a especificidade e ordem sejam referenciais. Elas necessitam de significado fora do contexto em que são definidas. As relações de especificidade referem-se às especificações dos componentes no contexto, daquilo que definem o sistema autopoietico. As relações de ordem

referem-se ao estabelecimento de processos, que asseguram a presença dos componentes na concatenação, tendo como resultado a autopoiese.

A **terceira** noção dos sistemas autopoieticos, de acordo com Maturana e Varela (1997) define que uma organização autopoietica adquire unidade topológica mediante sua materialização num sistema autopoietico concreto a conservar sua identidade enquanto continua sendo autopoietico. Nisso, as interações constituem-se como um sistema autopoietico, pois se projetarmos esse sistema sobre o espaço e efetuarmos nossas manipulações, fazemos uma descrição desta projeção. Assim, modificamos o sistema autopoietico modificando seus componentes.

A **quarta** noção referente aos sistemas autopoieticos, afirma que a codificação e a transmissão de informações não entram na determinação de um sistema autopoietico concreto, pois, não constituem elementos causais dele. Assim, a noção de especificidade não implica codificação, informação nem instruções, somente descreve certas relações determinadas, dependentes da organização autopoietica, que dão por resultados a produção dos componentes específicos. A noção de codificação é uma noção cognoscitiva que representa as interações do observador e, não um fenômeno operativo visível no domínio físico.

As noções descritas possuem validade e contribuem para compreender a formação dos sistemas autopoieticos em todos os níveis de materialização molecular. Para Maturana e Varela (1997, p. 86) “o único aspecto que define a célula como unidade – como indivíduo é sua autopoiese e, a única restrição imposta a existência de uma célula é a conservação da autopoiese”. E ainda, “os sistemas vivos são definidos como unidades por sua autopoiese. Isso, é significativo e faz com que a fenomenologia dos sistemas vivos dependa somente de sua condição de unidades autopoieticas” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 90).

O sistema autopoietico possui sua organização e estrutura por meio da autopoiese, uma vez que tal sistema, ao ser considerado autopoietico no espaço físico, representa um sistema vivo. Para Maturana e Varela (1997, p. 108) “um sistema é vivo porque é um sistema autopoietico, é uma unidade no espaço físico porque é definido como unidade nesse espaço por meio e através de sua autopoiese”. Desta maneira, o espaço físico encontra-se vinculado a diversos componentes, tais como força, massa, aceleração, distância, campo, entre outros. Nessas condições podem acontecer dois tipos de fenomenologia num determinado espaço físico, a saber: a fenomenologia estática e a fenomenologia mecânica. Ambas as fenomenologias procedem conforme a participação dos componentes em sua geração.

Por fenomenologia estática compreende-se, segundo Maturana e Varela (1997) uma fenomenologia de relação entre propriedades dos componentes. E, por fenomenologia mecânica

compreende-se, uma fenomenologia de relações entre processos gerados pelas propriedades dos componentes. Mas, os autores (1997, p. 109) perguntam: “Como isto pode caracterizar a fenomenologia biológica, que é a fenomenologia dos sistemas autopoiéticos que tem lugar no espaço físico?” Maturana e Varela (1997, p. 109) afirmam: “um fenômeno biológico define-se e constitui-se por uma concatenação de processos em relações subordinadas a autopoiese de pelo menos um sistema vivo”.

Na continuidade os autores ainda questionam: “porque a autopoiese se realiza em cada tipo de célula com a participação de apenas um certo tipo de interações regulares e recorrentes, e não de outras?” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 113). A resposta para tal questionamento torna-se possível por meio da filogenia ou da história da estirpe celular correspondente. O tipo de acoplamento estrutural atual de cada célula é o estado presente da história de transformações estruturais da filogenia pertencente. Ou seja, é um momento na deriva natural dessa linhagem, resultante da contínua conservação do acoplamento estrutural de cada célula em relação ao meio em que se realiza.

2.6 ACOPLAMENTO ESTRUTURAL, CONDUTAS E ATOS COGNITIVOS

A dinâmica de interações do ser vivo com o meio possibilita reconhecê-los como seres vivos sociais. As diferenças e variações entre os seres vivos, desencadeia uma rede de mudanças e transformações históricas, ou seja, a trama que constitui a existência histórica e social principalmente dos seres humanos. Nas reflexões de Maturana e Varela (1995, p. 130) “sem uma compreensão adequada dos mecanismos históricos de transformação estrutural é impossível entender o fenômeno da cognição”. Segundo Maturana e Varela (1995, p. 131) “história das mudanças estruturais de um determinado ser vivo é sua ontogenia”. Nessa evolutiva,

[...] todos os seres vivos começam com uma estrutura inicial que condiciona o curso de suas interações e delimita as mudanças estruturais que tais interações desencadeiam. Ao mesmo tempo, eles nascem num determinado lugar, num meio que constitui o entorno em que se realizam e interagem, e que consideramos também ser dotado de uma dinâmica estrutural própria, operacionalmente distinta do ser vivo (MATURANA; VARELA, 1995, p. 131).

Enquanto observadores, compreendemos o ser vivo como uma unidade imbricada a uma determinada organização. Assim, entende-se que o ser vivo se constitui, a partir de duas estruturas fundamentais, independentes uma da outra – o ser vivo e o meio. Ambas as estruturas ser vivo e meio, representam uma congruência estrutural de fundamental importância. De acordo com Maturana e Varela (1995) em tal congruência estrutural, uma perturbação do ambiente não determina o que acontecerá ao ser vivo, pois é a estrutura deste que define que mudanças ocorrerão como resposta. Para os autores as mudanças que resultam da interação entre o ser vivo e seu meio são desencadeadas pelo agente perturbador, mas determinadas pela estrutura do sistema perturbado. “O mesmo vale para o meio: o ser vivo é uma fonte de perturbações, e não de instruções” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 131).

Assim, unidade e meio, em contínua interação, constituem uma dinâmica de compatibilidade/comensurabilidade. A existência de compatibilidade entre o meio e a unidade desencadeiam perturbações e mudanças mútuas de estado. Tais mudanças, são definidas como processo de acoplamento estrutural. Maturana e Varela (1995, p. 136) afirmam que “toda mudança estrutural de um ser vivo está necessariamente limitada pela conservação de sua autopoiese”. Para os autores as interações que desencadeiam mudanças estruturais compatíveis com tal conservação são perturbações e, as que não fizerem isso são interações destrutivas. A mudança estrutural, contínua dos seres vivos, visando a conservação de sua autopoiese ocorre a cada instante e de várias maneiras, ao mesmo tempo. É o pulsar de tudo o que vive.

Diante do exposto, compreende-se que a adaptação, uma maneira de compatibilidade da unidade com o meio imbricada aos processos de mudança e transformação, estabelecem uma troca que possibilita a existência, entre conservação e organização. De acordo com Maturana e Varela (1995) a adaptação, é uma consequência necessária, do acoplamento estrutural da unidade com o meio. Assim, a ontogenia de um indivíduo é uma deriva de mudanças estruturais com conservação de organização e adaptação. Firma-se que:

A conservação da autopoiese e a conservação da adaptação são condições necessárias à existência dos seres vivos. A mudança estrutural ontogênica de um ser vivo no seu meio será sempre uma deriva estrutural congruente entre ser vivo e meio ao longo da história de interações do ser vivo, enquanto estiver vivo (MATURANA; VARELA, 1995, p. 137).

A adaptação e a conservação da autopoiese são condições necessárias e suficientes para a continuidade da existência. A evolução, enquanto deriva natural imbricada ao acoplamento estrutural entre unidade e meio, acontece num presente cambiante vinculado a história de

transformações estruturais da filogenia do organismo. Cada ser vivo se realiza, a partir da história social expressa em sua ontogenia. Sendo assim, a estrutura de um organismo ocorre no presente e resulta da deriva estrutural e ontogênica de sua existência. Isso, leva os autores a afirmar que todo ser vivo começa sua existência como uma estrutura unicelular particular. Eis, seu ponto de partida e, nela a ontogenia consiste em uma contínua transformação estrutural. Por um lado,

é um processo que ocorre sem interromper a identidade nem o acoplamento estrutural do organismo ao meio, desde o início até a desintegração final. Por outro lado, segue um curso particular selecionado pela sequência de mudanças estruturais desencadeadas por sua história de interações (MATURANA; VARELA, 1995, p. 159).

Compreende-se então que o domínio das interações de uma unidade autopoietica, via acoplamento estrutural e meio representam o domínio de todas as deformações vivenciadas pela unidade autopoietica sem perder sua identidade. Para cada unidade, o domínio de interações acontece na maneira particular de realizar sua autopoiese e, estas podem ser descritas pelo observador, como sendo um agente deformante e a deformação. No entendimento dos autores (1997, p. 116) a forma como um sistema autopoietico compensa as deformações pode ser considerada pelo observador como a descrição do “agente deformante que vê atuar sobre o sistema; e a deformação acontecida[...] como representação do agente deformante”. Assim, “o domínio de todas as interações em que um sistema autopoietico pode participar sem perder sua identidade, o domínio de todas as trocas que pode sofrer ao compensar perturbações, é seu *domínio cognoscitivo*” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 116). Compreende-se então

que o domínio cognoscitivo de um sistema autopoietico é equivalente a seu domínio condutual e, na medida em que toda conduta pode ser observada, equivale a seu domínio de descrições. Dito de outro modo, que toda conduta é expressão de conhecimento (compensação de perturbações), e que todo conhecimento é conduta descritiva (MATURANA; VARELA, 1997, p. 116).

Nesse sentido, “a validação de todo conhecimento nos seres vivos, principalmente nos indivíduos humanos procede necessariamente, em sua autopoiese continuada” (MATURANA; VARELA, 1997, p. 117). Por meio do acoplamento de conduta, ou seja, da atuação entre si dos sistemas autopoieticos de um organismo, podem ocorrer diversas deformações. Por exemplo, a conduta autopoietica de um organismo A (pai/mãe/educador), passa ser fonte de deformação para um organismo B (filho/estudante). Nisso, a conduta compensatória do organismo vivo B

(filho/estudante) atua como fonte de deformação para A (pai/mãe/educador), cuja conduta compensatória atua como deformação para B e, assim sucessivamente, de modo recorrente e contínuo, até que o acoplamento entre ambos, A e B seja interrompido. Estas deformações da conduta acoplada entre os organismos A e B, constituem as interações comunicativas.

Em um ambiente, onde o pai atua com seu filho, a mãe atua e interatua com seu filho e o educador interatua com o estudante, ocorre um acoplamento de conduta → deformação compensatória. Maturana e Varela (1997) compreendem que, os organismos acoplados são capazes de uma conduta plástica e permanente, modificáveis nas interações e, suas trocas de deformações acopladas constituem as duas ontogenias concatenadas para darem origem a um âmbito consensual de conduta acoplada a ser especificada durante o processo de sua geração. Ao desenvolver um fluxo de interações concatenadas, a conduta de cada organismo em cada relação é determinada por sua organização autopoietica, sendo para o outro fonte de deformações compensáveis e significativas nesse contexto de condutas acopladas.

Conceitualmente, acoplamento, na perspectiva de Maturana e Varela, é diferente do que se diz tradicionalmente: educar é resolver problemas ou educar é dizer para a criança o que ela precisa para viver o amanhã. Para os autores as relações entre pai, mãe e filhos, professores com estudantes, estudantes e as pessoas para consigo mesmo ocorrem em um âmbito consensual de condutas e interações recíprocas como ontogenias acopladas, que resultam num domínio linguístico. E, por domínio linguístico compreendem um domínio consensual resultante desses acoplamentos. De acordo com Maturana e Varela (1997) o organismo A não determina e nem pode determinar a conduta do organismo B, devido sua própria natureza mesma da organização autopoietica, que faz com que toda mudança experimentada seja necessária e, determinada por sua própria organização e não pela transmissão de informação.

Nesse ambiente interatuante de deformações de condutas consensuais, A e B são sistemas acoplados em seus estados descritivos, constituindo as descrições linguísticas de si mesmos, como observadores e também como observadores de sua observação, ou seja, a auto-observação, como conduta consciente.

Observar mudanças congruentes entre um organismo e seu meio significa representar os movimentos presentes no organismo, portanto para Maturana e Varela (1995, p. 167) condutas são “as mudanças de postura ou posição de um ser vivo que um observador descreve como movimentos ou ações em relação a um determinado meio”. Mais especificamente segundo os autores (1997, p. 121)

Os seres vivos enquanto unidades autopoieticas no espaço físico definem seu mundo fenomenológico em relação com sua autopoiese, em tal espaço, operam nesse mundo recorrente, por meio de suas descrições. E no domínio de descrições, os sistemas autopoieticos assinalam que o espaço físico é singular por ser o espaço em que eles acontecem mediante sua conduta, ou seja, o espaço em que eles têm seu lugar.

Considerando a efetividade dos sistemas autopoieticos em seu espaço físico, Maturana e Varela (1997, p. 121) reconhecem a necessidade de “um enfoque cognoscitivo inteiramente novo” como fenomenologia autopoietica, ou seja, a autopoiese gera um domínio fenomenológico, nominado de “domínio cognoscitivo”. Dessa forma a fenomenologia do organismo, como unidade, equivale à fenomenologia de sua autopoiese e, as mudanças que ocorrem no organismo, enquanto mantém sua autopoiese, constituem sua conduta. Conseqüentemente, a conduta observada em qualquer organismo, qualquer que seja seu grau de complexidade, é sempre expressão de sua autopoiese.

Reafirmamos que a conduta representa a descrição realizada pelo observador referindo-se às mudanças de si, seu meio, uma rede de perturbações vivenciais. Essa compreensão leva Maturana e Varela (1995, p. 191) a afirmarem que “o sistema nervoso não inventa a conduta, e sim a expande de forma dramática”. Assim, a conduta dos seres vivos não é uma invenção do sistema nervoso, não está associada exclusivamente a ele, pois o observador observará condutas em qualquer ser vivo em seu meio. O que o sistema nervoso faz é expandir o domínio de possíveis condutas, ao dotar o organismo de uma estrutura neural tremendamente versátil e plástica. Isso significa dizer

Que o sistema nervoso surge na história filogenética dos seres vivos como um tecido de células peculiares, que se inserem no organismo de modo a acoplar pontos nas superfícies sensoriais com pontos nas superfícies motoras. Portanto, com a rede de neurônios mediando o acoplamento, amplia-se o campo de possíveis correlações sensório-motoras do organismo e expande-se o domínio de condutas (MATURANA; VARELA, 1995, p. 191).

Observa-se que a partir da história dos seres vivos existem duas tendências que contribuem para a transformação do sistema nervoso nos seres vivos. Numa das tendências os neurônios são reunidos “num compartimento - cordão nervoso”, na outra tendência ocorre uma concentração, ou seja, “um volume externo cefálico – cefalização” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 192). Para os autores, o resultado é que o operar do sistema nervoso se diversifica tremendamente com o aumento da variedade dos modos de interação neural, acarretando o

crescimento da porção cefálica, como mostram todas as linhagens de vertebrados, cefalópodes e insetos. Em outras palavras, “O aumento da massa cefálica amplia enormemente as possibilidades de plasticidade estrutural do organismo, o que é fundamental para a capacidade de aprendizagem” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 192).

O sistema nervoso, em seu operar, participa de diversos circuitos interconectados e entremeados, num mecanismo que possibilita as conexões internas e fechadas como essenciais na conservação de sua totalidade. “É assim que podemos definir o sistema nervoso, quanto a sua organização, como dotado de uma clausura operacional” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 193). Em outras palavras,

o sistema nervoso constitui-se de tal maneira que sejam quais forem suas mudanças de estado geram outras mudanças dentro de si mesmo. Seu operar consiste em manter invariáveis certas relações entre seus componentes diante das contínuas perturbações que geram, tanto na dinâmica interna como nas interações do organismo que integra. O sistema nervoso funciona como uma rede fechada de mudanças de relações de atividade entre seus componentes (MATURANA; VARELA, 1995, p. 193).

O sistema nervoso opera como unidade autônoma, na qual, um certo estado de atividade leva a outra atividade, num suceder circular de atividades e de clausura operacional nele próprio. Nesse sentido pode-se afirmar que “todo conhecer é fazer, como correlações sensório-efetoras nos domínios de acoplamento estrutural em que o sistema nervoso existe” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 194). Nesse sentido, toda interação, todo acoplamento afetam o operar do sistema nervoso, devido às mudanças estruturais que desencadeia nele. Toda experiência particularmente nos modifica, ainda que às vezes as mudanças não sejam de todo visíveis.

Além das mudanças, que ocorrem no sistema nervoso, ele também é dotado de plasticidade, ou seja, “todo sistema nervoso conhecido apresenta algum grau de plasticidade” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 197). Os autores afirmam a existência de uma riqueza plástica do sistema nervoso que reside em sua contínua transformação, congruente com as transformações do meio, como resultado de cada interação que efetua. Para um observador, isso fica entendido como uma aprendizagem adequada. O operar do organismo, incluindo o sistema nervoso, seleciona as mudanças estruturais que lhe permitem continuar operando sem se desintegrar.

Deste modo, as mudanças estruturais que ocorrem no sistema nervoso contribuem para as interações entre organismo e meio em uma deriva estrutural contínua, em sucessivas e recorrentes interações na conservação e adaptação do acoplamento estrutural. Compreendem

Maturana e Varela (1995, p. 198) que “o observador vê o organismo se mover adequadamente num meio em transformação e chama isso de aprendizagem”. Chamam atenção para a atual e equivocada tendência em considerar o aprendizado e a memória como um captar ou receber informações do meio,

Tendemos a considerar o aprendizado e a memória como fenômenos de mudança de conduta que ocorrem quando se capta ou recebe algo do meio, o que implica supor que o sistema nervoso funcione com representações. [...]. A aprendizagem é uma expressão do acoplamento estrutural, que sempre manterá uma compatibilidade entre o operar do organismo e o meio. Quando nós, como observadores, examinamos uma sequência de perturbações compensadas pelo sistema nervoso de uma das muitas maneiras possíveis, parece-nos que ele internalizou algo do meio (MATURANA; VARELA, 1995, p. 199).

Persiste ainda a lógica de que o observador, ao examinar as perturbações compensadas pelo sistema nervoso tem a ver com a internalização de algo do meio. Para Maturana e Varela (1995) adotar essa descrição, é meramente algo útil para a comunicação entre observadores. Em outras palavras: descrever a aprendizagem como uma internalização do meio confunde as coisas, pois sugere que na dinâmica estrutural do sistema nervoso há fenômenos que existem, apenas no domínio de descrições de alguns organismos capazes de linguagem, como nós.

Trata-se de uma tendência equivocada considerar a memória e a aprendizagem, a partir de mudanças de condutas ocorridas ao captar ou receber informações do meio, reafirmando o representacionismo. O meio e o operar do organismo estará sempre entrelaçado à aprendizagem, portanto, aprendizagem e acoplamento estrutural estão imbricados, uma é expressão da outra. Mas, “o que significa dizer que o conhecimento é um ato cognitivo?” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 200). Para os autores os critérios utilizados para evidenciar se um indivíduo humano possui conhecimentos, firma-se como ação efetiva, dentro do domínio de resposta. Por isso, “Toda interação de um organismo, toda conduta observada, pode ser avaliada por um observador como um ato cognitivo. O viver – a conservação ininterrupta do acoplamento estrutural como ser vivo – é conhecer no âmbito do existir. Viver é conhecer” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 201).

O sistema nervoso participa efetivamente no processo cognitivo de duas maneiras distintas, a saber, amplia o âmbito de estados possíveis, por meio de sua plasticidade, desenvolvendo diversas possibilidades sensório-motoras e, contribui ao possibilitar novas dimensões de acoplamento estrutural para o organismo em diferentes interações. Deste modo, o sistema nervoso expande as capacidades de conhecimento do organismo e possibilita ampliar estados internos com a participação do cérebro e a diversidade de interações possíveis. Para

Maturana e Yáñez (2009) a estrutura do sistema nervoso constitui-se como uma dinâmica fechada, que muda continuamente no curso do organismo vivo em suas atividades e, no fluir das interações do organismo com o meio, em todas as dimensões. Assim, a conduta adequada na relação organismo e meio surge de seu fluir, a partir do acoplamento estrutural, resultado da contínua transformação do sistema composto entre a circularidade espontânea, o organismo e o meio.

É, pois de fundamental importância compreender os fenômenos cognitivos, entender quando um ato é cognitivo. Nas reflexões dos autores, falamos de conhecimento toda vez que observamos uma conduta efetiva, num contexto assinalado num domínio que definimos com uma pergunta (explícita ou implícita), que formulamos como observadores. Os autores (1995) afirmam que, em organismos cujo sistema nervoso é tão rico e variado como o do indivíduo humano, os domínios de interação possibilitam a geração de novos fenômenos ao possibilitar novas dimensões de acoplamento estrutural. Foi isso, que possibilitou a linguagem e a consciência humanas (MATURANA; VARELA, 1995). Para eles o fato da conduta do organismo, sob condições de interação recorrente ou novas, ser autopoietica, aparece como adaptativa para um observador, é de fato o resultado necessário do contínuo operar homeostático do sistema nervoso e do organismo.

Deste modo, compreende-se que as mudanças que o sistema nervoso adota no domínio de estados possíveis, tem lugar ao longo da ontogenia do organismo, como resultado de suas interações e constituem a aprendizagem. A aprendizagem, como um fenômeno de transformação do sistema nervoso associado à uma mudança de conduta, tem lugar na manutenção da autopoiese e ocorre devido ao contínuo acoplamento entre a fenomenologia estado-determinada do sistema nervoso e a fenomenologia estado-determinada do ambiente (MATURANA; VARELA, 1997). Aprendizagem significa a expressão do acoplamento estrutural e, seu funcionamento mantém a compatibilidade entre o operar do organismo e seu meio. E, mais uma vez, para o observador, toda interação de um organismo e toda conduta observada representam um ato cognitivo - o ser imbricado ao conhecer.

Conhecer equivale ao entrelaçamento do viver cotidiano e como experiências cotidianas. Deste modo, todos os seres biológicos, incluído o *homo sapiens* possuem dimensões cognitivas e potencialidades para diversos domínios de condutas adequadas aos contextos vivenciados. Significa também, um ato contínuo e recorrente de conhecer seu mundo de existência. Ou seja, “A partir da experiência cotidiana do conhecer, nos possibilita gerar a explicação de sua origem. O começo é o final” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 258). Nesse sentido, nos encontramos imersos em interações e, conseqüentemente somos resultantes da

história dos seres vivos, em especial a história do *Homo sapiens*. Para Maturana e Varela (1995, p. 259) “todo fazer leva a um novo fazer: é o círculo cognitivo que caracteriza o nosso ser, num processo cuja realização está imersa no modo de ser autônomo do ser vivo”. E, nesse sentido os autores (1995, p. 260) consideram que **“ao tentar conhecer o conhecer, acabamos por nos encontrar com nosso próprio ser”** (grifos meus).

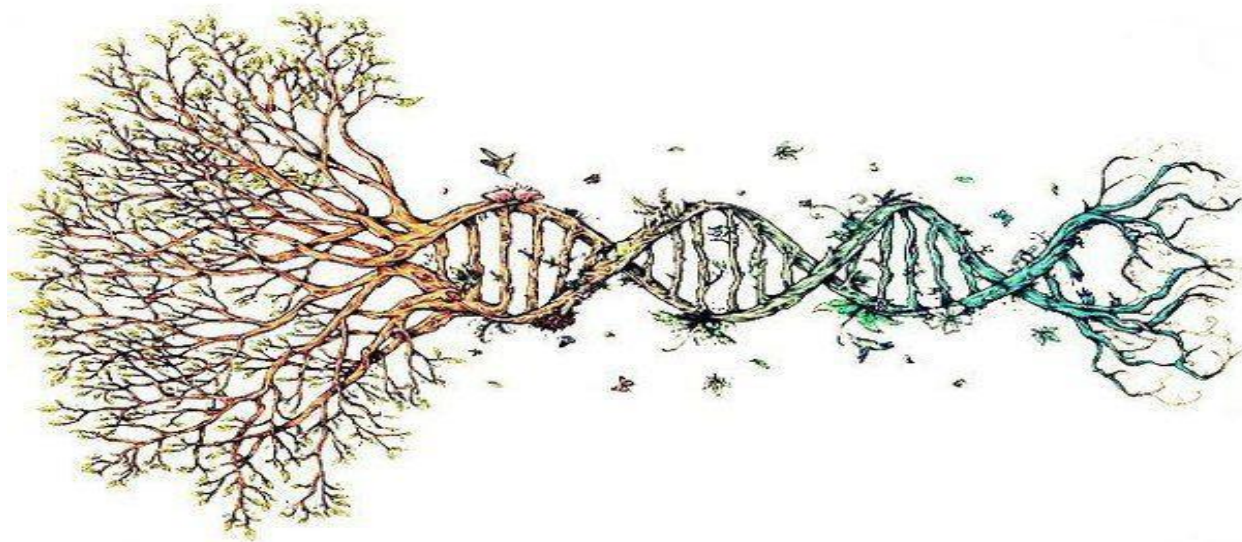
Vimos assim, que o estudo e compreensão sobre as concepções da Autopoiese e da Biologia do Conhecer, apontam para uma alternativa, uma perspectiva própria, específica do fenômeno social, ou seja, reconhecer o indivíduo humano em sua autonomia e unicidade, não somente enquanto espécie ou membro de um determinado grupo. A concepção de Autopoiese tem como dinâmica fundamental priorizar o equilíbrio entre a existência e à deriva natural, coletiva e individual.

Importa compreender ainda que, na dinâmica da vida, enquanto existirem células vivas, não acontece o descarte. Porém, é o contrário do que nós humanos fazemos com os indivíduos humanos, pois descartamos indivíduos vivos. A Autopoiese possibilita criar aberturas para ações altruístas, ações benéficas tanto para o individual como para o coletivo quanto e, assim evocar condutas humanas éticas e responsáveis. Como já descrito anteriormente, é sabido que os seres humanos, em sua deriva natural de existência, tanto filogeneticamente quanto ontologicamente não nascem competitivos, odiando e discriminando nem a si mesmos, nem a outrem.

Por isso mesmo, na atualidade faz-se relevante e urgente uma concepção educativa que viabilize a ética emergida da consciência biológica e social, capaz de desenvolver uma reflexão humana central, como fenômeno biológico e social constitutivos. E, nesse viés de condutas, ações e reflexões, toda vez que emergem circunstâncias contraditórias ou opostas a outro indivíduo humano, para que nós, indivíduos humanos – *Homo sapiens-amans*, possamos considerar ser nosso ponto de vista resultante de um acoplamento estrutural dentro de um domínio experiencial tão válido e aceito, quanto o de nosso oponente, ainda que identificado como menos desejável. Que a Autopoiese contribua e possibilite criar perspectivas abrangentes, como domínios experienciais em que o eu, o outrem e a biosfera possam ter reconhecimento e lugar como mundos vividos e válidos. Oxalá, isso possa compreender e reafirmar o que nossa biologia revela - a unicidade do indivíduo humano. E que, por isso mesmo, “Pelo raciocínio do encontro com o outro, pela possibilidade de olhar o outro como um igual, num ato chamado de amor – a aceitação do outro ao nosso lado na convivência” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 263). Tudo isso, requer diferentes imaginários, diferentes agires/fazeres educativos e

pedagógicos. Pergunto: Com qual sentido e porque a concepção da Autopoiese pode ser considerada uma alternativa formativa para de humanos em domínios contemporâneos?

CAPÍTULO III



Fonte: PINTEREST, 2021

UMA CONCEPÇÃO DE EXPERIÊNCIAS FORMATIVAS EM CONSENSOS DE AMAR

Isso sabemos: todas as coisas estão interligadas como o sangue que une a família. Tudo o que acontece com a Terra, acontece com os filhos e filhas da Terra. O homem não tece da vida; ele é apenas um fio. Tudo o que faz a teia, ele faz a si mesmo.

TED PERRY, 2012, inspirado no Chefe Seattle

Há milênios, nós indivíduos humanos vivenciamos um *continuun* como história da humanidade, por meio de diversos paradigmas civilizatórios, muitas vezes contrários aos processos que sustentam a vida. Concebemos diversos domínios existenciais como processos de deterioração, que tem afetado diversas dimensões da experiência humana, como a científica, a econômica, a cultural, social, religiosa, entre outras. O atual modo de viver hegemônico e civilizacional contribui para a extinção de sistemas sociais. Como via de regra, gera autoritarismos, nacionalismos e extrema violência contra a dignidade humana. Um modo de viver incongruente e insustentável, sob a ótica de qualquer perspectiva relacionada ao fenômeno biológico e social.

Comportamentos humanos encontram-se moldados pela presença da cultura patriarcal como a ênfase na formação do indivíduo humano. A cultura patriarcal nega o fenômeno social como dinâmica de vida e de viver. E, como bloqueio, a cultura patriarcal aprisiona, exclui,

domina, ordena, explora e mata em nome do poder e da justificação racional e ou transcendente. Tem como base a violência, regra prioritária e absoluta presente em nosso conviver e, em nosso linguajar, em outras palavras, incita o ódio.

Mas, o ser humano não é somente *demens*, ele também é *sapiens*, sabemos viver e falar bem dos inúmeros momentos do dia a dia histórico da humanidade, fazemos coisas boas. A cultura matrística convida ao coexistir com base na participação, na colaboração, no respeito, na aceitação mútua. O viver matrístico, ainda se faz presente nas interações mãe-filho, por meio do livre-brincar, do bem-estar corporal e físico, na confiança e, tem o amar como fundamento das suas ações. Na infância, a relação mãe-filho encontra-se numa legitimidade de mútua aceitação, confiança e amar, desde o momento da concepção e a perdurar no decorrer da infância. Depois da infância a criança entra para a fase adulta, ou seja, num coexistir a partir da cultura patriarcal.

Para Rousseau (2008) nascemos bons. A concepção de Rousseau define que o ser humano é bom por natureza e para evitarmos que ele se torne mau, faz-se necessário possibilitar o desenvolvimento dessas potencialidades naturais por meio da educação.

No Entanto, Rolf Behncke, chama a atenção “não nascemos nem amando e nem odiando ninguém em particular. Como então aprendemos isso? Como o ser humano é capaz de odiar com tanta virulência, a ponto de destruir os outros, mesmo à custa de sua própria destruição na tentativa? (Ele começa a aprender isso já em sua própria família)”. (In: MATURANA; VARELA, 1995, p. 15). A maldade e o amar são aprendizagens. “Mas por que motivo sente-se tanto ódio? Será parte de nossa natureza hobbesiana? (HOBBS, 2008). De acordo com a concepção de Hobbes (2008) acredita-se que o indivíduo humano é naturalmente mau, possuindo a tendência de entrar em conflito com seus semelhantes. Essa condição possibilita aceitar a escravidão, as torturas, os estupros e toda e qualquer forma de manifestação do ódio, como acontecimentos normais e esperados. Nesse sentido, seria o ódio a essência humana. Mas, será o ódio um reflexo da sociedade em que vivemos ou a sociedade um reflexo das atitudes que adotamos fundamentadas no ódio? Para Hobbes o humano é o lobo do humano - *Homini lúpus*.

Mas, afinal o ser humano é bom por natureza, como assegura Rousseau? Ou será o ser humano mau por natureza, como argumenta Hobbes? Podemos aspirar uma posição intermediária, sermos possuidores de momentos em que expressamos, manifestamos, agimos com generosidade e, outros momentos em que agimos e reagimos com base em comportamentos de destruição, de ódio, de crueldade?

Talvez seja relevante compreender que o indivíduo humano se configura como um ser nem totalmente bom e, nem totalmente mau, podendo ser *sapiens* e *demens*. Nas proposições de Morin (2000) o ser humano é um ser racional e irracional, capaz de medida e desmedida – sujeito de efetividade intensa e estável. O ser humano encontra-se na dualidade entre o *Homo sapiens* e o *Homo demens*. Ele sorri, ri, é sério e calculista, ansioso, angustiado, gozador, ébrio, extático. É um ser de violência e de ternura, de amor e de ódio. É na cultura patriarcal que se embasam diversas ideologias que respaldam a dimensão *demens*, dentre elas, por exemplo a ideologia neoliberal e capitalista.

Essa coerção sistêmica transforma o indivíduo humano e a sociedade em uma espécie de entidade uniformizada, excludente e violenta. A crise moderna traz consigo a novidade, a ênfase ao novo, a desvalorização e o esquecimento do passado. Então, cria-se uma sociedade proteica, amorfa, preconceituosa e extremista. Acredita-se que tudo aquilo que é posterior, ou seja, o por-vir, é melhor. Vivencia-se o mito do progresso com base e fundamento na mentira, na falsidade, na ilusão e no erro. Tal apologia de posterioridade não condiz com o presente vivenciado.

Tudo isso, reflete em crises, na política, na religião, no direito, na ética, na cultura, na educação, no trabalho, no consumo, entre outras. Tais crises consistem numa lógica excludente, violenta e discriminatória, pois seu fundamento nega, exclui e violenta as particularidades, as singularidades e as multiplicidades do indivíduo humano e da sociedade. Considera e prioriza o dualismo presente na economia, entre o público e o privado, o estatal e o social, o governamental e o mercantil. Esses dualismos constituem a modernidade e resultam em consumo, superpopulação, marcas, publicidade, guetos e, assim impõem a lógica mercantil em todas as dimensões da vida e dos viveres humanos. Deste modo, os dualismos modernos transformam os direitos humanos em meros mecanismos tecnológicos e sistemas de controle social, sempre sob a justificativa eloquente para dissimular eleições, autoexploração e guerras.

Criamos uma sociedade com promessas desejanter em controlar a natureza, manter a sobrevivência e viver a felicidade. O conhecimento da natureza foi cumprido e expandido, a partir da ciência e das tecnologias e sua variedade de técnicas, conquistou-se o controle, o domínio dos recursos naturais e dos modos de viver, por meio da inteligência artificial e da biotecnologia. A promessa da sobrevivência e da felicidade, as civilizações da máquina, da técnica, do controle, da qualidade, permanecem como ilusões – projetos futurísticos. Pois, grande parte das descobertas científicas e tecnológicas são usadas de modo destrutivo e, colocam em perigo a humanidade e o Planeta.

A relação patriarcal, evidencia-se a partir do ódio, da arrogância, do egoísmo, da competição, da exploração, da mentira, da discriminação, entre tantas outras crises humanas, emocionais, psíquicas, existenciais e econômicas em que o indivíduo humano se encontra imerso.

São inúmeras as crises, como as de ordem social, moral, política, econômica, informacional, comunicativa, educativa, ou ainda as crises afetivas e psicossomáticas, todas resultam em estresses, depressão, não reconhecimento do indivíduo humano, desrespeito consigo, com o outro e com a biosfera, captura da subjetividade humana, irresponsabilidade, disputas de poder, lucros imediatos, indivíduo humano empreendedor de si e capital humano. Tais crises, fazem parte do viver e conviver humano contemporâneo. A incivilidade se faz presente e cria atos desumanos com requintes de crueldade, ou seja, uma desvalorização da humanidade e do humano em âmbito global. O indivíduo humano é desprezado e exterminável por meio da inflação, do desemprego, da queda de renda, da alta do dólar, da queda da bolsa de valores, acuado pelo desmatamento de florestas, pelo número de mortos, vítimas da pandemia ou de atos de governamentalidade criminosas, pela escassez de indivíduos críticos e pensantes, pela redução de investimentos de ordem humana e social, entre tantas outras. Tudo isso, nos reduz perante nós mesmos e, sinalizam para uma égide do fracasso econômico, social, ético e humano, tal como vivenciados.

Neste cenário intranquilo e ameaçador, tudo parece ser sagrado, inviolável e determinado pela lei do mais forte, ou seja, pela lei do mais poderoso. Seguimos ameaçados pelo lucro, pelo produtivismo, pela competição em larga escala, pelo autoritarismo, pelos interesses de uma minoria sobre uma maioria desfavorecida e, em situação precária, pelas ideologias disseminadas em favor do neoliberalismo/capitalismo. Igualmente, seguimos sendo moldados pelas subjetividades industriais e concorrenciais, pelos sistemas de formatação e condicionamentos para manter o imenso mercado de poder, pelo fanatismo, pela escravidão, pela dependência político-econômica, pela concorrência e atos violentos contra outrem e nações inteiras. Tudo e todas justificadas pela lógica da transcendência como natural e aceitável. Tudo isso, resultante de um linguajar com base no ódio e na exclusão, visando implantar a violência, a crueldade e a extinção da dinâmica fundamental dos sistemas vivos – a sua condição autopoiética. Nas reflexões de Maturana e Varela (1995, p. 263) “todo ato humano ocorre na linguagem. Todo ato na linguagem produz o mundo que se cria com outros no ato de convivência que dá origem ao humano”. Desta maneira, “todo ato humano tem sentido ético. Esse vínculo do humano com o humano é, em última análise, o fundamento de toda ética como reflexão sobre a legitimidade da presença do outro” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 263).

Compreende-se que toda vez que disseminamos e praticamos diálogos em desacordo, contrário à legitimidade de outrem, concebe-se a exclusão e o não reconhecimento do outro como legítimo em sua coexistência, uma negação. Maturana e Varela (1995, p. 263) afirmam, “sem amor, sem aceitação do outro ao nosso lado, não há socialização e, sem socialização não há humanidade”. Tudo o que limita a aceitação do outro – seja a competição, a posse da verdade ou a certeza ideológica – destrói ou restringe a ocorrência do fenômeno social e, portanto, também o humano, porque destrói o processo biológico que o gera. Sem amor, sem aceitação do outro, não há fenômeno social. Se ainda se convive assim, é hipocritamente, na indiferença ou ativa negação (MATURANA; VARELA, 1995).

Diante do mencionado pergunto: é possível profanar tais dispositivos? Tem sentido uma concepção para fazeres tendo como referência o amar? Desejamos mudar nossos fazeres humanos, sociais, pedagógicos, formativos? Desejamos criar alternativas e aberturas para os princípios da autonomia, da sensibilidade, da cooperação, da responsabilidade, do respeito e da ética? É possível reconhecer o indivíduo humano como singularidade, como unidade autônoma? Segundo Maturana e Varela (1995), descartar o amor como fundamento biológico do social, assim como as implicações éticas do amor, é negar tudo o que nossa história de seres vivos, de mais de três bilhões e meio de aconteceres, nos legou.

Não prestar atenção no fato de que todo conhecer é fazer, não ver a identidade entre ação e conhecimento, não ver que todo ato humano, ao construir o mundo pelo linguajar, tem um caráter ético porque se dá no domínio social, equivale ao autoengano – uma negação intencional (MATURANA; VARELA, 1995, p. 264).

Nesse sentido este estudo e pesquisa, para além do propósito científico, pretende contribuir para a compreensão relacionada ao indivíduo humano, na sua dinâmica biológica e social com base e fundamento no amar. Já anunciado anteriormente pelos autores (1995) o amor é biológico. Sem amor não há o social. Tais reflexões possibilitam chamar a atenção para o mundo construído e vivido com o outro. “Só o amor nos permite criar esse mundo comum” (MATURANA; VARELA, 1995, p. 264). Desta maneira, estamos a conceber a viagem dos autores rumo a afirmação dos pressupostos da Autopoiese e da Biologia do Conhecer, como possibilidade para (re)criar a autonomia do indivíduo humano humanizado. Maturana e Varela (1995) propõem a unidade do indivíduo humano, como seu patrimônio exclusivo, imbricado ao acoplamento socioestrutural em que a linguagem tem um papel duplo. Primeiro, gerar as regularidades próprias do acoplamento estrutural social humano ao incluir a identidade pessoal

de cada um de nós. Segundo constituir a dinâmica recursiva do acoplamento socioestrutural. Ou seja, nossa individualidade e nossa sociabilidade são igualmente relevantes. Em suas reflexões, os autores são enfáticos ao afirmar “biologicamente, sem amor, sem a aceitação do outro, não há fenômeno social” (p. 263). Mais especificamente afirmam:

O ato de ampliar nosso domínio cognitivo reflexivo, implica uma nova experiência, pois somente podemos chegar ao raciocínio motivados pelo encontro com o outro, pela possibilidade de olhar o outro como um igual, num ato que habitualmente chamamos de amor. Evocado pela aceitação do outro ao nosso lado na convivência. Esse é o fundamento biológico do fenômeno social; sem amor, sem aceitação do outro ao nosso lado, não há socialização, e sem socialização não há humanidade. Tudo o que limita a aceitação do outro, seja a competição, a posse da verdade ou a certeza ideológica – destrói por restringir a ocorrência do fenômeno social e humano, uma vez que destrói o processo biológico que o gera (MATURANA; VARELA, 1995, p. 263).

Os humanos contemporâneos acreditam que a espécie evolui e a humanidade encontra-se em constante evolução. Dentro desse entendimento existiria uma lei de seleção que prioriza o mais forte, sobrevive o mais apto e, conseqüentemente a competição possibilitaria a evolução humana. Os seres humanos que não contribuem para a evolução da espécie são denominados os excluídos, os vulneráveis, os marginais, os vagabundos, as ‘árvores secas’³⁴. Na maioria das vezes são eles os indivíduos sem teto, sem comida, sem trabalho, sem dinheiro, sem recursos mínimos de subsistência. Indivíduos humanos descartáveis ainda em vida, considerados lixo humano, redundantes, ou seja, mortos vivos, vítimas de um sistema que exclui, despreza, domina, escraviza e os joga ao esquecimento. Indivíduos humanos vivos descartados, esquecidos, um número nas estatísticas.

Os argumentos, oriundos da ordem natural, religiosa e inclusive científica, relacionados à evolução pela concorrência e pela lei do mais forte exige a subordinação do indivíduo a espécie humana. Para fazê-lo utilizamos a dominação, a violência, o ódio, esquecendo que a exclusão não tem justificativa em âmbito biológico como sustentam Maturana e Varela (1997) no contexto das concepções da Autopoiese e da Biologia do Conhecer. Nas reflexões dos autores a fenomenologia se dá no indivíduo e não na espécie. Então, argumentos de descartabilidade não se sustentam, porque a fenomenologia biológica constitui a parte e não o todo. Nisso, compreende-se que, o modo de ser do indivíduo é determinado por sua organização autopoietica. Para Maturana e Varela (1997, p. 13) “os sistemas autopoieticos geram domínios

³⁴ Referimos aqui à forma como, muitas vezes no senso comum, nos referimos às mulheres estéreis.

fenomenológicos diferentes ao dar origem as unidades, cujas propriedades são diferentes da propriedade progenitoras”, ou seja, algo de inédito e de novo, emerge. Progenitores geram unidades que diferem de seus progenitores. Nesse sentido, compreende-se que os pais não geram, e não se replicam a si mesmos, daí surge a unidade, a singularidade, a autonomia e a individualidade. Tem alguma coisa do ser humano que não está no pai, não está na mãe. É totalmente particular no e como indivíduo → sua inteiridade.

Não deveria, numa cultura social e humana, existirem indivíduos descartáveis, seja, em relação a espécie, a sociedade, a humanidade ou qualquer outra instituição humana, por mais transcendental, inviolável e inquestionável que a consideremos. Em nossa cultura patriarcal descartamos indivíduos humanos vivos, a saber, os negros, os pobres e miseráveis, os indígenas, os homossexuais, os doentes em espera em filas como do SUS. Isso implica seres prescindíveis, descartáveis, inúteis. Essa lógica descartável, não constitui o biologicamente humano, pois na concepção de Autopoiese o ser vivo é imprescindível, não é descartável, compreendendo que tudo na natureza está encadeado e relevante para um equilíbrio.

A presença da Autopoiese considera algumas implicações, entre elas, as implicações biológicas, epistemológicas e gnoseológicas. Em suas reflexões Maturana e Varela (1997) afirmam que as implicações biológicas se referem ao fato de um indivíduo humano, se faz como sistema autopoietico, algo que também é uma questão inerente ao âmbito ético. Afirma que se sua caracterização de sistemas vivos é adequada, há que se compreender eles se produzem de modo recorrente, pois “A fenomenologia biológica não é mais, nem menos que a fenomenologia biológica dos sistemas autopoieticos no espaço físico” (1997, p. 111).

Assim, e como já afirmado anteriormente, a fenomenologia biológica encontra-se definida e suscetível a abordagem teórica, mediante a teoria da autopoiese. Consequentemente, a teoria da autopoiese como uma concatenação, dos processos de produção constitui os sistemas autopoieticos. E, a teoria da autopoiese contribui para o entendimento e explicações, não em forma definitiva, sobre a origem dos sistemas vivos sobre a terra bem como para conceber um sistema vivo. Ou seja, ainda permanecem em aberto, questões chaves rumo à compreensão sobre a emergência da vida e a emergência de sistemas autopoieticos, como manifesto por Maturana e Varela (1997, p. 110) nos questionamentos:

Dado um sistema dinâmico, que relações devo observar entre seus componentes materiais para determinar se eles participam ou não nos processos que fazem dele um sistema vivo? Ou, dado um conjunto de componentes com propriedades bem definidas, em que processos de produção podem eles participar de maneira que possam concatenar-se para formar um sistema autopoietico?

No contexto das implicações epistemológicas Maturana e Varela (1997) referenciam às questões epistemológicas no âmbito do biológico, ou seja, referes à validade de afirmações feitas a partir dos sistemas biológicos. Entendem, que qualquer observação implica uma epistemologia, um corpo de noções conceituais explícitas ou implícitas que determina a perspectiva da observação, aquilo que se pode ou não observar, o que é, e o que não é validado pela experiência, o que é, e o que não é explicável, a partir de um conjunto determinado de conceitos teóricos.

Entre as implicações epistemológicas Maturana e Varela (1997) afirmam que um sistema autopoietico, explica-se por meio de relações mecânicas autopoieticas e fenômenos gerados pelas interações de unidades autopoieticas, em seu domínio de interações e relações determinadas por este domínio. Para os autores (1997, p. 114) “a fenomenologia biológica é determinada pela fenomenologia individual, sem o indivíduo não há fenomenologia alguma. A organização do indivíduo é autopoietica”. Na compreensão dos autores, aqui se constitui toda a importância dada à unidade, à individualidade:

Sua maneira de ser é definida pela sua organização, e sua organização é autopoietica. Assim, a biologia não pode ser empregada para justificar a qualidade de prescindíveis dos indivíduos em benefício da espécie, da sociedade ou da humanidade sob pretexto de que seu papel é perpetuá-las, biologicamente, os indivíduos não são prescindíveis (MATURANA; VARELA, 1997, p. 115).

As implicações gnoseológicas, de acordo com Maturana e Varela (1997) correspondem aos domínios de interações de uma unidade autopoietica, ou seja, o domínio de todas as deformações, que ela pode experimentar sem perder sua autopoiese. Para cada unidade esse domínio fica determinado, pela maneira particular de realizar sua autopoiese e, conseqüentemente compreende que há interações (deformações) que ela não pode sofrer, sem perder sua identidade. É nesse contexto que a Autopoiese se estende e contribui para uma diferente compreensão do domínio cognoscitivo.

Todas as relações cognoscitivas são válidas para a fenomenologia cognoscitiva gerada a partir de qualquer sistema fechado. Os sistemas vivos são uma prova existencial disso, pois existem na medida em que podem existir. Isso implica compreender que “a autopoiese gera um domínio fenomenológico, como domínio cognoscitivo que equivale à aprendizagem” (MATURANA; VARELA 1997, p. 121). Decorre que o operar do sistema nervoso, não faz distinções entre suas diferentes fontes de perturbação, em relação a operação em que os agentes

perturbadores sejam características do ambiente físico, ou interações condutuais com organismos acoplados, ainda que,

o sistema nervoso opere de uma maneira determinista de estado em estado, o tempo, como uma maneira de comportamento entra na determinação de seus estados a partir do domínio descritivo como um componente no domínio da conduta do organismo. O mesmo acontece com os outros componentes do domínio das descrições que constituem componentes causais no domínio da conduta do organismo, a saber as noções de beleza, liberdade e dignidade. Tais noções surgem como dimensões no domínio do comportamento do organismo por meio de distinções referidas a ele próprio e como resultantes do acoplamento da fenomenologia do sistema nervoso como rede neuronal fechada e do domínio de interações do organismo (MATURANA; VARELA, 1997, p. 133).

Considerando as implicações biológicas, epistemológicas e cognoscitivas pode-se afirmar que os indivíduos humanos modernos vivem imersos em diversas crises, conflitos, frustrações e destruição. Pouco convivem em domínios de confiança e, como unidades em modo de existência. Os autores ampliam a reflexão, afirmando que os seres humanos, como seres vivos existem em dois domínios: no âmbito da fisiologia, onde ocorre nossa dinâmica corporal e, no âmbito das relações entre e como humanos e, nas relações com o meio onde tem lugar nosso viver como a classe de seres que somos.

Esses dois domínios, ainda que diferentes, se modulam mutuamente de uma maneira generativa, de modo que o que acontece em um muda, de acordo com o que acontece no outro. É no domínio da relação com o outro na linguagem que sucede o viver humano, é no âmbito ou domínio da relação com o outro que tem lugar a responsabilidade e a liberdade como formas de conviver. Porém, é ali que ocorrem as emoções como modos de conduta relacional com o outro ou ao outro, é ali, no que é ao fundo da alma humana, que está a frustração e a revolta dos seres humanos jovens (MATURANA; VARELA, 1997, p. 33).

Vivenciamos um mundo danificado pela violência, pela injustiça, pelo preconceito, pela corrupção, pela má distribuição de bens materiais e de serviços, pelo abuso de poder e, principalmente, pela quase incapacidade de nos relacionarmos uns com os outros e com a biosfera. Segundo Maturana e Varela (1997) temos desejado substituir o amor pelo conhecimento como guia de nosso “que fazer” e, em nossas relações com os outros indivíduos humanos e com a natureza toda, mas nos equivocamos. Para os autores, “amor e conhecimento não são alternativas; o amor é um fundamento, enquanto o conhecimento é um instrumento” (1997, p. 33). Os autores compreendem que,

O amor é o fundamento do viver humano, não como uma virtude, mas como a emoção que no geral funda o social, e em particular fez e faz possível o humano como tal na linhagem de primatas bípedes a que pertencemos. E, ao negá-lo na tentativa de dar um fundamento racional a todas as nossas relações e ações nos desumanizamos, tornando-nos cegos a nós mesmos e aos outros. Nessa cegueira perdemos na vida cotidiana o olhar que permite ver a harmonia do mundo natural ao qual pertencemos (MATURANA; VARELA, 1997, p. 33).

Negar o amor como fundamento social do indivíduo humano, possibilita abertura à incivilidade, uma derrota à socialização e destruição de características humanizadoras. Uma negação perante o mundo de si, do outro e de seu entorno, uma desvalorização existencial em nível global. Uma desvalorização do indivíduo humano vista como natural e representada pelo poder financeiro, o dinheiro – um novo Deus da modernidade. Trata-se de uma violência economicista e dinheirista, absoluta e desigual. O poder financeiro, o dinheiro sacralizado fecha as portas para a dignidade humana. Cabe lembrar, que nas reflexões de Agamben (2007), consagrar é o ato de tornar algo sagrado, isolar no círculo simbólico do religioso, separando o uso ordinário das coisas. Num mundo em que tudo é necessário, mas pouco é possível, é um mundo sem sujeito, um mundo sem liberdade, sem possibilidade de criação. Consagrar significa a saída das coisas da esfera do direito humano, tornando-as disponíveis apenas aos deuses – senhores das megacorporações.

Nesse sentido, como sair dos dispositivos que normatizam a dessubjetivação, como nos livrar da prisão imposta pelos dispositivos neoliberais e capitalistas que capturam e moldam o indivíduo humano? Agamben (2007) pressupõe como alternativa possível a Profanação. Segundo ele profanar, conceito originalmente romano, tem como significado tirar do templo (*fanum*) onde algo foi posto, por ter sido retirado do uso e da propriedade dos seres humanos. Para Agamben (2007, p. 08) “a profanação pressupõe a existência do sagrado (*sacer*), o ato de retirar do uso comum. Profanar significa, tocar no consagrado para libertá-lo (e libertar-se) do sagrado”. Desta maneira, “profanar o sagrado é devolver à comunidade humana aquilo que, historicamente foi subtraído ao uso comum por meio da sacralização” (2007, p. 08). Porém, a profanação não possibilita a recuperação em totalidade do uso antigo, mas possibilita realizar um novo uso àquilo que esteve retirado do uso comum. Nisso, compreende-se que “Profanar, devolve o que está consagrado ao livre uso dos indivíduos humanos, ao uso comum. Profanar é assumir a vida como jogo que nos tira da esfera do sagrado, sendo uma espécie de inversão do mesmo” (AGAMBEN, 2007, p. 11).

Reconhecer a importância e a persistência de Agamben em apresentar a profanação, requer compreender “a profanação do improfanável. A tarefa política da geração que vem”

(Agamben, 2007, p. 09). Trata-se de libertar-nos da asfixia consumista em que estamos metidos, de afastar-nos da sacralização do eu soberano cartesiano e chamar a atenção para o impessoal, o obscuro, o pré-indivíduo da vida de cada um de nós (AGAMBEN, 2007). O autor (2007, p. 10/11) considera “a profanação do improfanável como dever político da próxima geração”.

Indica a profanação como um modo revolucionário importante e possível no pensar, no agir, no ser/fazer humano, um diferente olhar, para diferentes ações e atitudes conscientes e responsáveis. O autor discute cuidadosamente diversos temas, entre eles, biopolítica, soberania, economia e direito, todos com considerações e contribuições de fundamental importância para a humanidade socializável. Em suas inquietações (2007, p. 11) questiona: “é possível tudo isso diante da força e da normalidade da exceção e, diante da imperiosa normalidade da vida nua em que estamos ou fomos metidos? Ou então, o que é possível fazer? O que nos resta fazer?”

Ao tentar entender o como superar a condição de *homo sacer*, Agamben se propõe a sonhar a comunidade que vem. Uma comunidade com ser qualquer, que vem. Considera esse ser qualquer capaz de ações éticas porque esse indivíduo humano não é nem terá de ser nenhuma essência, nenhuma vocação histórica ou espiritual, nenhum destino biológico. Afirma ser esta a única razão para que algo como uma ética possa existir (AGAMBEN, 1993, p. 38). Para Agamben (1993, p. 38) tudo isso “evidencia que se o indivíduo humano fosse ou tivesse de ser esta ou aquela substância, este ou aquele destino, não existiria nenhuma experiência ética possível – haveria apenas deveres a realizar”. Em suas reflexões, sonhando uma comunidade que vem, Agamben (1993, p. 11) descreve essa comunidade como “sem pressupostos”, sob o conceito *Qualunque*, traduzido do latim *quodlibet*. Ou seja, o ser que vem é o ser qualquer. Seja qual for o ente é uno, verdadeiro, bom ou perfeito”.

As reflexões de Agamben, sobre o ser qualquer, vão de encontro com a concepção de Autopoiese. Na perspectiva de Maturana, o ser qualquer, o ser que vem implica no ente autopoietico, inserido num nicho de aceitação mútua, de respeito e de responsabilidade consigo, com o outro e com seu entorno. Reconhece o ser humano qualquer – qual quer - capaz de autonomia, singularidade, individualidade e unidade, nisso compreende sua interidade – o ser inteiro, completo.

Por isso Agamben (1993, p. 11) faz uso do adjetivo *quodlibet*, significando “qualquer um indiferentemente”. Esse qualquer um indiferentemente, um *quodlibet ens*, “não é o ser não importa qual”, mas ‘o ser tal que, de todo modo importa’, não é indiferente. Este ser contém algo que o remete para a vontade (*libet*), o ser qual-quer – qual se queira - também estabelece relação original com o desejo.

Nesse sentido, o ‘qualquer’ presente nos estudos e pesquisas de Agamben, não possibilita a singularidade a partir da indiferença referente a propriedade comum, como por exemplo, o ser azul, o brasileiro, o americano, o mulçumano, entre outros. O autor pressupõe ao ser qualquer, o seu ser total – qualquer que seja como ser tal, como ser que é. Desta maneira, de acordo com Agamben (1993), a singularidade liberta do falso dilema que obriga o conhecimento a escolher entre o caráter inefável e a inteligibilidade do universal. O autor (1993, p. 11/12) compreende que, “o inteligível não é um universal nem um indivíduo enquanto incluído numa série, mas a singularidade enquanto singularidade qualquer”. Em ‘qualquer’, o indivíduo humano não é um ser pré-definido e acabado. Assim, Agamben evita a lógica do universalismo da homogeneização, da massificação neoliberal e capitalista e da indiferença do individualismo.

A proposta de Agamben, relacionada ao ser qualquer que vem, apresenta-se como uma filosofia – uma concepção contrária aos modelos e padrões estabelecidos no âmbito da cultura patriarcal. O ser qualquer, que vem, rompe com os pressupostos da lógica neoliberal/capitalista, com seus paradigmas pré-estabelecidos e com tudo aquilo que está constituído como sagrado, intocável e absoluto. O autor chama para uma diferente perspectiva, dar um novo uso àquilo que se encontra proibido ao uso comum, ao uso dos indivíduos humanos. Pretende que se rompa com as lógicas dos deveres, das vocações e dos destinos predeterminados. Isso implica profanar o intocável, o sagrado e o proibido – desconsagrar.

Deste modo, concebe uma diferente comunidade que vem projetada como humanidade planetária, imbricadas à atitudes, ações, viveres e conviveres éticos e conscientes. Possibilidade para cada indivíduo humano, afastar-se do meramente útil e eficaz presente da lógica capitalista mercantil para vivenciar, no convívio, sua autopoiese. A lógica mercantil objetiva roubar, moldar e capturar cada indivíduo humano em sua subjetividade. Essa lógica requer um novo uso, não mais somente restrito e, em contextos de exclusivo mercado da concorrência. Agamben propõe pensar e compreender o indivíduo humano como resultado de diversas conexões e interconexões sempre como indivíduo humano, unidade singular e autônoma. Anuncia que profanar essa lógica desumana é tarefa da geração que vem e, então da educação que vem.

A comunidade que vem, o ser que vem, o estudante que vem, o outrem que vem, o educador que vem, os pais que vem, a educação que vem, a sociedade que vem, representa o compromisso ético, filosófico e político da geração que vem. Segundo Salvetti (2014) interpretar o que vem é de uma tarefa, de uma exigência e de uma urgente reivindicação que o momento presente coloca ao pensamento e às ações. Salvetti (2014, p. 53) afirma que “pensar o indivíduo humano sem remetê-lo a sua biologia ou a sua história parece ser tarefa da filosofia

e da política que vem”. Para tudo o que vem, parece ter a ver com "o messias que vem". Cá e lá parece haver o prenúncio ou anúncio de algo novo, de algo desejado, esperado em meio ao desespero vivido, diante de uma normalidade pesada que não parece deixar grandes possibilidades para além de uma vida nua (AGAMBEN, 2007).

Diante do dito anteriormente, sobre Autopoiese e Profanação e, entre tantas inquietações pergunto: é coerente o encontro entre a Autopoiese de Maturana e Varela (1997) e o Profanar de Agamben (2007)? No sonho da ‘comunidade que vem’, tendo a ética como possibilidade, existe também a possibilidade de consolidar a afirmação de que o amar possa ser reconhecido como de efetiva ordem biológica, ou seja, simplesmente inerente à vida e ao viver? Seria o amar uma semente semeável nos convívios? No caso de alternativa possível e aceitável, quais condições se fazem necessárias? A profanação poderia mediar o acesso do indivíduo humano ao amar e vice-versa? Para Agambem (2007, p. 06);

Isso equivale a ir em busca da infância, ou seja, de nossa capacidade de jogar e de amar, ou seja, de viver na intimidade de um ser estranho, não para fazê-lo conhecido, e sim para estar ao lado dele sem medo de ficar entre o divisível e o indivisível; equivale a perseguir sinais e frestas de contingência, de absoluta contingência, de subjetividade, de liberdade humana, de censuras entre poder-ser e um poder-não-ser. Insistir em um mundo em que tudo é necessário e nada é possível é um mundo sem sujeito, um mundo sem liberdade, sem possibilidades de criação.

Profanar implica compreender que nós indivíduos humanos, perdemos a arte de viver, ou seja, não vivenciamos um *continuum* da infância. Nas reflexões de Agamben (2007, p 11) “a infância é o lugar primeiro da mais seria profanação de vida [...] As crianças sabem jogar e brincar, enquanto os adultos, sérios, perderam a capacidade de ser mágicos e de fazerem milagres”. Diversos fatores contribuem para o não viver, o não coexistir na infância, entre eles, “a falta de confiança nos processos naturais é em especial evidente na atitude em relação ao desenvolvimento da criança, tanto em suas dimensões sociais quanto nas individuais”, como afirmam Maturana e Verden-Zöllner (2004, p. 128/129). E, ainda segundo os autores “devido a essa falta de confiança – e da separação cultural das interações corporais da criança em crescimento na constituição de sua consciência individual e social, a falta de confiança e o desejo de domínio e controle geram insensibilidade (2004, p. 129).

Os indivíduos humanos ocidentais fazem parte de uma cultura que separa o corpo da mente – matéria e espírito. Deste modo, compreende-se o espírito como domínio transcendental, e assim, faz-se numa respectiva de desvalorização do corpo. Segundo Maturana e Verden-Zöllner (2004) a separação de corpo e espírito imbricado à instrumentalização das relações interpessoais, na orientação para a produção e a apropriação, nos faz viver na

desvalorização da aceitação mútua. E, “de modo inconsciente, ensinamos nossas crianças a não amar, embora o amor seja a convivência nas ações que constituem o outro como legítimo outro em convivência conosco” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 129).

A partir da reiterada instrumentalização, presente nas relações interpessoais, as crianças são educadas sem uma visão social de si mesmas e do outro. Segundo Maturana e Verden-Zöller (2004, p. 130) as crianças da sociedade moderna, “não aprendem a viver a aceitação mútua e plena como algo natural e espontâneo”. Ou seja, as crianças vivenciam uma educação com base no produtivismo e atenção especial aos resultados, metas e perspectivas de futuro. Corrompe-se o verdadeiro sentido do humano, “a convivência no respeito por si mesmo e pelo outro, que nasce da auto-aceitação” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 142).

A aceitação da criança, na coexistência de seu presente vivido, possibilita seu desenvolvimento, tanto na dimensão biológica quanto na dimensão social. Isso, implica aceitação mútua e recursiva na interação entre mãe e filho/a, aceitando o modo de coexistência no presente. Nas reflexões de Maturana e Verden-Zöller (2004) se a mãe não está preocupada com o futuro, se ela não vê a si mesma cansada e esperando descansar, se não está ansiosamente preocupada com algo que vai além do presente, então

Ela terá a possibilidade operacional de se encontrar com seus filhos na condição de crianças individuais, afetivas, reais. Encontrar uma criança como pessoa real é encontrá-la como uma entidade biológica completa, cuja existência é válida e legítima em si mesma e por si mesma e não em referência a outra coisa. Além do mais, fazer isso é entrar em interações com a criança que se satisfazem em sua realização, por mais que tais interações possam parecer complexas a um observador. Quando isso acontece, a criança vive sua própria presença como uma totalidade legítima que ela pode aceitar de modo pleno, no contexto de sua existência social (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 144).

Entende-se assim, que todas as condutas e ações vividas fora de um determinado domínio intencional, ou não proposital, procedem como válidos em si mesmo. Segundo Maturana e Verden-Zöller (2004, p. 144) “Na vida diária, brincar é uma atividade realizada como plenamente válida em si mesma. Distinguimos como brincadeira, qualquer atividade vivida, no presente de sua realização e, desempenhada de modo emocional, sem nenhum propósito que lhe seja exterior”. Uma vivência sem preocupações e expectativas, além do presente, são afazeres do indivíduo humano. O vivido no brincar e na mútua aceitação entre mãe e filho, acontece quando a criança, ainda bebê, encontra-se com sua mãe na brincadeira, antes de começar a viver na linguagem. Os autores afirmam que

A mãe humana pode encontrar o bebê na linguagem e no brincar, pois já está na linguagem quando começam as conversações que constituem o seu bebê. Se a mãe humana encontra o bebê no brincar – ou seja, na congruência de uma relação biológica na total aceitação de sua corporeidade –, ele é visto como tal. E assim é confirmado em seu ser biológico, no fluxo de seu crescimento e transformação corporal como um bebê humano em interações humanas (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 146).

Negar a condição biológica e social, por meio de condutas e ações recursivas em contínua interação entre mãe e filho, gera a não aceitação, a desconfiança e a insegurança, potencializando a cultura patriarcal. Um viver cujas consequências evidenciam dor e sofrimento, mágoas e preconceitos, solidão e incapacidade de participar e interagir em relações interpessoais, quando no viver adulto. Para Maturana e Verden-Zölller (2004, p. 150) “o resultado eventual é o sofrimento pela negação mútua recorrente e, no limite, a solidão emocional”. Os autores afirmam ainda que, “a única cura para tal sofrimento é a entrada num espaço de mútua aceitação, o que não pode acontecer, a menos que, esses adultos tenham aprendido a fazê-lo enquanto cresciam em relações de brincadeira com suas mães” (2004, p. 150).

É notável a preocupação de Maturana e Verden-Zölller com a educação que vem rumo a uma ‘comunidade que vem’, com os modos de viver e conviver, na relação dos adultos com as crianças, com os adolescentes, com os jovens e entre nós adultos com outros indivíduos adultos. Segundo as concepções da Autopoiese e da Biologia do Conhecer, abrem-se caminhos e possibilidades para coexistir firmado nos princípios da sensibilidade, da colaboração, da responsabilidade, do respeito, da autonomia, da ética e do amar. Princípios fundamentais e urgentes para a humanização do indivíduo e como individualidade humana, algo fragilizado nos dias atuais. Restituir e co-criar o amar como fundamento emocional da coexistência humana, dar um novo sentido, um novo uso ao amar e resgatá-lo a partir da brincadeira infantil também significa profanar, ou seja, ressignificar o ciclo vital humanizador, criança → brincar espontâneo → liberdade → autonomia.

3.1 RELAÇÕES MATRÍSTICAS E A INFÂNCIA: modo de vida e ser biológico

Desde a sua concepção, o indivíduo humano requer cuidados, recepção, afeto e ternura, necessita de um entorno acolhedor, recíproco e confiável. É sabido que o indivíduo humano

não nasce de maneira automática, concebendo como prescindível, distante e insignificante suas interações com o entorno, com a família e consigo mesmo. Seu desenvolvimento encontra-se imbricado às relações consensuais de coordenações de coordenações de condutas. Nesse sentido, Fernandez (2009) reflete que o indivíduo humano necessita de um segundo útero, social/psíquico fundamentalmente constituído por uma atmosfera de ternura que pressupõe o pessoal e o afetivo e, “Sem esse segundo útero o ser humano permaneceria bloqueado no estágio prévio da mera potencialidade humana” (p. 58). A autora acrescenta “a importância do fato do nascimento sociológico e cultural do indivíduo humano radica na constituição de sua própria mesmidade, fator necessário para sua constituição como pessoa” (2009, p. 58).

O desenvolvimento corporal e psíquico da criança, juntamente com o conhecimento corporal e o despertar da consciência do Eu, como consciência social humana, deriva do fluxo de coordenações sensomotoras, a partir das interações decorrentes do contato corporal entre mãe e filho/a. Nas proposições de Maturana e Verden-Zöller (2004, p. 151) “o bebê em crescimento vive num fluxo de configurações temporais como formas rítmicas de movimentos recorrentes no ventre materno”.

É nesse sentido, que mãe e criança sintonizam multirreferencialmente e, em complementaridade o coexistir dos ritmos corporais gerativos do feto, do embrião, do ser humano, ou seja,

Protegido e seguro, num devir pulsante e polirrítmico, o embrião cresce desenvolvendo seus próprios ritmos corporais em dueto com os da mãe, que contém, e alimenta em seu útero: ritmo cardíaco, respiração, movimentos e vibrações da voz materna. Após a íntima relação no útero entre o bebê que cresce e sua mãe, o processo epigenético inicial mais importante para o desenvolvimento da consciência humana ocorre na musicalidade elementar dos ritmos corporais vibratórios e sonoros da relação materno-infantil, enquanto a mãe dá de mamar, acaricia, embala, fala, acalenta e balança o berço do recém-nascido (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 151).

No momento em que a criança inicia seu ciclo vital, é de fundamental importância as coordenações consensuais e a relação harmoniosa entre mãe e filho. Deste modo, a mãe possibilita um ambiente sintonizado com diversas melodias e ritmos sonoros, entre eles, cantar, contar e recriar palavras e sons. Cria-se um elo de confiança e reconhecimento de si e do bebê por meio das interações, do e no ouvir o som do próprio coração, do e no sentir a pulsação, do e no concentrar-se no fenômeno de respirar e expirar o ar, do e no ouvir e reconhecer a voz da mãe, juntamente com as canções de ninar, canções infantis, contos e histórias infantis. Tudo isso, num espaço harmônico de efetiva proximidade, um acalento de ternura e cuidado, um

espaço acolhedor de mútua confiança. As atividades realizadas a partir dos contos de histórias, canções de ninar e brincadeiras entre mãe e filho, quando realizadas com gosto, com carinho e sem propósito ou finalidade “despertam a consciência para o nosso ser no presente, num espaço experiencial comparável ao que as mães viveram em sua infância e que seus filhos vivem agora ou viveram ao nascer” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 152). Ainda segundo Maturana e Verden-Zölller (2004) a criança cria seu espaço psíquico com seu espaço relacional, ao viver na intimidade e no contato corporal com sua mãe. Essa experiência resulta simplesmente da convivência, em total aceitação e confiança mútua nesse contato – não é proposital e nem pré-determinado. Nesse processo,

a criança aprende o emocionar e a dinâmica relacional fundamental, constitui o espaço relacional que ela gerará em sua vida. Isto é: o que fará, ouvirá, cheirá, tocará, verá, pensará, temerá, desejará ou rechaçará, como aspectos óbvios de sua vida individual e social, na qualidade de membro de uma família e uma cultura (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 12).

As atividades imbricadas ao contar histórias, cantar, brincar, dançar, atividades rítmicas e sonoras, refletem a infância, ou seja, a espontaneidade, o livre brincar e a alegria. Segundo Maturana e Verden-Zölller (2004) nos primeiros meses e anos de sua vida, uma criança constrói gradualmente brincando, por meio do seu operar em coordenações sensório-motoras na brincadeira – sua consciência corporal operacional, ou seja,

Mediante a sua consciência corporal operacional no âmbito das coordenações sensório-motoras que envolvem sua superfície tátil que, nós como observadores, vemos seu viver no tocar e ser tocada, na superfície visual seu viver seus olhos na visão, na superfície gravitacional seu viver seus movimentos no balanceio. A criança constrói seu entorno como espaço de coordenações sensório-motoras – um espaço de ações e comportamentos (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 160).

As crianças desenvolvem seu domínio sensório-motor por meio de diversas interações e relações espaciais consigo, com o outro e com seu entorno, tudo isso imbricado ao domínio de existência presente nas configurações de ações e coordenações. Elas constroem o espaço imaginário e, conseqüentemente o espaço dinâmico corporal, muito antes de iniciar sua vivência na linguagem, como escrevem Maturana e Verden-Zölller (2004, p. 164)

Antes de começar a viver na linguagem, a criança constrói seu espaço de ações como um simples âmbito relacional corporal. Quando ela principia a viver no linguajar, a criação do espaço infantil se expande a todos os domínios de coordenações de ações que ela começa a gerar nas interações que vive com sua mãe e outros adultos e

crianças, com quem convive segundo esse novo modo de viver na convivência do linguajar.

Na infância, a criança reconhece e atua em espaços voltados para o domínio do linguajar, imbricado ao pensamento abstrato e operacional, de acordo com a seu desenvolvimento infantil. Desta maneira, “as mães começam a perceber que o bebê e a criança realizam suas capacidades básicas para desenvolver-se como seres humanos efetivos pelo desenvolvimento de sua consciência corporal operacional” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 165). Interagir no domínio humano, significa criar, estimular e possibilitar espaços de interações, ações e configurações de coordenações consensuais, a partir do livre brincar. Tais ações voltadas para a interação humana por meio da brincadeira, tornam-se reconhecidas pelas mães. Já que,

na criação de relações temporais e espaciais pela criança em crescimento, a realização individual dessa capacidade básica para a abstração operacional é um requisito necessário ao desenvolvimento de sua habilidade humana de operar como um ser social de uma forma baseada na consciência individual e, portanto, para sua realização efetiva como uma entidade social humana (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 165).

A criança aprende a coexistir no espaço temporal construído, a partir das ações e coordenações vivenciadas em seu entorno, consigo e com o outro. Vive-se e sente-se presente, no suceder da deriva, de interações recursivas de seu existir como indivíduo humano. Ao viver por meio das ações presentes ou pela linguagem conservada, como modo de existir de uma determinada cultura, realiza seu humano no linguajar. Deste modo, Maturana e Verden-Zöllner (2004) anunciam a infância, como fenômeno humano, isto é, um processo em que as crianças se expandem de modo vertiginoso e o fazem quando começam a viver na linguagem, numa contínua criação, expansão e transformação de diversos domínios inter-relacionados de coordenações de ações com outros, na realização de suas correlações sensório-motoras que só terminam com a morte. Nas reflexões de Maturana e Verden-Zöllner (2004, p. 165) “as crianças constituem o espaço e o tempo por meio da brincadeira espontânea e, o fazem como diferentes redes de coordenações sensório-motoras, que especificam diferentes domínios de ações”.

A relação materno-infantil, envolve, segundo os autores, a importância de “considerar a relação materno-infantil como um fenômeno biológico humano, que envolve a mãe não como mulher, mas como um adulto numa relação de cuidado” (p. 15). Nessa perspectiva a mulher/mãe como o homem/pai estão, biologicamente, dotados em igualdade de condições.

Significa, reconhecer que a maternidade envolve relações de cuidado, não como tarefas associadas ao gênero.

A relação materno-infantil, considera um coexistir envolto em aceitação, amorosidade e respeito. O viver relacional corporal, físico e espiritual em harmonia acontece, a partir do co-emocionar e linguajar, já que “Ao nascer a criança é apenas uma possibilidade embrionária de consciência e reflexão sobre si mesma” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 167). Ainda, segundo os autores (2004, p. 167/168)

É só ao longo do período de maturação de sua primeira infância que ela constitui espontaneamente – por meio das brincadeiras naturais com sua mãe e outros adultos e crianças – a maneira de viver na linguagem. Esta constitui a consciência humana como uma distinção da consciência do próprio corpo, no contexto da diferenciação de outras corporeidades similares.

Ou seja, a relação materno-infantil requer ser vivida no brincar, numa intimidade corporal baseada na total confiança e aceitação mútua, básicas para constituição de sua consciência humana e, não pela via da obediência, do controle e das exigências.

Relações materno-infantis implica na constituição do respeito por si próprio e no respeito pelo outro. Eis, a relevância do coexistir como espaços de convivência permeados pela corresponsabilidade, pelo respeito e pela colaboração. Essa maneira de viver abre as comportas para estender a vida matrística da infância à vida adulta.

A criança, estimulada a desenvolver ações e comportamentos com responsabilidade social, desde sua infância até seu viver como adulta, requer “respeitar a biologia da relação materno-infantil. Que meninos e meninas necessitam crescer na biologia do amor; e não na biologia da exigência e da obediência” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 20). Compreender a relação materno-infantil, envolve compreender que

Uma mulher não precisa ter filhos para ser mulher, e um homem não necessita participar na procriação de uma criança para ser um homem. A maternidade, seja ela feminina ou masculina, é um fenômeno cultural, que pode ou não ser vivido em coerência com seus fundamentos biológicos; e as consequências são diferentes em cada caso. Contudo, dado que a maternidade é um fenômeno cultural, a procriação está aberta a escolha. Assim sendo, podemos ou não vivê-la segundo nossa opção, e ser culturalmente responsáveis a seu respeito (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 20).

A distinção entre homens e mulheres, faz parte da dinâmica relacional presente na cultura patriarcal. Sobre a separação das atividades entre homens e mulheres, Maturana e Verden-Zöller (2004, p. 21) afirmam que “a ideia patriarcal referente a divisão do trabalho, é

usada para justificar a subordinação do indivíduo humano a outro e, para justificar a subordinação da mulher ao homem, sob o argumento dos papéis masculino e feminino”. Nesse sentido, é sabido que o abuso, a obediência, a escravidão, a subordinação, a exploração, a desconfiança e a negação de si e do outro, representam dinâmicas emocionais oriundas da cultura patriarcal, desde seus primórdios até a atualidade. Segundo os autores (2004, p. 23) “o patriarcado é um modo de viver num espaço psíquico. Se quisermos recuperar a igualdade colaborativa da relação homem-mulher da vida matrística, é necessário gerar um espaço psíquico neomatrístico”. Ou seja, que o emocional adulto compreenda que a cultura matrística não está totalmente extinta. Num espaço psíquico neomatrístico

As pessoas de ambos os sexos devem surgir na qualidade de colaboradores iguais no viver de fato, sem esforço, como simples resultado de seu crescimento como crianças em tal espaço, no qual as diferenças de sexo são apenas o que são. Para que isso aconteça, devemos viver a maneira dos homens e mulheres que vivem como colaboradores iguais, por meio de uma co-inspiração na qual homens e mulheres, mulheres e homens, co-participam da criação de uma convivência mutuamente acolhedora e liberadora, que se prolonga desde a infância até a vida adulta (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 24).

Portanto, para compreender o ser vivo, principalmente o ser vivo humano, torna-se imprescindível reconhecer nossa história cultural e biológica nos diferentes modos da coexistência humana. Tudo isso, envolve a importância da participação, no modo como desejamos viver, de acordo com nossas coordenações de coordenações de condutas consensuais de ações. Esse viver constitui “o modo como vivemos nosso emocional – em particular nossos desejos, [...] – ao nos transformar, construindo a história em nosso viver” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 16/17).

Os indivíduos humanos, não somos somente culturais. Existimos também no domínio biológico de nosso coexistir. Segundo Maturana e Verden-Zölller (2004, p. 17) “nada pode acontecer em nós – ou acontecer a nós, humanos – que não seja permitido por nossa biologia”. Os autores afirmam (2004, p. 17) que “nós, seres humanos, somos entes biológicos (*Homo sapiens sapiens*) que existem num espaço biológico cultural”. Na condição de indivíduos biológicos e humanos,

nós, homens e mulheres somos em termos sexuais, classes diferentes de animais. Essa diferença, não determina como nos distinguimos ou deveríamos nos distinguir culturalmente como homens e mulheres, já que como entidades biológicas e culturais somos seres humanos iguais. Isto, é, somos igualmente capazes de tudo o que é humano (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 17).

Compreender as diferentes distinções de gênero, masculino e feminino, representam os modos culturais específicos do coexistir na sociedade humana. Tais representações e valores advindos das configurações e diferenças de gênero, não possuem fundamento biológico. Porém, “as distinções sexuais entre homem e mulher são biológicas” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 17). Desta maneira os autores afirmam, “o modo como a vivemos é um fenômeno cultural; tais diferenças, próprias de nossa cultura patriarcal, referem-se ao modo como vivemos culturalmente nossa diversidade biológica, a partir de um fundamento de igualdade em nosso ser biológico cultural” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 17).

Por isso mesmo, a cultura patriarcal constituída como cultura dominante, ainda na atualidade, tem presente uma determinada dinâmica emocional, que fundamenta o viver do indivíduo humano. A cultura patriarcal atual, firmada na apropriação, na dominação, na justificação, no sofrimento, no ódio e na dor, tem, segundo os autores “suas próprias fontes de conflito, pois está fundamentada no fluir contraditório que nos leva ao sofrimento ou a reflexão” (2004, p. 43), sonhando alternativas.

Cabe então sinalizar, com base nos autores, que o crescimento da criança na cultura patriarcal europeia, passa por duas fases opostas: a vivência da criança na infância e, posteriormente a vivência da criança na fase já adulta. A primeira fase ocorre na infância de meninos e meninas, que crescem e tornam-se humanos como membros da cultura de suas mães, num viver centrado na biologia do amar como domínio das ações que tornam o outro um legítimo outro em coexistência conosco. Ou seja, “a criança vive a primeira fase de sua vida como uma dança prazerosa, na estética da coexistência harmônica própria da coerência sistêmica de um mundo que se configura com base na cooperação e no entendimento” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 44).

A segunda fase, decorre da vida ou do viver adulto: “começa quando a criança principia o viver numa vida centrada na luta e na apropriação, num jogo contínuo de relações de autoridade e subordinação” (2004, p. 44). Essa segunda fase da cultura patriarcal compreende como uma dinâmica

Vivida pela criança que nela entra – ou pelo adulto que ali já se encontra – como um contínuo esforço pela apropriação e controle da conduta dos outros, lutando sempre contra novos inimigos. Homens e mulheres entram na contínua negação recíproca de sua sensualidade e da sensualidade e ternura da convivência (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 44).

As duas fases como diferenças entre a vida infantil e a adulta, presentes na cultura patriarcal europeias, possibilitam reflexões voltadas para o emocional humano. Para Maturana e Verden-Zöllner (2004, p. 44) “o habitual é que o emocional adulto predomine na vida adulta, até que a sempre presente legitimidade biológica do outro se torne patente”. E, quando isso acontece, começamos a viver uma contradição emocional e procuramos superar a mesma por meio do controle ou do autodomínio. Porém, é possível transformá-la em literatura, escrever utopias e, aceitá-la como oportunidade de reflexão. O sonho nos leva a reconhecer e refletir, que vivemos num processo contínuo, também capaz de gerar um novo sistema, um viver uma vida matrística na Biologia do Amor (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004).

O modo de coexistir na infância e a maneira de transição entre a infância e a vida adulta está presente nas mais diferentes culturas, mas em todas elas implica um ritual de passagem de um modo de viver infantil - cultura matrística -, para um modo de viver adulto - cultura patriarcal. Ambas as culturas resultam do emocional vivido na infância até a fase adulta. As crianças do emocional vivido em relações matrísticas “chegam à vida adulta mergulhadas no mesmo emocional de sua infância” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 45). Isso implica coexistir na aceitação mútua, no compartilhar, na cooperação, na participação, no auto-respeito e na dignidade, numa convivência social que surge e se constitui no viver em respeito por si mesmo e pelo outro. Além disso,

os povos matrísticos europeus pré-patriarcais devem ter vivido uma vida de responsabilidade total, na consciência de pertença a um mundo natural. A responsabilidade ocorre quando se está consciente das consequências das próprias ações e quando se age aceitando-as. Isso inevitavelmente acontece quando uma pessoa se reconhece como parte intrínseca do mundo em que vive (MATURANA, VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 47).

O coexistir matrístico potencializa um educar humanizador, evoca “sempre na participação feliz de um mundo que estava totalmente presente em qualquer aspecto de seu viver” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 47). Cada vez que se conserva, geração após geração, uma nova configuração do emocional de uma família, aprendido de modo espontâneo pelas crianças, pelo fato de viver nela, surge uma nova cultura. A configuração do emocional que fundamenta a nova cultura, se conserva, persiste e constitui uma história a partir da aprendizagem das crianças (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004). Deste modo, o coexistir, conservado geração após geração e mantido pela cultura constituída e pela configuração do emocional, como cultura matrística se, ressignificados, podem despertar para o emocional neomatrístico.

Educar ressignificando o emocionar pode gerar uma nova cultura, pois segundo Maturana e Verden-Zöllner (2004) à medida que as crianças aprendem a viver num novo emocionar e a crescer nele, tornam-se âncoras de um modo de viver, que seus próprios filhos viverão e aprenderão a viver numa rede de conversações, que constitui o novo modo de convivência. Nessa dinâmica, repetimos, a nova rede de conversações, no suceder das gerações que constituem a nova cultura, firma o devir de uma comunidade, ‘uma comunidade que vem’. “O modo como vivemos com nossas crianças é, ao mesmo tempo, a fonte e o fundamento da mudança cultural e o mecanismo que assegura a conservação da cultura que se vive” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 23).

Por isso, segundo os autores “cada criança percorre em sua infância um caminho de transformação” (2004, p. 184). Esse caminho inicia com a orientação voltada para a mãe, ritmicamente regulada, desde a biologia própria da simbiose básica, da relação materno-infantil, por meio da intimidade e total confiança do jogo corporal, para firmar sua consciência social, ou seja,

A criança passa pela consciência corporal operacional, e pela construção do tempo e do espaço como um meio diferente da mãe. Depois vem a orientação para si mesma, na construção de um Eu. Esta acontece com a crescente e confiante independência da mãe, que surge com a construção do tempo e do espaço e chega até o desenvolvimento da consciência social no respeito pelo outro (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 184).

Para que tudo isso, se potencialize em experiências formativas, Maturana e Verden-Zöllner (2004) acreditam na importância da recuperação de um mundo de bem-estar individual e social onde o crime, o abuso, o fanatismo e a opressão mútua não sejam modos institucionalizados de viver e sim erros ocasionais de coexistência. Para que, isso aconteça importa aprender a viver nessa atmosfera, uma vez que

Isso implica ultrapassar o patriarcado. Para tanto devemos usar o pensamento racional (que nele se desenvolve), ampliando-o até tomar consciência do que quer viver, é a única coisa que nos permite ser responsáveis em tal empreendimento, possibilitando que a biologia do amar seja nosso fundamento, e não o desejo de controle e domínio (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 260).

Considero importante, para ultrapassar a lógica patriarcal, compreender o mundo como construção humana e, não como um mundo estável, pronto e definido requer diferentes fazeres pedagógicos e educativos. Nas reflexões de Strieder, Lago e Eidt (2017) de uma interação pela

qual os sujeitos atuam sobre as realidades, reorganizando o conhecimento em função das transformações que realizam nesses domínios. O conhecimento das “coisas”, não como capacidade de representar realidades prontas, mas como fruto de nossas ações e interações, uma atividade histórica e biológica que emerge de ações humanas, de práticas humanas recorrentes. Trata-se de fazeres que não se restringem à transmissão passiva, mas que considera a dinâmica do mundo, a partir da interação do sujeito com esse mundo. Aprendizagem como experiência formativa, longe de ser prisioneira de um sistema formal de transmissões, implica o reconhecimento da existência de dinâmicas próprias ao mundo humano (STRIEDER; LAGO; EIDT, 2017).

Nesse contexto, educar vai ao encontro com questões epistemológicas, na dimensão biológica do ser vivo humano. Um desafio que potencializa e evoca a possibilidade em conhecer o conhecimento, envolvido pelas coordenações de coordenações consensuais de conduta, no ser, fazer e viver humanizado. “Essa diferente relação para com o conhecimento, conhecer o conhecer, sinaliza uma nova racionalidade, no âmbito do saber-fazer pedagógico, com implicações também na ressignificação do indivíduo humano” (STRIEDER; LAGO; EIDT, 2017, p. 1251). Em outras palavras; “conhecer é reconstruir; conhecimento tem a ver com reconstrução” (p. 1252).

Para compreender o ser vivo, principalmente o ser vivo humano, torna-se imprescindível reconhecer nossa história cultural e biológica nos diferentes modos da coexistência humana. Tudo isso envolve a importância da participação, no modo como desejamos viver, de acordo com nossas coordenações de coordenações de condutas consensuais de ações. Esse viver constitui “o modo como vivemos nosso emocionar – em particular nossos desejos, [...] – ao nos transformar, construindo a história em nosso viver” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 16/17).

Os indivíduos humanos, não são somente culturais. Existimos também no domínio biológico de nosso coexistir. Segundo Maturana e Verden-Zöller (2004, p. 17) “nada pode acontecer em nós – ou acontecer a nós, humanos – que não seja permitido por nossa biologia”. Os autores afirmam (2004, p. 17) que “nós, seres humanos, somos entes biológicos (*Homo sapiens, sapiens*) que existem num espaço biológico cultural”. Na condição de indivíduos biológicos e humanos,

nós, homens e mulheres somos em termos sexuais, classes diferentes de animais. Essa diferença, não determina como nos distinguimos ou deveríamos nos distinguir culturalmente como homens e mulheres, já que como entidades biológicas e culturais somos seres humanos iguais. Isto, é, somos igualmente capazes de tudo o que é humano (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 17).

Compreender as diferentes distinções de gênero, masculino e feminino, representam os modos culturais específicos do coexistir na sociedade humana. Tais representações e valores advindos das configurações e diferenças de gênero, não possuem fundamento biológico. Porém, “as distinções sexuais entre homem e mulher são biológicas” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 17). Desta maneira os autores afirmam, “o modo como a vivemos é um fenômeno cultural; tais diferenças, próprias de nossa cultura patriarcal, referem-se ao modo como vivemos culturalmente nossa diversidade biológica, a partir de um fundamento de igualdade em nosso ser biológico cultural” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 17).

É fato que, nossa biologia emerge e envolve o início do viver também cultural como seres humanos. Um início marcado pela conservação, de geração em geração, o coexistir de modo de viver com base no compartilhar alimentos, baseado nos princípios de ternura, respeito, sensibilidade e aceitação mútua de si, do outro e da biosfera. Tudo isso, vivenciado de maneira espontânea, prazerosa e reflexiva, em contínuos sucederes e modos de existir. Diante de tudo o que foi mencionado, sobre a relação materno-infantil e o coexistir matrístico como potencializadoras para a humanização, poderia as relações matrísticas possibilitar aberturas para a Biologia do Amar?

3.2 COEXISTIR A PARTIR DE RELAÇÕES MATRÍSTICAS E PATRIARCAIS

Viver e conviver, tendo como base o emocionar da co-inspiração, se desejarmos, pode ser uma possibilidade efetivável. Tomo como referência a posição de Maturana e Verden-Zöller (2004, p. 29) “A vida humana, como toda vida animal, é vivida no fluxo emocional que constitui a cada instante o cenário básico, a partir do qual surgem nossas ações. São nossas emoções, desejos, preferências, medos, ambições, entre outras, que determinam a cada momento o que fazemos ou deixamos de fazer”.

Na proposição dos autores falar de amor, medo, vergonha, inveja, nojo, sempre conotamos domínios de ações diferentes e advogamos que cada um desses domínios, seja, animal ou pessoal, pode fazer certas coisas e não outras. É a emoção que viabiliza um comportamento ou um gesto, que faz deles uma ação ou outra, podendo ser um convite ou uma ameaça. Segundo Maturana e Verden-Zöller (2004, p. 31) “todo o viver humano consiste na

convivência em conversações de redes de conversações. O que nos constitui como seres humanos é a nossa existência no conversar”. Firma-se assim que todas as atividades e afazeres humanos ocorrem como conversações e redes de conversações. Desde caçar, pescar, guardar um rebanho, cuidar das crianças, a veneração, a construção de casas, a fabricação de tijolos, a medicina, entre outras, como atividades humanas, são diferentes classes de conversações e constituem distintas redes de coordenações de coordenações consensuais de ações e emoções (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004).

Nós, humanos surgimos na história da família dos primatas bípedes à qual pertencemos quando o linguajar – deixou de ser um fenômeno ocasional. Uma vez conservado de geração em geração, num grupo humano, o linguajar se tornou parte central, da maneira de viver que definiu dali por diante a nossa linhagem. A linhagem a que pertencemos como seres humanos, surgiu quando a prática da convivência em coordenações de coordenações comportamentais consensuais – que distinguiu o linguajar - passou a ser conservada de maneira transgeracional pelos jovens desse grupo de primatas, ao ser aprendida, geração após geração, como parte da prática cotidiana de convívio (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004). O linguajar surgiu como um modo de agir na convivência, envolto nas emoções. Nesse sentido, constitui-se o conversar, considerado como o conviver na linguagem e nas coordenações de coordenações de condutas consensuais. O conviver, a partir do conversar, constituiu em nossos ancestrais o surgimento do humano, um conviver conservado por meio da aprendizagem e da convivência dos filhos como integrantes de determinada cultura.

Os distintos modos de viver de uma cultura são conduzidos por diferentes configurações de seu emocionar. Os diferentes domínios, presentes numa cultura, determinam a maneira de como os indivíduos veem ou não veem seu entorno de ações e condutas, o significado dos afazeres, os símbolos, as representações e o pensar como modos distintos de viver. Segundo Maturana e Verden-Zöllner (2004) cultura é tudo aquilo que conotamos na vida cotidiana. Entende-se como uma rede fechada de conversações que constitui e define uma maneira de convivência humana, como uma rede de coordenações de emoções e ações. Qualquer ser humano pode pertencer a diferentes culturas, em diversos momentos de seu viver, segundo as conversações das quais ele participa nesses momentos. A mudança cultural acontece, a partir da alteração na configuração do atuar e do emocionar dos membros de uma cultura. Ela ocorre numa modificação, na rede fechada de conversações que, originalmente define a cultura que se modifica. Uma cultura desaparece ou se modifica quando a rede de conversações que a constitui deixa de se conservar entre os membros de tal comunidade, por meio da mudança das ações e das emoções.

Nas considerações de Maturana e Verden-Zöllner (2004, p. 35) “os seres humanos pertencem a dois tipos específicos de cultura. Uma é a cultura básica na qual nós, humanos ocidentais modernos estamos imersos - a cultura patriarcal europeia. A outra, precedeu na Europa – a cultura matrística”. Essas duas culturas constituem dois modos distintos de viver as relações humanas. Segundo os autores, “as redes de conversações que as caracterizam realizam duas configurações de coordenações de coordenações de ações e emoções distintas, que abrangem todas as dimensões desse viver” (2004, p. 35).

Como base de reflexão e forma de auxiliar, numa melhor compreensão da cultura matrística, vamos descrever algumas considerações, especificidades e modos de viver e conviver na rede de conversações guiadas pelo emocional matrístico. Tal cultura, entre outros, tem como precursores os estudos e pesquisas de Maturana e Verden-Zöllner (2004), na obra “Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano”. Os autores mencionam que, a partir dos restos arqueológicos encontrados na área do Danúbio, nos Balcãs e no Egeu, a cultura matrística pré-patriarcal europeia deve ter sido definida por uma rede de conversações completamente diferente da cultura patriarcal. A rede de conversações que a constituiu pode ser reconstruída pelo que se revela na vida cotidiana, daqueles povos que ainda a vivem e pelas conversações não patriarcais. Com base em restos arqueológicos deduzimos que os povos que viviam na Europa entre sete e cinco mil anos a.C eram agricultores e coletores (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004).

Mas, como era o viver dos povos matrísticos? O viver matrístico supostamente não era constituído pela desigualdade hierárquica, não faziam uso de armas como adornos, não existia diferença entre os túmulos dos homens e das mulheres. Ainda conforme os autores, a partir das pinturas nos murais da civilização minoica de Creta, torna-se possível reconhecer que as indumentárias femininas e masculinas eram similares. As fases da lua evidenciam sua importância, pois auxiliava na transformação que ocorria na natureza, a exemplo, referente a disseminação de insetos e também nas peculiaridades voltadas ao plantio agrícola e a criação de animais. Além dos cultos cerimoniais místicos da comunidade, as casas possuíam um lugar pequeno voltado para os cerimoniais, centrados na harmonia sistêmica do viver cotidiano entrelaçado com a natureza, evocada como uma deusa, uma divindade representada pela forma de mulher, combinação de mulher e homem ou de mulher e animal. De acordo com Maturana e Verden-Zöllner, (2004, p. 46) “há figuras que a mostram como uma mulher nua com traços de pássaros ou serpente, ou simplesmente corpo feminino exuberante, com pescoço e cabeça com características fálicas, ou sem rosto e com as mãos apenas sugeridas”. Por meio da descrição das figuras como deusa ou divindade, torna-se possível compreender a harmonia da existência

humana, de um viver distante das bases que permeiam a manipulação, a subjugação, a mentira e a reafirmação do ego como superior a tudo e a todos.

Entre os povos matrísticos, não existia a divisão, a apropriação, a negação, a violência, a competição. Maturana e Verden-Zöllner (2004, p. 40) entendem que “para eles, toda a natureza deve ter sido uma contínua fonte de recordação de que todos os aspectos de sua própria vida compartilhavam a sua presença e estavam plenos de sacralidade”.

As crianças da cultura matrística devem ter crescido nela com a mesma facilidade com que nossas crianças crescem em nossa cultura patriarcal. Para elas, ser matrístico na estética da harmonia da natureza deve ter sido natural e espontâneo. Não há dúvida de que, possivelmente ocorriam ocasiões de dor, enfado e agressão. Mas elas, como cultura – diferente de nós, não viviam a agressão, a luta e a competição como aspectos definidores de sua maneira de viver. As crianças da cultura matrística viviam sua infância no amor, na confiança e na aceitação mútua, elas chegavam na fase adulta vivenciando estas mesmas emoções, concebidas desde sua concepção inicial de vida, ainda feto na mãe. A convivência deste modo de viver se constitui por meio do respeito por si, pelo outro e pela biosfera. Com base nessa maneira de viver, podemos inferir que a rede de conversações que definia a cultura matrística não pode ter se constituída em conversações de guerra, luta, negação mútua na competição, exclusão e apropriação, autoridade e obediência, poder e controle, o bom e o mau, tolerância e intolerância, e a justificação racional da agressão e do abuso. É crível que as conversações de tal rede fossem de participação, inclusão, colaboração, compreensão, consenso, respeito e co-inspiração (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004). Para os autores “a vida matrística europeia estava centrada no amor, como a própria origem da humanidade e, nela a agressão e a competição eram fenômenos ocasionais, não modos cotidianos de vida” (2004, p. 48/49).

É notável que ocorreram algumas transformações no emocional da cultura matrística, mudanças que deram origem à cultura patriarcal existente em nosso viver nos dias atuais. Nos estudos e reflexões de Maturana e Verden-Zöllner (2004), “Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano”, abordam bases originárias da cultura patriarcal. Uma cultura que, apesar dos muitos anos de sua origem ainda se faz presente, se mantém forte e impregnada em nosso viver humano como cultura dominante.

A cultura matrística, estava centrada no amor e na estética, na consciência da harmonia espontânea de todo o vivo e não-vivo, em seu fluxo contínuo de ciclos entrelaçados de transformação de vida e morte. Mas, se assim era, como pôde surgir a cultura patriarcal, centrada na apropriação, hierarquia, inimizade, guerra, luta, obediência, dominação e controle? A partir da arqueologia, torna-se possível compreender que, a cultura matrística teve sua

destruição por meio dos povos pastores patriarcais, os então chamados indo-europeus, vindos do Leste, por volta dos sete e seis mil anos. De acordo com Maturana e Verden-Zöllner (2004) o patriarcado foi trazido à Europa por povos invasores, cujos ancestrais haviam se tornado patriarcais, no curso de sua própria história de mudanças culturais em alguma outra parte, de maneira independente das culturas matrísticas europeias.

Para Maturana e Verden-Zöllner (2004) o primeiro passo foi a operação inconsciente que constituiu a apropriação, o estabelecimento de um limite operacional que negou aos lobos o acesso a seu alimento natural - animais da mesma manada dos quais viviam a família humana, dando início a exclusão. O caçador, tirava a vida do lobo para restringir seu acesso ao alimento natural também dos humanos, pois a vida extraída pelo lobo é tida como uma ameaça à ordem artificial de propriedade. Assim, o lobo é um inimigo do humano e precisa ser destruído pelo humano como conduta de sua condição de pastor. Estas ações se efetivam, a partir de emoções diferentes e, “Essa matança não é um caso no qual uma vida é tirada para que outra possa prosseguir; aqui, uma vida é suprimida para conservar uma propriedade, que fica definida neste ato” (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 55). Referente às condições que deram origem ao modo de viver, no qual a emoção fundamental é a apropriação, o sentido de posses, os autores afirmam,

A vida pastoril dos nossos ancestrais surgiu quando uma família que vivia seguindo os movimentos livres de alguma manada silvestre adotou o hábito de impedir a outros animais – que eram comensais naturais – seu livre acesso a dita manada. Esse hábito se transformou numa característica conservada de modo transgeracional, como maneira de vida cotidiana dessa família. A adoção desse hábito numa família deve ter comportado, como um traço desse mesmo processo, mudanças adicionais no emocionar. Estas a levaram a incluir, juntamente com o emocionar da apropriação, outras emoções, como a inimizade, a valorização da procriação e a associação da sexualidade das mulheres a esta, o controle da sexualidade das mulheres como procriadoras pelo patriarca e o controle da sexualidade do homem pela mulher como propriedade, a valorização das hierarquias e a obediência como características intrínsecas da rede de conversações que constituiu o modo pastoral de vida (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 56).

A cultura patriarcal, como modo de viver de um determinado grupo de indivíduos humanos, pode ser vivenciada por ambos os sexos, homens e mulheres. Tanto o homem quanto a mulher representam e fazem parte da cultura patriarcal. De acordo com os autores, o processo de origem da cultura patriarcal produziu três modificações adicionais, na dinâmica do emocionar de nossos ancestrais, transmitidos de pai para filho: **Primeiro**: o desejo constante por mais, a acumulação de coisas que proporcionavam segurança; **segundo**, a valorização da

procriação como forma de obter segurança mediante o crescimento do rebanho ou manada; e, **terceiro**, o temor da morte como fonte de dor e perda total.

A vida no interior da família pastoril também sofreu mudanças, a saber, a participação do homem na procriação passou a ser associada à apropriação dos filhos, da mulher e da família. A sexualidade da mulher converteu-se em propriedade do homem que gerava seus filhos. As crianças e as mulheres perderam sua liberdade ancestral e transformaram-se em propriedades. Segundo Maturana e Verden-Zöllner (2004, p. 61) “O processo da família nômade comensal - para uma família pastoral patriarcal, teve uma consequência fundamental: a explosão demográfica, animal e humana.”

Uma vez que a inimizade e a apropriação foram aprendidas como modos de emocionar, num dado domínio de experiências, elas puderam ser vividas em outros. Uma vez que, a inimizade e a apropriação se tornaram características, da forma de viver na proteção de um rebanho, também passaram a fazer parte da defesa de outras características e formas de vida, como ideias, verdades ou crenças. Abriam-se, então, as portas para o fanatismo, a avidez e a guerra. As oportunidades para inimizade e a defesa da propriedade devem ter surgido enquanto o crescimento da população e as migrações consequentes forçaram o encontro de comunidades diferentes (MATURANA; VERDEN-ZÖLLNER, 2004). A maneira de viver do povo patriarcal pastoril é transformada por diversas mudanças, já citadas no decorrer deste escrito, a família e a comunidade pastoril se expandem. É notável o aumento populacional e, também, o aumento dos rebanhos. A partir do crescimento dos rebanhos, fez-se necessário maior quantidade de pastagens e a necessidade de expansão territorial. Assim, surgem os conflitos com outras comunidades. De acordo com Maturana e Verden-Zöllner (2004, p. 69) “a guerra, a pirataria, a dominação política e a escravidão devem ter começado nessa época e, eventualmente, produziram migrações maciças, em busca de novos recursos a serem apropriados”.

À medida que os povos patriarcais indo-europeus começaram a se deslocar para a Europa, levaram consigo a guerra, mas não só ela. Levaram também, um mundo completamente diverso daquele que encontraram. Esses povos, foram donos de propriedades e delas defensores, foram hierárquicos, exigiram obediência e subordinação, valorizaram a procriação e controlaram a sexualidade das mulheres. Os povos patriarcais pastores, devem ter vivido as desigualdades opostas entre a cultura matrística e a patriarcal, como uma ameaça ou perigo a sua própria existência e identidade. Do mesmo modo que, vivenciaram sua relação com os lobos, na qual, por meio da apropriação do rebanho, provocaram o seu extermínio, sua reação deve ter sido a defesa de sua própria cultura pela negação da outra, tanto por seu completo controle e domínio quanto por sua total destruição. Os povos patriarcais pastores expressavam

sua compreensão das relações cósmicas por meio de deuses-entidades transcendentais que impunham temor e exigiam obediência (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004).

Compreende-se que a nossa maneira de viver em meio à cultura patriarcal nasceu do encontro entre as culturas patriarcal pastoril e a cultura matrística, decorrente de um processo de dominação patriarcal orientado para a destruição de todo o viver matrístico. Esse processo de destruição do matrístico implica a negação do amar, visa a violência, a guerra, a desconfiança e as disputas. Na cultura patriarcal, crianças, homens e mulheres tornam-se patriarcais quando adultos, de acordo com seu gênero. Todos vivem sob determinadas exigências com características e peculiaridades da cultura patriarcal. Para os meninos essa cultura obriga-os a tornarem-se competitivos, autoritários, negar a aceitação e o respeito pelo outro. Já as meninas, tornam-se serviçais e submissas, num viver de autonegação do respeito e da dignidade pessoal constituídas na infância. Na fase de adolescência meninos e meninas passam por um processo de transição, surgem os conflitos no qual os adolescentes precisam adotar um modo de viver que nega seu viver de infância. Assim, a rebeldia da adolescência desencadeia várias emoções, entre elas, o nojo, a frustração e o horror em aceitar um novo modo de viver, constituído pela mentira e a hipocrisia, atual cenário da vida adulta na cultura patriarcal.

Esse modo de viver, resulta simplesmente de nossa participação inocente no fluxo das conversações de luta e guerra em que surgimos ao nascer; conversações de luta entre o bem e mal, o homem e a mulher, razão e emoção, desejos contraditórios, matéria e espírito, valores, humanidade e natureza... entre ambição e responsabilidade, aparência e essência. Crescemos imersos nessas conversações contraditórias. Vivemos desgarrados pelo desejo de conservar nossa infância matrística e satisfazer os deveres de nossa vida adulta patriarcal. E, por isso, precisamos de terapias, para recuperar nossa saúde psíquica e espiritual e resgatar o respeito por nosso corpo e emoções na harmonização, de nossos lados masculino e feminino, o famoso yng e yang (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004).

Para nós, seres vivos humanos culturais patriarcais, a nomenclatura “predador” é uma antropomorfização e revela uma particularidade humana. Na natureza não há competição, pois, os sistemas vivos não impõem uns aos outros dispositivos de conduta. Segundo Maturana e Varela (1997) os sistemas vivos são autônomos e suas condutas surgem, a partir de seus referenciais, de como interpretam as influências que recebem do meio. De acordo com Ruiz (2020) a nossa sociedade, com seus numerosos dispositivos de poder, com rituais tão visíveis e instrumentos tão seguros, sem dúvida, foi mais inventiva, do que qualquer outra, em mecanismos de poder sutis e delicados, visando a flexibilização das subjetividades coletivas ao modelo de população massificadas à sujeição voluntária.

A sociedade patriarcal descarta indivíduos vivos via produção de subjetividades rendidas, via exclusão social, guerras, genocídios e violências outras, o que a torna patológica e autogressora. Geramos um mecanismo civilizador com base linear, que insiste em criar um modelo mental de estímulo ao imediatismo, valorizando a competição predatória, a guerra, que não só exige vencer o outro, mas eliminá-lo, para tornar o lado mais desejado da vitória, a derrota do outro. A lógica, para que um ganhe, outro deverá perder, se distancia da complementariedade, ao exigir que o mais competente supere o outro (MATURANA; VARELA, 1997). E ainda, segundo Maturana e Verden-Zöllner (2004, p. 85) “a cultura patriarcal ocorre no domínio das relações como um modo de ser humano, não é uma forma de vida econômica, é uma maneira de relação entre os seres humanos, uma modalidade de existência psíquica humana”. Para os autores o pensamento presente na cultura patriarcal é essencialmente linear, ocorre num contexto de apropriação e controle e, flui orientado primariamente, para a obtenção de algum resultado particular porque não observa as interações básicas da existência. Por isso, o pensamento patriarcal é sistematicamente irresponsável. O resultado é que, uma vez que crescemos como membros de uma dada cultura, tudo nela resulta adequado e evidente. Sem que, notemos o fluir de nosso emocionar, de nossos desejos, preferências, aversões, aspirações, intenções, escolhas... o emocionar guia nossas ações nas circunstâncias mutantes de nosso viver, de maneira que todas as ações pertencem a esta cultura. E, tudo isso está vivo na atualidade em contextos neoliberais e capitalistas.

3.3 BIOLOGIA DO AMAR: indicativos para a formação humanizadora

Diante das diversas crises vivenciadas pelos humanos, na pós-modernidade, o indivíduo humano encontra-se envolto por muitas dificuldades, entre elas, reconhecer-se a si como ser humano, visualizar e construir um domínio de existência como evidência de sua autonomia, realizar os acoplamentos estruturais e relacionais com outros e com o entorno ambiente. Sem essas possibilidades torna-se desconhecido, estranho e distante de si e de sua subjetividade. Diante dessas instabilidades, dessas inconstâncias, desse afastamento do exercício de sua autonomia, torna-se refém da lógica neoliberal e capitalista que invade e coloniza, não somente sua subjetividade, mas também os espaços comunitários, os espaços que poderiam evidenciar a arte do viver, a emocionalidade, os imaginários estéticos e religiosos, entre outros. Entrega-se ao consumo irresponsável, cada vez mais presente, prioritário e central, como se o mesmo

fosse uma questão de ordem natural. Toda essa lógica imperiosa, amparo primordial do capitalismo, é apresentada como fundamentando valores sociais e relações, onde toda e qualquer troca espreita o lucro e, como se cada uma dessas ações emanasse demandada pelos desejos, anseios e status social, no aqui e no agora. Reforçamos diariamente a lógica capitalista como nossa religião tendo o dinheiro como ser supremo de tudo e de todos.

Faz-se urgente, a importância profanatória desse aparato conceitual patriarcal e capitalista e sua soberania expressa como única condição humana e causa maior do processo humanizador. Nesse sentido, faz-se urgente criar diferentes significados, diferentes alternativas para o uso comum, ou seja, profanar como oportunidade para dar um novo uso, um novo significado ao capitalismo. Eis um convite à transformação metamorfoseante de conceitos como educação, formação, estética, arte, filosofia, fé, ser humano, vida, economia... Uma metamorfose como possibilidade de manter e conservar enquanto, simultaneamente de criar e inovar. Como argumenta Agamben (2007) tornar profanável, ou seja, dar novos significados, novos usos aos conceitos do imaculado e sagrado, pois “Profanar, por sua vez, significa restituí-las ao livre uso dos indivíduos humanos” (AGAMBEN, 2007, p. 58).

Reforçamos que, segundo o autor “profano, em seu sentido próprio denomina-se aquilo que, de sagrado ou religioso que era, é devolvido ao uso e a propriedade dos indivíduos humanos (2007, p. 58). Tudo aquilo que foi separado, pode ser restituído e aqui, particularmente, nos referimos aos pressupostos da autopoiese, quais sejam: todos ser vivo, todo ser humano é autônomo, constitui-se como unidade, guarda em si a condição de individualidade e, por possuir clausura operacional, não é constituído e, nem depende de portas de entrada e saídas. Esse pode ser o cerne do sonho profanatório. Segundo Agamben (2007) todo e qualquer improfanável – baseia-se no aprisionamento e na distração de uma intenção autenticamente profanatória. Por isso, é importante extrair dos dispositivos a possibilidade de uso, que eles capturaram em nossa já longa, noite patriarcal.

Como alternativa, muitas vezes, muitos imaginários se espalham pelas avenidas da formação humanizadora, reafirmando a individualidade em parceria com a sociabilidade, visando eliminar gradativamente a separação e classificação instaurada pela cultura patriarcal e reafirmada pelo capitalismo. Cabe, com posição firme, restituir ao domínio humano o que o sistema alienou para o plano do sagrado. E, reforço com base em Agamben “A profanação do improfanável é a tarefa da política que vem” (2007, p. 71), o sonho de uma educação que vem, requer não somente responsabilidade, mas co-responsabilidade ética. Da mesma forma, se a biopolítica se consolidou como domínio sobre a vida e as formas de viver pela profanação, podemos resistir e tentar uma diferente política, um diferente ser humano, uma diferente

comunidade, a ética como experiência do viver e promotora da vida com dignidade, uma potência de vida, e a vida humana como potência de ser e de não ser. O autor afirma,

Nesse contexto, a luta pela ética não é, como se costuma afirmar, a luta pelo cumprimento da norma existente, nem pela realização desta ou daquela essência humana, deste ou daquele destino, desta ou daquela vocação histórica ou espiritual. Embora não se trate de negar que o ser humano tenha uma tarefa a realizar, a luta pela ética é a luta pela liberdade, ou seja, luta para que possamos experimentar nossa "própria existência como possibilidade ou potência", "potência de ser e de não ser" (AGAMBEN, 2007, p. 07).

Na educação que vem, tendo a 'existência como possibilidade ou potência' Salvetti (2014, p. 58) argumenta "o que vem é de uma tarefa, de uma exigência, de uma urgente reivindicação que o momento presente coloca ao pensamento". Ainda, segundo o autor, a educação em uma comunidade que vem é também uma proposta filosófica e, nela, não existe compromisso histórico a ser realizado. Não possui uma essência ou valor supremo, pois a educação que vem e a comunidade que vem, se realizam não na busca de algo que lhe é próprio, mas serão aconteceres em sua impropriedade. Há de se partir também e, como desafio pensar para além da ontologia que marcou a filosofia moderna: uma ontologia do dever. Para a ética possível num âmbito fora da necessidade de se realizar uma tarefa ou vocação, à ética cabe "pensar uma ontologia para além dos paradigmas e dispositivos que operam no ocidente" (SALVETTI, 2014, p. 67).

Numa outra dimensão e, tendo como fundamento que o indivíduo humano é um ser biológico e cultural, ele acontecer nas relações de convivência e interações consigo, com outros e com a biosfera planetária. Tais interações e relações de coexistência configuram a aproximação, o respeito e a ética num determinado contexto cultural de existência. Eis um desafio para consigo, bem como para a educação. Nessa educação compreende-se a importância de reconhecer o Amar como uma dinâmica formativa - consensos de amar -, potencializadora da autonomia, da singularidade e da individualidade do indivíduo humano em sua inteiridade – unidade.

Encontramos na concepção da Biologia do Amar, proposta por Maturana e Yáñez (2009), uma alternativa profanatória, uma possibilidade para restituir e fazer diferente uso a tudo aquilo que se encontra denominado como sagrado, impregnado pela lógica instrucional e instrumental, mercadológica e capitalista e cernes da cultura patriarcal-matriarcal. Com base na Biologia do Amar encontramos-nos em contínua interação com as relações e experiências do coexistir humano. Seu fundamento configura o viver e conviver humano. Viver a partir da

Biologia do Amar significa viver no bem-estar, ou seja, viver e conviver na presença da harmonia espontânea em todas as dimensões, como um processo sucessivo de coexistência firmados nos princípios do respeito, da solidariedade, da colaboração e da sensibilidade consigo e com o outro – viver e conviver como indivíduo humano *Homo sapiens-amans amans*. Nas reflexões de Maturana e Yáñez (2009, p. 190) “nós somos mamíferos amorosos, primatas bípedes e pertencemos a uma história evolutiva cultural centrada na Biologia do Amar em uma convivência no compartilhar e no colaborar”.

Muitas vezes nos referimos e falamos do amar sem compreendê-lo, como se o amar representasse um fundamento obscuro, poético, religioso ou especial, numa dinâmica de negação, com ênfase nas relações de autoridade, obediência, sujeição e dominação. Falar do amar nesse âmbito, segundo Maturana e Yáñez (2009) leva consigo a evocação de sentires que são tratados, de maneira consciente e inconsciente, como poder e medo. Medo de perder alguém ou alguma coisa, como se amar equivalesse a apego, posse e propriedade. Somos bons em substituir a amizade, as alianças colaborativas, pelo exercício da manipulação que leva à negação de si mesmo e do outro na obediência, causando dor e sofrimento. Maturana e Yáñez (2009) afirmar que a Biologia do Amar pode fundamentar sentires e fazeres que buscam a liberação da dor e do sofrimento, tão prósperos no viver que a cultura da dominação e da subjugação - cultura patriarcal-matriarcal - trazem consigo. Mas, os autores alertam “Quando usamos adjetivos que qualificam a natureza do amar, no amar ao falar de amar, revelamos que não há amar. A intenção de amar no amar nega o amar e, a conduta que queremos seja amorosa aparece manipulativa” (2009, p. 83).

Então, quando e como efetivamente podemos identificar o amar? Quando efetivamente amamos? Para Maturana e Yáñez (2009) o amar ocorre no fluir do viver num presente e na legitimidade de tudo, sem dualismos, sem negações, sem ambições e sem fazer distinções de bom, de belo e feio. Nas palavras dos autores,

O amar ocorre no fluir do viver em que alguém vive no domínio das condutas relacionadas a partir das quais esse mesmo alguém – a outra, o outro e tudo o mais – surge sem intenção ou propósito como legítimo outro na convivência com alguém. O amar é visionário, pois ocorre na ampliação do ver (do ouvir, do sentir, do cheirar e do tocar) próprio do espaço das condutas relacionais que ocorrem sem preconceitos, sem expectativas, sem generosidade, sem ambição (2009, p. 84).

Nas reflexões de Maturana e Yáñez (2009) o amar não quer, nem busca as consequências do amar. O amar não é bom, nem mau, simplesmente é o viver no bem-estar que acontece no viver sem sofrimento, que traz consigo o apego ao valor ou sentido, que se vê no

perdido ou naquilo, que se pode e se teme perder. Por isso, o conviver fora do amar configura um conviver que também nega o social. Sem o bem-estar do outro e de si mesmo na convivência, não é possível viver no caminho do amar, pois este requer um modo de viver no apego ao valor que se atribui à justificação da negação ao bem-estar do outro. “Viver na Biologia do Amar implica sair da cultura *patriarcal-matriarcal* que a nega” (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 86).

Para viver o amar, faz-se importante profanar a cultura patriarcal-matriarcal ainda firmemente vivenciada, pois se queremos viver o amar, necessitamos sair desta cultura que manipula, classifica e exclui. Segundo Maturana e Yáñez (2009, p. 87) “viver o amar, é viver espontaneamente na unidade de tudo”. Para os autores o amar ocorre nas condutas relacionais, a partir das quais um/a outro/a qualquer, ou tudo o mais surge e acontece como legítimo, outro na convivência com esse alguém. Nós, seres humanos, somos mamíferos e primatas bípedes amorosos, pertencemos a uma linhagem que se constituiu e se constitui na conservação transgeracional do conviver no conversar, desde o conviver inaugural no amar (2009). Nesta perspectiva,

nascemos amorosos e, não buscamos argumentos racionais ou motivos emocionais para o contrário, transformamos o mundo que vivemos num mundo amoroso. E o fazemos sem perceber, mergulhados na matriz fundamental da existência biológica na qual todo ser vivo surge ao ser concebido na confiança, implícita em sua estrutura e sua organização, de que ao nascer chega a um mundo que o acolherá como um âmbito de congruência operacional que fará possível nosso viver pela própria natureza de sua existência histórica (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 125/126).

Acolhida e confiança que potencializam as ações profantórias da cultura patriarcal-matriarcal, devolvendo-nos a condição de filhos do amar, lá onde radica o âmbito humano. De forma espontânea, voltaremos a constituir os viveres e o conviveres sem expectativas, ilesos de preconceitos, limpos de opiniões exploradoras, distantes das exigências, afastados das promessas vazias, das distorções que negam, das cegueiras que iludem, da negação e das justificações que causam dor e sofrimento. Se desejarmos, podemos criar as possibilidades para que o indivíduo humano possa ser compreendido em sua legitimidade, em sua autonomia, em sua singularidade e como unidade. Para Maturana e Yáñez (2009) o amar é o fundamento emocional em que surgiu a família ancestral e, que ainda hoje faz surgir a família, da qual emerge em cada nascimento e, em cada geração o viver no conversar que semeia e constitui o viver humano *Homo sapiens-amans amans*. O amar é o fundamento do ver e do entender que

constitui a sabedoria do viver humano como ampliação do olhar que permite ver a matriz de relações que constitui a existência de toda a biosfera e de todo o cosmos.

Os indivíduos humanos, no fluir das coerências relacionais e emocionais de sua existência, tem a possibilidade de construir e conservar a arte do viver. Embora tenham o potencial de deixar de conservar para então, de forma enganosa, destruir, as dinâmicas sucessivas de seu viver como *homo sapiens-amans amans*. Deste modo, conservar, significa dar lugar às relações e coerências do coexistir humano, por meio de ações de bem-estar. E, assim viver e conviver com base no respeito, na ética, na colaboração, na co-inspiração e na aceitação de si mesmo, do outro e da biosfera. Ao deixar de conservar as relações de existência no bem-estar, o indivíduo humano vivencia elos de negação, de dominação, de exclusão e justificação de seu ser e seus fazeres, seja consigo, com o outro e com a biosfera. Tal negação, traz como consequências o medo, dor e sofrimento, aliados da subordinação e da discriminação e, acima de tudo, o não reconhecimento da sua dimensão *homo sapiens- amans amans*. Um viver desumano que dá lugar para coexistires, fundamentados na dinâmica relacional de *homo sapiens-arrogans agressans*. Porém, mais uma vez, profanar nossa dimensão relacional *homo sapiens-arrogans agressans* possibilita entender que o amar é nosso ser existencial biológico.

O básico de nosso viver humano é nossa condição *sapiens-amans* que faz o amar ser o fundamento operacional e relacional que guia o curso que segue a realização e conservação de nosso viver biológico, mas o que de fato constitui nossa possibilidade de seres humanos éticos capazes de colaborar no respeito por si mesmos e no mútuo respeito, na contínua criação cotidiana desse viver como uma obra de arte, é o viver numa *epigênese amans*, que conotamos e denotamos quando falamos de nosso ser *Homo sapiens-amans amans* (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 160).

As reflexões de Maturana e Yáñez, relacionadas a Biologia do Amar, constitui noções fundamentais e primordiais do amar. Elas apontam tanto para o campo epistemológico, como também para o campo biológico. Apresentam-se como noções valiosas para profissionais de saúde, de educação e todos aqueles envolvidos na formação humana e, suas práticas de ensino, de formação e de experiências imbricadas ao coexistir humano como seu Ser e Fazer. Na proposição de Maturana e Yáñez (2009, p. 168) “o caminho para recuperar a saúde fisiológica e a saúde psíquica era o que então eu distinguia como a Biologia do Amar. Como se faz? Como devo fazer?” Em resposta os autores afirmam: “Amando, sem poder descrever um como” (2009, p. 168). Antes, Maturana falava de amor → Biologia do Amor, mas Yáñez o fez notar no curso de suas conversações que, ao falar de amor fica obscurecido aquilo que efetivamente opera no conviver, ou seja, a dinâmica do amar, não o amor como um ente abstrato. Por isso,

Maturana assume a Biologia do Amar (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 171), porque nela encontra o fundamento do bem-estar, do qual surge o outro como legítimo outro. Mais especificamente,

A Biologia do Amar constitui o fundamento do bem-estar no viver e conviver como dinâmica relacional no fato de que o amar consiste nas condutas relacionais a partir das quais o outro, a outra, o próprio ou o outro surge como legítimo outro na convivência com a gente, é o fundamento do mútuo respeito. Assim o amar é a única emoção que amplia o olhar e expande o ver, o ouvir, o tocar, o sentir e faz isto porque é o único olhar que não antepõe um preconceito, uma expectativa, uma exigência ou um desejo como guia do ouvir e do olhar na conduta reacional que se vive (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 171).

Deste modo, Yáñez contribuiu significativamente, para a expansão e ampliação do olhar e da compreensão de Maturana em prol da Biologia do Amar. Dessa forma, a ênfase relacionada ao amar, ao bem-estar físico, emocional e psíquico, como alternativa e dinâmica espontânea, incide fortemente imbricada à harmonia do coexistir e, às emoções realizadas junto ao ser e fazer do indivíduo humano. Ou seja, a liberação da dor e do sofrimento ocorre por meio da reflexão, para compreender o operar humano na conservação do coexistir, daquilo que se vive. É importante distanciar-se da certeza de indivíduo sofredor, diminuído, excluído e negando seu ser amoroso. O coexistir, longe dessa certeza, da crença de desamor e desafeto, possibilita reencontros. Como argumenta Maturana e Yáñez (2009, p. 176) “ocorre um reencontro com o respeito a si mesmo ao ver o próprio fundamento amoroso desde a ampliação do ver na Biologia do Amar”. Isto significa

a ampliação do ver que esta reflexão traz consigo e leva a pessoa que sofre a reencontrar o caminho do respeito por si mesma, assim como a recuperação do bem estar reacional num âmbito de seu viver que lhe era inacessível a partir da armadilha cultural de negação recursiva de si mesmo que vivia, embora fosse parte de seu domínio de acoplamento estrutural (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 176).

As experiências do coexistir humano, a partir das vivências proporcionadas pelo viver e conviver possibilitam ao indivíduo humano, conservar seu ente autopoietico. Isto implica, num operar recursivo e autônomo de sucessivas mudanças e transformações no meio vivido, como uma trama de dinâmicas relacionais conservadas e acolhedoras para a autopoiese, ou seja, um meio amoroso numa rede de interconexões recorrentes e interações consensuais. Maturana e Yáñez (2009, p. 186) explicam: “o devir histórico dos seres vivos acontece num processo em que os seres vivos e as circunstâncias de seu viver, mudam juntos de maneira congruente, ou

então, morrem”. Toda essa trama de relações e dinâmicas sucessivas de viveres, tem como fundamento e base a Biologia do Amar, seres amorosos. Segundo os autores compreender a Biologia do Amar é entender a relação das singularidades, do viver de cada classe, de ser vivo e de cada ser vivo em particular. Por isso,

o que olha da Biologia do Amar olha desde um olhar sem preconceitos nem expectativas e vê a trama reacional própria do viver do ser vivo que contempla; e a vê em suas dimensões de bem-estar e de mal-estar e pode escolher desde a ampliação do ver do amar o caminho que se quer seguir na relação. [...] O caminho que leva ao entendimento profundo de qualquer âmbito do viver humano seja o Caminho do Amar na ampliação do olhar que o amar desde si implica (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 186, grifos dos autores).

Olhar, sentir, ver e viver a partir da Biologia do Amar traz a mão o reencontro com o bem-estar, um processo vivenciado pelo indivíduo humano, desde o reconhecer-se a si mesmo, b ao espaço de interações recorrentes do viver e conviver dos indivíduos humanos, nós podemos criar e gerar mundos, que podem ser, mundos horrorosos – de guerras, desigualdades e indiferenças -, ou mundos fascinantes, mundos ternos e mundos agressivos. Decidimos fazer do coexistir um desenvolvimento a partir do bem-estar ou do mal-estar. Maturana e Yáñez (2009, p. 207) compreendem que “o vivido não é trivial, não posso culpar o outro, a outra, os outros, cada um gera o mundo que vive”. Segundo Maturana e Yáñez (2009) nós, no presente vivemos imersos, de maneira consciente e inconsciente, numa cultura centrada em relações de dominação e sujeição e, ao mesmo tempo, de desconfiança e controle, de expectativas, exigências e frustrações, ambição e discriminação. No seio dessa cultura, nos tornamos invisíveis, distantes de nós mesmos vivendo a desconfiança que exige controle, como sustentam Maturana e Yáñez (2009, p. 216), uma

cultura que gera dor por não ser visto, por não ter presença, num processo que, pode dar origem a autodepreciação como uma dinâmica que transforma a dor em sofrimento na conservação da desconfiança em si mesmo e na tentativa de superá-la desde o controle.

Em nossa cultura patriarcal-matriarcal vivemos imersos na negação do amar. Temos como dinâmica relacional o desamor, as relações de conviveres centradas no ódio, na violência, na dominação, na ambição, nas atitudes de crueldade, entre tantas outras. Essa cultura conserva os modos de viver fora do amar e configura redes de conversações nas distintas linhagens e, em especial, cultiva a linhagem biológico-cultural pertencente ao *homo sapiens-amans agressans* e *homo sapiens-amans arrogans*. Numa cultura com ênfase na agressão e na arrogância, não há

amar. Deste modo, compreende-se que nós indivíduos humanos modernos e contemporâneos nos encontramos envoltos em relações configuradas pela cultura patriarcal-matriarcal, num âmbito de desamor e negação de si mesmo, do outro, da outra e do entorno vivenciado – um coexistir firmado nas relações e nos sentires da cultura que o constitui, ou seja, relações de dor e sofrimento. Mas, como sair dessa rede de conversações e dinâmicas relacionais que geram dor e sofrimento?

Só há um modo para sair da dinâmica relacional que gera dor e sofrimento, este modo é a reflexão consciente sobre a dor e o sofrimento vividos. Maturana e Yáñez (2009, p. 218) afirmam que, “a partir do olhar da Biologia do Amar, ver a própria circunstância possibilita escolher livremente se o indivíduo humano quer permanecer nela, ou se quer mudar”. Nesse sentido uma rede fechada de conversações de colaboração, de co-inspiração, de respeito por si mesmo e pelo outro, na mútua confiança, possibilitando uma abertura reflexiva constitui o modo de conviver que restitui e conserva o *Homo sapiens-amans amans*. O amar como um acontecer biológico surge de maneira espontânea, sem esforço, é unidirecional, não pede nada em troca. No amar uma pessoa, o outro, a outra tem presença, vive-se o ser visto e, toda e qualquer queixa frente ao desamar é por não ter presença, por não ser visto. “No amar nos achamos no bem-estar psíquico e corporal, o que nos causa alegria e harmonia no viver e conviver” (MATURANA; YÁNEZ, 2009, p. 226).

Os indivíduos humanos necessitamos ter a consciência que somos seres imprescindíveis, isto, nos configura como indivíduos autopoieticos, como unidades singulares e insubstituíveis. A partir da autonomia reflexiva e do ser/fazer como alternativa e possibilidade de respeito, colaboração, ética e amorosidade podemos desenvolver nossos afazeres em coordenações de coordenações de condutas consensuais. Deste modo, compreende-se ser nossa a responsabilidade pelas nossas ações. Ao tomar consciência do respeito como fundamento das ações humanas, respeito por si mesmo, pelo outro e pela biosfera, o indivíduo humano torna-se livre em seu ser/fazer, por meio da autonomia, da colaboração e da co-inspiração consigo e com seu entorno. Tudo isso, forma o contínuo suceder do viver e conviver numa rede de espaços efetivos, responsáveis e éticos. Segundo Maturana e Yáñez (2009) é somente dentro deste modo de viver como *Homo sapiens-amans ethicus* que podemos ser conscientes de que todo fazer é possível, que podemos ser conscientes de que geramos o mundo que desejamos viver, conscientes de que somos livres de escolher se nos deslizamos no viver fazendo-nos responsáveis por nossos atos, sendo éticos e socialmente responsáveis ou, então irresponsáveis e culpando a outros.

A linhagem cultural pertencente ao *Homo sapiens-amans ethicus* pode emergir numa projetada pelos autores como sendo a Era Psíquica Pós-pós-moderna. Essa era psíquica, conforme Maturana e Yáñez (2009) trará consigo a presença integral do ser humano, possibilidade da passagem para a colaboração, para a autonomia reflexiva e ações firmadas na co-inspiração de projetos comuns, relacionados ao renascimento dessa colaboração. Essa era há de reconhecer o indivíduo humano por meio de sua consciência.

A consciência torna-nos humanos criadores e geradores de possibilidades e alternativas para o coexistir, o viver e o conviver a partir da harmonia, sem negação de si mesmo e do outro. No contexto da Era Pós-pós-moderna a possibilidade do convívio responsável e inter-relacional, estará profundamente imbricado por ações conscientes. Uma oportunidade para viver e conviver na consciência ética e responsável. Para tanto, Maturana e Yáñez (2009) compreendem a linhagem humana *Homo sapiens-amans ethicus*, como sendo a linhagem na qual a emoção fundamental, que guia seu viver e conviver é o amar na consciência de saber, que nós seres humanos somos geradores de uma antroposfera que pode ser conservadora ou destruidora da biosfera que nos faz possíveis.

Sobre o *Homo sapiens-amans ethicus*, os autores afirmam tratar-se de alguém que,

é consciente e se faz responsável de que não deseja o viver que vivemos no desamar da cultura patriarcal-matriarcal, é consciente e responsável porque as consequências de seus atos não causem dano a outros, outras ou a tudo o mais, do que surge seu ser e fazer ético sem esforço, de maneira espontânea. Este tipo de linhagem biológico-cultural, ao ser apreendido pelos meninos, pelas meninas e pelos jovens desde sua infância, leva a conservar o encontro biológico-relacional que faz possível a existência do vivo e do humano (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 248).

A linhagem humana biológico-cultural *Homo sapiens-amans amans*, configura os primórdios da linhagem humana, conservada por meio do linguajar de geração em geração. Esta linhagem possibilitou a conservação do amar como dinâmica básica do viver e conviver biológico-cultural e relacional. Para Maturana e Yáñez (2009) esta linhagem possibilita a abertura para a linhagem do *Homo sapiens-amans ethicus*. E, é desde o amar que o ato da reflexão é possível, permite, se o desejarmos, sair da dor ou do sofrimento que vivemos ou geramos com nosso viver. Somente, desde o amar e o amar-nos que podemos viver, sentir e abrir um espaço para o surgimento de uma transformação, de nossa configuração de sentires relacionais íntimos constituídos, no transitar rumo ao mundo que desejamos conservar em nosso viver (MATURANA; YÁÑEZ, 2009).

O viver e conviver relacional, presente na linhagem do ser humano e, em seu operar constitutivo de ações e condutas consensuais, configuram um âmbito de dinâmicas interacionais e emocionais. Nisto, o amar sintoniza e sinomiza com amizade, um viver relacional com base e fundamento, por meio da aceitação mútua, da divisão dos sentires do viver e conviver em confiança. De acordo com Agamben (2009) reconhecer alguém como amigo significa não poder reconhecê-lo como “algo”. “O amigo não é um outro eu, mas uma alteridade imanente na ‘mesmidade’, um tornar-se outro do mesmo [...] a amizade, como com sentimento do puro fato de ser [...]. A amizade é a condissão que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida” (AGAMBEN, 2009, p. 91/93).

Acolher, acalentar, aceitar e respeitar a si mesmo, o outro, a outra e a biosfera, são configurações no domínio do amar – viver e conviver em consensos de amar, repartir viveres repartir o fato de existir. Tudo isso, significa que, “ao expandir nossos sentidos no encontro, expande-se nosso amar num abraço que acolhe, que ampara, no silêncio e que muitas vezes não necessita de palavras” (MATURANA; YÁNEZ, 2009, p. 230). Em todas as relações de convivência, sejam elas, relações de amizade do com-sentir-se vivo, seja como casal, seja em ambiente familiar, escolar, de comunidades, o amar, a amizade e a ternura possibilitam desejos de companhia, desejos de estar juntos, estar na presença do outro como legítimo outro na diferença. Juntos, simplesmente por querer estar juntos por meio do amar, envoltos em ternura, abraçados pela confiança, no prazer da acolhida, na alegria espontânea e, principalmente, na aceitação mútua dos tantos e tantos sentires que vivo se está.

Diante das possibilidades, da Biologia do Amar para o coexistir humano, num contexto de não violência, perguntamos: Quem é o outro qualquer com quem conviver? Um si mesmo? Um estudante? Um familiar? Um pertencente ao meu grupo sanguíneo? Um qual-quer? Em quais domínios escolares, em quais espaços e ações formativas conceber e fazer a sementeira da Biologia do Amar? Em qual educação, qual educere, qual educare oportunizar a co-inspiração? De qual linhagem emerge o educador: *homo sapiens amans-arrogans e agresans*, *homo sapiens amans-amans*, ou do *homo sapiens-amans ethicus*? Ainda seguem, sendo muitas as inquietudes acerca das relações e das dinâmicas do viver e conviver do indivíduo humano também em ambientes ditos formativos. Por diversas vezes, no nominado aluno, estudante, filho, filha já não se vê, antes de mais nada, um ser humano, o humano esquecido, ignorado, para que possa controlar com aluno, estudante, filho/a, apostando em condutas autoritárias, com ameaças, medo e subjugação. Muitas vezes não precisamos de palavras, basta o multiverso das ações linguajantes. Um olhar de ameaça, de autoridade e intimidador lançado pelo pai/mãe,

pelo professor ao filho/a, ao aluno/estudante, sem dar-se conta da negação da dignidade humana.

Na perspectiva e no contexto do amar, da amizade, da ternura, do respeito e da colaboração, podemos cultivar a formação humanizadora ao enaltecer a singularidade, a autonomia, a individualidade e a unidade do indivíduo humano e reconhecendo-o como ente autopoietico. Viver e conviver como ser autopoietico traz consigo o entendimento de que, “o amar evoca amar, o respeito traz respeito. Amar é ver, ver é amar (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 236). Coexistir na formação e nas relações de convivência, firmados na dimensão da Biologia do Amar abre caminhos em ternura e bem-querença, ou seja, caminhos de ajudantes. Ajudantes, indivíduos que cuidam e zelam pela segurança, pelo bem-estar junto ao outro, a outra e consigo. Se olharmos para a literatura da infância, ela apresenta-se repleta de ajudantes. Mas, o que significa ser ajudante? Agamben (2007, p. 28) pode ajudar ao afirmar que ajudantes são:

seres paralelos, pequenos demais ou grandes demais, gnomos, larvas, gigantes bons, gênios e fadas caprichosas, grilos ou carocóis falantes, burrinhos que fazem dinheiro [ciuchini cacadenari] e outras pequenas criaturas encantadas que, no momento do perigo, surgem por milagre para libertar do embaraço a boa princesinha ou João Sem Medo. São os personagens que o narrador esquece no final da história, quando os protagonistas vivem felizes e contentes até o final de seus dias.

Os ajudantes, visível e invisíveis, como criaturas encantadas, estão aqui e acolá, à espreita, na esperança de serem chamados e, conforme argumenta Agamben (2007, p. 35) “tudo o que agora, nos aparece envelhecido e de pouco valor é a fiança que deveremos resgatar no último dia e, quem nos guia para a salvação é precisamente o companheiro que se perdeu pelo caminho. É seu rosto que reconheceremos no anjo que toca a trombeta ou em quem, distraído, deixar cair das mãos o livro da vida”. Sejam nós, indivíduos humanos, os ajudantes, seres com “uma mão feita de carícia e feita para acariciar (MATURANA; YÁÑEZ, 2009, p. 230).

Os indivíduos humanos vivemos oscilando entre amar e odiar. Não obstante, reconhecemos, juntamente com o processo humanizador, que a chave do amar encontra-se na possibilidade de ofertar e partilhar ternura, como conduta social e dimensão do coexistir humano. Quando as condutas relacionais permearem a fronteira entre o amar e o odiar, a ternura – uma espécie de urdidura efetiva, um tecido efetivo – lançar-nos-á nos braços das benesses do viver e conviver como seres filhos e filhas do amar: um legítimo *Homo sapiens-amans amans*.

Uma formação humana que reconhece e, fundamenta-se na Biologia do Amar entende que existe uma gama enorme de jeitos e redes de conversações, capazes de criar condições para os mundos que vivemos. Tais ambientações e ações podem dinamizar e gerar o ser humano criança, adolescente, jovem ou adulto como filho/a do amar, um ajudante na proximidade do eu, tu, ele, ela, nós - um todo. Segundo, Maturana e Yáñez (2009) viver a Biologia do Amar faz possível, uma dinâmica relacional fundamental, onde todo viver nasce como legítimo, convidando-nos a ampliar nossa consciência sobre o que queremos conservar em nosso viver e, sobre as consequências que esse viver tem para nós, para os outros e para o mundo natural que habitamos.

Uma pedagogia amparada na Biologia do Amar, tendo os princípios da Autopoiese como pressupostos, quais sejam: a autonomia, a individualidade e singularidade e a unidade, despido de entradas e saídas, semeiam a concepção de ser humano, não somente como possuidor de um corpo, mas sendo corpo, sendo biosfera, sendo Universo. A concepção da Biologia do Amar configura-se como um convite para a realidade da reflexão sobre si mesmo, o outro, a outra e o mundo. Seu esteio é a confiança, no encontro das raízes existenciais, junto ao coexistir em redes de conexão, com a mãe-terra e, em consensos de amar. A Biologia do Amar é revolucionária, ou melhor uma ampola de metamorfose, uma concepção capaz de profanar a lógica geradora de dor e sofrimento, a profanar o desamar. E, no intuito de profanar a cultura patriarcal-matriarcal, temos no amar um longo exercício de desprendimentos e de desapegos. Isso, implica mobilizar ações de resistência como indivíduo humano subtraído de si, para que volte a interpretar-se, diante dos mundos existenciais e encontre neles o bebedouro de sensibilidades, para desencadear processos de liberação das amarras que, o subjagam e impedem da realização, da formação como indivíduo humano autopoietico e, por isso mesmo, capaz de autonomia, um ser em singularidade e como unidade a insistentemente, preservar sua identidade.

Árvore Biológica Autopoietica. O viver e o conviver autopoietico. As raízes configuram os pressupostos teóricos da Tese. O tronco formado pelas concepções e permeando as raízes, imbricado aos galhos que, juntamente com a copa, as flores e os frutos constituem um contínuo devir autopoietico.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um final... que não quer cessar: ao decidirmos escrever algo, seja sobre educação, histórias, contos, cultura ou sobre nossas próprias vivências, sentimos medo. Medo sobre o que escrever: se está bem escrito, bom o suficiente, se as ideias e reflexões são capazes de inspirar a outros. Mas como saber? Então, vem a dúvida, a angústia, a inspiração e uma sensação boa da responsabilidade, da continuidade aos fazeres dignos de nossas vidas e de nossos viveres. Às vezes me sinto sozinha em meus pensamentos, navegando no grande oceano das diversas ideias, concepções e opiniões relacionadas à educação e ao ser humano. Não mais uma educação cartesiana, fragmentada e enquadrada em moldes instrucionais, nem destinadas ao ser humano puramente racional. Sonho a possibilidade de uma educação afastada do conhecer objetivamente, concebido como independente do ser vivo humano, criança, adolescente, jovem ou adulto, vendo-o como protagonista presente, envolvido e criador de mundos. Conhecimentos objetivos ignoram essa presença, esses envolvimento e bloqueiam o conhecer-se humano para compreensão de sua fenomenologia biológica, de sua fenomenologia social, de sua estrutura e organização mental e cultural. Sonho humanidade. Sonho olhar e sentir um ser em fazeres diferentes, para reconhecer o indivíduo humano como ser vivo autônomo, singular unidade e identidade conservada.

Penso que a preocupação e a responsabilidade de quem escreve é natural e espontânea. Em todo o escrito textual existe a expectativa em fazer-se compreensível, sentir-se próximo do leitor para partilhar reflexões, desejos e perturbações. Nesse sentido, o leitor sai um passo à frente do escritor, pois o leitor tem a possibilidade de escolher aquilo que pretende ler. Já o escritor não escreve o que se propõe e consegue escrever, nada mais que isso. Tudo o que tenho escrito, durante minha trajetória investigativa, pode parecer simples demais para algumas pessoas, de indiferente para outras, ou até uma afronta para desavisados ou ainda irrelevante e sem sentido para conservadores pragmáticos. Em minha opinião, o mais relevante é que tudo o que escrevi é resultado de um esforço prazeroso sobre concepções, sentidos e explicações que avivam minha esperança e credibilidade em processos formativos, bem como, esperança no conviver em coordenações de coordenações de condutas consensuais como um conviver que se faz possível, nessa convivência em cada instante, sempre em sintonia com o que sou nesse instante. Acredito que, as várias disciplinas cursadas, os debates junto à linha de pesquisa, as inúmeras, diversas e intensas leituras, as longas e cativantes conversas com meu orientador, com colegas pesquisadores de várias latitudes constituíram e seguem constituindo minha

formação como ser vivo humano, seja para contribuir e sugerir outros caminhos ou para mostrar-me o que eu não quero ser e fazer enquanto pesquisadora, educadora e ser humano vivente.

Por fim, quem será o leitor dessa pesquisa de tese? Não sei! O que sei, é que busquei fazer diferente, fazer bem feito e porque não dizer, fazer bonito na coerência. Poderia ter argumento, a partir de outros platôs, bebido em outras fontes teóricas, andado por outras avenidas filosóficas e epistemológicas, saboreando explicações mais lineares e menos rizomáticas, ciente de que sempre existe a possibilidade de aprimorar aquilo que acreditamos como escolha responsável. Nesse momento, digo, foi o que consegui desenvolver e, por conseguinte, penso que não é só o texto que me contém, mas ele contém o melhor de mim. É, um resultado de pesquisa, fruto das horas, dias e noites de intensos estudos, debates, leituras incansáveis, visitas e revisitas teóricas, reflexões, discernimentos e compreensões significativas, conhecimentos diversos, efetivos passeios intelectuais e, acima de tudo, uma linda experiência de intenso viver humanando. Um envolver constante de reflexões e de sustentações para com o teor da tese: ‘Educar, como processo autopoietico, no contexto da autonomia do ser humano, da sua individualidade e singularidade, reconhecido como unidade, considera como pressupostos o respeito, a colaboração, a sensibilidade, a responsabilidade e a amorosidade’.

Esta pesquisa procura mostrar, com base em pressupostos teóricos diferentes e fundamentadas na Autopoiese e na Biologia do Conhecer, premissas fundamentais para a coexistência dos e como indivíduos humanos. Em especial, como relações recorrentes, entre educador/aluno, ou em âmbitos familiares e de sociabilidade, realizando domínios de relações com o outro na linguagem, dos quais emanam os viveres humanos e, então, a corresponsabilidade e a liberdade como formas de viver e conviver. Ou seja, experiências formativas que encontram nas concepções da Autopoiese e da Biologia do Conhecer, o caminho do amar como fundamento do viver humano, um caminho de consensos no amar que nos faz acontecer como indivíduos humanos amorosos.

No primeiro momento de apresentação deste trabalho de tese, busquei mostrar meus desejos, anseios, dúvidas e inquietações enquanto ser humano, educadora e pesquisadora, minha trajetória de vida e de viveres, minhas escolhas, enfim, escolhas e buscas que me levaram a esse tema de pesquisa. A meu ver, ainda persistem muitas perguntas que, com suas variáveis inomináveis, com seus segredos que jazem no berço de tempos imemoráveis, ainda assim são guias do devir humano, cujo rosário de séculos resiste firmemente à cognoscibilidade. No entanto, na longa trajetória da humanização reside um domínio de ações que, reconhece o outro

como um legítimo outro ao coexistir, qual seja, uma emoção como premissa básica que potencializa a vida e o viver individual e social. Trata-se da emoção do amar, como a emoção que reconhece o outro como legítimo, em sua existência como ser vivo autônomo, possuidor de identidade, definido como unidade e, portanto, não dependente de instâncias de entradas e saídas como seus determinantes. Minha busca por alternativas, frente à lógica neoliberal e capitalista, que prioriza a dessubjetivação, que aposta na captura dos desejos mais íntimos e tem na obediência e na desumanização o cerne de seu existir, me trouxeram até aqui, ao doutorado em educação e à tese de que a existência de todo e, qualquer ser vivo se realiza na autonomia, porque dotado de identidade, porque definido como unidade e que, se perturbado, compensa essa perturbação, como persistência à conservação de sua organização como ser autopoietico. As reflexões tecidas, em sintonia plena com os aprendizados, me fizeram perceber o quanto vivemos eclipsados, o quanto vivemos na cegueira reflexiva, o quanto vivemos na incapacidade de conviver com os outros, viver a partir da aceitação mútua, do respeito, da sensibilidade e da colaboração imbricadas ao coexistir humano consigo mesmo, com o outro e, porque não dizer também com a biosfera planetária.

Por arriscar-me, pensei e escrevi sobre o que acredito, apesar das instâncias do medo de não conseguir, do medo de errar, de fracassar ou de não ser aceita por minhas ideias e meus pensares, num contexto complexo, particular e ainda singular de ver e criar domínios existenciais, em meio às escolhas que me fazem feliz, que me afastam da dor e do sofrimento e dos atropelos da incompreensão que, tantas e tantas vezes insistem em fazer do viver e do conviver fardos a serem carregados. Compreendo agora, mais profundamente que, cada indivíduo humano, ao realizar suas escolhas, assume a responsabilidade de suas ações e coordenações de coordenações de conduta, como alertas contra a ameaça da destruição sistemática da vida e do viver humano. Escolhas como alertas contra a destruição da vida interior, contra a destruição da confiança mútua, suportes do viver em formas sociais.

A escolha da temática de estudo e pesquisa, com foco nas concepções da Autopoiese e da Biologia do Conhecer, não foi um acaso. Foi sim, escolha imaginada e pensada de remar contra a estéril racionalidade que segue, falseando a compreensão da condição humana, falseando o ser e o fazer humano porque ainda fundamentados em premissas como apropriação, competição, luta pelo poder, desonestidade, hierarquias, entre tantas outras. Compreendo agora que a Autopoiese e a Biologia do Conhecer contemplam pressupostos ancorados em reflexões profundas, de revisão dessas premissas enganadoras. Compreendo que, as mesmas podem ser substituídas por domínios existenciais de corresponsabilidade e de ética, distantes da lógica do conflito como máxima relacional, da lógica da desonestidade como máxima de justiça, da lógica

da competição como esteio de participação, da lógica discriminatória como sinônimo de igualdade, entre outras. Nas concepções da Autopoiese e da Biologia do Conhecer encontrei sintonia e sonhos de equilíbrio humanizador, lá onde o amor fundamenta o viver humano, portanto, não mais virtude humana, mas uma emoção que, em âmbito biológico, torna possível o social, foi e segue sendo o esteio da jornada que funda o viver humano, já na longa trajetória evolutiva de nossa linhagem de primatas bípedes, *homo sapiens-amans amans*. Por isso e, na condição de ser humano, a escolha foi intencional, alargada em reflexões confiantes de que a compreensão do vivo e do viver humano são, simplesmente, imprescindíveis para o exercício do compartilhar experiências formativas.

Dentre os inúmeros teores relevantes na minha pesquisa de tese e, considerando o objetivo ‘Quais as possíveis implicações da concepção de Autopoiese na formação humana e, como criar um domínio pedagógico em que a unidade seja referenciada em consensos de amar?’, destaco que no primeiro capítulo descrevi parte da trajetória humana, em contextos de modernidade, como uma enganosa maquinação de desconstrução da condição de ser humano autônomo, possuidor de identidade e concebido como unidade. Nele compreendo que boa parte dos suportes da moderna civilização nos conduzem a um auto-engano fatal, afirmando que o ser humano necessita de alguém para ter as rédeas, alguém que lhe diga, não somente, o que, como e quando fazer, mas acima de tudo captura o sentido de seu ser, já que supõe-se que os indivíduos agem por meio de instruções e informações provenientes do entorno ambiente. Nesse contexto, entende-se ser imprescindível a obediência e a subserviência domesticadoras do indivíduo humano, para então, considerar-se incluído e fazendo parte de uma manada homogeneizada e dócil, tendo como justificativa a ciência de que o ser humano é instintivamente violento e cruel. Nessa avenida, do auto-engano e da desumanização prevalece ainda, uma justificativa científica de que, toda a lógica da discriminação, da dessubjetivação, da subordinação econômica e política do indivíduo, nada mais são do que sacrifícios necessários ao bem-estar da humanidade. Bem-estar de uma ideologia dominante, lá onde o bem de todos se sobrepõe ao bem-estar do indivíduo, como se bastasse afirmar que se o PIB de um país vai bem, reciprocamente cada ser individual vai bem. Obviamente, desconhecemos ou negligenciamos o sustentado na concepção de Autopoiese, por Maturana e Varela (1997), que nega a justificativa de subordinação do ser vivo como indivíduo à espécie, uma vez que a fenomenologia biológica se encontra determinada pela fenomenologia individual. Por isso, em domínios existenciais materializados por um sistema econômico, com instâncias de poder como a biopolítica, o biopoder e a necropolítica que desprezam o bem-estar do indivíduo humano, tornando-o prescindível, só pode mesmo exalar dor, sofrimento, morte e desolação.

Num domínio existencial sustentado por estruturas que conservam a cultura patriarcal, ramificado em lógicas capitalista e neoliberais, respira-se a naturalização da eliminação, via morte. Morte física, morte subjetiva, morte da esperança, morte na e da arte de viver. Nele respira-se um novo deus – o dinheiro -, que não só corre em nossas veias, mas cadencia as relações do ainda quase nominável hominídeo ancestral. O capitalismo neoliberalizado dissemina o aparato conceitual de lucro, de poder, de dinheiro, de valor e competência. E, se tempo é dinheiro, se tudo é dinheiro, se coisificados estamos, então presenciemos apostar na desconfiança, na soberania do desejo de posses, num extremado apego a coisas. O neoliberalismo e o capitalismo elevaram essa lógica ao extremo, construindo todo um aparato conceitual e, então educativo, para sua disseminação nas mais diversas organizações humanas, a exemplo da escola e das mídias informativas.

Isso, justifica a existência dos milhares de dispositivos de poder, fiéis à vigilância, controle e punição. Dispositivos presentes nos mais diversos espaços públicos, nos meios de comunicação, em milhares de livros, nos discursos político partidários, em organismos internacionais, nos especialistas de uma nota só, em filósofos, pedagogos, religiosos, todos espiões e controladores da manada humana, do indivíduo humano como se ele, única e exclusivamente fosse movido por um espesso deserto de maldades. Com ênfase soberana na domesticação, na instrumentalização, na resignação obediente, na eficiência técnica, lá está também grande parte da importância educativa ou des-educativa. Na ladainha consumista investe-se em capacitações, melhorias na infraestrutura, compram-se livros, notebooks, lousas digitais e por aí vai. Mas, na contramão, mantém-se intactas a existência classificatória e as desigualdades, na persistência de escolas marginais para os pobres, escolas tipo depósito, escolas para operários, para profissionais técnicos, escola da classe média, escolas públicas e privadas, escolas laboratórios de diplomas, escolas frequência, escolas redundantes, escolas prescindíveis... Sim, escolas preocupadas em formar trabalhadores de diferentes estampas e excelências. Portanto, concluo que, nesses ambientes escolares existe pouca possibilidade para o desenvolvimento individual e coletivo do ser humano, como também pouquíssima possibilidade para que o ser vivo humano reconheça sua autonomia, sua individualidade e sua condição de unidade.

No segundo capítulo, abordei as concepções da Autopoiese e da Biologia do Conhecer, como suportes indicativos para a tomada de pressupostos capazes de reflexões sobre os seres vivos, os seres humanos, o indivíduo humano e, então, transposições educativas.

Tudo começa com uma pergunta feita por um aluno e refeita por Maturana e Varela (1997, p. 11): “O que é o que começa quando começam os seres vivos sobre a terra, e que se

tem conservado desde então? [...] que classe de sistema é o ser vivo?” Os autores evidenciam que todo ser vivo é um ser autopoietico, ou seja, que realiza de forma dinâmica uma rede de transformações e produções moleculares de tal modo que tudo o que é produzido faz parte dessa mesma rede, gerando a rede de produções que a produziu; ainda, que essa realização dinâmica limita a extensão da rede e a fecha dinamicamente, conformando dessa forma um ente molecular como unidade determinada em seu domínio existencial.

Significa, compreender e reconhecer a inexistência de uma organização orientada em direção a determinada finalidade, tipo um plano interior a ser desenvolvido em sua estrutura. Nega-se dessa forma a expectativa de uma realização ontogênica, visando um estado adulto a fim de que, ao chegar lá, possa desempenhar funções em conformidade com um plano inato e predeterminado. Somos, na afirmativa dos autores, máquinas autopoieticas, distintos das máquinas alopoieticas nas quais a finalidade encontra-se em sintonia com o domínio de um observador, que lhe decide o contexto, os nexos e funções. Ontogenia tem a ver com a maneira como cada sistema vivo realiza a sua individualidade. Mais precisamente, não se trata de uma passagem de um estágio de imaturidade – embrião, infância – para um estágio completo – adulto – mas, tão somente a manifestação do acontecer de um sistema vivo que em cada instante é uma unidade em sua completude.

Dessa forma, todos os componentes de um ser vivo configuram a organização e as transformações que podem ocorrer e ocorrem para a conservação da autopoiese. Nisso compreende-se também que o sistema dinâmico molecular define as perturbações e as modificações que podem acontecer ou não, visando manter suas correlações internas, sem depender de representações de um mundo objetivo e sempre, visando a não perda de sua autonomia e individualidade. Caso não seja capaz de realizar sua autonomia e individualidade, o sistema vivo se desintegra, perde-se a autopoiese, o que significa morte.

Decorrente dessa concepção de Autopoiese, Maturana e Varela afirmam que todo e qualquer ser vivo é autônomo, possui individualidade, é definido como unidade e prescinde de entradas e saídas. Ou seja, um ser vivo é determinado em sua biologia, é dotado de clausura operacional e de acoplamentos estruturais.

Imbricado às concepções da Autopoiese e da Biologia do Conhecer, diferentemente do racionalismo que desumaniza, existe o fluir do emocionar que, entrelaçado ao linguajar possibilitou um modo de viver que, dinamizando nosso processo evolutivo, criou e conservou o coexistir como humanidade. Um modo de viver que assegura, pelo conversar, contínuas transformações do espaço psíquico, por meio de interações recorrentes e recursivas das experiências vivenciadas na linguagem. O coexistir na linguagem se deu, a partir dos gestos,

das proximidades, do bem-estar sentido na espontaneidade da aceitação e da colaboração entre os indivíduos de um determinado grupo. Dessa forma, nasce o linguajar como um modo de fluir nas emoções e num emocionar presente como experiências vivenciadas.

Compreende-se por linguajar a coordenação de coordenações consensuais de condutas e ações. O emocionar é compreendido como o fluir dos domínios relacionais e interacionais consensuais. Somos herdeiros de nossos ancestrais da linhagem de primatas bípedes resultantes da coexistência íntima, na longa história evolutiva, em acoplamento estrutural e, como sistemas sociais, resultados de uma coderiva contingente do conviver humano. Essa complexa e longa trama evolutiva configura um modo operacional, ou seja, um viver e conviver entrelaçados ao relacionar-se e aos agires, dinamizados no fluir das emoções em domínios consensuais. Nesse sentido, fala-se em nicho vital, como o entorno de interdependência e também o espaço psíquico, o modo como cada indivíduo vive e habita os domínios relacionais e recorrentes em contínua interação de acoplamento social.

Para distinguir a diversidade dos domínios consensuais do conviver, no coexistir e nos domínios relacionais, é fundamental conhecer e entender o observador e o seu observar na linguagem. O observador é qualquer um de nós, um ser humano na linguagem. Como observadores nos descrevemos imersos num determinado domínio existencial. Sendo assim, toda realidade deriva de uma explicação, ou seja, realidade nada mais é do que um argumento explicativo. E, todas as explicações configuram-se como legítimas quando aceitas pelo observador no observar de seu domínio de existência. É essa legitimidade das explicações que também considera o outro como legítimo outro em autonomia. Uma legitimidade onde viver e conviver, como pressupostos da concepção de autopoiese, são alternativas formativas que dinamizam o coexistir no respeito, na colaboração, na sensibilidade e no amar. Educar, *educere*, envolve aceitar-se, aceitar o outro, ver-se e ver o outro, compreender-se e compreender o outro como legítimo outro em seu domínio existencial. Trata-se de pressupostos da cultura matrística onde o coexistir com-sente o viver. Esse coexistir não desperta conflitos, não se entranha em contradições e rancores como centrais no viver e conviver. Ele surge de modo espontâneo no viver o presente sem expectativas, sem pretensões e prescindindo de propósitos.

As concepções da Autopoiese e da Biologia do Conhecer, possibilitam conhecer e compreender nosso próprio viver, tanto enquanto ser quanto em nossos fazeres. Significa conhecer o conhecer, conhecer o conhecedor no encontro com nosso próprio ser, sua condição humana e seus fazeres como ser humano. Mais especificamente, a Autopoiese é um contexto conceitual que possibilita compreender os sistemas vivos como resultantes de seu operar

autopoiético. As implicações formativas são enormes e incidem significativamente no reconhecimento estrutural e organizativo dos sistemas vivos e, em particular dos seres humanos. Igualmente, decorrente da concepção de autopoiese emerge a compreensão de que os viveres e os fazeres acontecem como dinâmicas de ações consensuais de condutas, na conservação recorrente da linguagem, no acoplamento estrutural e no reconhecimento de nossa fenomenologia biológica, enquanto ser vivo vivente.

E, mais especificamente a Biologia do Conhecer, com raízes na cibernética, contempla um diferencial explicativo da mente humana como processos sucessivos, em clausura operacional. Ou seja, entende o sistema nervoso, não como uma central da qual emanam comandos para determinadas condutas, mas como um amplificador de condutas na imensurabilidade de ligações sinápticas tornadas possíveis. Por isso mesmo e, conectados com a rede neuronal como sistema fechado, nos deslocamos de um espaço a outro em forma rizomática, espontânea e recíproca, sem jamais sair da rede de conectividade.

Assim me resta, conclusivamente, sintonizar com a posição dos autores e reafirmar que ‘todo fazer e todo viver implica conhecer e todo conhecer implica viver e fazer’. Ou ainda que processos cognitivos equivalem a processos vitais, então, já não cabe mais uma escola da vida, escola para a vida, mas sim uma ‘escola viva’.

No terceiro capítulo refleti, particularmente, sobre educar, experiências formativas e o indivíduo humano, quiçá desejando-se imerso em processos contínuos de interações formativas humanizadoras. Pensar e descrever alternativas formativas é desafio amplo que acompanha a humanidade em toda a sua trajetória de seres linguajantes. Tem como premissa básica conhecer e reconhecer o indivíduo humano, como ser capaz de autonomia, possuidor de individualidade e sendo uma unidade em completude. Toda e qualquer ação educativa tem como centralidade o indivíduo humano, o conhecer-se como conhecedor, o transformar-se. Eu me reconheço assim e, reconheço que tal qual o viver é criativo em seu acontecer, o conhecimento também é criado e construído, o que requer profanar as ainda predominantes lógicas da transmissão de conhecimentos, da necessária instrumentalização, das domesticações e classificações que desonram o viver humano.

Reconhecer-se e reconhecer o outro como legítimo outro em seu domínio existencial e como unidades, requer compreender que os pais não se replicam a si mesmos. O pai e a mãe, como domínios fenomenológicos autopoiéticos, geram um novo domínio fenomenológico, a ser especificado por sua própria fenomenologia, ou seja, lhes sendo diferente. Esse constituir-se como diferente origina como unidade na individualidade de sua autonomia autopoiética. Daí decorre a unidade, a individualidade e a singularidade de cada indivíduo. Nele existe algo

que lhe é peculiar e singular, um indivíduo, único e irrepetível, diferente de seus progenitores. Um indivíduo humano, quando se reconhece e se entende, quando é reconhecido pelo outro como unidade singular, se realiza como um domínio em harmonia bio-psico-afetiva.

Aqui reside um dos esteios fortes do fazer educação, seja em âmbito infantil, no conviver da criança com sua mãe ou em seu segundo útero, o útero social nominado de escola. Trata-se de um conviver em simbiose de aceitação, respeito, acolhida e amorosidade.

É nesse domínio existencial e formativo que o coexistir matrístico acontece espontaneamente. Humanização é processo construtivo presente na infância, no brincar espontâneo e livre, sem propósitos e expectativas de um amanhã sempre inexistente.

Defendemos historicamente, ser a educação um fundamento dinamizador para a formação humana, desde que baseada em interações recorrentes e catalizadoras do viver/conviver na harmonia do estar aqui, no presente de nossa existência. Uma educação humanizadora firmada nos princípios do respeito, da colaboração, da responsabilidade, da sensibilidade e da amorosidade.

Já não cabe persistir e conceber espaços pedagógicos, a partir dos princípios da cultura patriarcal, cuja historicidade registra a manipulação, a dominação, a verdade, a obediência e o ódio, negando o amar como emoção da convivência e como processo do conhecer. Potencializar e dinamizar ações e condutas formativas, amparadas nos pressupostos da Autopoiese e da Biologia do Conhecer em sintonia com a Biologia do Amar envolve viver em interações de co-participação, de todo e qualquer vivente, onde e como vive tudo o que é vivo. Implica, sentir-se na contramão da lógica neoliberal capitalista, profanar a lógica constituída para formar indivíduos úteis, dóceis e obedientes. Educar é criar alternativas possíveis por meio da reflexão e via experiências formativas para a autocriação de indivíduos conscientes, capazes de autonomia, de individualidade e, como unidade: ser humano em completude. É flertar e passear na tentativa de desenterrar, compreensivamente, para co-memorar nossos desejos de ética e de justiça.

Uma educação, firmada na emoção fundamental do coexistir, que é o amar, traduz-se em consensos e coordenações de abertura para a criatividade, sedento por contemplar o desconhecido, acolher o inesperado e extasiar-se diante da diversidade das emergências. Educar é conspirar e co-inspirar a favor da vida e do viver. Uma educação humanizadora tem como premissa que, na natureza humana e como animais de linguagem não somos reféns de condutas inatas para a competição, violência e crueldade. Estas são geradas por formas culturais patriarcais que, ainda assim incapazes de exterminar por completo anseios de igualdade, colaboração e respeito, tão vívidos em nossa infância matrística. Então, importa de modo

intenso e profundo preservar formas de viver a infância repleta de afeto, respeito, confiança e amorosidade.

Uma educação construtora de alianças, não é nostalgia vazia, como muito se vem afirmando. Nos abrigos dessa educação, cabe naturalmente e espontaneamente a aceitação de que somos seres de cuidado, seres amorosos, seres dependentes do amar, nossa garantia de bem-estar, saúde física e mental.

É momento de, em cada instituição escolar e formativa, sacudir a inércia intelectual, a inércia explicativa das origens das condutas humanas, bem como dos processos de aprendizagem que ancoram nossas culturas e que por séculos são efetivamente ineficientes para explicar as nossas crescentes divergências, crescentes indiferenças e ascendências das desigualdades. Sabemos o quanto nossos fazeres formativos são inoperantes para dinamizar o encontro como seres humanos reconhecidos em sua legitimidade.

É momento, para uma diferente compreensão sobre a natureza humana, a partir da qual podemos flexibilizar nossas certezas e orientar nossas reflexões sobre ‘como estamos fazendo o que estamos fazendo’. Como, na contramão da tecnociência e sua promessa de ampliar o bem-estar no viver e conviver como seres humanos, ainda geramos tanta dor e sofrimentos? Reflexões que certamente abrirão espaço para a sensibilidade para ampliar nossa consciência das cegueiras cognitivas que, no fim das contas, sempre geram doenças psicoafetivas, muita dor e muito sofrimento em todos os domínios do viver e conviver humanos.

É momento de reconhecer a importância do entendimento no âmbito das sociedades complexas que já reconhecem a sua profunda interdependência. E, novamente não entendo como utopia distante e inexistente, mas sim uma aposta nas concepções da Autopoiese, aposta na Biologia do Conhecer, aposta na Biologia do Amar, que revelam a emergência natural e espontânea do viver socialmente, do operar em consensos, do sentir-se bem como filhos e filhas do amar. Ou seja, essa aposta num impulso biológico, numa força biológica comum a todos os seres sociáveis e não é proveniente de exclusiva herança cultural ou conquista racional.

É momento de paralisar o suicídio social, o suicídio humano, o suicídio formativo e atentar efetivamente para resgatar os ímpetus da colaboração, do respeito e da amorosidade, uma vez que nelas radica a esperança de humanidade.

É momento, não para criar dinâmicas biológicas novas, nem para ampliar os arcabouços de nossa inteligência, por meio de técnicas nanológicas, nem apostas em terapias gênicas e, nem apostas em forças transcendentais ao estilo salvacionista de Noé, da deusa Cirne, ou outras tantas. Sabemos, e agora sabemos que sabemos, com base nos pressupostos da Autopoiese, da Biologia do Conhecer e, da Biologia do Amar que cada ser vivo humano nasce embebido na

potência da autonomia, na potência da individualidade, na potência da unidade, no abraçante berço do amar e do cuidado, do respeito à sua legitimidade, sabendo-se rodeado de guardiões, sabendo-se humanizável. Então, cabe à atual educação o desafio/esforço de, via reflexão consciente, resgatar esses pressupostos, porque gigantescos mananciais de nossa trajetória evolutiva, legado evolutivo humanizador, de que somos capazes de realizar nossa existência como seres sociáveis, sensíveis e colaboradores, responsáveis e amorosos.

Portanto, não temo em concluir, mesmo que pervagando em dúvidas e incertezas, que cada ser humano contribui para as convivências serem o que são e como são, mas que a retomada reflexiva séria e, no vagar do tempo, pode possibilitar espaços formativos como também espaços de convivência, que nos lançam nas sendas do entendimento mútuo. À educação, cabe criar conhecimentos para deslanchar a compreensão humana, desafio inóspito, urgente, grandioso e talvez um dos mais difíceis para os seres humanos contemporâneos.

Ainda conluo, que agora sabemos e sabemos que sabemos quais são e como acontecem nossos processos constituintes, nossa estrutura, nossa organização, nossas condutas, nosso fazer-se humano, então basta abrir essas comportas e a vazão em suave enxurrada causará uma enchente humana, nem anjos, nem deuses, simplesmente seres humanos adultos tão capazes de confiança quanto às crianças.

Considero imprescindível encerrar esse momento com uma poesia convite, escrita por Maturana (1995 *apud* PELLANDA, 2009, p. 50/51, tradução minha). Trata-se da Prece do Estudante contribuindo para a compreender a dor e o sofrimento vivenciado pelos estudantes, quando submetidos à emoções fundamentadas a partir da negação e do desamar em seu coexistir estudantil. A prece significa uma súplica para a educação, para a escola e para a formação humanizadora.

Oração do Estudante

Por que me impões
o que sabes
se eu não quero aprender
o desconhecido
e ser fonte
em minha
própria descoberta?...

Não quero a verdade
Dá-me o desconhecido.
Como estar no novo
sem abandonar o presente?
Não me instruas
deixa-me viver
vivendo junto a mim.

Oración del Estudiante

Por que me impones
que sabes
si no quiero aprender
lo desconocido
y ser una fuente
próprio descubrimiento?...

No quiero la verdad
Dame lo desconocido.
Como estar em nuevo
Sin salir del presente?
No me instruyas
Déjame vivir
Viviendo a mi lado.

Deixa que o novo
 seja o novo
 e que o trânsito
 seja a negação do presente;
 deixa que o conhecido
 seja minha libertação
 não minha escravidão...

Revela-te para que
 a partir de ti, eu possa
 ser e fazer o diferente;
 eu tomarei de ti
 o supérfluo, não a verdade
 que mata e congela
 eu tomarei tua ignorância
 para construir
 minha inocência

Déjame que lo nuevo
 ser el nuevo
 y que el trafico
 ser la negación del presente;
 deja lo conocido
 ser mi libertación
 no es mi atadura...

Revelate para que
 de ti puedo
 ser y hacer lo diferente;
 tomaré de ti
 lo supefluo, no la verdad
 que mata y congela
 tomaré tu ignorancia
 para construir
 mi inocencia

E, por fim reafirmo a tese ‘Educar, como processo autopoiético, no contexto da autonomia do ser humano, da sua individualidade e singularidade, reconhecido como unidade, considera como pressupostos o respeito, a colaboração, a sensibilidade, a responsabilidade e a amorosidade’, pois trata-se de oportunidade com um coração pulsante que nos faz caminhar na serena quietude do amar.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.

_____, Giorgio. **A comunidade que vem**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.

_____, Giorgio. **A comunidade que vem**. Lisboa: Presença, 1993.

_____, Giorgio. Estado de exceção, 2004. Boitempo. São Paulo, 2004.

ANDRADE, Claudia Castro de. **A FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO A PARTIR DA AUTOPOIESIS DE HUMBERTO MATURANA E FRANCISCO VARELA**. Revista de Filosofia. Bahia, v.6, n.2, dez, 2012. Disponível em: <<http://www.ufr.edu.br>>

ARENDT, Hannah. A condição Humana. Tradução de Roberto Raposo; revisão; SAdriano Correia. 8ª. Ed. Rio de Janeiro: Forense Universidade, 2010.

ASSMANN, Hugo. **Metáforas novas para reencantar a educação**; Epistemologia e didática. Piracicaba: Editora Unimep, 1996.

_____, Selvino. **A BIOPOLÍTICA EM MICHEL FOUCAULT E GIORGIO AGAMBEN**. 8º ENCONTRO DO CICLO DE PALESTRAS DA ESPECIALIZAÇÃO EM FILOSOFIA-FURB, 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com>

BAUMAM, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BARROSO, Alfredo. **O blairismo, doença infantil do neoliberalismo**. Cronista, 2015. Jornalonline.sapo.pt.acessado em 03/07/2020

DALBOSCO, Claudio. **Natureza da pesquisa em educação**: abrindo o leque de alguns problemas. In: HENNING, L.M.P. Pesquisa, ensino e extensão no campo filosóficoeducacional: possibilidades presentes no contexto universitário. Londrina-PR: EDUEL, 2010.

DALE, Roger. **GLOBALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO: DEMONSTRANDO A MUNDIAL EXISTENCIA DE UMA “CULTURA EDUCACIONAL MUNDIAL COMUM” OU LOCALIZANDO UMA “AGENDA GLOBALMENTE ESTRUTURADA PARA A EDUCAÇÃO”?** In. Revista Educ. Soc. Campinas, vol. 25, n. 87, p. 423-460, maio/ago. 2004.

DARDOT, Pierre. LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016

_____, Pierre. LAVAL, Christian. **Neoliberalismo e subjetivação capitalista**. In. REVISTA O OLHO DA HISTÓRIA: N.22/Abril, 2016.

DELEUZE, Guilles. GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2010. Coleção TRANS.

DUNKER, Cristian. Paixão da ignorância: a escuta entre a Psicanálise e Educação – Coleção Educação e Psicanálise, vol. 1. São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

_____, Roberto. Vivemos a politização da medicina e a medicalização da política. Entrevista cedida a Jorge Fontevecchia. Perfil. Tradução, Cepat, 2022. Disponível em: <www.ihu.unisinos.br

FERNANDEZ, nurya Martins-Gayol. É possível uma teologia da ternura? In: Perspectiva Teológica. Ano XLII nº 116. Jan/Abr/2010. Belo Horizonte, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008. - (Coleção tópicos)

HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço; tradução de Enio Paulo Giachini. 2ª edição ampliada – Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HARVEY, David. **O NEOLIBERALISMO história e implicações**. EDIÇÕES LOYOLA. São Paulo, 2005.

HIPER CULTURA.CIÊNCIA. **Efeito borboleta: o que é, e como está presente em nossas vidas**. 2020. Disponível em: <http://hipercultura.com/>

HOBBS, Thomas. (1588-1679) em Só Filosofia. Virtuous Teconologia da Informação, 2008-2021. Disponível em: http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id

LA TERCERA. Etiqueta: Humberto Maturana. Disponível em: www.latercera.com

LAVAL, Cristian. A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público. Tradução Mariana Echalar. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

MATURANA, Humberto Romesín. VARELA, Francisco Garcia. **DE MÁQUINAS A SERES VIVOS AUTOPOIESE**- a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____, Humberto R. VARELA, Francisco G. **A Árvore Do Conhecimento**: As bases biológicas do entendimento humano. Campinas - São Paulo. Editorial Psy II, 1995.

MATURANA, Humberto Romesín. YÁÑEZ, Ximena Dávila. **Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural**. São Paulo: Palas Athena, 2009.

_____, Humberto Romesín. YÁÑEZ, Ximena Dávila. **Sem escuta, respeito mútuo e colaboração, “iremos direto a nossa extinção**. Revista IHU ON-LINE, 2020. Disponível em: www.ihu.unisinos.br

_____, Humberto Romesín. YÁÑEZ, Ximena Dávila. EL ARBOL DEL VIVIR. Matríztica. MVP Editores, 2015.

MARURANA, Humberto; VERDEN-ZÖLLER, Gerda. **Amar e brincar**: fundamentos esquecidos do humano do patriarcado a democracia. São Paulo: Athena, 2004.

MATURANA R., H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**/ Humberto Maturana; organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes. -Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014a.

_____, Humberto R., **A ontologia da realidade**. Humberto Maturana; Cristina Magro, Mirian Graciano e Nelson Vaz, (organizadores).- 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014b.

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2.ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MISES BRASIL. **Frases para meditar** - e nunca esquecer. 2011. Disponível em: www.mises.org.br

MORIN. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

NICOLESCU, Basarab. (Org.) **Educação e Transdisciplinaridade**. Brasília: UNESCO, 2000.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, RJ:Vozes, 2010.

PELLANDA, Nize Maria Campos. **Maturana & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

POMAR, Valter. **Capitalismo humano de ontem é a fonte do capitalismo selvagem de hoje**. Entrevista a Revista IHU.RBA-Rede Brasileira Atual. 2018. Disponível em: <http://www.redebrasilatual.com.br>

PIERRY, Ted. **Nosso meio ambiente–nosso lar**. 2012. Disponível em:<<http://elisabetedetudoupouco.blogstop.com>

PINTEREST. **Árvore da vida**. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/304274518553603365/>

SACRAMENTO, M.H.; VIEIRA J.H. Entrevista. Centro de Ciências de Educação e Humanidades – CCEH. Universidade Católica de Brasília – UCB. Vol. 1, n. 2. 2004.

SALVETTI, Ézio Francisco. **A comunidade que vem**: uma tarefa ética em Giorgio Agamben. Revista Profanações. Disponível em:<<http://www.peridicos.unc.br>

SLOTTERDIJK, Peter. **Entrevista publicada jornal II Manifesto**, em 2009. Tradução de Benno Dischinger, p/Instituto Humanitas Unisinos. /Filosofia, 2016.

SLOTTERDIJK, Peter. **Regras para o parque humano**: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

STRIEDER, Roque. GIRARDI, Aracéli. **DA BIOPOLÍTICA E VIOLÊNCIA PARA A PROFANAÇÃO E AUTOPOIESE**: proposições de dinâmicas formativas sensíveis aos viveres e conviveres. VI SENAFE- Seminário Nacional de Filosofia e Educação: Confluências. II SEINFE- Seminário Internacional de Filosofia e Educação: Confluências. Santa Maria-RS-Brasil, 2019.

STRIEDER, Roque; LAGO, Clenio; EIDT, Paulino. **Complexidade e experiências formativas. PERSPECTIVA**, Florianópolis, v. 35, n.4.p. 1240-1259, 2017. Disponível em: <http://www.perspectiva.ufsc.br>

ROSSEAU, Jean-Jaques. (1712-1778) em Só Filosofia. Virtuoso Tecnologia da Informação, 2008-2021. Disponível em: http://www.filosofia.com.br/historia_show.php?id

TRINDADE, Rafael. **Foucault e o Neoliberalismo**. In. RAZÃO INADEQUADA.COM. 2019.

VARELA, Francisco, THOMPSON, Evan & ROSCH, Eleanor. **A mente incorporada:** ciências cognitivas e experiência humana. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

ZIZEK, Slavoj. **Primeiro como tragédia, depois como farsa.** São Paulo: Boitempo, 2011.

Modelo do Termo de autorização.**Termo de Ciência e Autorização para Publicação Eletrônica na Biblioteca Digital da
Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc****1. Identificação do material bibliográfico:**

- TCC Graduação;
 TCC Pós-graduação Especialização;
 Dissertação;
 Tese.

2. Identificação do autor (es): ARACÉLI GIRARDI

Curso: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DOUTORADO EM
EDUCAÇÃO

Título do Trabalho: AUTOPOIESE COMO DINAMIZADORA DE EXPERIÊNCIAS
FORMATIVAS E HUMANIZADORAS

E-mail: araceli.girardi@gmail.com

Orientador: ROQUE STRIEDER

E-mail: roque.strieder@unoesc.edu.br

Número de páginas: 190

Data de defesa: 05/08/2022

Data de entrega do arquivo: 03 de outubro de 2022

3. Informações de acesso ao documento:

Este trabalho é confidencial?¹ Sim Não

Pode ser liberado para publicação na Biblioteca Digital Total Parcial

Em caso de publicação parcial, assinale as permissões:

- Sumário
 Resumo
 Bibliografia
 Outras permissões, quais?
-

Na qualidade de titular dos direitos de autor da publicação supracitada, de acordo com a Lei nº 9610/98, autorizo a Universidade do Oeste de Santa Catarina – Unoesc, a disponibilizar gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, conforme permissões assinadas acima, do documento, em meio eletrônico, na Rede Mundial de Computadores, no formato especificado², para fins de leitura, impressão e/ou download pela Internet, a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade, a partir desta data.

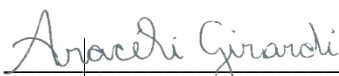
4. Está sujeito a registro de patente?

(X) Não

() Sim. Informar o nº do processo de encaminhamento ao Escritório de Interação e Transferência de Tecnologia. _____

Declaro ser de minha responsabilidade a autoria do texto referente ao Trabalho de Conclusão de Curso.

Joaçaba, 03 de outubro de 2022



Assinatura do autor (es)

¹ Esta classificação poderá ser mantida por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à Coordenação do Curso. Todo resumo estará disponível para reprodução, conforme Regulamento do Programa de Pós-graduação da Unoesc.

² Texto (PDF); imagem (JPG OU GIF); som (WAV, MPEG, AIFF, SND); vídeo (MPEG, AVI, QT), outros (específico da área).

Os dados pessoais solicitados neste formulário serão utilizados apenas no processo de publicação eletrônica da biblioteca digital da Unoesc.

A qualquer momento, o titular dos dados poderá consultar os dados pessoais tratados, bem como os prazos legais para seu armazenamento, mediante solicitação por e-mail ou por escrito remetida ao Encarregado de Proteção de dados, conforme artigo 8º, §5, da Lei nº 13.709/18 (LGPD).

Este termo de autorização deve ser digitalizado e anexado na parte final do trabalho entregue ao curso.